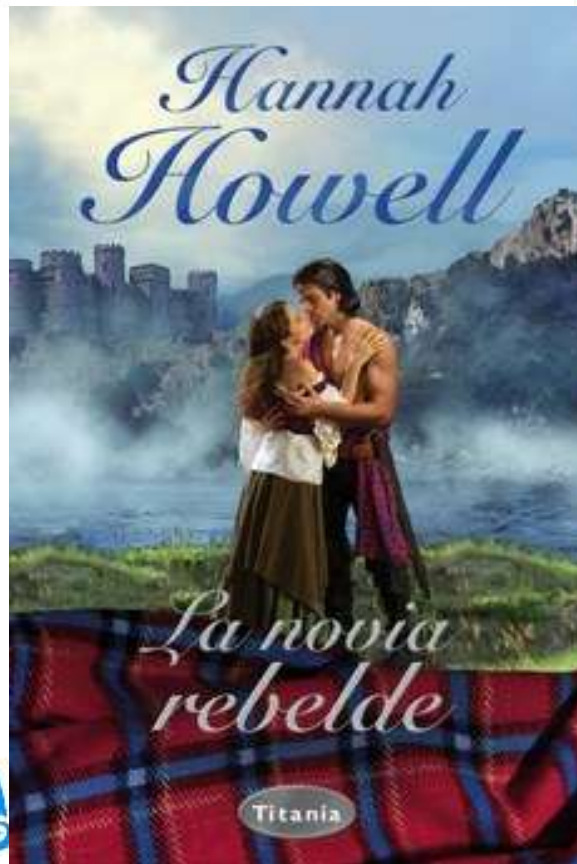




A noiva rebelde

Hannah Howell

Série Highlands Brides 01

Revisão Inicial: Nádia Cortez

Revisão Final: Ana Paula G.

Formatação: Beathryci



Resumo

A Noiva Rebelde

Sete anos depois de seu encontro com a formosa filha do latifundiário lorde Eldon, Tavis MacLagan, o herdeiro do clã escocês inimigo, volta a enfrentar esses olhos cor âmbar que já o cativaram no passado. Diante dele se encontra Storm, uma mulher de caráter indomável que luta para escapar do escocês que pretende humilhá-la. Tavis sabe o que fazer: capturá-la e pedir um vultoso resgate por ela, e embora tente não machucá-la, não hesitará em fazer valer seu direito como captor.

Enquanto os dias se convertem em semanas e o esperado pagamento não chega, o desejo do escocês se torna mais difícil de controlar. A orgulhosa Storm, sabendo-se perdida, decide abandonar-se ao prazer prometido pelo guerreiro de fortes braços e honrosa conduta que a conquistou, sucumbindo a uma paixão que os levará além de ódios longínquos e rixas ancestrais.



NOTA DA REVISORA NADIA CORTEZ:

Apesar de ser um livro de Hannah achei sua narrativa um pouco diferente do usual, algo mais picante que o normal, com cenas bem hot. No desenrolar natural do enredo fui surpreendida por uma situação que me fez questionar se gostei do fato que aconteceu, pela primeira vez estranhei o comportamento da protagonista.

No geral é um livro gostoso de acompanhar sem muitos altos e baixos, mas com personagens muito interessantes que desejamos acompanhá-los no futuro nas continuações.

COMENTÁRIO DA REVISORA ANA PAULA G.:

Tenho que concordar com a Nádia! O livro é gostoso de ler, tem partes um pouco mais picantes que o normal nos livros da Hannah, mas no geral, não tem muitas reviravoltas!

Confesso que a parte mencionada pela Nadia realmente parece que não se encaixa na história. Vocês vão ler e perceber! Foi uma coisa gratuita, sem nexos.... Deixou uma má impressão da heroína, pelo menos pra mim.

Enfim, boa leitura, ao estilo da Hannah Howell... Herói machão e heroína rebelde!



Capítulo 1

Um vento fresco soprava sobre as ameias de Hagaleah, mordiscando as saias das mulheres que se reuniram ali para ver os homens partirem para a batalha. Como tantas outras vezes no passado, cavalgavam ao encontro dos escoceses dos clãs MacBroth e MacLagan, inimigos ancestrais dos Eldon de Hagaleah e dos Foster de Fulaton. O sol nascente refletia nas armaduras enquanto cruzavam os paramos* para fazer o que antes deles, desde tempo imemorial, faziam seus pais e os pais de seus pais.

A esposa de lorde Eldon suspirou, cheia de inveja, prognosticando uma longa e tediosa espera até que os homens voltassem. Era a segunda esposa de lorde Eldon, uma jovem pertencente a uma renomada família de Sussex. Lady Mary Eldon era bela, caprichosa e alheia, criou-se nas terras verdes e aprazíveis do sul, e entendia muito pouco do perpétuo estado de guerra da fronteira ou do perigo das incursões inimigas. Para ela, a batalha era apenas um torneio: um acontecimento vistoso e emocionante.

—Quero assistir à batalha, Hilda. Não vejo razão para que fiquemos aqui encerradas.

Hilda olhou pasma para sua senhora.

—Não pode, minha senhora. Pense no perigo.

—Tolices. Há uma colina bem resguardada que se pode vê o lugar onde irá acontecer a batalha.

Deu meia volta e entrou na torre de solenidade seguida por seu pequeno séquito, que tentava ansiosamente dissuadi-la para que abandonasse aquele plano temerário sem fazê-la zangar-se. Os ataques de cólera de lady Eldon começavam a tornarem-se lendários. Ela não gostava que a contrariassem de modo algum, como já tinham comprovado na própria carne numerosos servos do castelo. E nenhum dos que seguiam a obstinada dama desejavam perder sua posição de privilégio.



Para consternação de todos, para a prima de lady Eldon, cujas bodas com o herdeiro de lorde Foster eram iminentes, também apreciava esta idéia. Em total inconsciência, as duas jovens pretendiam transformar a batalha em um almoço campestre. Mary ordenou que preparassem comida e até deu ordens às babas de que levassem as crianças, seis no total, incluindo os dois que lorde Eldon tinha tido com sua primeira esposa. A esperança de que os poucos homens que ficaram detivessem lady Eldon se apagou imediatamente quando os servos correram para preparar o coche e abrir as portas. Logo um séquito considerável se pôs rumo à colina onde se divisava o campo de batalha. Só as criadas mais idosas e a filha mais velha de lorde Eldon não os acompanharam. As crianças e todas as mulheres, desde a senhora do castelo até as criadas, começaram a comportar-se como se fossem a uma excursão ou à feira.

O pequeno Robin Foster, um menino de oito anos, robusto e de cachos loiros, puxou a trança de Storm e pensou novamente que o cabelo dela tinha uma cor muito estranha, como a da calêndula, de um vermelho alaranjado.

—Por que temos que ficar aqui? Storm, não podemos nos sentar com as damas?

Storm olhou o menino da altura que lhe conferiam os dois anos que tinha de diferença. Seus olhos ambarinos tinham uma expressão desdenhosa.

—Não. Aqui estamos mais seguros. Podemos nos esconder na mata espessa, se for necessário. É um absurdo que minha madrasta tenha feito isto. Deveríamos ficar resguardados no castelo, não nos colocando ao alcance dos escoceses.

—Mas os escoceses lutarão lá embaixo, irmã— cortou Andrew, seu irmão de seis anos, cujos cachos de um vermelho brilhante se agitava na brisa. — Eu gostaria de ver nosso pai na batalha.

—Sim, mas eles também nos veriam, com esse seu cabelo que brilha como um farol, daqui se vê muito bem.— Sossegou os protestos dos cinco pequenos com um olhar que abrangeu a todos.— Escutem-me antes que o estrondo da batalha abafe o que vou dizer-lhes. Se eu lhes disser para que se movam, movam-se e vão correndo aonde lhes indicar sem hesitar. Acaso duvidam de que os escoceses adorariam capturar os filhos de seu inimigo?



—Está nos assustando — protestou Matilda Foster, de quatro anos, enquanto retorcia nervosamente sua loira trança entre as mãos.

—Pois melhor. Assim correrão mais, se for preciso. Vamos, os exércitos se preparam para se enfrentar.

Em princípio, os guerreiros se alinharam em frente um do outro, foi como um torneio. O resplendor do aço, o ondular dos pendões e o ruído das armaduras animou ao público da colina. Tudo parecia formoso, mas também assustador. Não havia como evitar sentir-se impressionado diante daquele espetáculo. Mas então os gritos de Foster! Foster!», «Eldon, Eldon!», «MacBroth! MacBroth!» e «MacLagan! MacLagan!» ressoaram no ar, a batalha começou e as coisas modificaram com uma velocidade vertiginosa.

As armaduras seguiam ecoando no chocar de espada contra espada, mas agora eram acompanhadas pelos gritos ao romperem-se por uma estocada. O aço foi perdendo seu brilho ao cobrir-se de sangue e salpicar-se com o barro que levantavam os homens e os cavalos. As formações ficaram esquecidas na luta corpo a corpo; os cavalheiros abriam passagem a cutiladas entre a infantaria e, quando isso era possível, os feridos eram arrastados, levados em carroças ou ajudados a chegar à retaguarda com a esperança de que vivessem para enfrentar outra batalha.

Quando a luta se estendeu, desdobrando-se para os flancos, a colina deixou de ser lugar seguro. O campo de batalha ficava bem mais perto do lado escocês, e o inimigo ia aproximando-se agora, pouco a pouco dos mudos espectadores. Inclusive as mulheres mais sedentas de sangue começaram a fraquejar quando o calor crescente do dia intensificou o aroma da luta e a ligeira brisa de verão lhes levou o vapor do suor e o sangue dos combatentes. Os meninos não protestaram quando Storm começou a levá-los para o bosque, de repente, os acontecimentos tomaram uma aparência perigosa. Um grupo de combatentes alcançou o pé da colina. Um instante depois, um bando de cavalheiros escoceses cavalgava para o promontório para ajudar a seus guerreiros. Os Foster e os Eldon retrocederam sob o impulso dos escoceses. As mulheres do castelo, já alarmadas, assustaram-se quando o grito de um cavalheiro escocês indicou que já as tinham visto. Gritando, fugiram para os coches. Uns poucos escoceses saíram em sua perseguição, pisoteando as mantas coloridas e dispersando pelo chão os festivos preparativos da comida. Em meio daquele tumulto, Storm levou as crianças rapidamente. Recordou que havia por ali



perto uma choça de tosquiador e raciocinou que seria um bom lugar para se esconderem, infelizmente aproximando as crianças do inimigo sem dar-se conta.

A choça estava em mal estado, mas servia para escondê-los. Storm reparou em seu engano ao ver as barracas dos escoceses, mas já não havia como voltar atrás, pois ouvia aproximarem-se velozmente os cavaleiros armados. Colocou os meninos a empurrões no casebre sem porta, sentou-se diante deles e, apertando sua faca, dispôs-se a defender os pequenos se os descobrissem.

Pouco depois, os escoceses começaram a retornar do campo de batalha passando junto à choça, alheios ao tesouro que continha. Storm começava a pensar que não lhes descobririam quando, de repente, um pequeno grupo de homens se deteve diante da choupana para que um deles se sentasse para descansar. Storm reconheceu em seguida o senhor dos MacLagan, pois este tinha uma série de sinais distintos; entre eles, o cabelo prateado e uma cicatriz que lhe cruzava a cara em ziguezague, da fronte ao queixo. Quando seus olhos azuis, obscurecidos pela dor, encontraram-se com os de Storm, ela sentiu que seu coração se detinha. Sua mente imaginou um sem-fim de malfadados destinos.

—Caramba, olhem o que temos aqui — disse Colin MacLagan com voz rouca.
— Olhe, Tavis.

O jovem se voltou para seguir o olhar de Colin. Seus olhos, do azul do céu numa manhã do verão e tão luminosos, cravaram-se nas crianças. Quando a menina de cabelo brilhante tirou uma adaga do bolso da saia, um sorriso iluminou seu tosco semblante.

—O que pensa fazer com isso, pequena?—indagou Tavis com um brilho divertido no olhar.

—Atravessá-lo como um porco se chegarem mais perto — respondeu Storm asperamente, e franziu o cenho quando os outros pareceram rir. — Falo a sério — advertiu ao ver que Tavis se aproximava.

—Não é necessário que faça tal coisa, pequena. Não vamos fazer lhe mal — disse ele.

Storm entreabriu os olhos porque aquilo contradizia as histórias que tinha ouvido contar. Mas, apesar de cobertos de sangue e de barro, nenhum daqueles



homens parecia capaz de assar uma criança e comê-la. Os cinco pequenos que se agarravam a sua saia, tentando esconder-se atrás dela, não estavam tão certos disso. Para nenhum deles, parecia estranho se amparar em Storm em busca de abrigo. Não só era a mais velha, mas também tinha sido sempre a mais forte.

Storm considerou cuidadosamente seu seguinte movimento.

Tavis se aproximou de seu pai e disse em voz baixa:

—Quem que terá sido o néscio que os deixou aproximarem-se da batalha?

—Sabe Deus. Mas com esse cabelo, acredito que eles possam ser filhos de Eldon. A menina é muito estranha.

— Sim. Olhos de gato e esse cabelo. É estranho. Nunca tinha visto nada parecido. — Sorriu para seu pai. — Está demorando em decidir se vai atravessar alguém ou não, — riram levemente.

—Quero sua palavra — disse Storm erguendo a voz. — Quero que me jurem que nem você, nem nenhum de seus homens nos fará mal. Sua palavra de honra. — Observava-os atentamente.

—Está bem, moça — disse seriamente o senhor dos MacLagan. — Só vão retê-los para pedir resgate.

—Parece-me justo. — guardou a faca no bolso da saia e olhou com o cenho franzido as outras crianças. — Querem soltar a saia? Tremem tanto que vão fazer cair os meus dentes.

Dois homens ajudaram o cavaleiro a levantar-se e Tavis olhou para Storm e lhe indicou que se aproximasse.

Ela empurrou as crianças diante de si e pôs-se a andar junto de Tavis. Quando chegaram ao acampamento, os homens se agitaram visivelmente. Os prisioneiros do grupo inglês dos Foster e dos Eldon que os escoceses retinham para pedir resgate começaram a lançar improperios, e seus captores necessitaram alguns minutos para acalmá-los, usando de pouca delicadeza. As crianças permaneceram junto do senhor dos MacLagan e seus filhos, mais dois que se incluíram à comitiva. Mal tinham se acomodado diante de uma barraca quando apareceram uns homens arrastando



Hilda, que, suja e furiosa, caiu diante deles e começou a abraçá-los e a beijá-los enquanto chorava copiosamente.

—Já basta, Hilda. — Storm esquivou de seus abraços. — Vai afogar-nos. Como estão as outras senhoras?

—Foram-se, menina. Não consegui que me ajudassem a procurá-los.

—O que faziam tão próximo da batalha? — perguntou Colin a Storm enquanto tirava a armadura.

— A minha madrastra resolveu apreciar o espetáculo. — Sua voz estava carregada de desdém. — Ela, junto à prometida do herdeiro dos Foster e algumas servas nos levaram a colina, ia ser uma refeição campestre. Logo, quando seus homens se aproximaram, as idiotas fugiram gritando. Parece que só Hilda se lembrou das crianças.

—E de quem são filhos? Não queria me equivocar ao pedir o resgate.

— Eu sou Storm Pipere Eldon, meu senhor — disse ela com uma reverência, — a filha mais velha de lorde Eldon, e este é Andrew, seu herdeiro. Estes dois são Robin e Matilda, filhos do primeiro matrimônio de lorde Foster. Os gêmeos de cabelo castanho são meus primos, Hadden e Haig Verner. Estavam todos em Hagaleah para as bodas do primogênito dos Foster, que acontecerão dentro de quinze dias.

—Pardiez* — sussurrou MacLagan, — o futuro das duas as famílias de um só golpe. Com isso vamos conseguir um bom resgate. — Fixou sua atenção no seu mensageiro, que iria a cavalo até Hagaleah para levar o pedido de resgate.

—Hilda, nós estamos bem, mas pode ser que os nossos homens precisem de seus cuidados — sugeriu Storm, e viu com um meio sorriso como Hilda encaminhava-se para os cavaleiros cativos, orgulhosa de sua missão. Logo franziu o cenho ao ver como estava Iain MacLagan tratando da ferida de seu pai. — Está fazendo uma porcaria — disse ao jovem cavaleiro. — vai matá-lo, em vez de curá-lo.

—Ah, sim? Você pode fazer melhor? — indagou Tavis com um pingo de sarcasmo, mas os seus olhos mostravam o alvoroço que lhe causava a menina. — Peço-lhe, nos mostre seu conhecimento.



—Farei, se puder, apesar do seu cinismo, senhor.— Não se importou com as risadas dos homens e olhou ao redor, procurando o que necessitava. Ao encontrá-lo, ordenou a Andrew que se aproximasse.

—Não — contestou seu irmão bruscamente. —Não sei por que devo me sujar.

Storm contemplou com desprezo aquele indício de rebelião no seu grupo e ergueu ameaçadoramente o punho.

— Ou faz ou tiro esse nariz chato que tem na cara.

Andrew obedeceu, mas tentou salvar seu orgulho resmungando uma série de impropérios em relação aos muitos defeitos de sua irmã. Storm então se ocupou procurando uma terrina de água limpa e rasgando suas anáguas, lavou as mãos, lavou a ferida e limpou a agulha que ia usar. Quando Andrew voltou, preparou seu cataplasma, costurou com esmero a ferida de Colin depois de regá-la com uísque, limpou-a e a enfaixou habilmente, e até fez uma tipóia para seu braço.

Os MacLagan a olhavam com admiração carregada de bom humor. A menina não só não enjoou ao ver a feia ferida, mas também demonstrava um talento notável. Enquanto ela trabalhava, falava com o cavaleiro escocês, moreno e coberto de cicatrizes, como falava com uma aia ou com um menino, para regozijo de Colin e dos outros homens.

Tavis, que já tinha alcançado a idade de dezenove anos, estava fascinado. Storm Eldon era uma menina semelhante a um duende, miúda e magra. Suas mãos pequenas, com dedos longos, possuíam uma habilidade que superava sua pouca idade. Sua espessa cabeleira escapava das tranças e deslumbrava em contraste com sua tez de alabastro. Seu rosto tinha forma de coração, e sob suas sobrancelhas castanhas e enviesadas, seus olhos grandes, rasgados e ambarinos, rodeados de densas pestanas, pareciam encher todo seu rosto, deixando pouco espaço para o delicado nariz e a boca carnuda. Tavis não podia sequer imaginar as muitas qualidades de sua natureza.

—Quantos anos tem, menina? — perguntou enquanto ela lavava as mãos.

—Completei dez no mês passado. — Então entregou a Iain o que sobrara do cataplasma e disse: — Mantenha limpa a ferida, troquem as bandagens três vezes ao dia e lhe ponham um pouco mais disso até que comece a cicatrizar. Dentro de uma



semana ou dez dias, pouco mais ou menos, podem tirar os pontos. Espero que meu pai não esteja ferido, porque ele gosta que eu o atenda. Os outros o incomodam muito.

—Não há indícios de que esteja — disse Sholto MacLagan, o mais novo dos três filhos do Colin.

Levaram algo para eles comerem, porque calcularam que os Eldon e os Foster demorariam algum tempo para reunir o resgate. As seis crianças comeram em silêncio, sem perceberem que os MacLagan falavam deles. Hilda olhava as crianças de vez em quando, mas os prisioneiros precisavam de seus cuidados mais do que eles.

—Acredita que a menina o envenenou? — brincou Sholto ao ver que seu senhor tocava na bandagem.

—Não. Estava pensando que ela o fez muito bem. Nunca vi pontos tão bem dados. Essa menina tem um dom. Vi muitas meninas em minha vida, mas nenhuma como ela.

—Sim, — disse Tavis. — Eu estava pensando o mesmo. Custa acreditar que ela seja inglesa.

Colin sorriu.

—Sim. Tem muito caráter. Queria atravessá-lo como um porco! — riu, mas se deteve de repente e olhou as crianças. —Oh, Oh. Há problemas entre os soldados.

Robin Foster se sentia ferido em seu orgulho, recordar que se escondeu atrás das saias de Storm ao ver-se frente ao inimigo era um assunto delicado. E agora lhe parecia justo que desse ordens a todos, porque estava convencido de que aquela posição correspondia a ele. Disseram-lhe que pegasse o prato de sua irmã e aquilo foi a gota que encheu o copo. Robin se levantou de um salto, atirou seu prato ao chão e a olhou com aborrecimento.

—Não pretendo fazê-lo. Não tenho por que aceitar ordens suas. É uma afronta.

Storm percebeu o insulto que se escondia detrás de suas palavras e se levantou muito devagar.

—Como, jovem Robin?



—Eu estou destinado a ser um par inglês e não aceito ordens de uma bastarda meio irlandesa.

—Não sou uma bastarda e sabe muito bem. Meu pai casou com minha mãe antes que eu nascesse...

—Minutos antes — bufou Robin. —Todos ouvimos essa história. Pois bem, Robin Foster não aceita ordens da filha de uma rameira irlandesa — gritou, e suas palavras ressoaram no acampamento, que tinha emudecido repentinamente.

Mal tinha acabado de falar quando Storm o atirou no chão com um murro, sentou-se sobre ele e começou a lhe golpear seriamente, como um jovem, sem que a saia lhe estorvasse. Estavam igualados. Os homens se aproximaram para olhar e Hilda não pôde deter a briga. Matilda os olhava em silêncio, mas o irmão e os primos de Storm a animavam em voz alta. Até os cativos escolheram um partido.

—Então ela tem sangue irlandês, né? — disse Colin enquanto olhava a briga dos dois. — Isso explica tudo. Pergunto-me de onde tirou sua senhoria uma moça irlandesa.

—A garota está ganhando. Isso vai ferir o orgulho desse menino, não há dúvida — disse Tavis rindo.

Storm segurava Robin contra o chão.

—Rende-se? — perguntou com um punho suspenso junto ao rosto do menino.

Robin vacilou um momento, mas seu corpo já tinha recebido suficientes golpes dos punhos diminutos.

—Sim, sim. Rendo-me. Rendo-me.

—Agora retira o que disse de minha mãe.

—Retiro, vai me soltar? — gemeu ele, convencido de que tinha quebrado o nariz, além de outras coisas.

Tavis afastou a menina de seu inimigo derrotado e Hilda correu para ajudar Robin.



—Menina, — Hilda corrigiu — não fica bem que ande brigando por aí como um rapaz de estrebaria.

—Ele disse que minha mãe era... uma dessas — replicou ela, defendendo seu arroubo.

—E foi muito feio que o tenha dito, não há dúvida, mas não fica nada bem que responda ao seu insulto com os punhos. Não é próprio de uma dama.

—Não — resmungou Storm, — o próprio para uma dama é pôr um pingo de veneno na comida. Fica muito mais refinado. — Tentou soltar-se de Tavis, mas ele ignorou sua resistência e a sentou junto ao Colin.

—Minha mãe não era uma vadia — resmungou quando Tavis começou a limpá-la, procurando feridas mais graves que um arranhão ou um hematoma. — E eu não sou uma bastarda. Não podia deixar que falasse essas mentiras e se saísse bem.

Um olhar ao seu pequeno rosto angustiado e suplicante convenceu Tavis de que lhe lançavam freqüentemente aquele insulto.

—Se seus pais se casaram antes do seu nascimento, não é uma bastarda, nem sua mãe era uma rameira. — Sabia que era uma afirmação muito generalizada, mas não podia explicar que o matrimônio nem sempre impedia que uma mulher fosse uma meretriz. — Parece que se livrou de acabar com um olho arroxado.

Ela encolheu os ombros.

—Não seria a primeira vez, nem a segunda. Demoraram a casar-se porque meu pai estava fora, guerreando, mas se casaram antes que minha mãe desse a luz. Minha mãe era uma dama muito bela.

—Estou certo disso — murmurou Tavis enquanto continuava limpando o seu rosto.

Com acentuada sensibilidade que as crianças freqüentemente demonstram, Storm compreendeu que os murmúrios dele só tentavam tranquilizá-la.

— Não sei o que tem demais o fato dela ser irlandesa — disse.

Tavis se deteve um momento, viu seu olhar interrogativo e começou a recluir-se.



—Certamente.

—No fim das contas — continuou ela, olhando-o com inocência, salvo pelo brilho de seus estranhos olhos, — poderia ter sido escocesa. — Respondeu ao olhar de desgosto de Tavis com uma gargalhada tão leve, tão despreocupada e graciosa aos ouvidos que mais de um dos homens sorriu ao escutá-la.

Tavis desfez o que restara de suas tranças para lhe tirar as folhas que tinham ficado presas em seu cabelo, e sorriu.

—É uma encapetada. Deveriam ter lhe açoitado três vezes ao dia.

—Isso é o que diz meu pai, mas nunca o faz. — Olhou enquanto ele passava os dedos pelo seu cabelo, limpando-o, então começou a trançar-lhe habilmente. — Você tem pratica nisso. Têm esposa? — Tavis negou com a cabeça, e ela olhou Colin com um sorriso. — Gosta de vadiar, né?

—Fique quieta. — Tavis lhe puxou levemente o cabelo enquanto sua família ria. —Por que lhe puseram o nome de Storm?

—Houve tempestade na noite em que nasci. Esperavam que eu fosse um varão, assim não tinham escolhido nome de menina. E como nasci no dia do solstício do verão, em plena tormenta, entre raios, trovões e aguaceiros, minha mãe pensou que meu caráter, e que inclusive minha vida, seriam tormentosos, e lhe pareceu que o nome vinha a calhar. Receio que lhe dei esta certeza muito freqüentemente. — Olhou seu vestido sujo e rasgado e suspirou. — Qualquer um que me veja se dará conta de que briguei. Papai se zangará comigo.

—Acredito que seu pai não se prenderá a nada, exceto em que seus filhos estejam sãs e salvos — profetizou Tavis.



Capítulo 2

O salão principal do castelo Hagaleah era um caos quando os grandes senhores das casas do Eldon e Foster se reuniram, exaustos. Os escudeiros se ocupavam das armaduras e os homens cansados relaxavam, vestidos só com meias e camisa. A conversa se centrava no fatos da batalha.

—Deixe-me — disse lorde Eldon a jovem criada que tinha começado a tratar de suas feridas. — Procurem a minha filha. Storm tem o dom que preciso. E onde diabos está minha mulher? Vá procurá-la. — Quando a moça correu a fazer o que lhe ordenava, lorde Eldon fixou seus olhos castanhos em lorde Foster. —Capturaram muitos dos nossos? Seria ruim ter que pagar um resgate importante com os tempos atuais.

—Não muitos, e só poucos de posição elevada. — Lorde Foster passou uma mão suja pelo cabelo loiro. — Pode ser que tenhamos perdido a batalha, Eldon, mas não perdemos tantos homens como temia — disse devagar, e seguiram falando, tentando recordar quem tinha falecido nesse dia.

—O que significa que a senhora não pode vir? — vociferou lorde Eldon quando a criada voltou sozinha. — Onde está minha filha? E Robin? Sempre vem correndo me receber quando volto.

—Não os encontro, meu senhor. As senhoras estão na cama, muito pálidas. E também suas damas. Tampouco encontro a Hilda, nem a nenhuma outra moça. Não estavam onde deveriam estar.

—Mande descer à senhora e à prometida de lorde Foster mesmo que tenha que trazê-las arrastadas, moça. Droga — bufou lorde Eldon, e viu a garota afastar-se correndo antes de voltar-se para lorde Foster, — não estou gostando nada disso.

Gostou ainda menos quando chegaram as senhoras. Elas pareciam doentes e aterrorizadas. Suas criadas se encolhiam junto delas como se fossem conduzidas ao patíbulo. Lorde Eldon trocou um olhar com lorde Foster e ambos começaram a



preocuparem-se, sobretudo quando as mulheres começaram a chorar lastimosamente.

—Onde estão as crianças? — perguntou lorde Eldon com uma voz que fez calar todo mundo. —Deixem já de miar e me respondam.

—Não sabemos— gemeu Mary, então se encolheu ao ver que seu marido se erguia de um salto.

—Quando foi a última vez que os viram? — bradou lorde Foster, aproximando-se das mulheres.

—Foi na colina, perto da batalha. — A expressão sombria que ia apoderando-se dos sujos semblantes dos homens acovardou Mary, que começou a balbuciar. — Só queríamos ver a batalha. Tudo ia bem até que de repente apareceram escoceses por toda parte. Corremos para salvar nossas vidas, mas, quando ficamos a salvo, vimos que Hilda e as crianças tinham desaparecido. — Suas palavras acabaram em um grito quando seu marido deu-lhe uma bofetada que arremessou sua cabeça para trás e a impeliu contra as outras mulheres. — Não pudemos fazer nada — gemeu, escondendo-se atrás das outras.

—Santa Mãe de Deus! Não puderam fazer nada? — vociferou ele. — A sua total inseqüência deixou nossos herdeiros em mãos do inimigo. E aos de meu cunhado também. Se não matarem as crianças, o resgate que pedirão por eles poderá nos deixar na ruína. Mas em troca conseguiram salvar seus lindos pescoços, não é?

—Aconteceu tudo tão rápido... — Tentando acalmá-lo, Mary se aproximou e disse em voz baixa: — Sinto muito, mas podemos ter outros filhos. Eu posso lhe dar...

Ele a agarrou pelo cabelo e vociferou:

—Ainda me repugna a idéia de deixá-la grávida. — Afastou-a de si com uma maldição. — Acredite-me, se meus filhos voltarem, nem eles nem os que vier a ter ficarão sob seu cuidado. Eu escolherei quem irá cuidar deles, e essa pessoa só responderá a mim.

Lorde Foster lutava para sair de seu estupor.



—Tem certeza de que Hilda está com eles?

—Assim achamos, meu senhor — respondeu uma das aias. — A senhorita Storm estava com os pequenos perto dos arbustos, e eles desapareceram assim que esses pagãos apareceram na colina. Hilda nos acompanhava, mas quando ela viu que as crianças não estavam conosco ficou como louca. Saltou da carreta e desapareceu. — A moça começou a chorar em silêncio. — Parecia que corria direto para o inimigo, senhor.

—Fora daqui! — bradou lorde Eldon,

E as senhoras se esconderam em seus aposentos.

—Meu Deus — grunhiu ao sentar, — como pude me casar com semelhante mulher? Se não fosse tão pouco inteligente, pensaria que provavelmente o fez de propósito para livrar-se de obstáculos e conseguir que os filhos que eu possa ter com ela herdem meus domínios. Espero que não tenha acontecido nada de grave com a pobre Hilda.

Lorde Foster assentiu com a cabeça e se sentou junto dele.

—Se Storm e ela estão com os pequenos, eles não estarão muito assustados. — Um sorriso apareceu de repente em seu rosto. — Imagino o que Storm terá parecido aos escoceses.

Uma risada débil mas sincera brotou de lorde Eldon.

—Santo céu, sem dúvida lhes terá explicado com todos os detalhes como pensa em lhes alterar a anatomia. — A tristeza aflorou fugazmente em seus olhos. — Se parece tanto com sua mãe... É uma sorte que seja ainda uma menina e não uma mulher feita.

Lorde Foster tremeu ao ponderar: — Se Storm fosse uma mulher adulta, somos bem conscientes do que fariam os escoceses com ela.

—Meu Deus, têm razão. Qualquer um pode ver que essa menina vai ser uma autêntica beleza.

—Oxalá não lhes façam mal. Envergonha-me parecer mais preocupado com Storm do que com os outros, mas não há dúvida de que é para mim a mais querida. Pode ser que seja pelo seu nascimento, porque estive presente e ajudei a trazê-la ao



mundo. E também por esse seu temperamento, seu dom para curar, por sempre ir direto ao assunto, por ser tão amadurecida algumas vezes e em outras tão deliciosamente infantil.

—Sei. Não se sinta culpado, meu amigo. Todos a queremos. Até eu, apesar de que se empenha em me envergonhar surrando Robin. — Dirigi um ténue sorriso a lorde Eldon. — Temos que decidir como enfrentar as questões do resgate que sem dúvida chegará muito em breve.

Estavam ponderando sobre isso quando chegou o mensageiro dos MacLagan. Ambos rilharam os dentes ao mandar entrar o escocês. Custou-lhes não correr para ele e lhe perguntar o que tinha acontecido com as crianças.

—As crianças estão bem? — perguntou lorde Eldon antes que o homem começasse a falar.

—Sim, meu senhor, e também a aia, embora ela não tenha sido útil, mesmo tendo exigido que a levássemos com as crianças. A menina com o cabelo tão estranho estava se encarregado de tudo. As demandas...

—Sim. Diga o que estão exigindo.— Lorde Foster franziu o cenho enquanto o mensageiro enumerava o que pediram em troca da volta dos cativos sadios e salvos; embora as exigências não fossem tão elevadas como temiam, faria falta. — Diga ao MacLagan que assim será. Amanhã, uma hora depois da alvorada, entregaremos o que nos pede.

—Nosso patrimônio vai ficar muito reduzido depois de amanhã — suspirou lorde Eldon quando o mensageiro se foi.

—Se necessário podemos exigir que nossos devedores nos retornem o que nos devem, Eldon, e assim nos recuperaremos facilmente. E se ainda não bastar, também podemos pedir uma contribuição aos nossos parentes, porque nós já os ajudamos muitas vezes.

Nessa noite se descansou pouco em Hagaleah. Com a luz das tochas e da lua cheia, reuniram o resgate. A história de como as senhoras do sul tinham deixado as crianças de ambos os castelos em mãos de seus inimigos ancestrais se estendeu até chegar ao ouvidos do mais mísero camponês. Até os aldeãos, que freqüentemente defendiam os homens de ambas as casas, contribuíram no resgate. Não falaram de



como lhes afetaria nesse inverno a perda de tantos bens, se não os substituíssem. Ao verem seus semblantes, compreenderam que seus senhores já tinham suficientes preocupações no momento.

Alguns cavalheiros propuseram tentar resgatar as crianças pela força, mas a idéia não prosperou. O pagamento de resgate era costume e, uma vez acordado, teriam faltado com sua honra ao não entregá-lo pacificamente. Havia também o medo de que as crianças fossem feridas. A todos repugnava ter que entregar tantos bens a seus inimigos, mas não tinha mais remédio.

A luz cinzenta do amanhecer encontrou lorde Eldon, lorde Foster e um grupo seleto de cavalheiros a caminho do acampamento inimigo, sob uma bandeira de trégua, mais de um os viu partir sombriamente, levando uma boa parte de suas posses. Mesmo que a fome ainda não surgisse no horizonte, o inverno poderia tornar-se muito duro. E mais amargo ainda era pensar que seus inimigos o passariam comodamente.

—Estão vindo. E parece que trazem tudo o que pedimos.— Sholto sorriu.

Colin lhe devolveu o sorriso.

—Sal e Iain, levem juntos alguns homens e comecem a fazer a contagem. Os lordes podem entrar e ficar com seus filhos, se o desejarem.

Storm arregalou os olhos ao ver o que o seu pai trazia, e olhou Tavis, que fazia as vezes de guardião.

—Isto poderia abastecer um inverno muito duro para nossa gente. Pediu muito.

Tavis puxou-lhe uma das tranças.

—Pensa no que temos em nosso poder, moça. Poderíamos ter ficado com tudo.

Ela assentiu com a cabeça.

—O justo seria que fossem pedir o resgate aos senhorios de suas mulheres.

Houve certo alvoroço quando lorde Eldon e lorde Foster se reuniram com seus filhos. Lorde Eldon cambaleou ligeiramente quando seus dois filhos, além de seus



dois sobrinhos, lançaram-se em seus braços. Quando as coisas se acalmaram um pouco, ambos repararam no estado de seus filhos mais velhos.

— Vejo que agora passou a maltratar crianças, MacLagan — bufou o lorde Eldon com desdém, e a tensão aumentou imediatamente no acampamento.

— Não, papai! — exclamou Storm, agarrando seu pai, que tinha direcionado a mão para a espada. — Fomos Robin e eu. De verdade. Esses senhores foram muito amáveis. Dou-lhe minha palavra.

— Por que brigaram dessa vez? — Perguntou Eldon com pouca paciência.

Consciente de que não podia dizer a verdade, Storm pôs as mãos à costas e cruzou os dedos.

— Robin me disse que eu era uma harpia com a língua muito afiada e com muitas pulgas e que acabaria sendo uma solteirona amargurada porque nenhum homem me tomaria por esposa. Assim brigamos e ficamos empatados.

Lorde Eldon logo teve a impressão de que ela mentia: sua expressão era muito angelical. Entreabriu os olhos, mas antes que dissesse alguma coisa lorde Foster acrescentou:

— Empatados, Storm?

— Sim, meu senhor. — Esperava que os rostos de perplexidade de quem a tinha ouvido mentir não a delatassem.

— É estranho, porque Robin parece estar pior do que você, não?

— Definitivamente não, meu lorde. Como é um cavalheiro, conteve-se porque lhe pareceu que não podia me bater com tanta força como fiz com ele. E eu me aproveitei disso.

— Ah, sim, claro, não me lembrava. Foi o que aconteceu da última vez que ficaram empatados. — Lorde Foster não deixou de notar que todo mundo olhava para outro lado e tossia, como se inesperadamente ocorresse uma epidemia, logo compreendeu que a pequena estava lhe enganando.

— Queria falar contigo, Storm. Desculpem-nos, Foster. — Lorde Eldon conduziu a sua filha mais velha aonde não pudessem ouvi-los, aceitou o tamborete que lhe



oferecia Sholto MacLagan e logo olhou Storm, parada tranqüilamente diante dele. — Acredito que devo falar contigo, agora que o assunto está recente e que temos tempo enquanto contam o resgate. Tem que deixar de brigar, Storm. Está desgovernada. As senhoras não recorrem aos punhos. Pensa em quantos inimigos pode fazer. Também nenhum menino gosta de perder para uma menina. Poderiam lhe guardar rancor, recordar durante muito tempo essa humilhação. Quero que me dê sua palavra de que isso vai se acabar, prometa-me Storm.

—Receio que não posso lhe prometer isso, papai — disse em voz baixa. — Meu gênio me obrigaria a quebrar a promessa e isso me causaria aflição e iria aborrecê-lo. Prometo tentar não entrar em mais brigas, tentar controlar meu temperamento. — Beijou-o na bochecha. — Está bem, papai?

Tentando fazer caso omissos dos sorrisos dos MacLagan que estavam andando ali por perto, lorde Eldon disse:

—Suponho que sim. É uma marota. Deveria ter lhe surrado com mais freqüência.

Storm sorriu.

—Sei, papai. Esse homem disse o mesmo. Sabe que me fez tranças tão bem quanto Hilda? E não é casado. Onde acha que terá aprendido?

Lorde Eldon sorriu e lhe puxou as tranças.

—Menininha impertinente. — Ergueu-se e a puxou pela mão. — Venha, vamos nos sentar com os outros e rezar para que Hilda deixe de chorar de uma vez.

Storm olhou ao lado.

—Ainda não trocaram a sua bandagem — disse em tom de recriminação.

Ao ver que lorde Eldon e Storm se reuniam com outros, Sholto comentou em voz alta:

—Eu não gostei de ter me encontrado com esse homem, quando não estamos combatendo. Agora eu sofreria se o atravessasse com minha espada, porque conheci quem choraria sua morte se ele morresse no campo de batalha.



—Mas isso não o deteria, não é verdade, moço? — Colin entendia muito bem os sentimentos de seu filho.

—Não, mas sentiria muito deixar essa menina sem seu pai. — Sholto fez menção de afastar-se. —Vou ver como vai a contagem, deixamos Robbie como responsável.

A contagem acabou pouco depois e os ingleses se prepararam para partir. Lorde Foster montou sua filha diante dele e o seu filho atrás. Hilda foi conduzida a uma carreta, junto com os feridos. Lorde Eldon colocou seus sobrinhos com dois de seus guardas antes de montar o seu filho em seu cavalo. Logo montou e ajudou Storm a montar atrás dele, coisa que ela fez com destreza.

—Custa-me muito— disse lorde Eldon dirigindo-se aos MacLagan, — mas eu agradeço por não terem feito mal as crianças.

—Nós não guerreamos contra crianças, meu senhor. — Colin sorriu de repente. —E além disso a menina estava empenhada em fatiar o meu primogênito se não lhe desse minha palavra de que não lhes faria nada.

Lorde Eldon soltou um grunhido e estendeu a mão, em que Storm depositou obedientemente sua faca.

—Storm, deveria ter sido um menino.— Guardou a faca.

—Já disse isso muitas vezes, papai— disse ela com um sorriso sem nenhum arrependimento, quando começaram a marcha. —Bom dia para todos — disse alegremente a seus antigos captores.

—Menina, não deve ser tão amável com o inimigo— a repreendeu seu pai com bom humor.

—Ah. Então suponho que não deveria ter curado as feridas do cavalheiro.

—O que? — exclamou seu pai, mas ela começou a rir e piscou os olhos aos MacLagan. Ao ver que Tavis lhe devolvia a piscada, sorriu.



Apesar do imenso resgate, do qual todas as pessoas do castelo e seus arredores lamentavam, houve grande alegria quando as crianças voltaram. Os lordes Foster e Eldon sempre trataram bem seus servos, por quem sempre zelavam como muito poucos senhores. Foi um alívio para todos que a continuidade das linhagens ficasse de novo assegurada. Seguiriam levando tão boa vida como cabia esperar naqueles tempos revoltos. Todo Hagaleah prorrompeu em hurras quando chegou a comitiva.

Apenas duas pessoas não se alegraram. Mary Eldon contemplou a volta de seu marido com o rosto alterado, e a prometida de lorde Foster, que tinha dormido chorando por medo de que seu casamento corresse perigo, não despertou. Depois de amenizar sua responsabilidade pelo que tinha feito, Mary começou a sentir-se maltratada. Pensou que seu marido não a compreendia, que a julgava com excessiva dureza, porque, no fim das contas, tinha nascido e se criado em Sussex e não entendia o modo de vida da fronteira. E agora, em vez de lhe permitir aprender com seu engano, iria castigá-la para sempre, e sua posição em Hagaleah se veria muito diminuída.

Pensou levemente em abrandar o seu marido com carinho, mas em seguida desprezou a idéia. Mesmo antes de casar-se tinha adivinhado que os filhos que lorde Eldon tivera com sua primeira esposa, uma irlandesa de classe inferior a sua, eram tão importantes para ele como o sangue que corria por suas veias. Ao pô-los em perigo, ela tinha perdido o escasso espaço que tinha conseguido abrir em seu afeto. Agora, ele a trataria um pouco melhor que uma égua, como um recipiente para ter mais filhos que assegurassem sua descendência, garantindo que o senhorio passaria ao seu próprio sangue. E ela nem sequer poderia recuperar sua posição privilegiada através de seus rebentos, porque indubitavelmente Eldon os manteria separados dela, tal como ele tinha jurado.

Fixou o olhar na luminosa cabeça da pessoa que considerava origem de todas suas aflições, que lhe tinha dado problemas desde o começo. O ciúmes se apoderou dela quando pensou em toda influência que Storm exercia sobre o senhor do Hagaleah. A amargura que sentia pelo fracasso de seus planos para ser a grande senhora de um senhorio tão rico se dirigiu contra a pequena. A lógica e a razão tinham pouco a ver com seus pensamentos quando jurou que algum dia Storm pagaria por sua desgraça.



Storm se estendeu em sua cama, alheia à aversão dirigida contra ela, sentia-se contente: estava de novo em casa, também seu pai tinha sobrevivido à batalha, Hilda era outra vez sua aia e ela tinha vivido uma aventura. Como lhe importava muito pouco sua madrastra, não tinha notado, sua ausência nos festejos. Não sentia animosidade por ela, mas soubera desde o começo que nunca seriam amigas, assim, esforçava-se para cruzar o menos possível com ela.

—Hilda? — disse brandamente antes que a aia abandonasse a alcova.

—O que, Storm?— Hilda se aproximou da cama. Tinha um olhar de afeto sincero.

—Por que estamos em guerra com os escoceses?

—Bom, acredito que é pelas terras, principalmente. Eles acreditam que são deles e nós que são nossas. Mas estamos há tanto tempo lutando e nos roubando uns aos outros, que não acredito que ninguém saiba por que começou tudo. Por que pergunta, filha?

—Não pareciam muito diferentes de nós, assim não estava certa do motivo de sermos inimigos.

—Os homens sempre têm inimigos. Ele estariam perdidos se não tivessem com quem lutar. É lei de vida.

—Mas por que nos contam tantas mentiras sobre eles? Porque são mentiras, verdade, Hilda?

—A maioria, sim. Matam, roubam e violam, mas também o fazem os nossos. Acredito que são um pouco mais bárbaros que nós, mas um soldado, seja escocês, inglês, francês ou de qualquer outra nação, sempre é um soldado. Ponha uma espada na mão deles e é melhor que as mulheres e as crianças se escondam. — Sentou-se na cama. — Acredito que é o sangue e a guerra que os transforma, convertendo aos homens que conhecemos em bestas, que só pensam em matar, em atear fogo às casas e violar mulheres. Aprecie um homem que é todo sorrisos e cortesia, um verdadeiro cavaleiro, mas no dia seguinte, na batalha, com a espada na mão, sua amabilidade se desvanece e é capaz de matar outro com quem bebia há pouco tempo, porque de repente são inimigos, ou capturar a dama cuja mão ele beijava



galantemente algumas noites antes e tratá-la como se ela fosse uma taberneira. É um verdadeiro mistério.

—Então, se fosse mais velha, esse homem que me fez as tranças, não teria sido tão amável comigo. Poderia ter me desonrado.

—Sim, moça, não tenho dúvida de que o teria feito, embora só para ferir o seu pai.

—Enfim. — Storm bocejou e seus olhos se fecharam. — Não voltarei a vê-los, estou certa disso.

Hilda se levantou e contemplou à menina dormida.

—Espero que não, menina. Espero que não.



Assim que os ingleses partiram, os escoceses se puseram rumo a casa. Colin MacLagan ia em uma carreta bem forrada de almofadas para proteger sua ferida e seus filhos cavalgavam ao seu lado e atrás dele. A incursão tinha sido frutífera, muito mais do que Colin esperava, e estava contente. Fixou o olhar em Tavis, que seguia pensativo.

—A batalha foi boa. Perdemos poucos homens e levamos muitas lucros para mostrar. Não recordo nenhuma tão proveitosa.

—Nem eu, pai. O que conseguimos fará um pouco mais fácil o nosso retorno.

—Então por que está tão pensativo, moço? Está pensando em uma moça, possivelmente? — sorriu Colin.

Um sorriso apareceu lentamente no belo rosto de Tavis.

—Sim, poderia dizer que sim. Numa moça e numa visita que jurei fazer dentro de seis ou oito anos.



Capítulo 3

A primavera tinha começado, mas a noite era fresca. A lua cheia clareava as copas das árvores. A luz suave se esforçava por riscar a silhueta de um grupo de homens que se movia às escondidas, em companhia de alguns cavalos. Só o olhar mais acurado poderia tê-los divisado entre as sombras das árvores, e era tal o sigilo com o qual perpetravam seu roubo que só o ouvido mais sensível teria captado algum ruído. De repente, o que ia na frente levantou a mão enluvada. Todo movimento cessou e outros dois homens se aproximaram dele.

—O que aconteceu, Tavis? Por que nos deteve? — Perguntou Robbie, o vigoroso mestre de armas, mas então chegou a seus ouvidos um ruído de cascos de cavalos e levou a mão à espada. — Nós fomos descoberto?

—Não. Fique tranqüilo. Só tropeçamos numa aventura clandestina. — O sorriso de Tavis brilhou um instante. — Leve os homens, Angus, — disse dirigindo-se a um sujeito corpulento. — Robbie, você, Jamie, Iain e Donal venham comigo, os outros nos esperem junto aos cavalos, Angus. Não acredito que demoremos muito, mas isso me interessa.

Enquanto outros se afastavam, Iain sussurrou:

—Por que nos arriscamos? Deixe em paz esses amantes e vamos. A incursão foi bem executada. Esse casal não nos importa. — Iain não entendia a atitude de seu irmão.

—Sim, me importa, se a moça tiver o cabelo de uma cor que só vi uma vez, há sete anos — respondeu Tavis em voz baixa, enquanto se aproximava, com Iain ao seu lado, da clareira para onde os jovens enamorados foram se encontrar.



Embora estivesse consciente de que aquilo era uma loucura, Storm se aproximou do riacho que corria serpenteando pelas terras de seu pai. Necessitava daquela paz, daquela solidão, e não podia consegui-la nem por um instante entre os muros de Hagaleah. Sua vida se tornou um calvário. Necessitava tempo para pensar.

—Ai, papai! Onde estão você e Andrew? Precisamos tanto de você em casa...
— lamentou-se suavemente enquanto atirava pedrinhas no rio. — Essa louca de Sussx está empenhada em nos conduzir à ruína.

Sentou-se no chão, sem se importar que o mato lhe manchasse o vestido. Desde que Andrew e seu pai foram lutar contra os franceses, deixando Hagaleah na mão de seu administrador, as coisas foram de mal a pior. O administrador fazia tudo o que lhe pedia sua amante, a madrasta de Storm, quem nem sequer podia recorrer aos Foster, porque estavam também na França. Só podia contemplar, impotente, como aquela mulher esbanjava riquezas, inimizava-se com velhos amigos e maltratava os camponeses.

Uma das poucas coisas que tinha conseguido deter lady Mary era a questão de seu primo, Phelan Ou'Conner, que tinha chegado da Irlanda apenas duas semanas antes de seu pai partir. Por obra de algum milagre, o esquelético moço de nove anos tinha conseguido chegar sozinho da Irlanda. Uma nota escrita pela mãe de Storm antes de suas bodas, que concedia a um Ou'Conner o direito de pedir ajuda a seus parentes ingleses, tinha-lhe dado a oportunidade de deixar para trás a pobreza e a fome. Agora estava aprendendo coisas que lhe seriam úteis quando fosse um homem e, graças a sua teimosia e suas artimanhas, Storm tinha conseguido que o menino ficasse em Hagaleah. Mas depois da partida de seu pai, as coisas começaram a complicar-se. O fato de ele ser irlandês lhe tinha granjeado a antipatia de lady Mary.

O som de um cavalo se aproximando, acelerou o seu coração. Mas quando reconheceu o cavaleiro seu medo se transformou em raiva. Sua madrasta estava decidida a casá-la com sir Hugh Sedgeway. Ele não tinha má aparência: de meia estatura, tinha o cabelo loiro e os olhos castanhos, mas seu caráter horrorizava Storm. Era grosseiro, violento e luxurioso: tudo que lhe desagradava. Não tinha nenhuma intenção de se tornar a esposa dele e passar a vida rodeada de bastardos, ou vendo-o correr atrás de qualquer saia. E o que era mais importante ainda: não queria ter nada a ver com um dos amantes de sua madrasta, com um dos homens que a acompanhavam em suas cada vez mais freqüentes orgias. Tensa e pronta para



investir, levantou-se cautelosamente enquanto o via prender os arreios e aproximar-se dela.

— É muito imprudente, Storm. Por sorte a vi partir e a segui.

—Sim? — Deu um passo atrás ao ver que se aproximava. — Queria ficar sozinha um momento.

—Ah, sim, esse lugar é muito bonito. — Estendeu o braço, mas Storm se esquivou habilmente. — Vamos, pequena, não deveria desconfiar de seu futuro marido.

—Engana-se, sir Hugh. Eu nunca serei sua esposa.

—Então, não é um encontro amoroso — murmurou Iain enquanto percorria com o olhar o corpo miúdo mas encantador de Storm. — Continua sendo muito bonita. O que está planejando, Tavis?

—Não sei. — Seu olhar deslizou lentamente do brilhante cabelo penteado num coque de tranças até seu corpo esguio, notando seus seios cheios, sua estreita cintura, seus quadris suavemente arredondados. —Cresceu bem, sim.

Sir Hugh sacudiu a cabeça. Seus olhos marrons brilharam, cheios de irritação, ao ver que a moça persistia em lhe contrariar.

—Por que resiste tanto, moça? Vamos casar. — Lançou-se de repente para ela e a agarrou com força pelos braços. — Deixe de lutar, pequena. Pretendo lhe ensinar as delícias do matrimônio. — Riu tolamente, mas Storm o presenteou com uma joelhada na virilha, e sua risada cessou de repente. — Louca!

—Robbie, Donald e você vão por trás do dolorido cavaleiro. Jaime, você fique aqui. Iain e eu iremos por atrás da senhorita Eldon. Com o rio como aliado, apanharemos os dois.

Livre de suas garras, Storm olhou sem compaixão para sir Hugh, que tinha se dobrado sobre si mesmo.

—As delícias, diz? Por mim pode guardá-las para você. De mim você não obterá nenhum prazer, sir Hugh, nem agora nem nunca, assim eu lhe sugiro que retorne para casa. Nós dois sabemos que meu pai jamais consentirá nessas bodas. E não irá desonrar-me para consegui-lo.



—Você é muito louca, com o sangue muito frio, Storm Eldon — bufou ele. — Sozinha já consegue gelar um homem.

—Não como minha querida madrasta, verdade, sir Hugh? — repôs ela com desprezo.

—Não sei do que está falando Storm — disse ele com exagerada perplexidade.

Storm riu desdenhosamente.

—Acha que não os vi escapulir para recantos escuros para se esfregarem como os animais no cio? Poderia jurar que o nosso querido administrador se interessaria de saber que visita a alcova de lady Mary pela manhã. Meu Deus, tenho certeza que o seu lado do colchão ainda está fervendo quando você sai de mansinho.

—Não fazemos nada de errado— protestou ele, e se amaldiçoou por que os descobriram.

—Não? Jogam gamão, não é? Não sabia que fosse um jogo tão físico. Todos esses ofegos, esses gemidos e gritinhos... São todos pelos arremessos dos dados, imagino.

Iain observava a cena, divertido, enquanto Tavis tapava o rosto com os braços para não rir. Era estranho vê-lo rir. Com os anos, o irmão mais velho de Iain foi ficando cada vez mais sério e solene, duro e cínico. Muitos eram os que suspeitavam do motivo de sua mudança de caráter, mas ninguém podia assegurar, pois Tavis era um homem introvertido que raras vezes falava de si mesmo. Iain decidiu de repente não dizer nada, fosse o que fosse que seu irmão pensasse fazer com a moça. Ela podia ser o bálsamo necessário para aliviar a alma de Tavis.

Com um grito de exaltado, sir Hugh se jogou sobre Storm. Ambos caíram no chão. Ela compreendeu que seu sarcasmo tinham provocado nele um de seus muitos acessos de cólera. Sabia que era inútil lutar, embora o fizesse com todas as suas forças. De repente, ele se sentou sobre ela, segurando com força as mãos dela por cima da cabeça. Sorriu friamente e Storm procurou refrear seu medo.

—Agora não se acha tão importante, né? — zombou ele enquanto com a mão livre começava a lhe desabotoar habilmente o vestido.



—Faça isso, sir Hugh, e juro que o matarei mesmo que seja a última coisa que faça.

Tinha falado em voz tão baixa e gélida que ele vacilou um instante antes de tornar a rir.

—Estou ciente que tentará. — Olhou seu peito agitado pela respiração e lhe abriu bruscamente o singelo corpete, expondo a seus olhos a firmeza de alabastro de seus seios. — Deus, que beleza é, moça. — Avançou a mão para tocar um de seus seios, mas de repente sentiu uma espada em sua garganta e sentiu outra na suas costas. — Santo Céu, o que...

—Levante-se muito devagar, sir Hugh. Toque nessa jovem e lhe corto o pescoço — disse uma voz grave, suave e entretanto gelada, com um claro embora sutil acento escocês. Uma voz que despertou uma lembrança no interior de Storm enquanto aguardava que sir Hugh se afastasse dela.

Sir Hugh empalideceu ao ver-se ameaçado por um lado e outro. Assim que soltou suas mãos, Storm se cobriu e lutou por fechar sua roupa. Enquanto sir Hugh se levantava devagar, ela tinha conseguido recuperar um certo ar de pudor. Alguém a segurou pelo braço e a ajudou a levantar-se. Não se surpreendeu ao achar-se cara a cara com Tavis MacLagan. Por motivos que lhe escapava, recordava-se dele muito bem. O fato de que estivesse vestido de negro dos pés a cabeça não impediu que o reconhecesse. Era da sua voz e de seus olhos que mais recordava.

—Voltamos a nos encontrar, senhorita Eldon — disse Tavis ao mesmo tempo em que embainhava sua espada e começava a atar os laços.

Olhou-o com calma, mas sem humor.

—Vejo que é tão prático com os laços como com as tranças.

—Conhece esses homens? — perguntou sir Hugh com certa incredulidade, pois sabia que eram escoceses.

—Pois sim. Este é Tavis MacLagan, e o que está a seu lado é seu irmão Iain. Faz sete anos que nos aprisionaram, Andrew, Robin, Matilda, Hadden, Haig e a mim e pediram um resgate. Como curou a ferida de seu pai?



—Rápido e bem, minha senhora — respondeu Iain com um sorriso. —Têm boa memória.

—Foi uma das melhores aventura para uma menina. Emocionante, mas sem cicatrizes.

—O que fazemos com isso? — Perguntou Robbie, tocando sir Hugh com sua espada.

Tavis entreabriu os olhos ao olhar o inglês.

—Dispam-no e o amarrem na sua sela.

Apesar de seu aborrecimento e do muito que desprezava sir Hugh, Storm se compadeceu da humilhação que aquilo faria para ele.

—Senhor, não poderiam lhe deixar a roupa? Bastante humilhante já será que o enviem de volta amarrado à sela.

—Eu não preciso que uma empregada peça por mim — grunhiu sir Hugh.

Storm o olhou, zangada.

—Muito bem. Retorne a Hagaleah com o traseiro no ar. Certamente a maioria das mulheres o reconhecerá em seguida. Afinal de contas, já deitou-se por todas as sebes, as camas e os celeiros que há por aí.

Acalorado pela raiva e a impotência, sir Hugh bufou:

—Um homem precisa aliviar-se de alguma maneira se cometer a loucura de cortejar à filha frígida de uma prostituta irlandesa.

Storm soltou um grunhido de raiva e se lançou sobre ele com os dedos das mãos transformados em garras. Sir Hugh retrocedeu para esquivar-se e Tavis a agarrou por trás. Seus fortes braços rodearam o corpo magro de Storm como amarras. Continuou abraçando-a até que deixou de lutar. Surpreendeu-se com sua força, porque ela mal lhe chegava aos ombros e era esbelta.

Storm se acalmou à medida que a vermelha neblina da cólera dissipava de sua mente, e sentiu que os tensos nós que a contraía se desfaziam levemente. Manteve os olhos fixos em sir Hugh enquanto ele era desprovido bruscamente de suas roupas. Não havia dúvida de que era uma boa moça, mas apesar disso Storm não se alterou:



conhecia muito bem a podridão que a atraente aparência dele se esforçava por dissimular. Observava-o com o mesmo desapego de um médico, com o semblante frio e tenso.

Tavis a soltou e afastou o olhar de seu rosto insondável para então, observar o homem nu.

—Vocês gostam do que vêem? — ronronou sir Hugh.

Storm sustentou o olhar de sir Hugh quando o subiram ao cavalo e respondeu com voz clara:

—Acho que tem um bom corpo, embora não tenha visto muitos para poder julgar corretamente. Não, só estava me questionando o que atrai tantas mulheres para sua cama ou que o convidem às delas. Não descobri o segredo, embora imagine que para lady Mary sirva, mediante seu gosto nunca ter sido muito refinado. — Ignorou a risada suave de Tavis e seguiu olhando sir Hugh nos olhos. Negava-se a acovardar-se diante de seu ódio.

Viu como o colocavam atravessado sobre a sela sem nenhuma consideração por sua nudez. Amarraram-no e deram uma palmada nas ancas do seu cavalo. O animal se afastou a trote para Hagaleah, mas passados alguns metros afrouxou o passo. Sir Hugh demoraria para alcançar o castelo. Seus xingamentos e suas ameaças serviram para entreter os escoceses, mas não conseguiram acelerar o cavalo.

Storm se virou para olhar Tavis:

—O que pretende fazer comigo, senhor? — perguntou. — Receio que, se estão pensando em pedir resgate, cometem um engano. Lady Mary não dará nada por mim mesmo que ameacem me mandar para casa aos pedaços. Agora manda em Hagaleah e ela adoraria me ver morta ou desaparecida.

—Onde está seu pai? — Segurou-a pelo braço e a conduziu para o lugar onde descansavam seus homens.

—Na França. Nosso rei pensou que ele seria mais útil ali do que na fronteira.

—E não acredita que o homem que ele deixou no comando vá fazer o possível para que volte sã e salva? — Perguntou Tavis.



—Lady Mary o mantém completamente dominado. — Storm se esforçava por conservar-se no passo dele, com o apoio de sua mão que servia de direção. — Só têm que ocultá-lo. Desconfio que no caso dos Foster aconteça o mesmo, pois lady Mary tem muita influência sobre a senhora do castelo. O que me assusta seriamente é que os senhores e também seus herdeiros não retornem, e não me refiro a morrerem honrosamente no campo de batalha.

—O que ganhariam com isso?

—Cada uma tem um filho varão, e sir Hugh tem certeza de que o nomearão tutor. — Ao chegar no lugar onde esperavam outros, olhou os animais que tinham roubado. — Vejo que sua incursão teve êxito. Não teria sido tão fácil se as coisas fossem como deveria ser. Houve algum ferido?

—Deixamos dois homens amarrados. Amanhã terão uma boa dor de cabeça— respondeu Tavis. —A verdade é que pensei que tudo correu muito fácil — acrescentou, pensativo. —Havia poucos guardas.

Storm suspirou.

—Estamos caminhando direito para nossa ruína. Enfim, senhor, o que propõem fazer comigo?— Não tinha certeza se gostava da maneira de como ele sorria, porque já não era uma menina, e sim uma mulher.

Tavis a subiu em seu cavalo, montou atrás dela e sorriu ao ver que tentava esticar as saias para cobrir suas pernas delgadas.

—Estou certo de que conseguiremos algum proveito ao raptá-la. — Passou-lhe o braço por sua estreita cintura e dirigiu o seu cavalo para Caraidland, o castelo dos MacLagan.

Tavis não tinha certeza do que iria fazer com Storm Eldon. Só sabia que queria tê-la ao seu lado por algum tempo. Sentia-se intensamente atraído por ela, mas, embora pudesse fazê-la sua quando quisesse, desejava que se entregasse voluntariamente. E, certamente, não queria mandá-la de volta a Hagaleah para que sir Hugh a maltratasse.

Assombrava-lhe a atitude dela, porque já fazia muito tempo que ele estava persuadido de que as mulheres só serviam para uma coisa, tirando isso elas não lhe valiam para nada, nem despertavam nele interesse algum. Entretanto, quando sir



Hugh atacou Storm, a cólera que tomou conta dele ia muito além do simples cavalheirismo ou o sentimento de honra ofendida. Perguntava-se se era porque ainda via Storm, como a menina encantadora de seu passado.

Storm estava igualmente confusa. Assombrava-a não ter medo. Ela bem sabia o que os homens faziam com as cativas, e apesar disso ela não conseguia sentir nenhum medo. O instinto lhe dizia que não a jogariam aos homens para que se divertissem. E que Tavis não a levava consigo simplesmente para recordar seu encontro anterior.

Sentia-se relativamente tranqüila. Uma parte dela reconhecia que preferia que fosse Tavis MacLagan quem lhe roubaria sua virtude, em lugar de sir Hugh, que evidentemente não retrocederia em seu empenho e, portanto, acabaria violando-a. Aquela certeza conseguiu despertar nela certo ressentimento pelo modo como os homens faziam o que lhes apetecia sem pensar muito na mulher em questão. O fato de que sempre tivesse sido assim não mitigava o seu rancor.

Detiveram-se várias horas depois, embora não tivessem ido muito longe. Os animais roubados os impediam de avançar com mais rapidez. Storm estava certa de que não se achavam muito longe de Caraidland, mas estava claro que os homens precisavam de um descanso. Sentou-se tranqüilamente sobre uma rocha enquanto os escoceses amarravam os cavalos e escolhiam um guarda. Duvidava, porém, de que corressem perigo de serem atacados. Seu pai teria hesitado por medo de pô-la em perigo e quem governava agora em Hagaleah demoraria para preparar-se para o ataque.

Tavis lhe deu uma manta e a viu envolver-se nela com calma e apoiar a cabeça no musgo igual aos homens. Logo se envolveu em seu manto e se deitou ao seu lado, com a espada à mão mas afastada dela. Storm não se queixava de nada, mas Tavis não duvidava de que tentaria escapar a qualquer momento. Fixou o olhar nas curvas suaves de sua figura coberta com a manta e então os seus olhos se fecharam lentamente.

Storm pensava em escapar, realmente, mas também sabia que sua oportunidade ainda demoraria para chegar. Suspirou em silêncio e lamentou não ser um homem, porque se fosse só teria que encarar um pedido de resgate e estaria, além disso, melhor munida para tentar fugir e evitar os seus captores. Quando



começava a fechar os olhos, viu que algo se movia entre as árvores, perto dali, e se enrijeceu, temendo saber o que era.

Uma pequena figura se aproximou dela com o sigilo de um espectro. Estava ao seu lado quando Tavis se levantou de repente com a espada no alto. Storm soltou um leve grito e, sem pensar em si mesma, interpôs-se entre Tavis e seu primo Phelan.

—Não lhe faça mal. Não é mais que um menino. — Viu que outros se agrupavam rapidamente, preparados para a luta.

Tavis não afastou a espada, mas relaxou um pouco.

—Já vejo. Quem é?

—Phelan Ou'Conner— respondeu o menino com uma voz clara e desprovida de medo.

—Como chegou até aqui? — Tavis se fixou em seu cabelo claro e em seus estranhos olhos, tão parecidos com os de Storm.

—Segui Storm até a clareira do bosque. Não devia sair sozinha — a repreendeu ele. —Quando a levaram, segui-os. Acreditava que poderia ajudá-la a escapar— disse sem rodeios, e o peso do fracasso pareceu afundar seus ombros.

—Seguiu-nos a pé? Sozinho? — Tavis estava impressionado por tal façanha.

—Sim. Não viajavam muito depressa— respondeu o menino como se ignorasse que tinha feito algo digno de assombro. — Vim atrás de vocês, mas não sei o que estão fazendo em Hagaleah.

—É seu parente? — perguntou Tavis para Storm.

—É meu primo por parte de mãe, da Irlanda.

Tavis disse a seus homens que voltassem a deitar-se, apanhou outra manta e a lançou para Phelan.

—Mandaria-o para casa, mas sei que não iria. E prefiro que nos acompanhe a que nos persiga. Mas antes que se deite, quero essa faca que leva na bota, moço.

—Eu jamais mataria a um homem dormindo. Seria covardia — disse Phelan ao lhe entregar a faca.



—É um alívio sabê-lo, mas prefiro desarmá-lo. Descansa um pouco, menino.

Quando voltaram a acomodar-se, Tavis escutou os primos falarem em voz baixa. Em alguns momentos, custou-lhe não começar a rir as gargalhadas. Não queria o menino por perto, mas sabia que não poderia separá-lo de Storm. Esperava que não aparecesse mais ninguém.

—Esperava poder lhe resgatar, prima.

—Não se preocupe, Phelan. Talvez na próxima vez.

Fez-se silêncio por um momento. Logo Phelan disse:

—Não está com um pouco de frio, prima?

Storm mordeu o lábio para não rir, imitando sem saber a Tavis, porque estava ciente de que não era o frio que fazia com que o menino desejasse aproximar-se dela.

—Sim, faz um pouco de frio. O que sugere?

Com ar de quem faz um sacrifício, Phelan respondeu:

—Poderíamos deitar juntos para nos aquecer.

—Uma idéia excelente. Venha aqui. — Deixou que o menino se acomodasse ao seu lado, de costas para ela. — Muito melhor assim. Durma bem, primo.

—Você também.

—Alegro-me que esteja aqui — disse ela em voz baixa, e falava sinceramente, porque embora Phelan não fosse mais que um menino, fazia parte de sua família, e de algum modo isso fazia a situação lhe parecer menos sombria.



Capítulo 4

Caraidland pareceu criar vida repentinamente ao chegar o grupo de cavaleiros, cujo o abundante saque foi muito bem recebido depois de um longo inverno. Sentada no cavalo de Tavis, na frente dele, Storm viu como recolhiam entre louvores o gado de seu pai. Saber como tinham os MacLagan, facilmente conseguido aquele gado era outra recriminação a fazer para lady Mary. Apesar dos anos que ela já estava em Hagaleah, aquela mulher continuava sem entender como eram as coisas. Por sua falta de cautela, as pessoas que trabalhavam nas terras de seu pai teriam menos alimentos para levar a boca. Mas Storm sabia que isso não preocupava Lady Mary.

Tavis desmontou, ajudou Storm a descer e a deixou junto com seu primo, vigiados por Angus. Sempre se encarregava de levar ele mesmo o seu cavalo ao estábulo. Depois de lançar um último olhar à Storm, que parecia ser muito miúda estando junto ao robusto e musculoso Angus, concentrou-se em ocupar-se de seu cavalo.

—O saque foi muito bom — comentou Phelan em voz baixa.

—Sim, certamente. É parte de nosso melhor gado. E isso ocasionará alguns cordeiros a menos, alguns bezerros a menos e um pouco menos de tudo, porque uma perda leva a outra. Meu Deus, porque meu pai se foi de Hagaleah.

—Não é culpa dele, prima. Como iria adivinhar o que aconteceria? Acreditava que seu administrador era de confiança. Não é culpa de seu pai que ele seja um velho safado que se deixa dominar por seu...

—Phelan! — exclamou Storm, atalhando o comentário do menino, e lançou logo um olhar fulminante a Angus, que se apressou a sufocar a risada, fingindo um ataque de tosse.

—Perdoe, prima. Às vezes esqueço que é uma dama.

—Suponho que isso seja verdade— murmurou ela com um brilho de alegria nos olhos ao olhar para Phelan.

Ficaram ali parados um momento, vendo como os observavam os habitantes de Caraidland. Embora estivessem acostumados a que as pessoas os olhassem por



sua estranha cor de cabelo e seus olhos de gato, ficaram nervosos. Afinal, aqueles eram os inimigos ancestrais dos Eldon. Custava adivinhar o que se escondia por atrás de seus olhares fixos.

—Pode me segurar a mão, se tiver um pouquinho de medo — disse Phelan em voz baixa.

Storm refreou um sorriso, consciente de que seu primo se esforçava em salvar a dignidade e comportar-se ao mesmo tempo como o menino que era, e disse:

—Obrigado, Phelan. Acredito que estou um pouco assustada.

Estendeu-lhe a mão e ele a segurou entre a sua, que não era muito menor que a dela. Storm viu um brilho de compreensão no semblante solene de Angus e se admirou ao alegrar-se com isso.

—Eles não são como os vikings, certo? — perguntou Phelan com forçada indiferença.

—Não, claro que não. Quem lhe falou dos vikings?

—Meu avô. Antes saqueavam freqüentemente as costas de Eire. Eles eram uns selvagens.

—Sim, eram. Mas essa gente não é assim. Não são muito diferentes do povo de Hagaleah. Lutamos uns contra os outros e nos roubamos mutuamente desde que o primeiro Eldon se estabeleceu na fronteira. Mas não deve acreditar em tudo o que se conta.

Phelan assentiu com a cabeça, satisfeito, mas um instante depois seus olhos se arregalaram e seu nervosismo aumentou visivelmente.

—Pode ser que sejam como os de Hagaleah, mas até os homens de seu pai, quando capturam uma mulher... quando pegam uma cativa... — Um olhar ao rosto repentinamente inexpressivo de Angus não contribuiu para lhe tranquilizar.

Storm sentiu um calafrio, mas disse com calma:

—Prefiro não falar disso, Phelan.

Mas não era fácil mitigar a angústia do menino.



—Mas não pode fechar os olhos ao perigo que corre, prima. Tem que...

—Não fecho os olhos, mas isso não significa que devo ficar apavorada antes do tempo. Querido, uma mulher despreparada sempre está em perigo. Nem em minha própria casa estava a salvo. Sir Hugh não estava me lendo poesia, certo? Deixemos esse assunto. Me permita viver temporariamente na ignorância, porque desse modo estou mais tranqüila. Não podemos fazer nada a respeito.

Guardaram silêncio de novo. Storm se esforçava por fazer caso do que havia dito enquanto Phelan lamentava não ser maior para assim poder proteger a sua prima. Embora só tivesse nove anos, sabia muito bem o que faziam os homens com as mulheres. Via aquele olhar nos olhos dos escoceses, sobretudo nos desse que chamavam Tavis. Aquele homem queria o mesmo que sir Hugh, e podia consegui-lo quando lhe conviesse.

—Ei, olhe, Phelan! — Exclamou Storm, seriamente espantada, ao mesmo tempo em que tentava apagar o olhar de tristeza do menino. —Essa égua não é Cornelia? A que mandaram com tantas precauções desde Sussex?

—Sim, é ela!— respondeu Phelan com um sorriso. — Reconheço essas manchas brancas.

Storm pôs-se a rir, apesar de que não entendia como podia, e disse:

—Ai, Deus, a égua de lady Mary! Oxalá estivesse lá para ver a sua cara quando descobrir que a roubaram. Ficará lívida. Será estupendo. Que infelicidade perder isso.

—Imagina? — Phelan se pôs a rir também sem poder evitar, como Storm. — Lady Mary de pé com sua sela dourada e sem cavalo para montar, quase me dá pena da lady, quando souber do roubo.

—Que doce é a justiça às vezes, não é? — murmurou Storm, e teve outro ataque de risos.

Tavis apareceu e olhou a Angus procurando uma explicação para o bom humor dos cativos. Os prisioneiros não estavam acostumados a rir. Enquanto esperava, sua boca se estendeu num sorriso, porque a risada aberta e espontânea de Storm era contagiosa. Angus, um homem impassível e muito pouco dado à risada, parecia a ponto de unir-se aos primos em suas gargalhadas.



—Parece que nós trouxemos a égua de lady Mary — explicou com um sorriso.

Tavis sorriu.

—Não me diga? — Olhou os dois primos, cujos estranhos olhos brilhavam de alegria. —Parece uma piada do capeta— disse para Storm.

—Sim. Tem muita graça pensar na lady com sua elegante sela e seu formoso vestido, mas sem cavalo. Ela só monta em éguas de Sussex.

Tavis sacudiu a cabeça, surpreso por aquela absurda excentricidade, pegou Storm pelo braço e, seguido de perto por Phelan, conduziu-a ao castelo que era o seu lar ancestral. Enquanto caminhavam, maravilhou-o que ela parecesse tão fresca mesmo depois de uma noite tão longa e uma viagem tão rude. Não esperava que as inglesas fossem tão fortes.

Entraram num edifício forte e imponente, e Storm raciocinou que aquele castelo podia suportar quase tudo, se por obra de algum milagre um inimigo conseguisse transpassar suas muralhas externas. Por isso pôde notar enquanto se dirigiam ao salão principal, que os MacLagan tinham as arcas bem cheias. Eles não eram simples latifundiários fronteiriços, e sim uma linhagem poderosa e de prestígio. Seu nariz e seus olhos a convenceram de que o aspecto era muito bom, coisa que nem sempre ocorria nas casas fortificadas. Ficou impressionada enquanto avançava pelo corredor.

O salão se encheu em seguida quando chegaram. Depois de lançar uma rápida olhada ao redor, observando as tapeçarias de excelente qualidade, aos tapetes orientais e outros sinais de riqueza, olhou às pessoas sentadas na enorme mesa que dirigiam o clã. Em seguida reconheceu Sholto MacLagan e Colin o senhor do castelo, apesar de que esse não estivesse com bom aspecto, mas se perguntou quem seria aquela mulher relativamente jovem, tão bela e majestosa. Phelan lhe deu a mão quando Tavis e Iain foram saudar o pai, deixando Angus para vigiá-los.

—Virgem Santa, não acreditava que fosse tão fácil roubar Eldon— comentou Colin depois de que lhe descreveram o conteúdo do butim e lhe contaram quão fácil tinha sido a incursão.

—Ele não estava em casa — disse Iain. — Foi lutar na França pelo rei inglês. Seu administrador ficou no comando.



—Pois então tiraremos muito proveito se for assim que ele cuida das terras de seu senhor.— Colin olhou aos prisioneiros entreabrindo os olhos. — E quem foi que trouxe...? Pelos pregos de Cristo, tornou a capturar à moça.

—Sim.— Tavis deixou que seu olhar pousasse um momento em Storm. — Sim. O menino é seu primo. Seguiu-nos. Tinha intenção de libertá-la.— Sorriu ao seu pai. —Para falar a verdade, tive que resgatar a garota antes de raptá-la. Um cavalheiro inglês estava se comportando de uma maneira muito pouco galante com ela. Tinha-a derrubado no chão disposto a...

—Por isso, a garota contou, que a situação lá está um desastre — disse Iain. — O administrador se deita com a senhora e ninguém com responsabilidade exerce o comando. Foi fácil comprová-lo: havia muito poucos guardas. Não acredito que Eldon permitisse que um homem empenhado em deitar-se com a filha e que não fazia nenhum esforço por ocultá-lo se instalasse em sua casa. Esse homem não tinha medo do castigo, embora estivesse disposto a violar à única filha de seu senhor. — Iain prosseguiu contando a seu pai o que tinham feito a sir Hugh, e Colin riu com gosto.

—A senhorita disse que não obteremos nenhum resgate— acrescentou Tavis. — Assegura que lady Mary irá preferir que a devolvamos feita em pedaços. Inclusive acredita que seu pai não voltará vivo da França e diz que teme que ele não morra no campo de batalha. Lady Mary tem um filho que poderia converter-se no lorde do senhorio, e um amante que poderia ser seu tutor.

Colin ficou calado um momento, com o cenho franzido. Chegou à conclusão de que havia a possibilidade do que a moça descrevia fosse certo. E uma vez descartada a possibilidade de pedir resgate, soube em seguida qual o único motivo que podia explicar porque Tavis a teria raptado. Olhou para seu filho mais velho e notou que o seu olhar não vacilava.

—Não tomará à moça se ela não quiser. Devo-lhe o braço direito. Poderia perdê-lo naquele dia, porque a ferida era profunda. Curou bem e o médico disse que foi graças a seus cuidados.

—Sim, está certo. Não a quero contra sua vontade.— Tavis sorriu ligeiramente. —Não. Primeiro farei com que me diga que sim.

—Um sim bem firme. Não a seduza ainda. Primeiro pedirá resgate por ela.



Tavis assentiu com um gesto.

—Mandarei um mensageiro em seguida. Querem falar um momento com ela?

Colin assentiu, ignorando o cenho de recriminação de sua jovem esposa. Fazia sete anos que não via Storm Eldon. Tinha curiosidade de ver como tinha passado o tempo para a linda moça que tinham conhecido tão brevemente. Uma coisa saltava à vista: embora com pouca estatura, Storm Eldon se transformou numa jovem muito bela. Colin compreendia os desejos de seu filho primogênito, mas se asseguraria de que não os satisfizesse pela força.

Storm hesitou um momento ao ver que Tavis lhe fazia gestos para que se aproximassem, e se perguntou que planos teriam feito. Ao colocar-se entre Tavis e Colin, como lhe ordenaram, notou que a jovem sentada à mesa parecia contrariada. Tinha o cabelo castanho e os olhos de um verde cinzento. Era muito bonita, mas seus olhos brilhavam cheios de desagrado e seu voluptuoso corpo parecia enrijecido pela raiva. Storm se perguntou se ela significaria algo para Tavis e se surpreendeu ao descobrir que não gostava dessa idéia. Mas, afugentando aqueles pensamentos, fixou sua atenção em Colin MacLagan.

O desconcerto voltou a apoderar-se dela quando Colin apresentou a jovem como sua esposa, Janet. Storm se sentiu claramente aliviada. E descobriu que mesmo assim não lhe agradava aquela mulher, e não porque fosse uns vinte e cinco anos mais jovem que Colin. Eram muitos os homens que se casavam com mulheres muito mais jovens que eles em segundas núpcias. Storm só sabia que havia algo em Janet que lhe dava calafrios. Dizer que estava se deixando levar por sua imaginação não lhe serviu de nada. Estava claro que os irmãos sentiam pouca afeição por ela e que Tavis sentia por ela uma emoção muito mais forte do que simples desagrado ou desinteresse. Saltava à vista que no lar dos Caraidland não reinava a calma.

—Bem, senhorita Eldon, parece que nossos caminhos voltaram a se cruzar.— Colin respondeu ao sorriso desconfiado dela com um sorriso. —E o menino?

—Phelan Ou'Conner, senhor— replicou o menino com voz clara e firme que não escondia seu nervosismo.

—Ah, da parte irlandesa de sua família, né, moça?



—Sim, meu senhor.— Sorriu para Phelan. — Apareceu em nossa porta pouco antes que meu pai se fosse. Quando meus pais se casaram, minha mãe enviou uma nota a seus parentes lhes dizendo que fossem a Hagaleah se alguma vez precisassem de ajuda. Meu jovem primo necessitou quando ficou órfão. Empenhou-se em chegar até nossas portas para ver se cumpriríamos a promessa.

—Você veio de Erin sozinho, menino?— perguntou Colin com um assombro compartilhado por todos os presentes.

—Sim. O bilhete dizia que qualquer um poderia pedir ajuda se necessitássemos. Eu precisava, assim vim.— Parecia tudo tão lógico que Phelan se indagava por que todo mundo se assombrava tanto com sua viagem. —As pessoas não se fixavam em um menino fracote, sem cavalo nem bagagem, exceto para me tirar do caminho a chutes. Paguei para chegar até a Inglaterra num navio e logo mendiguei até chegar a Hagaleah.— encolheu os ombros, dando a entender que era tudo muito simples.

Colin sacudiu a cabeça, assombrado.

—Podia ter se perdido.

—Não. Sabia que ficava na fronteira, assim me afastei dela o menos possível. Em algum momento tinha que chegar.

—Claro — disse Tavis com um brilho de bom humor nos olhos. — É lógico. Está claro.

—Sim, claro? — Colin voltou então a observar Storm. —Se tornou uma moça muito bonita.— Sorriu amplamente ao ver que ela se ruborizava.

Phelan franziu o cenho.

—Como podem dizer isso? Ela se parece comigo.— Franziu ainda mais o cenho quando os homens começaram a tossir de repente. —É igual a mim.

—Não — disse Storm. —Você se parece comigo. Eu era como você, aos oito anos.

Phelan sorriu e assentiu com a cabeça.

—Sim, é verdade. Mas mesmo assim vou ser mais alto que você.



—Isso espero. — Ela riu, mas logo olhou a Colin. — Dessa vez não há garantias de que vão pagar um resgate, meu senhor. Não me surpreenderia que a esposa de meu pai estivesse dando uma festa— acrescentou com um leve sorriso. —Ela se alegrará em se livrar do último dos Eldon.

—Bom, de qualquer maneira arriscaremos, moça. Coloque-a no quarto da torre oeste, Tavis. O menino pode deitar-se no quarto que fica abaixo.

—Não!— exclamou Phelan, e cravou o olhar em Tavis apesar de que se dirigia a Colin. —Ficarei com Storm ainda que tenha que dormir no chão. Servirei pouco se algum homem quiser visitá-la, é certo, mas ao menos minha presença o impedirá de seduzi-la. Jurei ao seu pai que cuidaria dela e vou fazê-lo.

—Muito bem— disse Colin, alheio ao evidente mal-estar de Tavis. —Ponham uma cama no quarto da torre oeste. Tavis, leve-os aos seus aposentos. Acredito que quererão descansar um pouco e provavelmente, lavarem-se.

Tavis empurrou Phelan com mais força do que necessário, para que caminhasse. Não tinha programado entrar no quarto de Storm se escondendo, como um ladrão em plena noite, mas a intenção do menino de não afastar-se do lado de sua prima, faria ser muito difícil cortejá-la, se não impossível. E havia também o problema do que iria fazer com ele quando chegasse o momento de recolher seu prêmio. Esse era um outro obstáculo que não precisava.

—Por que deu o melhor cômodo para essa inglesa? Não é uma prisioneira?

Colin olhou à mulher com quem cada dia lamentava mais haver se casado e respondeu:

—Sim, é uma prisioneira, mas também é a filha de um inimigo a quem respeito, e uma vez me fez um grande favor. Lorde Eldon é um homem de honra. Tratarei sua filha como eu esperaria que tratasse à minha, se caísse em suas mãos.

—Se quer tratá-la bem, deve impedir que Tavis fareje ao seu redor.

—É normal abusar de uma cativa— disse Sholto. —Lorde Eldon não pensará outra coisa.



—Sim, é o que se espera— repôs Colin, —mas não permitirei que ninguém abuse dessa moça. Tavis me deu sua palavra de que primeiro pedirá resgate e prometeu não deitar-se com ela se a moça não consentir. Mais não posso fazer.

Para Janet pareceu muito pouco. Desejava Tavis desde a primeira vez que o tinha visto, quatro anos antes. Imaginara ser muito fácil seduzi-lo, mas não tinha sido assim. Diferente dos outros homens que tinha conhecido, Tavis MacLagan se mostrou imune aos seus encantos. Seu sentimento de honra e sua profunda lealdade ao seu pai eram um muro intransponível. Janet tinha aceitado que Catherine MacBroth ocupasse de vez em quando sua cama, porque sabia que Tavis só usava aquela jovem, que nunca se casaria com ela nem a amaria, como ela esperava. Mas lhe bastara um momento para compreender que Storm Eldon era uma ameaça certa. Esperava que Hagaleah pagasse depressa o resgate. Parecia-lhe impossível que a família da jovem se negasse a satisfazê-lo. Lorde Eldon podia sobreviver e retornar a Hagaleah, e outros teriam que responder diante dele.



—Recuperou-se de seu calvário, sir Hugh? — ronronou lady Mary, e sua boca carnuda se distendeu em um sorriso.

—Alegra-me lhe haver dado motivos para rir, senhora — sir Hugh não se alterou ao ver lady Mary no banheiro, com seus voluptuosos encantos ocultos apenas pela água cristalina. —Pensa em se vingar pela invasão dos escoceses?

—Ordenarei que se reforce a guarda.— Seu formoso rosto se endureceu. — Esses arrogantes...

—E o que nos roubaram?

—O gado podemos substituir. Estou furiosa por terem roubado a minha égua, mas não pretendo perseguir esses bárbaros até seu abrigo. Sairia perdendo.

—Não falo de seu detestável cavalo— resmungou sir Hugh. — E sim de Storm, a filha de seu marido.

Lady Mary encolheu os ombros enquanto saía do banho e suas aias corriam para secá-la.



—Esses porcos pedirão resgate, não há dúvida. É o que costumam fazer quando capturam algum dos nossos. Esse imbecil do Rodem até pagava para resgatar os camponeses.

—Ah, então vai pagar. Pode ser que não seja muito.

Lady Mary se envolveu na toalha e dispensou as criadas antes de voltar-se para sir Hugh. A aparente indiferença dele com ela e o seu profundo interesse por sua enteada estava irritando-a. Mas, apesar disso, não temia que ele escapasse do seu domínio. Não só sabia como despertar sua paixão, diante da apatia que mostrava nesse momento, como também podia usar sua avareza para conduzi-lo.

—Não me importa o que peçam, seja muito ou pouco, porque não vou pagar. No momento, ao menos. Também pode ser que nunca.

Sir Hugh ficou muito avermelhado. A ira ameaçava apoderar-se dele.

—Prometeu-me à garota e, com ela, sua fortuna. Pelos pregos de Cristo, mulher, sabe perfeitamente que abusarão dela.

—Ignorava que se importasse tanto com a virgindade, Hugh.

—Não é isso, mas preferiria que não acabasse na cama de todos esses escoceses.

—Não acredito que o façam. É de linhagem elevada. Os filhos e pode ser que o pai, porém mais ninguém. Esses bárbaros têm forte noção de honra. E esses dois velhos inimigos se respeitam, inclusive eles têm uma estranha consideração. Duvido que Storm volte para Hagaleah tão inocente como foi, mas não judiarão dela. Considere isso como um treinamento.—riu ao cair sobre a cama de barriga para baixo no instante em que uma bonita aia entrava na alcova. — Eles lhe ensinarão tudo o que precisa saber.

—Não preciso dessa ajuda —grunhiu sir Hugh. —Poderia fazê-lo sozinho.

Lady Mary suspirou enquanto a aia lhe tirava a toalha e começava a massagear o corpo com óleo perfumado que mantinha a suavidade de sua pele.

—Não tenho a menor dúvida, mas acredito que é seu caráter o que lhe causa mais problemas. E passar uma temporada com os escoceses a curará desse mal. Será



mais fácil de conduzir. Não esqueça os pés,— disse à criada. —No inverno o chão está frio, e eles ficam ásperos.

Ver a serviçal passando óleo, palmo a palmo, nas costas de Mary expulsou rapidamente a apatia de sir Hugh.

—Isso eu também poderia ter feito, com tempo— murmurou com voz rouca, e então percebeu quem era a aia. Na realidade, a conhecia bem: chamava-se Agnes e era muito bem dotada.

Lady Mary se virou, então notando que o desinteresse dele passara, ronronou suavemente quando a aia começou a passar com cuidado o óleo pela parte dianteira de seu corpo.

—Quer se casar com a garota. Mas ela não quer casar-se contigo.— Seu sorriso aumentou quando sir Hugh começou a tirar a roupa. —Fará bem a ela um pouco de humilhação e vergonha. Se estiver desonrada, pensará duas vezes antes de recusar sua oferta, porque saberá muito bem que não terá muitos pretendentes. Pode ser até que não tenha nenhum.

—Ficarei como um parvo— disse ele, aproximando-se de um lado da cama.

—Como um parvo muito rico— murmurou ela quando sir Hugh se deitou ao seu lado.

—Talvez.— Sua carranca sumiu quando, num gesto de lady Mary, Agnes começou a se despir. —Mesmo assim, ferirá meu orgulho. Gostaria de ser o primeiro.

—Deixe de preocupar-se, Hugh. Pode ser que os escoceses até lhe ensinem alguns truques.

—Ah, minha cara— disse ele em voz baixa, —se a ensinarem a ser assim como você, podem usá-la quanto os agradar.— riu, e as duas mulheres o imitaram ao cair em seus braços abertos.



Capítulo 5

Sentado numa cama colossal, Phelan via como Storm lutava para arrumar o cabelo.

—Faz quase uma semana.

Storm suspirou e alisou a saia do vestido que usava. Alegrava-a que tivessem lhe dado roupa, porque tremia só de pensar em ter que usar indefinidamente o vestido com que tinha chegado. Era tão agradável ter uma muda, mas não podia ignorar que a roupa era de Janet, e também da aversão com a qual a senhora do castelo o tinha emprestado. Colin lhe havia dito que o arrumasse, mas Storm se limitou a alinhar as dobras para que os vestidos se ajustassem a sua figura miúda. Assim depois eles poderiam voltar facilmente ao seu tamanho original e ser devolvidos a sua proprietária, embora não esperasse que Janet quisesse recuperá-los.

—Não nos importa quando retornará o mensageiro dos MacLagan, a não ser pela resposta ao pedido de resgate. Estão nos tratando bem, embora nos vigiem constantemente. Aqui é tão confortável como era em Hagaleah.

—Sim. Eles não são maus. É fácil esquecer que somos inimigos. Mas pensei que sir Hugh insistiria em que se pagasse o resgate. — Phelan sorriu ao ver que sua prima fazia uma careta. — A deseja.

—Sir Hugh deseja a todas as mulheres, desde que não sejam nem muito velhas, nem muito feias. E a fortuna que obteria se ele casasse comigo aumenta imensamente meu atrativo. Meu pai me deu um bom dote.

—Então se apressará em lhe resgatar, antes que abusem de você e não sirva mais como esposa.— Franziu o cenho. —Não irá casar-se com você se a desonrarem. E menos ainda se um MacLagan a macular.

—Creio que sir Hugh está muito necessitado de recursos e que se casaria comigo mesmo que me transformasse na meretriz de todo o clã. Não há dúvida de que lady Mary se encarregará de dissipar seus escrúpulos e de aliviar seu orgulho ferido.



Phelan mordeu o lábio, pensativo.

—Tavis deseja deitar-se com você — disse.

Storm murmurou um pouco, indecisa, enquanto pensava em Tavis MacLagan. Era o homem dos sonhos de qualquer donzela. Tinha uma cabeleira negra tão brilhante como a asa de um corvo. Era mais alto e viril do que a maioria dos homens, e possuía a musculatura de um guerreiro. Tinha o rosto aquilino, as maçãs do rosto bem definidas, o nariz largo e reto, o maxilar forte, mas seus belos olhos, de densas pestanas e sobrancelhas levemente curvadas, suavizavam a dureza de suas feições. O mesmo podia dizer-se do seu sorriso, que raramente aparecia em sua boca finamente desenhada e de lábios finos. Uma boca que ainda não tinha beijado a sua.

Aquilo a assombrava, porque ela também tinha às vezes a sensação de que Tavis a desejava. Duvidava sinceramente de que a presença de Phelan pudesse lhe reprimir. Não havia nada que o impedisse de tirar o menino do quarto. E entretanto Tavis nem sequer tentara. De fato, nem sequer tinha tentado beijá-la. Storm sorriu um pouco ao compreender que se sentia ligeiramente ofendida. Não queria que ele a forçasse, certamente, mas não podia evitar perguntar-se por que Tavis MacLagan não a havia violado apesar de ter essa prerrogativa por ser seu captor.

—Por que sorri, prima?

—Pelos anseios da vaidade feminina.— Seu sorriso se fez mais amplo. —Não quero que ele me force, mas me incomoda que não tenha tentado ainda. Começo a me perguntar se tenho algo errado.— riu junto com Phelan. — Ah... — foi abrir a porta quando alguém chamou. —Estão vindo nos buscar para jantar.

Angus os conduziu ao salão, e Phelan e ele foram conversando amigavelmente sobre a caçada do dia. Todo mundo era muito amável, exceto Janet. Se não fosse porque sempre havia um guarda ao seu lado, teria sido fácil esquecer que eram prisioneiros. E que os MacLagan eram inimigos consuetudinários* dos Eldon, com quem eles já batalhavam a muitas gerações.

Storm sabia que com Tavis corria perigo de esquecê-lo. O tempo que passava falando com ele, rindo e discutindo tinha riscado aquela lembrança. Cada vez mais lhe custava lembrar-se do conflito. O mesmo acontecia com as demais pessoas que tinha conhecido em Caraidland, mas sua intuição, que tantas vezes a ajudava, dizia-lhe que com Tavis era muito pior e mais perigoso. Não só esquecia que era o inimigo,



seu captor, mas também estava se apaixonando rapidamente por ele. O que, além de absurdo, podia levá-la a tomar um caminho muito doloroso.



Tavis saiu para recebê-la na porta do salão, como tinha feito toda a semana. Custava-lhe aparentar calma, porque a desejava mais, a cada dia que passava. Porém apesar de tudo, dava-se conta de que conhecê-la melhor estava sendo um prazer para ele. Storm não se comovia com frases ocas e matreiras, tinha opiniões, estava bem informada e não temia dizer o que pensava ou defender suas convicções. Tinha, além disso, senso de humor e capacidade para rir de si mesma, de suas fraquezas e enganos. Tavis tinha descoberto que, além de ter um forte temperamento e uma risada franca e musical, possuía criatividade, orgulho, honradez, modéstia e muitas outras virtudes que ultimamente, não encontrava numa mulher.

Mas o que realmente o desconcertava era que fosse tão alheia a sua própria beleza e à atração que exercia sobre os homens. Os traços que quando menina prediziam que seria muito formosa, tinham completado sua promessa. Seus grandes olhos rasgados e ambarinos enchiam seu rosto em forma de coração, e suas densas e longas pestanas de cor castanha lhes davam uma expressão sensual ao tempo que as sobrancelhas marrons e oblíquas acentuavam sua forma. Sua tez de alabastro não se alterou, mas a boca carnuda tinha perdido seu aspecto infantil e agora pedia a gritos um beijo. Tavis não acreditava que tivesse crescido muito mais, mas tinha ganho todo o necessário para despertar a paixão de um homem, e o atraía com uma sensualidade inconsciente e natural que seduzia por si só.

O jantar estava a ponto de concluir quando o mensageiro dos MacLagan retornou enfim de Hagaleah. O desânimo que experimentou Storm enquanto Colin lia a missiva com o cenho franzido a convenceu de que tinha cometido a estupidez de abrigar uma pequena esperança de que se pagasse o resgate e Phelan e ela fossem postos em liberdade. Sentia curiosidade por saber se a esposa de seu pai a arrastava abertamente aos lobos ou se estava empregando alguma sutil tática de demora. Pela expressão de Colin quando esse lhe entregou a carta, compreendeu que ela não iria gostar da resposta de sua madrastra.



O argumento que lady Mary defendia para não pagar o resgate fez Storm rir brandamente. Era pouco provável que ela fosse a França em busca de seu pai e irmão, embora comentasse a necessidade de fazê-lo apesar do temor da guerra em que eles estavam envolvidos, receava a ira de seu pai. Por outro lado, pedir aos MacLagan uma prova de que a tinham cativa junto com o primo Phelan evidenciava que lady Mary apresentara uma desculpa para atrasar o pagamento do resgate, cuja quantia, dizia, ser muito alta para prescindir.

—Acredito que a prova que anseia é minha cabeça servida numa bandeja — disse Storm com um leve sorriso. — Bem, o que irá fazer agora, meu senhor? Percebo que esse atraso se converterá logo em uma terminante negativa.

—Sim — disse Colin com o cenho franzido, mas a seguir sorriu. —A solução está em sua cabeça, certamente. Uma mecha desse cabelo. É de uma cor muito rara e estranha. Não há muitos iguais. Bastará como prova. O enviaremos, para ver o que responde. Não acredito que tenha a coragem de acreditar que pode apagar a existência de seu pai e que, portanto, pode negar-se a lhe ajudar.

Storm assentiu com a cabeça.

—Essa honra foi o que meu pai sempre esperou dos MacLagan. Em relação a minha madrastra, é certo— prosseguiu ao ver que todos a escutavam. — Que seu matrimônio não foi só nominal, mediante a existência de meus dois meio-irmãos. Meu pai conhece os defeitos de lady Mary, mas ignora sua maldade e sua astúcia. Acreditou que ela seria feliz fazendo o que desejasse e lhe prestava pouca atenção. É um cavalheiro forte e um guerreiro muito hábil, e, como acontece à maioria dos homens, não crê que uma mulher possa ser a causa de sua perdição.

—Por que ele deveria temer tal coisa?— perguntou Sholto com o desdém próprio de quem possuía um braço forte e ágil para utilizar a espada.

—Ela tem muitos aliados. Não duvido que possa reunir um exército apenas ao chamar os diversos amantes dela— respondeu Storm com ironia.

—Sim, mas o seu pai se confrontou repetidamente conosco e saiu vivo e quase sempre ileso— assinalou Iain.

—Empunhariam uma espada contra o homem que confiaram a liderança de suas terras? Não, eu acredito que não. Meu pai não esperará nenhum perigo por



esse lado. É um homem de honra e não espera que lhe cravem uma faca pelas costas. Mas receio que esse é o estilo da minha madrastra.— Sacudiu a cabeça e seu semblante se cobriu de tristeza. —Não adivinhei o que ela planejava até que já era muito tarde para avisar ao meu pai. Lady Mary fará o possível para que Drew e ele não retornem.

—E você?— perguntou Tavis, pensando que agora que o resgate foi recusado não tinha mais que andar com olhares para ela. Podia deixar de lado sua sutil intenção de seduzi-la.

—Alegrará livrar-se também de mim. Essa mulher me odeia. Sempre me detestou, mas a coisa piorou quando ajudei a senhora Bailey, uma viúva que sem dúvida será a próxima lady Eldon se lady Mary morrer. Há cinco anos, a senhora Bailey é a amante de meu pai e a proprietária de seu coração. Deu-lhe dois filhos. Lady Mary planejava desfazer-se dela assim que o meu pai partisse. Pagou para alguns homens assaltarem a senhora Bailey e as crianças enquanto viajavam à casa de parentes. Pude avisá-la e o plano fracassou, mas receio que lady Mary descobriu o que eu fiz.

—Hagaleah parece um ninho de cobras— disse Iain sacudindo a cabeça. —Custo acreditar que uma mulher possa matar um homem como seu pai. As mulheres não nasceram para planejar um assassinato a sangue frio.

—Não? Apesar de não querer denegrir o meu sexo, porque nós, como os homens, temos nossos defeitos e nossas virtudes, mas acredito que uma mulher é muito capaz de algo assim. As mulheres são criaturas de fortes emoções, que precisam ser esculpidas desde o berço no ideal da honra. Sei que os homens acreditam que carecemos desse ideal, que não entendemos o seu real significado. Será que nenhum dos senhores aqui presentes se viu vítima das maquinções de uma mulher, de alguma conspiração que não soube notar até que ela conseguiu seu propósito? — Assentiu com a cabeça ao ver aparecer um brilho de assentimento no semblante de mais de um. — As mulheres podem ser muito ardilosas, e mesma a sua brandura faz ainda mais eficazes seus ardis. Sim, uma mulher pode planejar um assassinato, provavelmente melhor que um homem, porque acredito que pode odiar melhor, odiar com uma gélida lucidez de que freqüentemente carecem os homens.

—Então crê seriamente que não mandará o resgate — comentou Colin. — De qualquer forma, voltarei a tentá-lo.



—Sim, podem tentar quanto quiser, mas acredito que lady Mary lhes dará várias desculpas até que esteja segura de que meu pai não voltará, ou possivelmente até que sir Hugh a obrigue a me resgatar. Em todo caso, não acredito, que ela vá cumprir as condições normais de um resgate. Por Phelan e por mim ela não dará nem um mísero saco de comida deteriorada. — Olhou Colin e levantou uma sobrancelha inquisitivamente. —Portanto, meu senhor, o que pensa fazer conosco, se eu estiver com razão?

—Ficarão aqui— respondeu Tavis, impedindo a resposta que seu pai se dispunha a dar.

Storm notou que de repente se fazia o silêncio na mesa e franziu o cenho. A expressão, ou a falta dela, dos rostos que havia em torno dela a convenceu de que os presentes sabiam de algo que ela ignorava. Por um instante temeu a morte, mas aquele temor se dissipou em seguida: estava segura de que os MacLagan não matariam uma mulher e um menino indefeso. Mas lhe parecia absurdo que, não havendo resgate, os conservassem em Caraidland. Não os imaginava alojando-os até que seu pai retornasse, porque sua volta era, quando muito, incerta. Tudo aquilo lhe parecia um imenso quebra-cabeças que cada vez ficava mais e mais confuso.

Tavis viu em Storm uma expressão fugaz de desconcerto. Pensou ironicamente que devia ter se comportado muito bem se ela ignorava o que almejava, ou se tinha tão pouca idéia de suas intenções, que isso não era o que lhe vinha à cabeça de imediato. Logo, no entanto, não pensaria em outra coisa, porque, agora que o resgate tinha sido mais ou menos recusado e certamente não chegaria, já não se sentia obrigado a proceder com cautela, como tinha prometido ao seu pai.

Storm podia considerá-lo uma espécie de resgate. Tavis a faria sua muito em breve.

—Que sentido tem, se não puderem pedir resgate por mim? — Ela perguntou, confusa.

Tavis se virou para olhá-la, sentada ao seu lado.

—Ficarão aqui, com ou sem resgate, até que eu diga o contrário — respondeu com suavidade. — Assim se acabaram as perguntas a este respeito.



Seu tom autoritário fez brilhar de raiva os olhos de Storm. Por um momento, esqueceu sua precária posição como prisioneira.

—Tenho direito de saber o que querem de mim, por que insistem em que fique aqui se não puderem tirar nenhum proveito disso.

—Então quer saber o que quero de você — disse Tavis com ironia, e a segurou pelos ombros. —Permita-me demonstrar-lhe— ronronou, e a atraiu para si, como desejava há muitos dias.

A princípio, Storm ficou tão surpresa que não se afastou de seus braços. Só se recuperou quando os lábios quentes e duros de Tavis começaram a acender um fogo dentro dela. Em seguida descobriu que não era fácil afastar-se de um homem estando sentada. Apesar de que a fúria, aumentada pelas risadas dos outros, dava-lhe novas forças, descobriu também que tentar lutar com Tavis era como dar uma cabeçada contra um muro. Não gostou de ver-se beijada em público, mas se resistiu foi especialmente por medo da reação que seu próprio corpo mostrava. Sentiu um arrebatamento de ira quando ele a soltou e lhe sorriu. Essa raiva a impediu de ver que Tavis ficara visivelmente comovido pelo beijo.

A chama que brilhava nos olhos ambarinos de Storm lhe fascinava quase tanto como tinha saboreado beijá-la. Não acreditava já ter visto uma mulher tão esplendidamente zangada. Exasperou-a tanto que, ela servindo-se da típica tática da donzela injuriada, ameaçou lhe dar uma bofetada. Agarrou-lhe sem esforço sua mão, porém um instante depois sentiu que um punho surpreendentemente forte golpeava seu maxilar, pegando-o despreparado e o arrancando do banco. Ficou estendido no chão, preso entre uma mistura de ira e bom humor. As risadas de sua família e dos homens do clã lhe incomodavam muito pouco, pois estava interessado em Storm.

—Então — Tavis falou — , me esqueci da briguenta que você é, mas agora já sabe por que vai ficar. — Em seguida a viu ficar em pé e olhá-lo com irritação, com as bonitas mãos plantadas firmemente sobre os quadris.

—Entendi. Pode ser que tenha demorado para perceber quais eram as suas intenções, mas agora estão claras como a água. Não é melhor do que o sapo de sir Hugh.



—Se assim fosse, moça, já estaria bem usada — bufou ele enquanto se levantava para avançar sobre Storm, indignado porque ela o tivesse comparado ao inglês.

—Usada talvez — replicou Storm, — Vamos ver.

Colin pensou um instante em acabar com a discussão, que piorava rapidamente, mas em seguida desistiu. Como o casal já se enfrentara antes, aquilo lhe parecia extremamente divertido. O assunto não era precisamente galante, mas isso pouco importava, porque todos sabiam o que Tavis tinha planejado para Storm. A única questão era quando o faria e quanto teria que esforçar-se por consegui-lo. Tavis nunca tinha tido problemas com as mulheres e todos queriam ver como enfrentava à resistência de Storm.

Agarrando-a pelas mãos, grunhiu:

—Talvez devêssemos ver o tal uso que lhe darei.

Storm não podia golpeá-lo, apesar de querer fazê-lo, mas não estava completamente indefesa. Atirou-lhe um pontapé na tíbia e ele soltou um grito que muito a gratificou. Aquela não era a maneira de enfrentar o homem em cujas as mãos estava o seu destino, mas estava muito furiosa para reparar nisso. Desde o dia em que se tornou mulher, agüentara as intenções indecorosas dos homens. Sua posição como a única filha de um poderoso senhor da fronteira não tinha lhe servido de amparo, e fazia tempo que deixara de tentar rechaçar amavelmente tais aproximações.

—Por mim pode economizar, acabo de jantar: já estou servida. — Tentou em vão largar suas mãos das garras de Tavis.

Embora Tavis nunca tivesse sido rechaçado por uma mulher que lhe interessou, não foi somente a resistência de Storm que pulsou sua ira. Acreditava entender sua rejeição. Afinal de contas, era uma mulher de berço nobre cuja a virgindade defendia como um castelo e considerava um prezado prêmio. O homem que se casasse com ela esperaria que sua inocência estivesse intacta. Perdê-la alteraria irrevogavelmente seu futuro, e não para melhor. Se Tavis estava furioso era porque a desejava como não tinha desejado a nenhuma outra mulher e porque, não obstante, ela não parecia sofrer do mesmo mal.



—Então terei que tomá-la depois — disse com um ronronar.

Storm reconheceu o tom suave que delatava sua cólera, mas fez caso omissos dele.

—Não irá possuir-me, MacLagan, ou será melhor andar sempre de olho— vaticinou. —Matarei aquele que me desonrar.

—E como o fará, moça?— zombou ele. —Não tem arma.

—Na falta de uma arma, rasgarei sua garganta com os dentes— respondeu ela com um suave e gélido ronronar.

Tavis se surpreendeu tanto que a soltou prontamente, então Storm se afastou dele e se dirigiu à porta com as costas enrijecidas pela fúria com Phelan lhe seguindo. Angus se apressou a ocupar seu posto de escolta e guardião. Tavis se aproximou dela e a agarrou pelo braço antes que ela saísse do salão. Nenhum dos dois notou que todos se calaram, com a esperança de não perder nenhuma palavra.

—Sim, se retire para seu quarto, moça, mas não escapará de mim. Os de Hagaleah não querem pagar por você, assim lucraremos de outro modo o preço de seu resgate. Como me agradar.

Dizer-lhe que devia comportar-se como uma vadia para conseguir a liberdade não era o melhor modo de apaziguar sua ira, e Storm se perguntou como era possível que ele não se desse conta.

—De mim não obterá nunca nenhum prazer, Tavis MacLagan. Se não puder lhe deter, serei tão fria como o ouro que lhe negam em Hagaleah. Assim venha se quiser provar um pedaço de gelo. Não lhe darei sequer o prazer que uma suja prostituta de dois tostões lhe daria.

—Está-me desafiando, moça, e eu nunca recuso um desafio.

—Para um homem com a sua força não é nenhum desafio submeter uma moça. É uma simples violação, senhor, um divertimento atual que muitos homens praticam. Vocês não se importam com nada, como muito bem sei.

A discussão se viu bruscamente interrompida e a réplica de Tavis ficou no ar. Uma jovem rechonchuda, um pouco mais alta, que Storm, com o cabelo muito negro, a tez branca e os olhos castanhos irrompeu de repente no salão e se jogou nos



braços de Tavis. O abraço que se seguiu não acalmou Storm, que se negou a analisar por que sentia um nó nas vísceras ao vê-los beijarem-se e tentou convencer-se de que aquilo confirmava que, para Tavis, desonrá-la não seria mais que uma simples diversão.

Tavis custou a desprender-se da mulher que tinha suprido as suas necessidades básicas durante dois anos. Abraçava-o com força. Tavis não a desejava, além de uma ânsia superficial, e ficou furioso por ela aparecer sem ser convidada. O desprezo que via claramente nos belos olhos de Storm só conseguiu aumentar sua ira, porque não era violá-la o que queria, e sim fazer amor. A aparição de sua amante sem dúvida ajudaria Storm a fortalecer-se contra sua intenção de seduzi-la. Logo deu-se conta de que, apesar do abraço apaixonado de Kate, continuava seguindo Storm. Ao ver que Kate também o percebia e que entreabria os olhos, ensou que ela se incumbiria de resolver seu dilema. Nunca fora irascível, nem ciumenta, tampouco esperaria dele o que nunca lhe prometera.

—Quem é a sua convidada, Tavis? — perguntou Catherine entre dentes.

—Storm Eldon, a filha de lorde Eldon de Hagaleah, e minha refém. Storm, essa é Kate MacBroth.

Ambas inclinaram a cabeça secamente, e Kate lançou a Tavis um sorriso sedutor.

—Conseguirá por ela um bom resgate. Que Angus a guarde. Não tive notícias suas desde que voltou e temia que tivesse acontecido algo.

—Como vê, encontro-me em perfeito estado. Não era imprescindível que viesse. Já tenho muitas coisas com que me ocupar— acrescentou brandamente, olhando Storm com intenção.

Katherine se zangou, então Storm se afastou de Tavis e lhe lançou um sorriso nada doce.

—Não permita que eu perturbe a sua rotina, senhor.

—Meus planos para você definitivamente não perturbarão, minha senhora — respondeu ele com ironia.



—Acredito que têm uma opinião muito alta de sua resistência física, senhor. — Storm saiu do salão ignorando as risadas que causou seu comentário, incluindo a de Angus, que a seguiu.



Capítulo 6

Katerine se apressou em apagar o sorriso que surgira lentamente na boca de Tavis em resposta ao comentário de Storm. Sabia muito bem que o que Tavis se propunha a fazer com a inglesa, mas o instinto lhe dizia que não só se tratava de deitar-se com uma cativa, o que era tão comum e com frequência era considerado um direito. Durante dois anos mostrava seus encantos e habilidades para o herdeiro de Caraidland e considerava aquele tempo prova suficiente de que era algo mais do que um recipiente para sua luxúria. Entretanto, a expressão de Tavis ao olhar Storm bastou para destruir aquela idéia. Katerine não tinha intenção de deixar-se vencer por uma inglesa esquelética, com olhos de gato e cabelo laranja.

—Então pensa em se divertir por um tempo com a inglesa, não? Embora ela não tenha muito que segurar — ronronou enquanto se afastava para ocupar o posto de Storm à mesa.

Tavis decidiu que aquele não era momento nem lugar para discutir a questão, encheu sua taça e voltou a sentar.

—Isso não é seu assunto, Katerine. Pensa ficar muito tempo? — Perguntou tranqüilamente.

Ela segurou a sua taça com tanta força que os dedos se enrijeceram, em seguida lutou para sufocar a raiva que sentia, uma raiva causada pela indiferença de Tavis e o regozijo dos outros.

—O tempo não está bom para que eu volte para casa. Chove forte. Estive a ponto de me ensopar.— Fixou os olhos em Colin, fingindo não ver seu olhar risonho. — Que resgate exigiu, ou não o solicitou ainda?

—Sim, faz uma semana. Mas não parecem muito dispostos a nos dar o que pedimos, estamos negociando.

Katerine não recebeu com agrado a notícia, pois significava que a inglesa ficaria por ali uma temporada, ela fez uma careta de falsa preocupação ao ver que Tavis tinha um hematoma no queixo.



—Tiveram problemas na incursão?— indagou, tocando levemente o machucado.

Até Tavis pôs-se a rir.

—Não.— Esfregou a mandíbula.— A moça e eu discutimos um pouco. Ela queria me deixar bem claro uma coisa e eu estava meio despreparado. É muito brava... — murmurou.

Seu tom exasperou Katherine.

—Tem que lhe mostrar quem é a prisioneira e quem é o senhor. Sua arrogância é imperdoável.

—Eu a ofendi — disse Tavis em tom cortante.

—Sim, é certo. Se não me engano, fez uma promessa. E a moça não me pareceu muito condescendente.— Colin riu ao recordar o seu primogênito estendido no chão.— Continua sendo geniosa. —Comentou para Malcolm, um de seus servos. — Vou para cama. Já faz tempo que eu deveria ter me deitado. — Suspirou.

Tavis viu seu pai sair. Colin estava cada vez mais fraco, estava pálido e não comia nada, porque era quase impossível reter a comida. Era duro ver um homem tão forte aniquilar-se, e mais ainda se era o próprio pai. Tavis voltou a encher sua taça e franziu o cenho ao ver que Katherine se sentava ao seu lado possessivamente.

Essa noite bebeu muito, pensando na enfermidade de seu pai e em Storm Eldon. Prontamente reparou nas muitas tentativas que Katherine fazia, a princípio sutilmente, em seguida nem tanto, de acender o seu ardor. O desejo que sentia por ela nunca tinha sido muito intenso, em que pese o seu indiscutível talento na cama. Era simplesmente uma questão prática. Passados os seis primeiros meses dessa relação, tinha pensado em livrar-se dela, mas custava renunciar a um acordo tão conveniente. De qualquer maneira, como havia pouca possibilidade de que se rendesse ao seus encantos naquela visita, pareceu-lhe que ela entenderia em seguida que essa aventura havia chegado ao seu fim.

À medida que o licor corria por suas veias, foi ficando cada vez mais zangado com Storm e também consigo mesmo por aquela promessa feita ao seu pai. Estava convencido de que não a seduziria: somente, revelaria para ela o muito que a desejava na realidade. Parecia-lhe inconcebível sentir aquela paixão por ela e Storm



não lhe corresponder. Estava seguro de que, assim que a tivesse em seus braços, sua recusa seria fingimento.

Katerine desistiu por fim de estimular seu desejo. Tinha que tomar medidas mais contundentes, mas não podia fazê-lo em público. Deixou que Janet a levasse ao seu quarto, embora ela não imaginasse ficar ali. Assim que Janet partiu, ela foi aos aposentos de Tavis, tirou a roupa e se acomodou na cama. Tavis não ficaria frio com ela, e provavelmente a mistura de vinho e paixão o faria abaixar a guarda. Ainda que não sentisse desejos de ter um filho, podia até suportar esse calvário com objetivo de assegurar seu lugar na cama de Tavis MacLagan.



Deitada na cama, Storm não conseguia conciliar o sono. Tinha a mente tão apinhada de coisas que não podia descansar. Compreendia agora claramente a causa de sua ira, e não lhe agradava. Aquele beijo lhe tinha demonstrado que estava muito mais perto de amar Tavis do que imaginara, se já não o amava. Como consequência disso, seu desejo se achava em guerra com sua moral. Sua virgindade devia ser um presente para seu marido, e Tavis MacLagan não podia desposá-la. Entretanto, sabia que Tavis não teria que esforçar-se muito para conseguir aquele prêmio. Nem sequer a certeza de que ela voltaria para Hagaleah desonrada, enquanto ele ficaria em Caraidland, com outra, conseguia aquietar seu desejo. Pensar que Katerine podia suprir as necessidades dele só lhe causava dor. Via diante de si unicamente complicações: até mesmo o prazer acabaria por lhe trazer dor.

—O lorde do castelo não tem boa aparência— comentou Phelan ao seu lado. Não tinha usado a enxerga nenhuma só vez desde que o tinham instalado para ele. — Parece que está se consumindo.

Storm se alegrou de poder esquecer Tavis e disse:

—Sim. É uma estranha doença.

—Por que, prima? Já ouvi falar outras vezes de uma enfermidade assim. Não é tão estranho.

—Certo, mas eu a vi, e não se parece com a que consome o senhor MacLagan.



—Pensa nos sintomas que vimos. Sei que é propenso a desmaiar e a sangrar pelo nariz.— Disse Phelan.

—Ah, não sabia. Vi que está cada vez mais apático, que sua pele se resseca mais a cada dia, que come muito pouco porque não pode reter a comida, e acredito que às vezes não tem muita sensibilidade nas mãos.

—É uma moléstia estranha, sim— comentou Phelan em voz alta. —Você conhece a arte da cura. O que pode ser, se não for consumição? Pode ser que seja um inimigo, mas eu não gosto de ver um bom homem fenecer assim. Um grande guerreiro como Colin MacLagan deveria morrer combatendo, não apagar-se lentamente.

—Sim, é muito triste. Acredito que até meu pai o sentiria. Tenho que pensar nisso. Há algo que não encaixa— murmurou ela.

Phelan ficou calado e a deixou pensar. Quanto mais Storm meditava sobre a doença de Colin MacLagan, menos gostava. Vistos em conjunto, seus sintomas indicavam que em Caraidland estava se preparando uma traição, um complô para matar o senhor do castelo. Estremeceu quando uma idéia cristalizou em sua cabeça.

—Estão envenenando-o, Phelan. Tenho certeza.— Disse com voz muito baixa.

—Mas quem?— Perguntou ele sem questionar sua conclusão: em tais assuntos, confiava plenamente em seu julgamento.

—Não sei. Devemos vigiar todo mundo, Phelan. Todo mundo. Até os seus filhos. Custa-me acreditar que um deles seja o culpado, mas os conheço muito pouco. E é do conhecimento de todos, alguns filhos assassinaram seus pais.

—O que devemos procurar?

—Santo céu, não sei. Alguém lhe está dando veneno às escondidas.— Esfregou as têmporas enquanto lutava para pensar. —Acredito que devemos procurar alguém que sempre execute a mesma tarefa. Alguém que sempre lhe sirva a cerveja ou o vinho, ou que lhe dê um remédio. Coisas assim. Pode ser inclusive que lhe passem o veneno na pele.

—Mas isso é muito. Embora para falar a verdade temos pouco o que fazer enquanto estamos aqui.



—Certo. Tem que ser alguém em quem ele confia. Não devemos falar disso ainda.

—Penso a mesma coisa, Storm. Poderíamos advertir esse canalha.— Phelan pensou um pouco. —Talvez se conseguirmos descobrir a rede da traição e o senhor MacLagan recuperar a saúde, ele nos dê nossa liberdade.

—Pode acontecer. É somente uma questão de tempo. Para ele e para mim — acrescentou brandamente, mas Phelan a ouviu.

—Sim.— Apanhou sua mão e a apertou. — Tavis está cansando de esperar. Farei o que puder para defendê-la, prima— acrescentou, embora soubesse que havia pouco que pudesse fazer.

—Phelan— começou a dizer ela, indecisa. Precisava contar a alguém o que sentia, —o que receio não é o defloramento.

—Sei. Nem a desonra. É o que sente por Tavis MacLagan. Não é?

—É muito intuitivo para um menino. Sim, é exatamente isso o que temo. Nunca antes tinha me sentido atraída por um homem. Ai, Deus, que má sorte, me sentir atraída por um MacLagan. Era só um receio até que ele me beijou. Ainda continua sendo, mas não posso mais ignorar porque também é uma realidade. O que significa que, se ele se mostrar delicado e carinhoso comigo, estou perdida. Para ser justa, não poderei alegar que foi uma violação e a culpa de minha desonra recairá sobre meus ombros, porque que homem rechaça uma donzela complacente?

—Nenhum, que eu saiba. Pode ser que a tome por esposa.

—Isso é impensável, Phelan. Sou uma Eldon e ele um MacLagan. Nossas famílias estão em guerra há muitos anos. E eu tenho a sensação de que Tavis pode ser um bom amante, mas não sabe amar. Ele é tudo o que uma mulher pode desejar até que o seu desejo se extingue. Então a despreza e a troca por outra. Eu provavelmente, poderia suportar a desonra e a perda de minha virtude fora do matrimônio, o que é um pecado, mas não agüentaria assistir a paixão do meu amante acabar, notar que seu coração se endurece e que estende os braços para outra. Isso me mataria.

—Então não posso permitir que se aproxime de você, prima.



—Ah, Phelan, muito obrigado, mas não. Nunca se sabe como vai reagir um homem quando lhe arde o sangue. Não quero que saia maltratado tentando salvar algo que em casa todo mundo acreditará que já perdi. Se Tavis vier ao meu quarto, não discuta com ele. Deixe-me sozinha.— conteve sua dor ao acrescentar. —Pode ser que estejamos falando de algo que não vai acontecer. Agora tem a sua amante.

—Não ele se soltou, apesar dela tentar motivar sua paixão — disse Phelan em voz baixa.

—Tavis não a esperava— comentou Storm, ignorando seu crescente nervosismo. —Agora, durma— ordenou, consciente de que era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Sobretudo, porque não parava de pensar em Tavis MacLagan.



A lembrança da Storm, girava na mente de Tavis cada vez mais confusa como um torvelinho. Beber e brincar com seus irmãos e outros homens não o ajudou a manter o controle do seu desejo por Storm. Esperava embebedar-se o suficiente para cair num torpor profundo que não perturbassem os sonhos, mas seu plano parecia estar fracassando. Pensava cada vez mais em Storm e sua imaginação evocava imagens que o obrigava a fechar os olhos para conter o desejo. Storm era uma febre em seu sangue, e ele estava a beira da crise.

—Ah, Tavis, que sorte você tem,— brincou Sholto, não muito sóbrio. — Duas belezas entre as quais escolher!

—Importa-se que eu console a que não quer?— perguntou Iain com um sorriso.

—Não. Já sabe onde Kate costuma dormir.

—Ah, bom. Esperava que fosse a outra— suspirou Iain com um brilho de zombaria nos olhos de cor turquesa.

—Pode ser que eu fique com as duas— disse Tavis, e sua risada se mesclou com a dos outros.



—Então não chegaria até amanhã. Uma das duas lhe mataria por estar com a outra.

— Sholto tem razão — riu Donald, um homem corpulento que era seu primo. — Eu apostaria na moça de Hagaleah. É nas armas que ela usaria contra você. Será pelo cabelo, suponho.

Sholto voltou a encher sua jarra e suspirou profundamente.

—Eu adoraria vê-lo solto, sem essas tranças tão bem feitas. Deve ser uma delícia.

—Lembrarei-me de lhe dizer como é— comentou Tavis e, engolindo sua bebida, levantou-se.

—Lembre-se — disse Iain em voz baixa para que os outros não o ouvisse, — que jurou não tocar na moça a não ser que ela queira. Foi muito pouco o que lhe pediu nosso pai. Um pequeno prazer para lhe dar, estando tão doente.

—Sim. Ela irá me querer. — Tavis franziu o cenho. —O que acha que acontece ao nosso pai? Está cada vez mais fraco.

Iain assentiu com a cabeça.

—Sim, assim é, mas parece que não há nada a fazer, salvo observar como se consome. Pelos pregos de Cristo, que impotência sentir assim! Ele não teve uma vida má. Merecia uma morte melhor, não esta agonia.

Tavis não podia dizer muito mais, porque sentia a mesma angústia. Apertou o ombro do Iain num breve gesto de simpatia e compreensão. Mas, quando se dispunha a partir, seu irmão agarrou-o pelo braço. Tavis levantou uma sobrancelha inquisitivamente e, ao olhar seu semblante sombrio, notou que Iain estava muito mais sóbrio do que ele.

—Não faça mal à garota, Tavis. Pode ser que seja uma Eldon, mas é uma moça muito linda, filha de um homem a quem respeito embora seja meu inimigo, e me causaria pena vê-la sofrer por sua culpa.

Tavis se inclinou para que só ele o ouvisse e respondeu:

—Não penso lhe fazer mal.



—Sei que não posso pedir que a deixe em paz, que não a desonre.

—Tem razão. Mesmo que estivesse intacta ao ir-se daqui, muito poucos achariam. E estou louco por ela.

Iain assentiu com um gesto e o soltou. Tavis sorriu em resposta aos comentários insolentes que lhe dirigiram e saiu do salão. Dirigiu-se ao seus aposentos porque queria banhar-se. Esperava, em parte, que um banho quente aliviasse seu desejo e o fizesse procurar a sua cama e deixasse Storm Eldon em paz, mas duvidava que seria assim.

Mandou que lhe preparassem o banho em um pequeno cômodo que havia entre seus aposentos e os de Iain. A chaminé, a ausência de janelas e a estreiteza do quarto o mantinham livre de correntes de ar. Era um lugar perfeito para banhar-se. Enquanto se lavava, liderou uma árdua batalha em seu interior, da qual não saíram vitoriosos nem sua consciência, nem seu corpo. Ao sair da banheira para secar-se com uma toalha, jurou não forçar Storm e parar se ela resistisse com empenho.

Ela era sua prisioneira, ponderou. Ele tinha todo o direito de fazer o que desejasse com ela. Mas não tinha intenção de lhe fazer mal. Só queria lhe agradar. Tinha percebido nela um brilho de paixão ao beijá-la, e acreditava ser capaz de fazê-la gozar. Além disso, Storm não tinha demonstrado repugnância por ele durante a semana que estava em Caraidland. Simplesmente, Tavis não podia continuar suportando em silêncio o desejo de possuí-la.

Entrou no seu quarto em busca de sua túnica. Ao pegar uma da cadeira, Katherine se sentou na cama e ele soltou uma maldição. Pôs a bata e se aproximou da cama.

—Que demônios faz aqui?— disse com aspereza, e só sentiu raiva ao ver sua densa cabeleira negra e seus seios nus.

—Esse é o meu quarto. Eu durmo aqui quando estou no castelo, disse Kate — ficando de joelhos lhe rodeou o pescoço com os braços. — Venha para cama, Tavis. Deixe-me dar-lhe prazer, como já fiz tantas vezes antes.— Começou a beijá-lo no pescoço. — Fiquei horas esperando.

—Eu não pedi isso.— Afastou-lhe os braços de seu pescoço. — Acredito que essa noite deixei bem claro que isso não me interessa. Vá para seu quarto, Kate.



A frieza de sua voz e sua categórica rejeição fizeram pedacinhos da intenção de Kate de mostrar-se conciliadora.

—Vai me deixar por essa inglesa tola?— gritou, e lhe deu uma bofetada.

Tavis a agarrou pela mão e lhe afastou o braço.

—Sim.

—Como pode me tratar assim depois de ter lhe dado dois anos de minha vida?

—Eu não pedi nada e sei que esses dois anos não foram só meus. Não, foi você quem se meteu em minha cama, Kate, como fez essa noite.

—Minha família o fará pagar por essa afronta— bufou ela, e recolheu a roupa que tirara.

—Um homem tem direito de escolher quem quer em sua cama. Sua família não fará nada e você sabe.

—Fez-me promessas. Esperam que nos casemos.

—Se esperam é porque você mentiu, Kate. Eu não lhe prometi nada, exceto dar e receber prazer, e essa promessa eu cumpri. Não era virgem. Já tinha deitado com outro antes.— riu brandamente. —Sim, todos sabemos com quem foi, porque não foi exatamente discreta. Sua família também sabe. Não, pode ser que queiram que me case contigo, mas não acredito que esperam isso. Se me casasse, não seria com a mulher que Alexander MacDubh usou e deixou de lado.

Katherine empalideceu. Ignorava que Tavis estivesse a par de sua aventura com Alexander.

—Isso é mentira — disse.

—Sim? — Ele encolheu os ombros. —Dá na mesma.— Não fez nenhum sinal de ajudá-la enquanto ela lutava para vestir a roupa. — Não posso lhe expulsar porque é uma MacBroth, Kate, e sua família é bem recebida em Caraidland. Mas fique em seu quarto. Acabou e nós dois sabemos. Esqueça-me. Procure outro. Quem sabe você até encontre um homem bastante parvo para casar-se contigo, embora tenha a moral de um gato.



Katerine avançou para a porta, ofuscada pela ira. Sua fúria brotava em parte pela descoberta de que Tavis conhecia mais sobre ela do que imaginara ou podia acreditar. Por outra parte, seus planos de ficar grávida não dariam fruto se Tavis a afastava de sua cama. Estava furiosa, mas não cogitava retroceder em seu empenho. Todo mundo sabia que eram amantes a muito tempo. Seriam poucos os homens dispostos a se casar com ela. Não podia perder Tavis: provavelmente ele era sua última oportunidade de encontrar marido.

—Vá para essa inglesa suja, então — sibilou ao chegar na porta. —Depressa se cansará dela e desejará ter uma mulher de verdade. Mais saiba, quando chegar esse momento, pode ser que eu não tenha vontade de perdôá-lo.

Deu uma portada e Tavis fez uma careta. Não queria que o final de sua relação com Kate fosse tão azedo, mas duvidava que pudesse ser de outro modo. Não só queria livrar-se dela por causa de Storm, mas porque ela se tornara muito possessiva. Tavis estava quase convencido de que ela planejava ficar grávida, e desejava separar-se dela antes que obtivesse seu propósito.

E não porque não queria casar-se, pois sabia que logo teria que procurar por uma esposa, nem porque se importasse que a escolhida não fosse virgem, se bem que seria agradável. No caso de Katerine, era simplesmente por seu caráter. Duvidava que a tivesse tomado por amante, se ela não tivesse tomado a iniciativa. Era muito fria, muito possessiva e carecia de sentido da fidelidade, a única coisa que Tavis exigiria de sua esposa, porque não queria ser um cornudo, nem passar a vida tentando adivinhar quem era o pai de seus filhos. Kate se parecia demais com muitas mulheres que tinha conhecido.

Um sorriso oblíquo apareceu em seus lábios finamente talhados, enquanto se dirigia para torre onde Storm dormia. Ele custaria para encontrar uma esposa se o que procurava era uma mulher em que pudesse confiar. Em seus vinte e seis anos de vida, raras vezes encontrara uma. Só em uma ocasião tinha acreditado numa mulher e acabou se tornando ridículo, coisa muito difícil de suportar para um homem tão orgulhoso como ele.

Lembrar-se de Mary sempre causava um arrebatamento de ira e amargura. Tinha-a amado até a adoração. Encontrar aquela mulher que acreditava tão pura e perfeita nos braços de Alexander MacDubh, com as saias levantadas como uma rameira, tinha sido um golpe devastador. A partir de então, não tornara a confiar nas



mulheres. Tratava todas com a indiferença que acreditava que mereciam, atitude que nenhuma delas tinha conseguido modificar. Aquilo tinha sido, por outro lado, o começo de sua inflamada rivalidade com Alexander MacDubh, uma rivalidade que nunca acabara em guerra aberta porque, apesar de que sempre estaria unido a uma época de dolorosos desenganos, Tavis não odiava MacDubh.

Algo dentro dele desejava descobrir se Storm era digna de confiança, desvendar se o seu caráter continuava sendo o mesmo daquela menina franca e sem mácula. Recordou-se dela muitas vezes desde aquele primeiro encontro. Mas, dizia-se, agora é uma mulher, além de uma Eldon. E nenhuma das duas coisas era uma boa base para depositar sua confiança.

Ao chegar diante da sua porta olhou pensativamente enquanto o guarda se levantava para abri-la. Alegrou-se de que Angus não estivesse ali, porque desenvolvera afeição por Storm e pelo primo dela, e ele sem dúvida o faria conhecer sua recriminação. Tentando desfazer-se de escrúpulos morais pelo o que se dispunha a fazer, entrou no quarto e fez sinais ao guarda de que o seguisse. Desejava Storm com uma intensidade que quase o paralisava, e pensava fazê-la sua.



Capítulo 7

Um fogo mortiço iluminava o quarto com um tênue resplendor. Na ampla cama, Storm e Phelan dormiam abraçados. Ela parecia tão jovem como o menino. Sob as mantas, seus corpos magros davam a impressão de estar entrelaçados.

—Leve o menino e o detenha por aí— disse ao guarda com a voz enrouquecida pela visão da espessa e intensa cabeleira de Storm espalhada sobre os travesseiros.

Phelan despertou quando o guarda o levantou da cama. A resistência dele despertou Storm. Com voz calma, disse a Phelan em irlandês que fosse tranqüilo.

—Está certa?— perguntou ele no mesmo idioma, olhando Tavis com hostilidade.

—Sim.— Ela também olhou Tavis e pensou em como o destino era cruel por consentir que entregasse seu coração a um homem que não só era seu inimigo, mas também só pretendia usá-la. —É inevitável, meu querido primo. Se não for agora, será mais adiante, porque ele o deseja e eu o amo. Acredito que o melhor é que eu procure desfrutar o quanto puder. Sendo assim vá, Phelan, e não se preocupe por mim. Não há nada a fazer.

—Oxalá queira o destino que fique impotente— disse Phelan, e saiu do cômodo enfurecido.

Tão logo ficaram sozinhos, Tavis se aproximou da cama e olhou para Storm, que ria baixinho.

—O que vocês falavam?— perguntou com calma.

—Disse que não poderia fazer nada para impedir, que partisse tranqüilo. E ele desejou que fosse impossível para você cumprir com seus propósitos.— Ela desejou não estar tão consciente do quanto ele ficava bonito quando sorria.

Tavis se sentou na cama, segurou-a pelas mãos e lhe prendeu as mãos dos lados da cabeça.



—Continua querendo resistir, moça? Advirto que sua oposição não me deterá — disse em tom fanfarrão.

—Isso já comprovei— falou ela com ironia. —Não, não vou resistir, porque só me traria dor.

Tavis começou a beijar brandamente suas bochechas.

—É certo. Desse modo posso lhe agradar.

—Disse que não resistiria, não que vou cooperar.

Enquanto os lábios de Tavis se moviam sobre seu rosto, Storm teve a inquietante sensação de que seu corpo faria o que desejasse, apesar da sua vontade.

—Provavelmente possa fazê-la mudar de idéia, moça. Já que deve se resignar, por que não tira proveito disso, pequena?— Abaixou a manta e começou a desamarrar a camisola de seda.

Storm sentiu que o ardor do desejo se espalhava por suas veias, apesar de seus esforços em sufocá-lo. A luz da lareira e a da vela que Tavis levava, lhe permitia ver o que ele fazia, e a experiência se tornou embriagadora. Então, compreendeu com um toque de amargura dirigida contra si mesma, que se houvesse resistido, a batalha teria sido muito curta. O único modo de salvar a honra seria não sentir prazer algum ou ocultar o que sentisse, mas sabia por instinto que ele nem sequer lhe permitiria aquela pequena vitória. Seu coração era seu pior inimigo. Só podia esperar que Tavis não se desse conta até que ponto a tinha na palma da mão.

Tavis lhe tirou a camisola e desejou que não estivesse tão tímida. Ao pousar o olhar sobre seus seios volumosos e cálidos, ficou sem fôlego, não só porque sua beleza o comovesse, mas sim porque ali encontrou a prova de que o desinteresse dela era fingimento. Storm começava a respirar entrecortadamente, os perfeitos bicos de seus seios foram endurecendo-se diante de sua vista, pedindo carícias aos gritos, e seu fino pescoço palpitava de tal modo que não podia haver dúvida de que o sangue lhe corria pelas veias tão vertiginosamente como nele. Tavis voltou a fixar o olhar em seu rosto e tirou a túnica. A ruborização de Storm era visível apesar da penumbra.

—É perfeita — disse com voz suave e enrouquecida pelo desejo. —Acredito que todo seu corpo está se ruborizando.



—Nenhum homem me olhou assim. É a vergonha que me faz ruborizar.

—Ah, moça, se alguém tiver que envergonhar-se sou eu, e não me importo a mínima com isso, porque significa que posso fazer minha a formosura que tenho diante dos meus olhos. Assim não ruborize, meu amor. Não serve de nada.

Storm preferia morrer a ter que confessar, que o rubor em sua face se devia em parte, ao fato de que, ao ver o corpo nu de Tavis, seu sangue tinha começado a arder. Enquanto Tavis a percorria com o olhar, ela fez o mesmo com ele. Comparado com Tavis MacLagan, sir Hugh parecia insignificante.

Storm contemplou com prazer quase impossível de ocultar seus largos ombros e seu peito forte e ligeiramente peludo. Ao mesmo tempo em que passava a língua pelos lábios repentinamente ressecados, seguiu com o olhar o fino caminho de pêlo negro que se estendia além de sua estreita cintura e seus quadris musculosos. Seguiu a perfeita simetria de suas pernas longas e possantes e retornou ao lugar que antes tinha evitado com pudor. Um brilho de temor virginal a percorreu ao ver a prova evidente do seu desejo e sua virilidade. De repente se sentiu muito pequena, estremeceu quando Tavis deitou na cama e a abraçou.

—Não faça, MacLagan— lhe suplicou num última tentativa de impedir o que parecia inevitável. —Sou virgem. Não conheci nenhum homem. Minha inocência deveria ser um presente para meu legítimo marido.

A idéia de que outro homem possuísse o que tinha em seus braços atravessou, abrasadora, o cérebro de Tavis, que demorou um momento para sufocar aquela raiva incompreensível.

—Pede muito, meu amor. Não sou mais que um homem. Não posso renunciar a isso.

—Não pode satisfazer a sua luxúria com sua amante? Ela saberá melhor do que eu como lhe agradar.— Enquanto dizia aquilo, quase sufocada, uma parte dela rezou para que Tavis não aceitasse.

—Não, moça.— Deslizou a mão pelo seu flanco, deleitando-se com suas formas. —Não sei por que, mas penetrou em meu sangue. Kate estava no meu quarto, esperando, disposta a tudo, mas embora tenha pensado que seria melhor ficar com ela, acabei dispensando-a.— Passou a mão por suas costelas e ao acariciar



seu seio e sentir como o mamilo lhe roçava na palma num impetuoso convite, experimentou uma leve euforia. —Perdi o gosto pelos encantos dela. Faz tempo que deveria tê-la dispensado.

—Sei que somos inimigos, mas é necessário que me obrigue a agir como uma prostituta para conseguir minha liberdade? — Refutou ela, tentando ignorar a alegria que lhe produziram as palavras dele e afastou o desejo de estreitá-lo em seus braços.

Tavis tomou seu rosto entre as mãos e a beijou brandamente nos lábios enquanto dizia:

—Ah, moça, não falava a sério. Estava furioso. O que estou a ponto de fazer não tem nada que ver com o fato de ser minha prisioneira. Nem tampouco com esse resgate que não chega. É só o desejo ardente de um homem por uma mulher. Não suportava a idéia de ter que devolvê-la a Hagaleah sem provar sua doçura.

Seu beijo, uma suave sedução, quase apagou por completo a mente de Storm. Agora só conseguia pensar nele e no prazer. Entretanto, a voz da razão ainda se fazia ouvir, lhe dizendo que aquele homem era um exímio embusteiro, um sedutor muito hábil. Sabia o que dizer para ruir o muro que ela tentava levantar. Mesmo assim, enquanto ele explorava com a língua sua boca, Storm teve que fechar os punhos com força para refrear o desejo de tocá-lo. Para o seu corpo seduzido não importava as advertências de sua cabeça.

Tavis grunhiu enquanto seus lábios se moviam pela fina garganta de Storm.

—Me toque, moça. Quero sentir suas lindas mãos mover-se sobre a minha carne, me toque, Storm. Descubra o homem que morre por você.

—Não, não posso — gemeu ela com uma voz que não reconheceu. — Isso não está certo.

—Storm, minha doce Storm, não me atormente. Não estou muito controlado nesse momento e poderia lhe fazer mal, embora não queira fazê-lo.— Beijou seus seios intumescidos. Toque-me, Storm.

—Não, não devo. Eu... Ah!— arfou docemente quando ele capturou um dos seus seios e fechou a boca sobre um dos seus mamilos endurecidos. Uma onda de fogo a atravessou quando sua língua roçou o mamilo, nascendo uma ansiedade que



se intensificou com uma leve passada dos lábios dele. —Estou perdida— sussurrou ela, e enterrou as mãos entre seu denso cabelo enquanto se arqueava contra ele, presa ao desejo.

—É o néctar mais puro— murmurou Tavis enquanto lambia seu outro seio e movia a mão em lentos círculos sobre o seu ventre. —Sua pele é como seda muito fina.

Storm mordeu o lábio, tentando refrear os gemidos de paixão que lutavam para sair dela. Foi em vão, porque explodiram em sua garganta e soaram como um ronronar sufocado. Tavis a estava transformando no receptáculo covarde de sua luxúria, e entretanto ela não podia evitar que seu corpo respondesse as suas hábeis carícias. Suas mãos lhe tocavam onde alcançavam, movendo-se com um deleite tímido mas ansioso que não podia controlar. Ele seguiu beijando seu tenso ventre e ao mesmo tempo deslizou a mão entre suas pernas para acariciá-la. Ela se esticou ligeiramente e num instante depois se consumiu num estado de irracionalidade em que só era consciente do seu prazer e da ânsia que crescia rapidamente em seu interior.

Tavis sentiu sua capitulação final e deixou escapar uma risada suave e triunfante. Havia sentido sua paixão, observara ela tremer enquanto lutava por sufocar seu ardor. Ele tinha se valido de toda sua habilidade para que a paixão vencesse. Como recompensa, ela começou a adquirir vida debaixo dele. Seus movimentos, os sons de prazer que deixava escapar, excitavam-no como nenhuma outra coisa que tivesse conhecido antes. Enquanto deslizava a boca de novo pelos seus seios, procurou com os dedos o centro de seu sexo, preparando-a para possuí-la, e se deleitou com sua cálida umidade, uma umidade que depressa ele conheceria mais plenamente.

Queria saborear a paixão, aquela paixão que nunca antes havia sentido, mas depressa alcançou o limite de sua resistência. As carícias suaves e tímidas das mãos de Storm o deixavam louco e conseguia agradá-lo mais do que já tinha sido excitado nas exímias mãos de outras. Agarrando-a firmemente pelos estreitos quadris, deslizou para dentro dela, encontrou o obstáculo de sua inocência e o partiu em pedaços ao mesmo tempo em que sufocava com a boca o seu gemido de dor. Apertou os dentes para refrear seu desejo ardente e ficou muito quieto, deixando que a dor amenizasse e que o corpo de Storm se acostumasse a sua presença.



—Dói— sussurrou ela, um pouco chorosa. —Não pode me deixar agora?

—Não, você é o porto mais doce que já conheci.— Seus lábios se moveram delicadamente pela face de Storm ao mesmo tempo em que a acariciava, dissipando a sua tensão. Com a mão sobre sua coxa, acrescentou: — Me contorne a cintura com as pernas, doce Storm. Me embale. Me aperte entre essas suas coxas de seda.

Induzida pela paixão, Storm obedeceu, e estremeceu quando Tavis a penetrou mais profundamente. Prendeu os seus olhos nos deles. Tavis permanecia suspenso sobre ela, erguido sobre os cotovelos. Storm conteve um gemido quando ele começou a mover-se lentamente. Um prazer quase doloroso foi crescendo em seu interior, dissipando os últimos vestígios de dor. Sem saber que seus olhos se tornaram de uma cor densa e profunda, ficou presa no brilho do olhar de Tavis. Passado um momento, começou a mover-se com ele, levada por um ritmo espontâneo.

—Sim— disse ele com voz trêmula pela paixão enquanto seus lábios se roçavam. — Assim. Venha ao encontro de minha investida. Me leve para dentro de você até que eu não encontre a saída. Mmm, que delícia. Que delícia— ofegou, e a beijou com ânsia ao mesmo tempo em que começava a mover-se mais depressa.

Storm correspondeu a sua crescente intensidade. Os seus braços esbeltos e as suas pernas o rodearam, enquanto a sua língua altercava com a dele e seu beijo se contagiava com o frenesi dos movimentos dele. Só estava vagamente consciente de que Tavis resmungava algo com a voz carregada por uma aflição que quase escapava a sua compreensão. De repente, o prazer aumentou até se tornar alarmante. Storm se sentiu suspensa a beira de um precipício, com o corpo tenso como um arco preparado para disparar. Apesar de seu medo, não era capaz de deter tudo aquilo, e sua agitação estava cada vez maior. Transformou-se subitamente em passageira de uma viagem cujo destino desconhecia.

—Tavis... Oh, Deus, por favor... Tavis, receio me desfazer em pedaços. Me ajude, por favor. Tenho medo.

Pegando seu rosto entre as mãos, ele fez um esforço para falar com lucidez. Queria aliviar seus temores antes que pudessem espargir sua paixão.

—Não resista, nem tenha medo, carinho. Deixe-se levar. Dê-me isso. É o glorioso final de nossa viagem. Saboreia-o.



Sustentou-lhe o olhar e a viu gozar ao mesmo tempo em que ouvia seu grito apaixonado. Deleitou-se com seus tremores de prazer e, com uma última investida, buscou sua satisfação, antes de cair em seus braços. Viu no rosto de Storm como ela o acolhia em seu corpo com avidez, o testemunho de sua paixão por ela. Durante um instante permaneceram entrelaçados e deixaram que suas mentes e seus corpos retornassem pouco a pouco à normalidade.

Ao recuperar a lucidez, Storm se encontrou presa a uma amargura crescente. Sabia, que em parte, suas lágrimas eram motivadas pela sensação de ter perdido algo, pela certeza de que se viu despojada de sua inocência e de que sua infância já era, irrevogavelmente, coisa do passado. Mas o que mais a entristecia era a convicção de que o que para ela fora tão lindo não era para ele mais que o modo de usar uma mulher. Embora não fosse muito dada a chorar, e apesar de saber que estava se compadecendo de si mesma, não pôde conter o pranto.

Tavis se afastou de seus braços. Tentou sufocar o remorso que tinha começado como uma leve pontada ao vê-la chorar, e que não parava de crescer. Com um pano úmido, limpou em ambos os vestígios de sua inocência perdida. Logo retornou à cama e a tomou em seus braços, ignorando sua ligeira resistência.

—Não chore, pequena. Não posso lhe devolver o que tirei. E mesmo que pudesse, voltaria a arrebatá-lo.

Storm acreditava que ele não sabia tudo o que lhe roubara.

—Para você é fácil falar assim. Não importa com quantas mulheres se deita um homem. Os homens se orgulham de suas conquistas. Mas para uma mulher é diferente, se aspira casar-se. Os homens esperam que sua esposa seja pura, que não tenha se deitado com nenhum outro. Arruinaste minhas esperanças de casar e ter filhos.

—Não é para tanto — disse calmo, apesar de não pensar assim.

—Não— bufou ela, tentando libertar-se de seus braços, —posso encontrar quem se case comigo pela minha fortuna. Homens como sir Hugh ou algum outro amante de lady Mary.

Não era uma idéia atraente. Tavis se zangou, porque Storm estava abalando de novo sua consciência, e isso não lhe agradava. O cinismo ao qual tão freqüentemente



recorria, fraquejava. Não podia dizer que aquilo o agradava. E a idéia de que nenhum homem iria desejá-la, só o recompensou por um instante, porque sabia que não era verdade.

—Pode ser que o perfume da rosa já não seja tão doce, mas ela não murchará no ramo.

—Você casaria com uma mulher que não fosse virgem? — Rebateu ela, segura da resposta.

Tavis sorriu levemente ao ver seu rosto surpreso, quando respondeu:

—Sim, se soubesse que não foi culpa dela. Uma donzela não pode defender-se de um homem. É um engano culpá-la pelo que não pode impedir. É de linhagem nobre, sadia e bonita. Haverá muitos homens dispostos a passarem por cima do fato de que tenha perdido a sua virgindade.—riu ligeiramente e deteve sem esforço os golpes de Storm prendendo-a à cama. —O que é isso, pequena?— indagou, pegando o amuleto que Storm usava ao redor do pescoço e que antes afastara sem prestar atenção.

Ao olhar o medalhão de âmbar, com uma mariposa com as asas estendidas capturada para sempre em seu interior, Storm sentiu que sua ira se dissipava em parte.

—Era de minha mãe. Encontrou-o quando menina e fez que o colocasse numa corrente. Quando ela se apaixonou pelo meu pai, o deu para ele. Em seu leito de morte, disse-me que o usasse sempre e que eu fizesse o mesmo que ela tinha feito. Raramente se encontra tanta beleza presa no âmbar, e menos ainda de maneira tão perfeita. Minha mãe acreditava que era o presente de amor perfeito, porque é único e tem a cor de nossos olhos.

—E ainda não encontrou um homem para dá-lo.

—Obvio, que não — respondeu ela com ironia, tentando ignorar a pontada de dor que sentiu ao recordar as circunstâncias em que se encontrava.

Tavis relevou sua resposta e olhou seus olhos, fascinado por sua cor.

—Sim, é da mesma cor. Seus olhos poderiam aprisionar um homem igual a resina a essa pobre mariposa.



—Não tenho intenção de prender ninguém — rebateu, ofendida.

—Não? — Pegou sua cabeça entre as mãos e acariciou sua face.

—Não. — Storm sentiu que seu corpo respondia a sua carícia. Sentiu que ele voltava a excitar-se. — Bem, agora que já conseguiu o que desejava, mais vale que se esgueire para seu quarto.

—Eu nunca me esgueiro.

Storm mordeu o lábio, tentando conter sua irritação crescente, e sua paixão que renascia.

—Então vá caminhando — replicou entre dentes, — corra, trote, salte ou faça o que deseje, mas vá embora.

—Não vou a nenhuma parte, moça.— Sorriu ao ver que seus olhos se arregalavam.

—Não pode ficar aqui. Senão, amanhã todo mundo saberá o que fez.

—Já sabem. Deixei muito claro o que me propunha fazer antes de sair do salão.

Storm ficou sem fala um momento, cheia de vergonha e de raiva.

—Tinha que fazê-lo? Como vou encarar as pessoas agora? Não poderia ter mantido em segredo minha desgraça?

Tavis negou com a cabeça. Custava-lhe acreditar que ela fosse tão ingênua.

—É muito bonita e está em meu poder. Não há menor dúvida de que a sua família acredita, que já perdeu a sua virgindade. Aqueles que ainda não sabiam que eu não tinha me deitado contigo, estavam convencidos de que logo iria acontecer. A maioria das pessoas com quem você esteve essa semana acreditava que já compartilhávamos a cama. Não pense mais nisso, minha doce Storm.

—Que injusto — murmurou ela. — Não se importa que acreditem ser capaz de forçar uma donzela?

—Não.— Começou a acariciar seu corpo e sentiu que o desejo ocupava o lugar da tensão. —Nunca forcei uma mulher. Seduzi-as, possivelmente, mas nunca



violei ninguém.— Desenhou com a língua o contorno de sua boca e murmurou: — Penso ficar em seus braços até que retorne a Hagaleah e a Inglaterra.

Nenhum dos dois parou para pensar no penoso que parecia a idéia da separação. Mas, apesar de tudo, bastou para dissolver por completo a resistência de Storm e para acender ainda mais o ardor de Tavis.



Iain parou na frente da porta de seu pai, viu um raio de luz, ouviu vozes e bateu. Abriu ao ouvir que mandavam entrar e seu olhar pousou em Janet, uma mulher em que não confiava e pela qual não sentia nenhuma consideração. Não disse nada até que seu pai tomou seu remédio, devolveu a taça para Janet e ela saiu do aposento.

—Que nojo— resmungou Colin. —Auxilia-me muito pouco e entretanto sinto que devo tomá-lo.

—Tavis está com a moça inglesa.

Colin suspirou.

—Sim. Era de esperar. Espero que não lhe faça mal.

—Não. Pode ser que não cumpra a sua promessa ao pé da letra, mas não lhe fará mal. É uma Eldon.

—Sei muito bem. Muitos diriam: «Faça o que quiser com ela, Tavis», mas é uma boa garota e não quero que sofra. Nossas famílias estão há muitos anos se enfrentando a ponta da espada, mas Eldon nunca foi um homem cruel, mais de uma vez desejei ter ao meu lado um amigo tão valioso como ele. Não me agrada desonrar a sua filha. E também tem o episódio da ferida de meu braço — concluiu, tocando a cicatriz do ombro.

—Sim. Tudo isso entendo. Mas há algo mais, não é?

—Nunca tinha visto Tavis tão louco por uma mulher.



—Eu tampouco. Isso é o que o instiga a agir contra seus desejos. E provavelmente inclusive contra os dele próprio.

Colin hesitou. Sustentou o olhar de seu filho e raciocinou que certamente Iain era da mesma opinião, de modo que não consideraria ridículos seus temores.

—Temo que Tavis acabe coletando uma safra de dor— disse em voz baixa.

Iain assentiu solenemente com a cabeça.



Capítulo 8

Storm tentava ignorar a tensão que ia se apoderando dela enquanto seguia Phelan ao interior do grande salão onde iria ser servido o jantar. Desde que compartilhava a cama de Tavis, sua estadia em Caraidland parecia menos um cárcere forçado. Tavis não gostava de ter alguém rondando constantemente ao redor deles, e entretanto Storm sabia que não iria muito longe se tentasse escapar. Sempre havia alguém perto, sempre um par de olhos seguindo-a.

Ao cumprir sua segunda semana de cativo, tinha chegado outra resposta de Hagaleah, redigida com um conteúdo ardiloso, que mesmo sendo uma negativa, não podia ser tomada por tal. Quando Storm apresentou a Tavis o que lhe parecia uma tarifa razoável por seus serviços noturnos e sugeriu que o descontasse do resgate, houve uma discussão espetacular. Parecia um pouco hipócrita da parte dele usá-la como uma rameira e indignar-se todo, porque ela se atrevia a conduzir-se como tal, embora fosse de modo mais sutil. Mesmo assim, procurava não fazê-lo: já tinham muitas discussões.

E depois havia ainda Janet e Katherine, que se empenhavam em fazer a sua vida impossível. E estavam demonstrando ser especialistas nesse terreno. As coisas tinham chegado a tal ponto que Storm temia uma declaração de guerra imediata. Cada vez eram mais freqüentes os comentários sutis, os acessos de raiva reprimidos cada vez com maior esforço.

O motivo da hostilidade de Kate estavam claros como a água. Janet, ao contrário, Storm tinha demorado um tempo para entender. Quando por fim conseguiu, desejou fervorosamente estar errada. Mas à medida que a saúde de Colin se debilitava, os motivos do ressentimento de Janet foram tornando-se cada vez mais óbvios. Janet desejava Tavis. Desejava o filho de seu marido.

Storm sufocou um gemido ao ver Colin sair acompanhado do salão. Já não podia ficar com outros depois do jantar. Já tinham concluído o ritual em que as mulheres faziam ameaças de retirarem-se a um canto do salão a fim de que os homens pudessem conversar a sós e eles as dissuadiam. Storm preferia ficar à mesa, porque tinha muito pouco em comum com as outras duas mulheres, e os homens a



defendia de seus comentários malévolos e suas crescente animosidade. Não tinha medo delas, mas temia, em troca, que houvesse uma cena humilhante se as coisas continuassem assim.

Continuava com a impressão de que alguém estava envenenando Colin pouco a pouco, mas, embora suspeitasse de quem podia ser, ainda não podia acusar ninguém. A vigilância dela e de Phelan os conduziram a uma única convicção: só podiam descartar Malcolm. Seu motivo para isso era bastante vago, mas não importava. Em todo caso, tinham que confiar em alguém ou Colin morreria muito em breve. Storm se perguntava como poderia chegar aos aposentos particulares de Colin para falar a sós com o fiel Malcolm. Tinham pouco tempo. Surpreendia-lhe que Colin continuasse com vida, porque parecia a beira da morte.

—Então sua família prossegue negando-se a pagar por você— disse Katerine com ironia, e seus olhos se endureceram ao ver que Tavis apoiava a mão sobre o joelho de Storm com ar possessivo, embora inconsciente.

—Lady Mary não pagaria nem um penny para salvar a sua própria mãe — respondeu Storm com calma.

—Sim. E pode ser que ela saiba, que você está trabalhando com empenho para pagar seu resgate— ronronou Janet em voz alta.

—Janet— disse Tavis em tom de advertência, no meio do silêncio repentino que tinha caído sobre a mesa.

Storm, que se negava a enfurecer-se pelos comentários de Janet, respondeu com tranquilidade:

— Sim, bem, sugeri a Tavis que me pagasse um salário que me pareceu razoável, mas acredito que era muito baixo, porque se nega a aceitá-lo.

A mão de Tavis se crispou sobre seu joelho em sinal de advertência. Ouviram-se risadas em torno da mesa. Não gostava que se referissem a Storm naqueles termos. Apesar das circunstâncias não pensava nela desse modo, nem queria que o fizessem, ela ou qualquer outra pessoa.

Kate já não agüentava mais. Fazia duas semanas que se esforçava em vão para afastar Tavis da moça. O modo como o seu antigo amante tratava Storm a fazia rilhar



os dentes de ciúmes. Até quando brigavam havia entre eles uma cumplicidade que ela nunca tinha alcançado com Tavis.

—Muito alto, quer dizer— sibilou Kate levantando-se para ficar junto de Storm. — Na rua eles não pagariam nem um penny por uma franga como você.

—Já basta!— gritou Tavis, levantando-se de um salto e olhando com censura a sua antiga companheira de cama.

O vinho, a raiva e o desespero despojaram Kate de seu orgulho, e se agarrou a Tavis.

—Como pode me deixar de lado por ela? Sua família não vai resgatá-la, está claro. Devolva-a e volte para quem sabe fazê-lo gozar. Ela não aprecia as manhas do amor. Não é mais que uma frígida cadela inglesa. Você não vê que eu sou quem lhe convém?

Storm ficou olhando-os um momento antes de ficar em pé para partir. O ciúme, que crescia com cada carícia que Kate proporcionava a Tavis, tinha formado um nó em suas vísceras. Pouco importava que ele não correspondesse as suas carícias. Tampouco afastava Kate, nem lhe dizia que o deixasse em paz. De fato, parecia estar pensando no que Kate havia dito. Decidiu partir antes de perder o controle e revelar o seu ciúmes e seu medo.

—Foge?— ciciou Kate, que também tomou o silêncio de Tavis por um sim.

Storm se voltou e a olhou com desprezo mal dissimulado.

—Não. Simplesmente, ver como eles se estimulam não é entretenimento de meu agrado.

As risadas sufocadas que chegaram ao ouvido de Kate ativou a raiva nela, ela aproximou-se até ficar de frente com Storm.

—Não suporta que a deixem de lado, não é isso?

—Acredito que sobreviverei— replicou Storm. —Se quer aceitar um homem que passa quinze dias ignorando-a e deitando-se com outra diante do seu nariz, isso é com você: faça o ridículo. Mas não me peça que fique sentada olhando como um membro de meu próprio sexo se rebaixa até esse ponto.



Com um rugido de raiva, Kate deu-lhe uma bofetada. Tavis quis intervir, porém Iain o deteve dizendo em voz baixa que já era hora delas resolverem seus assuntos. Storm esteve a ponto de cair no chão pelo golpe. Reagiu automaticamente. Com a força que lhe conferia o ciúme e a ira reprimida durante dias, devolveu o golpe. Com um suave balanço, deu um soco no queixo de Kate que a fez cair no chão e ficar ali. Um silêncio carregado de assombro caiu sobre o salão.

—É toda sua, Tavis— disse com calma. —Embora receio que terá que levantá-la primeiro.

Muito perplexo para sair atrás dela, Tavis se limitou a olhar Kate, que tinha ficado inconsciente, enquanto Storm saía do salão seguida de perto por Phelan. Demorou um momento para reagir. Agarrou uma jarra de cerveja, esvaziou-a sobre o rosto de Kate e viu, sem nenhuma empatia, como ela cuspiu e despertava. Perguntou-se como pudera deitar-se com ela e reconheceu a contra gosto que a luxúria poucas vezes parava para considerar o caráter do recipiente no qual se vertia.

—Essa louca me agrediu— gemeu Katherine enquanto lutava para levantar-se sem ajuda.

—Você a golpeou primeiro— respondeu Tavis com frieza. —Acredito que será melhor que vá para casa amanhã.— Saiu do salão, alheio às maldições que Katherine praguejava atrás dele.

Foi ao seu aposento lavar-se. Embora passasse as noites na cama de Storm, não se tinha instalado em seu quarto por razões que ele mesmo não conseguia entender. Enquanto trocava a túnica, Janet entrou no quarto sigilosamente, fechou a porta e se apoiou contra ela.

Usava o cabelo solto e uma camisola quase transparente. Era muito bela, mas Tavis não pareceu impressionado.

—O que quer?— grunhiu.

—Não deveria ser tão grosseiro com sua madrastra— ronronou ela, aproximando-se. —Pensei que provavelmente gostaria de variar um pouco, esquecer essas vadias com quem se deitou ultimamente, que não param de brigar.

—A causadora de problemas é Kate e ela irá embora amanhã— respondeu ele friamente, sem alterar-se quando ela se aproximou.



—Ah, Tavis! Esqueça!— murmurou Janet, beijando seu queixo. —Você essa noite não gostaria, de saborear novamente a paixão que já compartilhamos? — Deslizou as mãos para dentro de sua túnica.

Tavis a agarrou pelas mãos e a afastou violentamente.

—Isso diz você, mas eu não recorro.

—É sua consciência, que tenta apagar essa lembrança. Não deve se sentir culpado, Tavis. Seu pai não se deita comigo há meses. — Tentou tocá-lo de novo.

Tavis se afastou e abriu a porta.

—Continua sendo a esposa dele. Boa noite, Janet.

Ela apertou os punhos e o viu partir. O tempo estava acabando. Katherine não tinha conseguido manter Tavis afastado da filha de Eldon, que parecia ter-lhe enfeitado. Não obstante Colin estar a um passo da morte, Tavis mantinha-se fiel aos seus ideais cavalheirescos e não sucumbiria aos seus encantos. Janet saiu do quarto, decidida a acelerar as coisas.



Storm viu Tavis entrar em seu quarto e estender-se na cama. Deitou-se de barriga para baixo e ficou um tempo vendo ela e Phelan jogarem cartas no chão. Ele tinha uma expressão turbulenta e, antes que disfarçasse seu olhar, Storm adivinhou nele uma tortura íntima. Apesar de saber que era uma néscia por preocupar-se com ele, não conseguia deixar de fazê-lo. Fazia sua a angústia que percebia em Tavis.

—Não acordou Kate? — indagou tranquilamente enquanto jogava.

—Bastou uma jarra de cerveja para despertá-la. Deixei-a lançando maldições. Vai partir amanhã. Não suporto seu mau gênio nem mais um dia. Tornou-se insuportavelmente aborrecida.

—Mas não é isso o que o preocupa, é? — perguntou ela brandamente, olhando-o nos olhos.

—Não. Mas passará.



—Sim? Já vi esse olhar outras vezes. Frequentemente ajuda falar sobre isso. — Continuou olhando-o nos olhos, percebeu que ele duvidava e disse em voz baixa: — É por causa de Janet? Deseja-o. Está claro. — Uma leve expressão de desagrado cruzou seu rosto ao vê-lo empalidecer. — Não é culpa sua que o deseje.

—Não? — respondeu ele em um sussurro angustiado. — Pode ser que eu tenha dado motivos. Por que não iria uma mulher desejar um homem que a levou para cama? É repugnante, não? Santo céu, é quase um incesto.

Storm sacudiu a cabeça em silêncio, com os olhos muito abertos.

—Não. Não posso acreditar nisso.

Com um grunhido, Tavis se deitou de costas. Perguntava-se por que contava tantas coisas de si mesmo, por que revelava seus segredos.

—Eu tampouco queria acreditar, mas é inegável, já faz seis meses que despertei em seus braços. Estávamos nus. Eu nem ao menos posso alegar que estava bêbado. Bêbado ou não, não deveria ter me deitado com a esposa de meu pai. Custo a admitir que seja tão canalha.

Storm se esqueceu do jogo de cartas e subiu na cama para olhá-lo nos olhos. Não podia acreditar que tivesse traído desse modo ao seu pai, bêbado ou não. Franziu o rosto, cheia de suspeita. Se ele se deitara com Janet, ela não acreditava ter sido ele quem havia instigado. Certamente era um consolo muito pobre, mas não suportava vê-lo tão atormentado. As palavras seguintes proferidas por Tavis aumentaram suas suspeitas.

—Já que tenho que sofrer por ter deitado com ela — disse ele com uma risada áspera, — seria agradável recordá-lo. Se tivesse desfrutado de um bom momento, talvez entendesse melhor.

—Não se recorda de ter deitado com Janet? — perguntou Storm.

—Não, só que despertei com dor de cabeça e que a minha madrastra estava nua em meus braços.— Suspirou. —Tentei lembrar algo dessa noite, mas não consigo. Pode ser que seja muito doloroso. Prefiro esquecê-lo.

—Mas não esqueceu de tudo. Acredito que deveria tentar recordar a noite inteira.



—Não posso — resmungou Tavis. — Eu tento, mas sempre me deparo com uma barreira. Deixe para lá, Storm.

—Não, não posso— disse ela, imitando-o. —Há algo que não encaixa.— Soltou a mão para desamarrar sua túnica.

—Está ansiosa, né? Não deveríamos mandar Phelan sair?— Sorriu quando Phelan riu baixinho.

Ela ignorou a ambos.

—Vou ajudá-lo a se recordar do que se passou nessa noite. Coloque-se debaixo da manta e se deite de barriga para baixo. Tenho a sensação de que o enganaram, MacLagan.

Tavis fez o que ela pedia.

—Como vai me fazer recordar?— Perguntou.

—É a vergonha que encobre suas lembranças. Você fica tenso ao pensar nessa noite e quando isso ocorre o pensamento não pode fluir livremente. Vou fazer com que relaxe, usando um método que pus em prática frequentemente com meu pai quando não conseguia pensar com lucidez. Ensinou-me um mouro da Espanha. Esteve um tempo na guarda de meu pai.— Então tirou um frasquinho de óleo, entre os cosméticos que tinham lhe dado para seu uso pessoal e se sentou sobre ele. — Agora relaxe e se esqueça da culpa e da vergonha e deixe vagar seus pensamentos. Me diga tudo o que recorda dessa noite, mesmo que ache que não tem importância. Não acha que é preferível saber se for verdade de uma vez por todas? Para bem ou para mal?

—Sim— respondeu Tavis, titubeante, mas o movimento das mãos de Storm massageando seu corpo já tinha começado a dissipar sua tensão.

Sob as mãos untadas de óleo, Storm sentiu que ele começava a relaxar.

—Comece pela manhã desse dia.

—Saímos todos para cavalgar— respondeu ele, completamente relaxado. — Que agradável.



—Não pense nisso. Se concentre nesse dia. Tem que revivê-lo passo a passo. — Aproveitava massageando brandamente suas costas musculosas, sentindo como a musculatura dele relaxava, e sorriu um instante ao notar que sua voz se fazia mais densa.

—A expedição correu bem. Só houve dois feridos. Podíamos esperar tranqüilamente o inverno. Era motivo suficiente para uma festa, e a cerveja e o hidromel fluíram livremente. Bebemos muito whisky. Suponho que me embebedei.

—Janet e seu pai estiveram nessa comemoração?

—Sim, a princípio. Mas se retiraram cedo porque meu pai tinha frio.— Suspirou e fechou os olhos, cheio de prazer. —Ainda não se recuperou. Temo que não durará muito mais entre nós.

—Não se preocupe com isso agora. Ficou muito mais tempo na festa?

—Mmmm. Fiquei até muito tarde. É o normal, depois de uma cavalgada longa ou uma batalha.

—Meu pai pensa o mesmo. A que horas voltou para seus aposentos?

—Acredito que era muito mais de meia-noite. Despi-me. Não, Alex me ajudou a me despir. Sim, estava tão bêbado que ele teve que me ajudar a tirar a roupa. Agasalhou-me como se fosse um menino.

Storm se deteve.

—Então — disse, — não se retirou sozinho. Alex o ajudou a deitar-se.

—Sim, mas depois disso não recordo nada até o dia seguinte. É a primeira vez que me lembro de Alex.

—Phelan, vá procurar Alex.

—Para que?— perguntou Tavis quando o menino foi correndo. —Não creio que ficou muito tempo comigo.

—O suficiente para saber se estava em condições de se deitar com uma mulher.

Tavis se sentou bruscamente, derrubando Storm.



—Claro! Se estava bêbado e dormi, não pude me deitar com Janet.— Pegou Storm em seus braços e a beijou apaixonadamente. —Que bom saber.

Deitou-a na cama e voltou a beijá-la. Mas aquele beijo conduziu a outros. Foi assim que Phelan e Alex os encontraram. Phelan se pôs-se a rir enquanto Alex pigarreava com força. Sem soltar Storm, Tavis se voltou para ele com um sorriso esperançoso.

—Recorda-se da última cavalgada, antes que caísse o inverno?

—Sim, Tavis. — Alex sorriu. — Bebemos muito essa noite.

—Ajudou-me a deitar, verdade?

Alex assentiu com a cabeça. Seu sorriso se fez mais amplo.

—Você nem sequer podia encontrar a cama.

—Portanto não estava em situação de me deitar com uma mulher — disse Tavis, pensativo.

Alex riu.

—Não— disse. — Não há uma só mulher sobre a face da terra que poderia fazer sexo nessa noite contigo. Quando saí do seu quarto, roncava a plenos pulmões. Nossos inimigos poderiam ter queimado todo Caraidland e você continuaria dormindo. Nunca o vi tão bêbado.

—Obrigado, Alex— disse Tavis. Custava-lhe muito disfarçar a sua alegria. — Já pode ir. Sinto fazê-lo vir.— Voltou a estreitar Storm em seus braços. —E leve Phelan contigo.

—Nunca acreditei que veria um homem alegrar-se tanto ao saber que estava tão bêbado— disse Storm quando ficaram a sós. —Deveria se envergonhar.

Tavis começou a lhe tirar a camisola sob as mantas.

—Se não estivesse tão contente, iria procurar essa louca e a faria pagar por me fazer passar por esse calvário. Não entendo por que o fez, o que estará planejando.

—Que parvo é, às vezes. Janet o deseja. Acredito que, quando se enfiou em sua cama, acreditava poder debilitar sua decisão. Talvez raciocinasse que, se você



acreditasse que já tinha traído seu pai, não continuaria conservando a distância. Não se sente adulado?

—Não. Tudo isso me enoja. Como dizia, é quase um incesto. Crê que meu pai sabe o que trama essa mulher?

—Pode ser. Mas está muito doente. Talvez esteja cego a tudo isto.— Acariciou seu rosto. —Ele não teria acreditado, se Janet tivesse dito que você tinha deitado com ela.— Sorriu maliciosamente. —Pode ser que seja um completo parvo, mas nem eu teria acreditado que pudesse agir tão desonrosamente.

—Pagará essa insolência, moça— a advertiu ele, mas seu castigo foi muito do agrado de Storm, que não gritou de dor, mas sim de prazer.

Muito depois, enquanto estreitava seu corpo lânguido entre seus braços, Tavis murmurou:

—Obrigado, Storm.

—Por quê?— balbuciou ela, enrodilhada ao seu lado, saciada e feliz.

—Por me libertar dessa angústia. Tenho até a impressão de que se importa comigo um pouco.

—Que tolo. Anda, durma.

Ele riu docemente e em seguida obedeceu sua ordem. Storm, em troca, resistiu tenazmente ao sono. Assim que sentiu que Tavis caía em um profundo torpor, saiu da cama, vestiu a camisola e o robe e saiu do aposento. Não podia esperar mais: tinha que falar de suas suspeitas a Malcolm.

— O que quer?— perguntou Malcolm ao abrir a porta do Colin.

Storm entrou no cômodo e fechou a porta.

—Sei o que acontece— disse. Viu um copo sobre uma mesinha de noite e o agarrou. —O que é isso?

—É uma poção que a senhora traz toda noite. Não despertou, por isso ainda não a tomou.



—Graças a Deus.— Afundou o dedo no líquido leitoso e o provou. A potência do veneno a surpreendeu. Estava preparado para ser a última dose que tomasse. Colin MacLagan estava sendo envenenado lentamente. —Prove isso.— Inclinou a cabeça ao ver a expressão de horror no semblante de Malcolm. — Está claro que ela decidiu que era hora de acabar com ele de uma vez por todas.

—Lady Janet? — perguntou Malcolm com voz rouca, e Storm assentiu. — Mas por quê?

—Para poder casar-se com meu filho Tavis— disse uma voz débil da cama. Storm e Malcolm deram um pulo, surpreendidos. — Como descobriu, moça? Está segura?

—Sim, meu senhor, estou segura. Sinto muito.

—Não se preocupe, já não me importa. Logo descobri que tinha sido um engano me casar com a Janet. Tem provas de que é ela?

—Não suficiente, mas tenho um plano.

—Vejamos qual é. Me submeteria a essa bruxa, mas não quero que outro sofra com ela.

—Para começar, irá ficar um tempo em jejum para que possamos extrair o veneno de seu organismo e lhe devolver a força.

Colin sorriu.

—Sim? E como, moça?

Storm sorriu e esquematizou, recebendo numerosos louvores por seu engenho. Passaram duas horas antes que pudesse retornar ao seus aposentos. Quando abriu a porta, o quarto estava iluminado e Tavis parecia furioso.

Ao despertar e encontrar a cama vazia, tinha sofrido um ataque de ciúmes. Acendeu quase todas as velas do quarto e esperou a volta de Storm. Quanto mais ela demorava, mais certo estava de que se fora com outro. Quando ela entrou no quarto, levantou-se de um salto da cama e a empurrou contra a porta.

—Onde diabos estava?



—Fui ver o seu pai. Não conseguia dormir lembrando do quanto ele estava mal, mas não pude fazer nada.— Olhou-o nos olhos sem pestanejar, um tanto magoada por suas suspeitas. Olhou seu corpo nu e murmurou: —Mais vale que se deite ou pegará um resfriado.

Tavis se meteu na cama resmungando em gaélico e a abraçou rudemente quando, depois de apagar todas as velas salvo a que ardia junto à cama, Storm se reuniu a ele sob a manta. Tavis soprou a última vela e decidiu não voltar a falar do assunto. Despojou-a da camisola pela segunda vez essa noite e, perdendo-se na sedosa formosura de seu corpo, esqueceu por completo de sua longa ausência dessa noite. Storm fez o quanto pôde para assegurar-se disso: se pretendia que seu plano funcionasse, até mesmo Tavis devia permanecer na ignorância.



Capítulo 9

Reinava em Caraidland uma atmosfera de lúgubre espera. Já fazia três dias, que o senhor do castelo permanecia em jejum, a beira da morte. Nem sequer os mais otimistas podiam ignorar o fato de que Colin MacLagan estava morrendo. Só Malcolm e Storm tinham a entrada permitida nos aposentos do senhor. Ninguém colocava em dúvida a presença de Storm, que por causa dos seus dotes de curandeira era respeitada por todos. Mas ela suspeitava que, se tivessem podido ver além da grossa porta do quarto de Colin, muitos ficariam confusos.

—Acredito que está na hora de sair do jejum— disse, sentada junto a Colin, que melhorava rapidamente. —Creio que já está forte o bastante para encenar a sua própria morte.

Colin riu e brindou a sua saúde com uma jarra de cerveja.

—Estou preparado. Onde será, moça?

—Já que todos do clã sabem que é muito teimoso, para ninguém parecerá estranho que mande que todos venham ao seu quarto para ouvir suas últimas vontades. Acreditarão que despertou de sua agonia com esse propósito.

—Sim, mas não pareço muito são? Pode ser que não acreditem que estou morrendo.

—Isso se arruma com um pouco de pó de arroz e alguma de pintura. — Tirou uma bolsinha. — Seria melhor que Malcolm escondesse todo indício de que recuperou o apetite. Assim que estiver preparado para dar os últimos suspiros, iremos procurar sua família. Ficarei feliz ao ver suas caras de alegria.

—Está segura de que essa harpia se delatará?— indagou Malcolm enquanto arrumava o quarto.

—Oh, sim. Tavis pretende expulsá-la se Colin morrer. Ainda ouvirão os estertores do senhor nos aposentos, quando Tavis lhe disser que recolha suas coisas e se vá. Assim encerramos nosso pequeno golpe.



—É muito ardilosa, pequena. Nunca imaginaria capaz.— Colin riu brandamente.

—Às vezes se faz necessário— resmungou ela enquanto dava os últimos toques na máscara mortuária de Colin. —Pronto. Parece que foi enterrado há uma semana. Pode ser que eu tenha me excedido. Mas não terá que preocupar-se. Preparado para sua atuação, senhor?— Sorriu-lhe. — Reúno o público?

Tavis foi o primeiro a sair ao seu encontro quando entrou no salão. Ao ver sua expressão, Storm se sentiu culpada por suas maquinações. Mas foi só uma pontada fugaz. Sabia que estava fazendo o correto e o necessário. Tinha que desmascarar aquela que tinha tentado matar Colin. Pronunciou o discurso que tinha preparado e conduziu a solene comitiva aos aposentos do senhor do castelo.

Colin jazia apoiado nos travesseiros, com o emagrecimento do rosto acentuado pela luz e a destreza de Storm com o pó e as pinturas. Viu as fisionomias crispadas de seus filhos ao tentarem dominar suas aflições e sentiu remorsos por enganá-los, mas alegrava-se, ao mesmo tempo, daquela prova da lealdade deles. Custou-lhe dissimular sua ira quando fixou os olhos em sua esposa, mas conseguiu, consciente de que um engano podia arruinar tudo que tinham conseguido até o momento.

—Creio que já sabem como desejo repartir meus bens, mas queria repetir mais uma vez diante de testemunhas para que não haja nenhuma dúvida— falou com sua voz adequadamente enfraquecida, quando Storm se colocou ao seu lado. — Ninguém se surpreenderá: que deixo Caraidland e tudo o que contém para Tavis, assim como a casa de Edimburgo e a metade de minha riqueza. Sholto, Iain, vocês podem repartir o remanescente como quiserem. Em meu escritório encontrarão um documento com instruções a respeito de mais algumas pessoas, como Malcolm, aqui presente.

—E eu, querido?— perguntou Janet ao ver que Colin fechava os olhos e não dizia mais nada.

—Deixo o que trazia quando chegou a Caraidland. Nada mais.— Agarrou a mão de Storm. —Arrumem para que essa moça retorne para seus familiares. — balbuciou antes de expirar com um suspiro trêmulo.

Storm ponderou que ele tinha feito muito bem e cruzou os braços sobre o peito.



—Morreu.

Ficou junto à cama para impedir que outros vissem algo suspeito. Com expressão sardônica, viu que Janet rompia a chorar e se jogava nos braços de Tavis. Storm se sentiu mal pelos irmãos, que lutavam visivelmente para conter a agonia. A angústia deles apagou qualquer leve suspeita que Storm pudesse ainda conservar de que um deles estivesse compactuando com Janet.

Tavis resmungou uma maldição e afastou Janet de si.

—Deixe já de fingir, mulher. Se pudesse, a expulsaria daqui em menos de uma hora, mas convém que espere até depois do enterro.

—Expulsar-me?— exclamou Janet. —Como pode ser tão cruel? Não tenho para onde ir, Tavis.

—Logo encontrará um buraco— troçou ele. —Assim sendo deixe de chorar. Ou acaso chora pelo ouro que não lhe deixou meu pai? Não é a dor que causa suas lágrimas. Sei muito bem, como sabem os outros. Você gostava tão pouco do homem com quem se casou que eu não me surpreenderia que tivesse algo que ver com sua morte.

Muito bem, pensou Storm, e seus olhos se moveram com agilidade suficiente para captar o brilho de pânico do olhar de Janet.

Essa sufocou um gemido e levou teatralmente uma mão à garganta.

—Eu não faria tal coisa.

—Não?— grunhiu Malcolm, intervindo no momento oportuno. — Pois, se estiver livre de culpa, se aproxime do cadáver, minha senhora.

—E o que isso provaria?— Perguntou Janet altivamente, mas olhou nervosa para Colin.

—Diz-se que, quando um assassino se aproxima do corpo de sua vítima, o morto faz um sinal. Que se move ou começa a sangrar por uma ferida nova ou antiga. Se importaria de tentar, minha senhora?— Perguntou Storm.

—Isso não é mais do que superstições de camponeses— bufou ela sem mover-se de onde estava.



—Então não pode lhe fazer nenhum mal, não é?— Ponderou Malcolm. — A menos que seja culpada.

Janet o olhou com ira e se aproximou do leito do marido. Storm e Malcolm fingiram se assombrar da mesma maneira que os outros quando o sangue começou a emanar da velha ferida do ombro de Colin, empapando seu camisolão. Estava claro que os três irmãos desejavam negar o que viam seus olhos. Em 1362, desprezava-se tais crenças mágicas, ou era de esperar que assim fosse. Janet empalideceu e se afastou da cama, sacudindo a cabeça.

—Parece que contribuiu com algo na morte dele— disse Storm com ironia, olhando com reprovação para Janet na esperança de que se delatasse ela mesma.

Janet olhou o semblante acusador de todos que a rodeavam. Seu ar de culpa demonstrou ser seu pior inimigo. Voltou-se para Tavis e lhe estendeu as mãos, suplicante. Desde o começo tinha se agarrado à ilusão de que só Colin mantinha Tavis afastado de seu lado. Estava segura de que, uma vez morto seu marido, Tavis daria rédea solta a sua paixão por ela e que, portanto, ajudaria-a. Mas nele não encontrou mais que desprezo e suspeita, inclusive franca repugnância.

—Como pode me olhar assim, Tavis? Não vê? Agora podemos ficar juntos.

A aversão que Tavis sentia se notava claramente em seu rosto.

—Nunca quis estar contigo.

—Isso não é certo!— agarrou-o pela túnica. —Acaso esqueceu a noite em que fizemos amor? Todas as coisas que me disse? Já não é necessário que guardemos segredo.

—Não há nenhum segredo para guardar— grunhiu ele, afastando-a. — Se enfiou em minha cama e eu estava tão bêbado que não pude expulsá-la. Não fizemos nada. Agora sei. Me tomou por tolo, mesmo tentando me enganar, não devia enganar a si mesma. Não a desejava. Nunca a desejei.

—Mas fiz tudo por você. Sabia que nós não poderíamos ficar juntos enquanto ele vivesse— choramingou ela, então gemeu, horrorizada, ao dar-se conta do que havia dito. —Não!

—Estava na poção, verdade?— Perguntou Storm com calma.



—Não! Eu não fiz nada! Estão me confundindo. Não sei o que digo.

—Sabe muito bem— disse uma voz da cama, e Colin se levantou e olhou com ira a sua esposa. Seus filhos ficaram boquiabertos, mudos de assombro, e Janet pareceu a ponto de enlouquecer.

—Não, não, está morto. Ninguém poderia ter sobrevivido à última dose que lhe dei— gemeu, afastando-se da cama com olhos cheios de medo. —Você está me assombrando, isso é tudo.

—Não está morto, Janet. Não bebeu a última poção, a mais forte de todas, destinada a matá-lo de uma vez.

—Enganou-me— gritou ela, cravando seus olhos enlouquecidos em Storm.— Sua prostituta! Inglesa vagabunda!

Antes que pudessem reagir, Janet tirou uma adaga de um bolso escondido entre suas saias e avançou para Storm, que havia se virado para recolocar os travesseiros de Colin. Storm não teve tempo de reagir aos gritos de advertência. Com um grunhido, Janet afundou a faca em seu ombro magro. Tinha apontado para suas costas, mas Storm já tinha começado a voltar-se, e Janet falhou. Storm sentiu uma chama de dor tão forte que perdeu os sentidos e desabou sobre Colin. Mas antes que Janet pudesse tentar pela segunda vez, Malcolm a golpeou com o atizador da chaminé. Janet caiu no chão sem emitir um gemido. O sangue brotava da ferida de sua têmpora.

—Está morta?— Perguntou Colin enquanto amparava Storm e procurava estancar a hemorragia com a roupa da cama. —Bom golpe, Malcolm. Mas poderia ter reagido com mais pressa.

—Está morta— disse Iain depois de examinar Janet.

—Como está Storm?— Indagou Tavis ao mesmo tempo em que se inclinava sobre a moça ferida. —É grave, Malcolm?

—Não tanto como poderia ter sido— ele resmungou e, depois de rasgar o vestido de Storm, lavou a ferida. —A faca deveria cravar-se no meio de suas costas, mas ela se afastou a tempo.



—Então foi uma farsa— murmurou Sholto, aproximando-se dos pés da cama de seu pai.

—Sim. Foi idéia da moça. Adivinhou que a enfermidade que me afligia não era natural.

—Como conseguiu que a ferida sangrasse?— Perguntou Iain.

—Com uma bexiga de porco cheia de sangue de frango e colocada sob meu braço. A abertura apontava para meu ombro. Só o que tive que fazer foi apertá-la um pouco para que parecesse que essa velha ferida sangrava de novo.

—Durante certo tempo estive a beira da morte, não é? — Comentou Tavis, contendo Storm sobre a cama para que, a despeito dela estar inconsciente, não se movesse enquanto Malcolm suturava o corte.

—Não. Isso também foi idéia de Storm. Assim tive tempo de me recuperar, de restaurar energias.

—Como descobriu que estava sendo envenenado?

—Conhecia os sintomas, Sholto— respondeu Colin. —Lamento muito ter ocultado isso tudo, mas acreditamos ser preferível. Desse modo atuáramos com naturalidade e seria mais provável que Janet confessasse a verdade.

—O veneno estava na poção que lhe dava?

—Sim, Tavis. Era arsênico, um veneno muito antigo. Uma morte lenta, para que parecesse que morria de consumo sem despertar suspeitas. Era um plano muito ardiloso. E quase funcionou.

—Pergunto-me como a moça soube o que era. Não é algo que todo mundo saiba — disse Iain.

—Foi assim que sua mãe morreu — disse Malcolm enquanto acabava de enfaixar Storm. —Descobriram muito tarde. Ela era uma mulher muito delicada e não teve forças para resistir ao veneno, como meu senhor teve. Foi uma mulher. Imagino que chegou à conclusão de que já era hora do senhor de Hagaleah se casar outra vez.

Tavis recordou de repente uma voz infantil dizendo:



—O próprio de uma dama é pôr um pingo de veneno na comida. É muito mais refinado.— Já tinha sentido no passado o tom amargo de Storm. Agora entendia. Enquanto afastava o cabelo de seu rosto acalorado, perguntou-se como era possível que tivesse sofrido tanto e mantivesse sua inocência e seu otimismo intactos. A vida não a tinha tratado muito bem.

—Eu não gosto de sua cor, Malcolm— disse com os olhos fixos no rosto de Storm.

—Leve-a para cama, moço— ordenou Malcolm brandamente. —Esperemos que só seja o susto. Não posso fazer mais nada, salvo trocar a bandagem e manter a ferida limpa.

—É uma lástima que não tenhamos a receita desse ungüento que ela me deu faz anos— disse Colin ao ver que seu filho levantava Storm como se segurasse um vaso de cristal muito fino.

—Pode ser que Phelan saiba— disse Tavis, e saiu do quarto com sua preciosa carga.

Colin fixou o olhar em Malcolm.

—Faça tudo o que puder pela moça.— Depois de que Malcolm partiu, sorriu para seus dois filhos mais novos. —Bom, o que pareceu a minha milagrosa ressurreição?

—Não crie muitas ilusões — respondeu Iain com ironia, mas seu sorriso sumiu um instante depois. — Pode ser que me engane, e Deus sabe que eu gostaria que assim fosse, mas acredito que nosso Tavis está bem preso, embora provavelmente não saiba.

—Sim, receio que assim seja. — Colin começava sentir-se um pouco cansado. — Sentirei por ele, mas não posso fazer nada. Estou muito cansado, rapazes. Levem essa mulher para o cômodo dela e se encarreguem de que a preparem para o funeral. Eu gostaria de ter mantido tudo isso em segredo, no entanto desconfio que, havendo um apunhalamento e uma morte, não poderá ser.

—Faremos o que pudermos — prometeu Sholto enquanto levavam o corpo de Janet. —Agora descanse.



—Me mantenham informado como está a moça— disse Colin brandamente quando partiram. —Sei que lhe devo a vida.



Isso foi o que pensaram quase todos em Caraidland quando eles tomaram ciência do ocorrido nos aposentos do senhor do castelo. Quem antes desprezava Storm por sua origem, ficaram fielmente do seu lado. Colin era um senhor muito querido, e seu clã só podia desejar o bem da jovem que lhe tinha salvado a vida. Ninguém chorou por Janet, que tinha feito muito pouco para granjear o favor do clã de seu marido. Todos fizeram o que estava em suas mãos, para ajudar Storm a recuperar-se, mesmo que fosse somente incluí-la em suas preces, e a ninguém pareceu estranho fazê-lo.

Tavis levou Storm ao quarto, despiu-a e a colocou na cama. Estava assustado por ela, mas não se deteve para pensar nisso. Simplesmente, aceitou que fosse assim. Storm tinha perdido muito sangue antes que a hemorragia fosse estancada. Tavis só via o quanto ela era pequena, e o angustiava que talvez não pudesse se recuperar. Quando Phelan e Malcolm chegaram, deixou-a com eles e foi beber algo forte. O dia tinha sido muito longo e muito cheio de surpresas para seu gosto.

—Como está a senhorita?— perguntou Iain, lhe dando uma jarra cheia de cerveja.

—Não sei. Continua inconsciente. Phelan e Malcolm estão fazendo o que podem. — Tavis deu um longo trago. —É tão delicada... E a ferida é profunda, perdeu muito sangue.

—Sim, mas Storm é forte— disse Sholto.

Tavis se sentou à mesa.

—Não consigo acreditar que Janet tentou matar Colin— disse Donald. — Devia estar louca.

—Acredito que estava um pouco sim. Iain sacudiu a cabeça. —Se iludiu de que Tavis e ela iriam dirigir Caraidland depois da morte de Colin. Pensava que o que



se interpunha entre Tavis e ela fosse nosso pai. — Fixou o olhar em Tavis, exigindo explicação. — De que noite falava?

Na mesa só havia membros da família, homens em quem podia confiar.

— Bom — explicou Tavis, — passei perto de seis meses pensando que fizera o que Janet dizia. Às vezes me sentia tão culpado que não podia olhar nos olhos de nosso pai.

— Como descobriu que estava mentindo? — perguntou Angus.

— Storm me fez repassar tudo o que aconteceu naquela noite. Massageou-me o pescoço e as costas até ficar sonolento, então comecei a falar. — Recordou algo e acrescentou com assombro: — Aprendeu com um infiel. Sem tensão, minhas lembranças afloraram e recordei que Alex me ajudou, me colocando na cama. Ele varreu minhas últimas dúvidas me dizendo que eu não poderia ter feito amor com nenhuma mulher. — Sacudiu a cabeça. — Creio que Janet acreditou nas suas próprias mentiras. Quase perdi o juízo.

— As mulheres e você... — falou Angus, e soaram as primeiras risadas que se ouviam em Caraidland desde os últimos três longos dias.

Tavis passou um dia muito ocupado, mas de vez em quando, fazia uma pausa em seus afazeres para ir ver como estava Storm e informar ao seu pai sobre estado dela. Essa noite, quando foi dormir, Storm tinha pouca febre e ele começou a relaxar. Enfiou-se na cama com cuidado para não incomodá-la, mas ela tinha os olhos abertos quando se virou para olhá-la.

— Janet tentou me matar, verdade? — sussurrou, rouca pela dor que a ferida do ombro parecia irradiar através de todo seu corpo.

— Sim, pequena. — Afastou-lhe suavemente o cabelo do rosto e sentiu alívio ao comprovar que estava relativamente fria.

— Santa Mãe de Deus, como dói — gemeu ela. — É muito grave o corte?

— Poderia ter sido muito pior, carinho. Essa harpia tentou lhe dar um golpe mortal pelas costas.

— Foi minha culpa. Deveria ter previsto isso. Sim, deveria ter me dado conta de que não era boa idéia dar as costas a uma assassina.



—Já previu o suficiente, acredito eu.— Viu seu fugaz olhar de preocupação. — Não estou zangado contigo por ter mantido segredo, pequena. Foi melhor. Não somos atores e poderíamos atrapalhar tudo. Estou muito agradecido por ter salvo a vida do meu pai.— Sorriu ao ver que ela se ruborizava e afastava o olhar, envergonhada. —Tem que deixar de salvar os seus inimigos.

Ela esboçou um débil sorriso.

—Não podia permitir que ele morresse assim. E acredito que para meu pai também pareceria errado. Colin é um guerreiro. Deveria morrer lutando valorosamente, não consumir-se por culpa do veneno preparado por uma esposa traidora.

—Sim, assim deverá ser. Janet morreu, pequena. Malcolm lhe deu um golpe com o atizador.

Storm ficou calada um momento.

—Não sei como pôde casar-se com Colin se lhe queria tão pouco. Ninguém a forçou. O matrimônio não foi arrumado.

—Não. Seduziu-o e se casou com ele em Stirling. Era de uma família pobre e não tinha dote. Meu pai lhe oferecia a riqueza e a posição que não podia conseguir de outro modo. Ele se deu conta muito tarde que era isso o que Janet via nele. O enganou. Meu pai já não é um homem jovem. Imagino que o lisonjeou pensar que uma mulher tão jovem e bonita o achava atraente. Foi vítima de um jogo muito antigo.

Storm percebeu a amargura de seu tom.

—É um cínico— murmurou. — É uma pena que Janet fez isso, porque creio que existem excelentes mulheres, de idade mais próxima a de seu pai, que teriam dada graças a Deus todos os dias por casar-se com um homem como ele. Há muitas viúvas. Colin gosta de ter esposa. Não é um libertino, como você— acrescentou, recuperando momentaneamente seu humor de sempre.

—Pode ser que ele ainda encontre uma boa mulher que lhe faça companhia na velhice.

—Seria melhor que dissesse isso com um pouco mais de convicção.



—Não posso. Ainda não conheci uma boa mulher.

—Se não estivesse tão fraca, pagaria caro essa afronta, Tavis.

—Que sorte a minha, então— brincou ele. — Durma, pequena. Precisa descansar para ficar bem.

Storm obedeceu sem pestanejar. Além da dor que sentia, estava cansada e sonolenta, e essa breve conversa a tinha deixado sem forças. Surpreendeu-lhe o carinho com que Tavis a abraçava, estreitando-a contra ele o suficiente para reconfortá-la com sua força, mas com cuidado de não lhe fazer mal. Era agradável sentir-se tão mimada por ele, embora seus motivos para fazê-lo não fossem os que ela queria.

Desejava estar em casa, a salvo, com seu pai, e que lady Mary se fosse com sir Hugh. Não era infeliz em Caraidland. Adequou-se, de fato, muito bem ali. Sabia que o seu maior perigo era Tavis. Cada dia que passava mais se apaixonava por ele. Ao ficar ali deitada, compreendeu que, comparado com o sofrimento que lhe ocasionaria amar Tavis MacLagan, a dor que sentia nesse momento não era nada.

A noite foi longa. Embora não tivesse febre e parecia a salvo de infecções, a dor não lhe permitia descansar. Tavis despertou várias vezes ao ouvi-la gemer e revirar-se. Tranqüilizou-a, olhou o seu curativo e numa ocasião lhe deu uma poção medicinal para aliviar a dor. À manhã seguinte obteve sua recompensa: Storm estava com a fronte fresca e sua ferida parecia intacta.

Ao vestir a túnica para sair do quarto, deteve-se para observá-la. Dormindo parecia uma menina. Suas densas e curvas pestanas faziam sombra sobre as suas bochechas delicadas, e seus os lábios carnudos estavam levemente entreabertos. Nunca deixava de lhe surpreender que uma mulher tão miúda e de aspecto tão inocente fosse capaz da paixão que demonstrava em seus braços. Storm era uma surpresa constante.

Deu-lhe um beijo na testa e em seguida saiu rapidamente, um pouco envergonhado por aquele gesto de ternura que ninguém presenciara. Sentiu que novamente estava em apuros, que Storm ameaçava os sentimentos que tinha conseguido enterrar com tanto êxito. Embora se desse conta disso, não podia separar-se dela. Sem sequer tentar Storm o atraía para seus braços, como nenhuma outra mulher.



Capítulo 10

Storm fez uma careta ao tentar escovar o cabelo. A ferida curava bem, mas estava muito recente. Não era o medo que voltasse a abrir-se que a fazia proceder com cautela, e sim uma pontada de dor que sentia com frequência. Estava decidida, entretanto, a descer para jantar no salão. Não suportaria passar outra noite deitada na cama, olhando o teto e perguntando-se o que estariam fazendo os outros.

Recebera visitas. Colin tinha ido jogar xadrez com ela. Tinha passado muito tempo tentando ensinar Angus a jogar cartas. Sholto e Iain foram algumas vezes entretê-la com bobagens, apesar de que Tavis parecia não gostar. Ele passava todo o tempo que podia com ela, como Phelan. Havia, além disso, outras pessoas que entravam e saíam, mas, contudo, estava aborrecida. Era ficar confinada em seu quarto que a exasperava, e tinha decidido pôr fim naquela clausura.

—Deixe que a ajude, prima— se ofereceu Phelan, tirando a escova da sua mão, —Sei fazê-lo.

—Sim, seria uma boa aia para uma dama — brincou ela com um sorriso, e os dois riram.

—Não está tão mal aqui.— O menino começou a trançar o cabelo. —Os homens estão me ensinando muitas coisas.

—Me alegro, Phelan. Foi uma pena que meu pai precisou partir, e por isso não pôde lhe ensinar nada.— Suspirou ao ver que Phelan começava a fazer a segunda trança. —Oxalá lady Mary fracasse em seus planos.

Phelan assentiu com a cabeça, muito sério. Embora não tivesse lidado muito com lorde Eldon, aquele homem de voz áspera, engenhoso e jovial tinha sido simpático desde o começo. Sabia, além disso, quanto causava aflição em Storm, imaginar perder o seu pai, e a última coisa que desejava era que sua querida prima sofresse.

Quando ambos entraram no salão, alguns minutos depois, Tavis se aproximou dela em seguida. Notou que ela estava muito bonita, com aquele vestido dourado que realçava a cor de seus olhos. Já que não pôde convencê-la a ficar em seu quarto,



desejou que ao menos estivesse feia ou abatida. Tinha convidados para jantar e não queria que estivesse tão atraente.

—Continuo achando que é muito cedo para se levantar— disse, tocando suas tranças presas num coque.

—Tavis, fui ferida no ombro, não cortaram as minhas pernas— respondeu ela com calma, mas sorriu e piscou um olho ao Colin, que lhe deu uma jarra de cerveja.

—Menos mal— respondeu Tavis com ironia, e olhou com desejo suas pernas esbeltas.

—Sua vulgaridade apenas excede sua presunção— disse altivamente, mas seus olhos brilhavam, alvoroçados. —Realizam uma festa? Estão todos muito bem vestidos.

—Surpreendeu-se, verdade? Parece-me, minha senhora, que nos considera pouco menos que caipiras e piratas, mas, além de violar e saquear, temos algumas outras habilidade.— Tavis respondeu ao seu cenho franzido com um sorriso.

Phelan o olhou com inocência.

—Sim. E vocês adoram escutar os gritos das mulheres que atacam.

—Phelan!— Storm teve que fazer um esforço para segurá-lo. Tinha vontade de rir, como outros. —Isso não é assunto de brincadeira— disse com o adequado tom de recriminação, apesar de que seus lábios lutavam para reprimir um sorriso. — Só perguntava se celebram algo em especial porque não queria incomodar.

—Não, você não incomoda, senhorita. Fará companhia a Maggie, a mulher de Angus, e a Helen, a esposa de lorde MacDubh. Eles e seu filho Alexander são nossos convidados. Somos velhos amigos. Ah, Angus chegou— murmurou Colin.

Maggie, a esposa de Angus, era uma mulher bonita e roliça cuja cara risonha contrastava vivamente com o azedo semblante de seu marido. Tinha algumas mechas brancas entre o cabelo escuro, mas Storm sabia que ainda estava em idade de procriar porque acabava de dar a Angus um quarto filho varão, e já se levantara da cama. Seus olhos azuis, transbordantes de bom humor, tinham uma expressão sincera e amável.



—Alegra-me ver que já saiu de seu quarto, menina— disse para Storm com um sorriso.

—Sim, é maravilhoso estar livre finalmente — exclamou Storm teatralmente.
— Estou feliz por ter me libertado das algemas que prendiam meus pobres membros.
— Respondeu ao olhar sorridente de Maggie com um semelhante. — Naturalmente, planejarei vingança. Tenho tudo esquematizado.

—Não me surpreende. Posso lhe perguntar qual é o seu plano? — Maggie sabia, pelas coisas que Angus tinha lhe contado, que iria gostar daquela jovem inglesa de olhos cor de âmbar.

—Bom, quando ele estiver na cama roncando...

—Eu não ronco — protestou Tavis, mas tinha um olhar divertido.

—Pintarei-o de azul — continuou Storm como se Tavis não tivesse dito nada.
— De azul claro.

—De azul claro? — indagou Maggie com voz um pouco engasgada.

—Sim. Desde o começo me pareceu que ele era um pouco moreno demais. — Maggie e ela puseram-se a rir.

—Angus, não sabia que sua mulher tinha um senso de humor tão distorcido quanto o de meu pai — disse Tavis com ironia, lançando um olhar a Colin, que tentava conter a risada.

—É algo que tento manter em segredo, como uma deformidade.

—Angus! — exclamou Maggie, rindo. — Deveria ter vergonha de falar assim de sua esposa. Ah! Os convidados.

O bom humor de Tavis se dissipou imediatamente, ainda que se mostrasse extremamente cortês quando chegaram os MacDubh. Assim que Alexander MacDubh olhou Storm com admiração, começou a bolar um modo de fazê-la regressar para seu aposento o mais rápido possível. Nenhuma só vez chamou de ciúmes o que sentia. Convencia-se que aquele afã possessivo era natural. Storm Eldon era dele até que retornasse a Hagaleah e o que era dele, era dele.



Storm cumprimentou lorde e lady MacDubh com todo o respeito que mereciam em sua posição. Pensou sem poder remediar que pareciam gêmeos: ambos eram baixinhos, rechonchudos e de cabelo grisalho, lorde MacDubh era jovial e afável e sua esposa tímida e calada. Logo se voltou para olhar ao seu filho, Alexander, e ficou atônita.

Achava que nunca tinha visto um homem tão belo, e se perguntou fugazmente como era possível que aqueles pais tão prosaicos e roliços tivessem gerado um filho tão alto e apolíneo. Sua cabeleira loira, abundante e ondulada, coroava uma fisionomia de proporções e tez tão perfeitas que parecia lavrada em mármore pelo mais fino escultor. Tão alto como Tavis, Alexander tinha um corpo que seria a fantasia de qualquer mulher. Seus olhos verdes claros brilharam com admiração ao encontrar-se com os seus, e Storm sentiu que ruborizava ligeiramente. Alexander MacDubh gotejava sensualidade e Storm notou com surpresa, mesmo amando Tavis, que algo se agitava dentro dela. Eis aqui um homem que poderia abalar uma freira, pensou, e prontamente pediu desculpas a si mesma por semelhante irreverência. Um instante depois pensou que tanta perfeição era quase repulsiva, então deixou de sentir-se atraída por ele.

Fosse qual fosse seu nome, o monstro dos olhos verdes começava a apoderar-se de Tavis. Ao ver o olhar levemente enevoado de Storm, e ao notar que ruborizava, rilhou os dentes. O êxito de Alexander MacDubh com as mulheres, o efeito que provocava nelas, era quase legendário. Tavis notou que Storm passava rapidamente a engrossar a fila de suas admiradoras e, fazendo caso omissos do fugaz olhar sardônico de Alex, apoiou a mão sobre o esbelto braço de Storm com ar possessivo.

Embora um pouco espantada pelo gesto de Tavis, Storm não parou para refletir sobre isso. Achou graça que Phelan e ela fossem tratados como convidados e não como reféns que eram. Os MacDubh eram muito educados para manifestar aquela incoerência e seguiram a premissa dos seus anfitriões. Mas, em que pese como a tratavam, ninguém esquecia quem era, como demonstrou em seguida a conversa.

Cada vez que os comensais começavam a falar de assuntos que podiam interessar ou servir de ajuda a seu pai, a conversa parava bruscamente e recomeçavam com outro tema. Storm pensou que devia sentir-se incômoda, mas não era assim. Afinal de contas, haviam convidado-a. Contudo, decidiu retirar-se para seu



quarto o mais cedo possível. Não lhe parecia justo, nem cortês, ficar sabendo que sua presença refreava todos.

Ao acabar o jantar, as mulheres se retiraram para um canto afastado do salão. Phelan acompanhou as três damas e se sentou numa poltrona, diante da lareira, junto de Storm. Ela descobriu em seguida que lady MacDubh não era tão tímida como aparentava. Afastada dos homens, perdia sua insegurança.

—Sinceramente acha que sua madrastra pensa negar-se a pagar o resgate? — perguntou lady Helen. — Ela não teme a ira de lorde Eldon quando descobrir o que fez?

—Se ele descobrir. Caso o meu pai retorne da França, custará menos crer que me aconteceu alguma desgraça ou que os MacLagan, por razões desconhecidas, não respeitaram os costumes sobre os reféns, do que acreditar que a sua esposa deixou sua única filha abandonada aos caprichos do destino.

Maggie assentiu solenemente com a cabeça.

—Por mais desastroso que seja seu casamento, não irá acreditar.

—Mas deixá-la aqui para que... para que Tavis...— Lady Helen se ruborizou e ficou calada.

— Para que Tavis me use? — concluiu Storm. — Não é nenhum segredo no castelo que é assim, minha senhora. E não tenho dúvida de que a esposa de meu pai desfruta imaginando tal possibilidade. Desculpem que fale assim, mas é uma mundana por nascimento. Minha inocência sempre lhe pareceu uma aborrecimento.

Lady Helen sentiu curiosidade pela calma com que Storm parecia aceitar as coisas.

—Mas não sente vergonha? — perguntou sem recriminação.

—Por que, minha senhora? Do que serviria? Desde a primeira noite, não havia escapatória para mim. Não voltarei a ser donzela. Não pedi o lugar que agora ocupo, assim por que devo me flagelar por isso? Não me joguei aos pés de Tavis nem lhe supliquei que me tomasse.

Maggie soltou uma risada e Storm sorriu.



Em seguida deixou escapar um suspiro.

—Em Hagaleah não estava a salvo. A esposa de meu pai já tinha escolhido um marido para mim, um de seus amantes desprovido de fortuna.— Assentiu com a cabeça em resposta ao gemido de surpresa da outra dama. — Eu me neguei, naturalmente, mas ele pensava em me desonrar, inclusive me deixar grávida, para obter seus fins. Por mais impudico que pareça, prefiro que Tavis MacLagan me use a que sir Hugh Sedgeway o faça. O bom sir Hugh prefere infligir dor a dar prazer.

—Ah. É um de esses.— Lady Helen meneou a cabeça. —As coisas são difíceis para uma mulher que não tenha a disposição quem a defenda.— Franziu o cenho. — Tavis não pensou na vingança que lorde Eldon tentará cobrar quando retornar?

—Os MacLagan e os Eldon estão sempre a guerrear. Essa batalha ao menos terá uma causa mais tangível. E, além disso, meu pai é um homem razoável. Se conseguir falar com ele primeiro, poderei evitar um verdadeiro massacre. — Storm encolheu os ombros. — Mas os homens gostam da guerra. É sua vida.

—Isso é certo— suspirou Maggie, e olhou para Phelan. — E para essa vida treinam os meninos. Eu sofro por Angus cada vez que ele sai para um confronto. É duro vê-lo partir sabendo que talvez não volte vivo.

—Quase sempre a contenda é contra os Eldon, no entanto parecem simpatizar com a filha de lorde Eldon — disse Lady Helen.

—Mas— disse Phelan, — não poderia ser porque eles sabem que Storm sofre também quando nossos guerreiros vão combater os MacLagan? Tenho certeza que nenhuma das duas pode fazer nada para evitar a guerra.

—Sim— disse Maggie. —E esse é um vínculo muito forte entre nós. Tão forte que pouco importa quem sejamos.

—Compreendo.— Lady Helen observou à delicada moça inglesa sentada em frente dela. —Desejo perguntar, mas isso talvez pareça atrevido ou impertinente, mas pode matar minha curiosidade. Você já está aqui há algumas semanas, quase todo o tempo com Tavis. Vivendo com ele em tal... intimidade...— Ruborizou-se... — não corre o risco de se apaixonar por ele?

Storm sorriu de soslaio e disse:



—Existe toda a possibilidade desse mundo, minha senhora. É o que mais receio — acrescentou, abstendo-se de assinalar que aquilo já tinha ocorrido há muito tempo.

Maggie desviou habilmente a conversa para assuntos domésticos. Notando que os homens se puseram de pé e se reuniram em pequenos grupos, Phelan escapuliu para se reunir com eles. Pouco depois de sua escapada, Maggie também se desculpou: estava amamentando o seu filho recém-nascido e estava quase na hora de voltar a lhe dar o peito. Storm ficou a sós com lady Helen e logo comprovou que as conversas de salão diferiam muito pouco de um ou de outro lado da fronteira. Lady Helen, que tinha sido dama na corte escocesa, falava pelos cotovelos.

Quando Alexander MacDubh se aproximou e lady Helen se juntou ao seu marido, Storm se sentiu menos a vontade. Aquele homem tinha tantas coisas a seu favor que a afligia. Não gostava daquela sensação. Olhou Tavis em busca de auxílio, mas franziu o cenho: apesar de que tivesse a sensação de que ele estava observando-a, agora parecia alheio a sua presença. Afastou-se discretamente de Alexander quando ele se sentou ao seu lado.

Tavis permanecia atento a Storm, sabia onde ela estava e com quem. Depois do acontecido com Mary, Alexander e ele tinham compartilhado os favores de muitas mulheres. Principiaram uma competição para ver quem as seduzia primeiro, ou se podiam arrancá-las dos braços um do outro. Desde o tempo de Mary, o fato de que Alexander se deitasse com as mesmas mulheres antes ou depois dele, ou inclusive ao mesmo tempo, tinha-lhe parecido um simples aborrecimento. Até agora. Agora, por razões que se negava a examinar com atenção, importava-lhe muito mais que com Mary.

—O que lhe parece a vida desse lado da fronteira, minha senhora? — perguntou Alex, inclinando-se para ela.

Storm sentiu que a voz suave e profunda a acariciava e quase sorriu: aquele homem era um instrumento perfeito de sedução.

—Não é muito diferente do lado inglês. As pessoas e suas maneiras diferem muito pouco.

—Mesmo assim, se alegrará em voltar para seu lar.



— Não alegraria qualquer um em minha situação? — perguntou ela com calma.

—E qual é exatamente sua situação, senhorita Eldon? — Seu olhar a acariciou sutilmente.

—Acredito que sabe muito bem, senhor.— Desejava que ele não estivesse tão perto, mas não havia mais espaço na poltrona para afastar-se, e não podia incorrer na grosseria de levantar-se de repente. Ao menos, ainda não.

—É uma prisioneira que tratam como fosse uma convidada. Deve admitir que é algo desconcertante.

—Não me parece isso. Não represento nenhuma ameaça para um homem forte. Há pouca possibilidade de que tente escapar pela força ou tome reféns. As correntes podem ser invisíveis, mas existem.

—Talvez não sejam só as correntes do cativeiro, mas também as do amor — disse ele brandamente.

—Está se excedendo, senhor. Refém ou não, continuo uma dama e mereço respeito.

Alex esboçou um sorriso: aquela moça era de uma coragem rara. Achava-se numa situação que deveria estar privada de sua dignidade, e entretanto a conservava intacta. Carecia, além disso, de afetação. Não se ruborizava, nem tentava negar a realidade que todo mundo já sabia. Simplesmente, manifestara sua falta de tato por referir-se a isso.

—Só desejo me assegurar do que o que ouvi é correto, porque pensei lhe oferecer uma alternativa.

—Entendo que precisasse de confirmação, mas agora me fale dessa alternativa. Estou curiosa.

—Os MacDubh são amigos e parentes dos MacLagan. Há muito tempo. Poderia falar com Colin, convencê-lo de que você ficaria melhor conosco.

—E ficaria? — pensou vagamente que era injusto que um jovem tivesse tantas coisas a seu favor.



—A trataríamos como a dama que é, uma dama de elevado berço. Eu seria um cavalheiro em todos os momentos.

—Acredita que Tavis não me trata como uma dama? — Sentiu que o seu oferecimento correspondia a algo mais do que o desejo de sua companhia ou o afã de defendê-la de um tratamento injusto, mas não adivinhava o que era.

—Acredito que não, porque, sejamos francos, minha senhora, ele desonrou-a.

Storm pensou um momento em pô-lo em seu lugar, mas decidiu que seria um completo absurdo agir como se Tavis e ela não estivessem compartilhando a cama, como todo mundo sabia.

—E você não o teria feito?

—Não tenho costume de forçar uma dama.

Seu tom deixava entrever que não precisava fazê-lo, e Storm teve que concordar.

—Quem disse que Tavis me forçou? Vê algum indício de que ele tenha sido violento comigo? Não tenho hematomas, nem marcas de grilhões. Acaso lhe pareço assustada?

—Está dizendo que se entregou a ele voluntariamente?

—Não, mas tampouco fui maltratada. Diga a verdade, senhor: se eu fosse com você, não tentaria me atrair para sua cama? Não estaria trocando um sedutor por outro?

Alexander olhou seus olhos grandes e ambarinos, desprovidos de artifício, e quase sentiu ódio de Tavis MacLagan. Storm não usava artimanhas, nem fingimentos. Possuía, em troca, a franqueza de um homem. A paixão que Alexander adivinhava em sua boca carnuda e nas linhas sutis de seu corpo se manifestaria com a mesma honestidade que todo o resto nela. Tavis estava gozando daquilo, e Alex também queria saboreá-lo. Começava a pensar, entretanto, que nunca o obteria: o instinto lhe dizia que Tavis, tivesse conhecimento ou não, não estava usufruindo unicamente da resposta natural de uma mulher apaixonada às carícias de uma mão experiente. Alex duvidava que Tavis estivesse consciente disso. Em tais questões, às vezes era muito mais fácil que outros que vissem o que acontecia.



Tocou ligeiramente as grossas tranças de Storm e disse:

—Não faria nada para colocá-la num lugar que não quisesse estar.

—Mas nem por isso deixaria de tentar que eu desejasse estar nele.

Alex riu brandamente.

—Qual o homem não se arriscaria a conquistar uma dama tão encantadora? — perguntou.

—Pedi-me que fossemos francos um com o outro, assim sendo admito que sem dúvida me acharia em sua casa na mesma situação em que me acho aqui. Creio que você é muito consciente de seu encanto, assim como do efeito que causa. Como tenho a impressão de que não lhe falta experiência com as mulheres, estou segura de que saberia perfeitamente como empregar as sutis artes da sedução. Não creio que eu aumente nem um pouca a sua presunção, ao afirmar que está convencido do seu êxito ou confia que estará. Falando claramente, agora seria mais fácil, já que não sou mais donzela e, portanto, já não tenho medo que me domine, a não ser do desconhecido que diminua a minha resistência.

—Fala com muito honestidade, minha senhora. Eu lhe ofereceria, não obstante, uma alternativa.

—Não, senhor. Só me ofereceria uma mudança. Pode ser muito sutil, mas tudo se limita a mesma coisa: eu, a primogênita e única filha de um senhor da fronteira inglesa, solteira e provavelmente agora impossível de casar, compartilharia a cama com um bandido escocês. Ao menos agora estou com gente que conheço, e pode ser que meu pai me perdoe.— Sorriu. —Não sinto desejo de trocar o conhecido pelo desconhecido por que afinal é tudo transitório. Ao menos assim, quando retornar a minha casa, poderei dizer sem faltar com a verdade que apenas um homem me desonrou.

Alex pegou sua mão e beijou sua palma, mas não a soltou.

—Senhorita Eldon, é uma mulher muito bela e inteligente. Uma combinação que faria tremer qualquer homem.— Conteve o fôlego quando ela riu. —Ah, e sua risada é tão formosa que poria de joelhos qualquer homem!



O calor de seus olhos e sua forma de olhar sua boca fizeram faltar o ar em Storm.

—Está tentando a sedução comigo, senhor, não sei se é sensato que o faça. — Surpreendeu-o olhando Tavis, e reparou que ele os observava, então compreendeu de repente por que Alex a desejava. — Não acha que já tenho problemas suficientes sem que me converta em peão de um jogo entre homens?

Pela primeira vez, em muito tempo, Alex sentiu que a ardência da vergonha inundava suas bochechas.

—Numa mulher, a acuidade de percepção é quase tão inquietante como a lógica. Despoja-me de minha virilidade, senhora.

Ela riu brandamente.

—Isso é impossível, senhor. Só uma espada poderia fazê-lo. — ruborizou-se e sufocou um gemido de assombro ao dar-se conta de seu atrevimento, mas Alex irrompeu numa gargalhada.

Acariciou ligeiramente com os dedos sua bochecha ruborizada.

—Tavis e eu compartilhamos mais de uma mulher. Faz tempo que para nós é uma espécie de jogo, ver qual dos dois seduz antes uma dama ou a rouba do outro. Estamos assim há quase cinco anos.

Vendo ali algo mais que uma simples competição, Storm olhou para Tavis.

—Nada mais?

Ele voltou a levar sua mão aos lábios.

—Isso não empana meu desejo por você, Storm Eldon.

—Obrigado, senhor, mas não é isso ao que me referia. Há algo mais por trás desse jogo que se entregaram.

Alex suspirou.

—Sim, há, mas principalmente por parte de Tavis. Há cinco anos havia uma dama, embora duvide em chamá-la assim. Tavis acreditava que a amava.— Alex observou com pouca surpresa as expressões que desfilavam pelo semblante de



Storm. — Eu também já me vi nessa situação, de modo que estou consciente de que para ele era quase uma santa. Surpreendeu-nos juntos. Nunca me reprovou, porque sabia que me limitei a tomar o que me oferecia, mas um desengano assim é difícil de esquecer. — Sorriu-lhe brandamente. — Mas o passado não deve nublar nosso futuro.

—O futuro de Storm não é seu assunto, Alex. Senhora, acredito que perde de vista o que é: uma refém, não uma convidada. Está na hora de que volte para seus aposentos.

Storm deu uma olhada para aqueles olhos azuis que eram puro gelo, mas comparados com as gélidas palavras de Tavis elas quase pareciam cálidos, e refreou a resposta irada que tinha na ponta da língua. Fazendo um escudo com a dignidade, levantou-se, desejou boa noite a Alex e seguiu Angus para seu quarto.



Capítulo 11

Do ponto de vista de Tavis, Alexander estava conseguindo seduzir Storm. Aos seus olhos, os sorrisos de ambos, suas risadas e seus sussurros pareciam uma impudica paquera. Todas as espiadas que de vez em quando Alex lhe lançava, pareciam carregadas de más intenções. Estava seguro de que Storm estava sucumbindo aos encantos de Alex, como faziam sempre as mulheres.

Ao vê-la partir, depois de lhe dizer aquelas ásperas palavras, tomou ciência de que a tinha ofendido, além de zangá-la. A expressão gélida de seus olhos e a rigidez de seus movimentos deixavam claro. Não estava seguro, entretanto, de lhe ter feito algum mal, e isso o fazia sentir-se estranhamente incomodado. Acreditava ter distinguido um brilho de dor em seu rosto antes que se fechasse para ele, truque este que detestava.

—Não sabia que fosse tão duro com as mulheres, Tavis— disse Alex com ironia.

—É minha refém, não uma moça da corte com a qual possa brincar ao seu desejo.

—Também é sua amante— replicou Alex brandamente. O ciúmes de Tavis lhe parecia fascinante.

—Sim, e dessa não vai desfrutar, MacDubh. Achou que iria afastar-me para poder passar a noite com ela, ou provavelmente que eu iria mandá-la ao seu quarto para usá-la ao seu bel-prazer? Há pouco que ganhar seduzindo-a.

—A verdade é que lhe ofereci esperar pelo seu resgate em nosso castelo. Pensava explicar a Colin.

Tavis soltou uma risada azeda.

—E naturalmente prometeu não lhe pôr as mãos em cima.

—Não, só me comprometi a tratá-la como o que é: uma dama. Isso, e a deixar escolher compartilhar ou não minha cama, coisa que acredito que você não tenha



feito, meu amigo. Limitou-se a se apropriar dela, sem perguntar e sem esperar um convite.

—Como faria qualquer um com uma refém tão apetitosa. Vai ficar aqui até chegar o momento de devolvê-la a Hagaleah.

—E quando será isso? Está claro que têm muito pouca pressa em conseguir o resgate.

—Esse momento chegará, embora tenhamos que esperar que o seu pai retorne. Então irá para casa.

Alex o viu afastar-se, desejando secamente boa noite ao resto dos presentes ao abandonar o salão. Aquela inglesinha o tinha em seu poder, mas Tavis ainda não se dera conta. Sacudindo a cabeça, Alex sentiu uma pontada de compaixão por ele. Comparado com aquele, o golpe que tinha sofrido com Mary pareceria um simples arranhão.

Levantou o olhar e viu aproximando-se Sholto e Iain, a quem saudou com uma inclinação de cabeça.

—Com essa, Tavis não vai brincar, Alex — disse Sholto ao sentar numa cadeira.

—Já me dei conta. Mas não me perguntou se a dama queria ou não entrar no jogo.

—E queria? — perguntou Iain.

—Não, meu amigo. Não só me repeliu da maneira mais adúladora possível, mas também se deu conta do que acontecia e me pôs em ridículo. Vê tudo com excessiva clareza.

—Pela forma rígida que partiu, essa noite terá uma boa escaramuça na torre — comentou Sholto, rindo. —É uma lástima que eles saíram, porque vê-los brigar é um espetáculo.

—Acaso nenhum dos dois vê o que para outros é tão evidente? — Inquiriu Alex com interesse sincero.

Iain suspirou.



—Não. É uma pena, mas pode ser que isso não importe, porque ela é a única filha de lorde Eldon, sua primogênita, e Tavis é o herdeiro dessa casa. Uma união com pouco futuro.



Quando a pesada porta se fechou atrás dela ao entrar no aposento da torre, Storm soltou tal enxurrada de maldições em irlandês que Angus fez uma careta e ficou contente por não entender nenhuma palavra do que ela dizia. Storm não se recordava de ter se zangado tanto com o homem, nunca mesmo, que era ao mesmo tempo seu carcereiro e seu amante. Dessa vez, seu quarto lhe pareceu um porto seguro. Ali não estava perto dele.

Desafogou parte de sua raiva ao vestir-se, lançando sua roupa do outro lado do quarto. Vestiu a camisola, deitou-se e ficou olhando o teto. Imaginou com deleite diversas formas de torturar Tavis MacLagan. Mas em seus sonhos ele sempre acabava lhe suplicando perdão e ela concedia-lhe galhardamente. Pouco antes de adormecer ela se deliciava com aquela visão.

Tavis sabia que tinha tanto orgulho como qualquer homem e que a brutalidade como a tinha expulsado do salão tinha ferido gravemente sua dignidade. A frieza dele também tinha lhe causado uma profunda dor, mas isso não pensava dizer-lhe. Restavam-lhe poucas coisas, além de sua dignidade e do seu orgulho, e naquela breve confrontação Tavis tinha tentado despojá-la deles. Ela iria lhe explicar muitas coisas antes que o perdoasse. Tinha sido um ofensa desnecessária.

Tavis vacilou ao chegar à porta.

—Como está o humor dela, Angus?

—Não muito bom. Estava dizendo coisas no idioma irlandês, e me alegre de não as entender. Não vai recebê-lo com um sorriso e os braços abertos—acrescentou Angus enquanto se afastava.

Tavis se arrependeu por um momento do que tinha feito, porque gostava de como ela o recebia ao chegar no quarto. Seria a primeira vez que compartilhariam o aposento estando zangados. Então se recordou como ela se sentou perto de Alex,



como tinha deixado que ele pegasse sua mão e como ficara ouvindo o oferecimento dele, para abandoná-lo. Entrou, novamente furioso e fechou a porta com tal força que o ruído ecoou em todo dormitório.

—Deseja dialogar com sua prisioneira, senhor?— perguntou Storm friamente, levantando-se da cama.

—Não, desejo usufruir um pouco daquilo que estava oferecendo a Alexander MacDubh— falou enquanto se aproximava. — Acredita que teria forças para satisfazer os dois?

Storm compreendeu pelo seu tom, cada vez mais denso, que ele chegara ao limite da sua paciência, mas suas palavras a enfureceram de tal modo que não pôde agir com prudência.

—Canalha!— Ergueu-se de um salto e ficou de pé na cama. —Quem acredita que é para me falar assim, para fazer essas acusações?

—Sou o parvo que a viu conspirar nos braços desse maldito Adônis.

—Conspirar em seus braços? Conspirar em seus braços? — Cruzou a cama e o olhou com fúria. —. Eu não fazia tal coisa, seu grande imbecil.

—Não? Acaso não lhe pediu que fosse ficar em sua casa?

—Sim, pediu-me isso.— Desceu da cama de um salto, aproximou-se da mesa que lhe servia de penteadeira e começou a escovar o cabelo, coisa que sempre fazia quando estava furiosa. —Me pediu isso e disse que não, muitíssimo obrigado. Essa é a sua conspiração.

Tavis soltou um assobio zombador e se sentou na cama.

—E naturalmente nem sequer pensou nisso.

—Oh, sim, gostaria de uma mudança— atacou-o, furiosa por sua suspeita. — Minha maior aspiração nessa vida é saltar de cama em cama. Decidi seguir os passos de minha madrastra. Afinal de contas, que importância tem prostituir-se um pouco para uma mulher já desonrada? Creio que vou ver se posso superar lady Mary em número e variedade. Esse é meu objetivo.



—Pelos pregos de Cristo, não se faça de ofendida comigo — bufou ele, mais enfurecido ainda pelo seu modo de falar. — Todo mundo viu que ele estava manipulando-a e que você não o impedia.

—Beijou-me a mão. Mas não era a primeira vez que me beijavam. Não significa nada e você sabe muito bem.

—E mexeu no seu cabelo e lhe acariciou a face. Isso não é prática habitual.

—Não, são as manhas de um exímio sedutor. Não me diga que não as reconhece — replicou Storm.

—Sim, reconheço-as e também me dei conta de que estava se derretendo. Vi como se turvavam os seus olhos, como se estivesse meio hipnotizada, sentada ao lado dele, ouvindo suas lindas mentiras. Estavam olhando-se nos olhos como um par de enamorados. Não é amor que lhe oferece, moça. Só quer meter-se entre suas pernas— acrescentou com aspereza. —Quer montá-la, como quer deitar com metade das moças da Escócia.

—Acha que não sei?— indagou ela com calma. —Não sou idiota. Sei exatamente o que queria.

Enquanto Tavis se constrangia, Storm sentiu que a sua própria ira se dissipava. Ao recordar a história que Alex tinha lhe contado a respeito do primeiro amor de Tavis, começou então a compreender sua desconfiança. E também a ver algo por trás de sua ira. Por um instante fugaz, ao surpreender seu olhar no espelho, tinha visto um jovem vulnerável.

Quase parecia risível que Tavis MacLagan, sendo tão importante para ela como respirar, desconfiasse de sua capacidade para retê-la. Ao pensá-lo, deu-se conta de que a falsidade de seu primeiro amor tinha sido provavelmente só o princípio: que as mulheres não tinham apenas renegado-o como homem, mas também como herdeiro de Caraidland.

Por trás dessas atenções sempre escondiam a avareza. Já seria, talvez, um tanto difícil que Tavis acreditasse que uma mulher podia lhe querer unicamente por seu valor de homem e estar satisfeita.

Sua dificuldade seria convencê-lo de que esse era o seu caso, sem revelar o que sentia por ele. Via sua vulnerabilidade como o resultado do orgulho ferido e a



falta de confiança em si mesmo. Não acreditava, entretanto, que tivesse nada a ver com ela pessoalmente, nem tampouco com o fato de que tivesse falado com Alex. Seu amor por ele provocava nela o desejo de ajudá-lo, mas seu orgulho a impedia de mostrar que só se interessava por ele. Decidiu que o desejo físico era o caminho a seguir.

Aquilo a conduziu ao complexo problema de como obtê-lo. Embora não tivesse feito nenhum esforço para esconder o muito que gostava quando faziam amor, sempre se mostrava relativamente passiva. Sua contribuição ao ato sexual era a dádiva de sua paixão. Tavis era quem iniciava seus encontros amorosos, quem os dirigia e os controlava. Talvez o único modo de demonstrar que só desejava a ele era tomar a iniciativa, mostrar-se ousada e atrevida uma vez e fazer amor.

Porém, nova ainda naquela experiência, não sabia como começar. De repente, teve uma idéia. Faria simplesmente o que Tavis fazia nela. Acariciaria-o, seria tão minuciosa em suas carícias como ele era. Por uma vez, não deixaria que o pudor e o acanhamento virginal a coibissem. Iria repugná-lo ou o convenceria de que só se interessava por ele, de que só ele podia abalar suas paixões.

—Ele só queria você— grunhiu ele. —Vi claramente que a desejava.

Storm se situou diante dele e disse com calma:

—Alexander é um homem muito capaz de abalar as paixões de uma mulher.

Tavis franziu o cenho, tão desvairado que não se deu conta de que ela estava desatando o espartilho.

—Gostaria de passar a noite com ele?

—Não há dúvida de que é um dos homens mais bonitos que já vi.— Abriu-lhe a camisa.

Tavis voltou a franzir o cenho distraidamente enquanto a observava.

—Quer me fazer acreditar que não sente nada por ele?

—Não. Não acreditaria, se dissesse.— Sentiu-o agitar-se sob suas mãos. — Esse homem é tão perfeito que aturde às pessoas. Tudo nele está perfeitamente delineado para seduzir uma mulher. Seus olhos claros e atraentes, a perfeição de seu rosto e seu corpo, uma voz que acaricia como as mãos mais hábeis.



—O que está fazendo?— indagou ele com aspereza, ferido pelo modo como ela falava de Alex, enquanto Storm se agachava para lhe tirar os sapatos.

—Estou despindo-o, bobo— disse ela com calma.

Tavis a agarrou por braço e grunhiu:

—Tem certeza de que é para mim que quer se despir?

Ela deixou que sua mão livre vagasse pelo torso nu de Tavis.

—Por um instante senti a tentação de comprovar se ele era tudo o que parece ser, entretanto a sua perfeição física em seguida gerou meu ceticismo.

Ele soltou seu braço e passou uma mão pelo cabelo.

—Maldita seja, eu sei o que vi. Desejava-a.

Storm se inclinou para ele e desenhou com a língua a forma de seus lábios franzidos. Seus dedos vacilaram um momento antes de começar a desabotoar sua camisola. Nunca tinha se despido diante dele. Era Tavis quem a despia sempre. E no quarto agora havia muita mais luz que o normal. Respirou fundo para acalmar-se e afirmou sua resolução. Enquanto tirava a camisola, foi depositando ligeiros beijos por todo o seu rosto.

Tavis ficou sem fôlego. Era a primeira vez que Storm lhe mostrava livremente o seu formoso corpo. Esqueceu-se momentaneamente de Alex e do ciúmes que se negava a reconhecer, e contemplou sua esbelta figura. Tinha começado a estender as mãos para ela quando recordou do que estavam falando e titubeou.

—Deitaria-se com ele. Como todas— resmungou asperamente enquanto Storm explorava sua garganta com os lábios.

—Só se você me deixar de lado e ele estivesse por perto. Só se não pudesse procurar refúgio em minha família e tivesse que sair de seu castelo. Sim, Tavis.— Beijou seu peito ao mesmo tempo em que desatava a camisa. — Eu adoraria acabar em sua cama. Não resta dúvidas que ele sabe satisfazer uma mulher tão bem como você.

Ele deixou escapar um gemido e, quando Storm passou a língua por seus mamilos endurecidos e começou a chupá-los, afundou as mãos em seu cabelo.



Estava tão absorto naquele prazer desconhecido que não percebeu que ela lhe abaixava as meias. Limitou-se a arquear-se para ajudá-la. O mesmo aconteceu quando tirou-as ao mesmo tempo em que beijava e lambia seu rígido ventre.

De todas as mulheres com as quais já se deitara, Kate era a mais hábil na hora de dar prazer a um homem. Sabia como e onde tocar. Mas nenhuma mulher jamais usara a boca. Essa era uma habilidade que só estavam acostumadas a utilizar as cortesãs mais caras. Só uma vez tinha se permitido desperdiçar pagar o preço daquele prazer, e entretanto não o tinha excitado tanto como estava lhe excitando aquela delicada inglesinha. Não se escandalizou, nem se sentiu aborrecido. perguntava-se, simplesmente, até onde Storm ousaria chegar.

—Tenta me convencer de que Alex não a interessa?— perguntou com voz rouca .

—Não, Tavis. Tento lhe demonstrar que, até que me abandone, só quero compartilhar a sua cama, apesar de que com os olhos eu possa apreciar a beleza de outros.— Levou a mão de Tavis na boca e beijou sua palma antes de deslizar a língua por cada um de seus dedos e repetir aquele gesto com a outra mão enquanto falava. —Quero que só essas mãos conheçam meus segredos, que só elas toquem minha pele.— Beijou-lhe. —Essa é a única boca que quero sobre a minha. Os únicos lábios que quero que me saboreiem.— Continuou beijando-o, — seu peito é o único travesseiro que necessito para apoiar a cabeça. — Deixou que sua língua deslizasse ao redor de seu umbigo, esse é o único corpo que desejo que se aperte contra mim, que se esfregue comigo no mais íntimo dos ritmos. — Mordiscou brandamente as suas coxas— , essas são as únicas pernas que desejo entrelaçadas nas minhas, me afastando as coxas para abrir caminho dentro de mim e me preenchendo. Satisfazendo por um momento uma ansiedade que parece não me abandonar, e me leve a esse paraíso ao qual só você pode me levar.

Tavis sufocou um gemido e se inclinou para frente quando a língua de Storm deslizou ao longo de seu membro. Começou a ofegar quando aquela mesma língua prosseguiu lambendo-o em círculos, provocando-o, sem deixar um só lugar inexplorado. Não conseguia acreditar que Storm realizasse aquela máxima intimidade, mas nesse momento lhe importava muito pouco: não podia dominar-se.

De repente, Storm se viu apertada em seus braços e colocada de pé. Para sua surpresa, não se deitaram na cama, pois Tavis a sentou de pernas abertas sobre seu



colo, de frente para ele. Um gemido, mescla de assombro e prazer, escapou dela quando Tavis a penetrou.

Agarrando-a pelas nádegas, dirigiu seus movimentos até que ela acompanhou o ritmo. Beijou-a com ânsia, afundando profundamente a língua em sua boca enquanto a acariciava. Quando conseguiu afastar os olhos do movimento acelerado de seu corpo ou da paixão que refletia em seu rosto, devorou seus seios. Quando Storm gritou e seus tremores anunciaram que tinha enfim alcançado o clímax, Tavis a segurou pelos quadris para que não se separassem. Mas não foi necessário. Ela se manteve sobre o seu membro e movimentou suavemente os quadris, aumentando assim a intensidade do orgasmo de Tavis. Ele a abraçou, escondeu o rosto entre seus seios e tremeu enquanto o prazer o tomava e fluía, restabelecendo pouco a pouco a normalidade.

—Deus, que delícia. Que maravilha.— Sentiu que os músculos internos de Storm ainda se contraíam e murmurou extasiado: —Foi extraordinário. Foi melhor do que todas outras.— Pousou o olhar no ponto onde seus corpos ainda se uniam, deslizou suavemente as mãos por seus quadris e sentiu que se retesava com renovada paixão. —Foi feita para amar. Para fazer um homem gozar.

Storm se surpreendeu ao ver com que rapidez ele estava preparado para voltar a amá-la. E se surpreendeu mais ainda que ela também já estivesse disposta a fazer amor novamente. Com uma risada gutural, entregou-se a sua ansiedade compartilhada.



A luz cinzenta da alvorada penetrava no quarto quando Tavis despertou subitamente. A tensão de sua virilha lhe disse por que. Levantou a cabeça dos sedosos seios que lhe serviam de travesseiro e olhou pensativo para Storm que ainda dormia, enquanto seu desejo crescia pouco a pouco.

Alexander já não o preocupava. Storm tinha convencido-o de que, enquanto ele a desejasse, ela não dividiria a cama com outro homem. Tavis experimentou uma clara sensação de orgulho viril.



Mas essa sensação foi substituída por outra de irritação e maus pensamentos. Tinha ao seu lado uma mulher que não se importaria absolutamente de tomar por esposa. Não só não temeria ver-se traído, como também não teria mais que procurar por outras, nem suportar as moléstias nem o preço da sedução e a adulação. A paixão de Storm, sua desinibição na cama, bastaria para assegurar a fidelidade dele. Faltava, além disso, a avareza, a desonestidade ou a dureza que tinha afastado-o das demais mulheres, uma após a outra. Nada daquilo importava, porque suas famílias não poderiam unir-se.

Sacudiu-o uma repentina desesperança e tomado de tristeza, afastou-se de Storm e a contemplou com desejo. Seu olhar descansou por fim na junção de suas esbeltas coxas e, levantando-se, separou-lhe um pouco as pernas e se ajoelhou entre elas.

Havia algo que ambicionava fazer há muito tempo. Reprimiu-se, por respeito a inocência dela. Era algo que raramente realizava, e que entretanto, ansiava pôr em prática desde a primeira vez que fez amor com Storm. Percebeu com sobressalto que isso se devia, em parte, a que não estava certo de que fosse limpa. Embora não se fixasse nisso conscientemente, tinha notado que muitas das mulheres com as quais se deitou ao longo dos anos não eram muito aficionadas na água e no sabão. Muitas acreditavam sinceramente que era pouco saudável submergir-se em água ou banhar-se com regularidade. Storm se lavava diariamente, e Tavis gostava.

Inclinou-se diante de seus seios e viu que os mamilos se endureciam em resposta as caricias de sua língua. Ela murmurou algo dormindo e se mexeu, mas não abriu os olhos quando ele deslizou lentamente por seu corpo. Aproximou a mão do seu sexo e deslizou o olhar desde os seus dedos, afundados entre seus cachos acobreados, até seu rosto para presenciar como acordava lentamente sua paixão. Lambeu suavemente seus seios, deixou que seus dedos a acariciassem com uma ousadia que Storm nunca tinha permitido. Quando acreditou que ela estava quase acordando, lutando para separar o sonho da lucidez, voltou a fixar os olhos no tesouro que desfrutavam suas mãos e ficou olhando-o um momento enquanto seus dedos seguiam acariciando. Descansou as mãos em suas coxas, separou-lhe mais as pernas e aproximou os lábios do centro de sua paixão. Ao ver que ela não o afastava com um coice, como tinha acontecido em outra ocasião, compreendeu que seu pouco e ortodoxo método tinha conseguido seu objetivo e começou a saborear por inteiro sua doçura.



Storm sentira suas carícias desde o começo da sedução. Enquanto despertava, sua paixão foi adquirindo força e desfrutou da impressão de achar-se num mundo de sonhos. Isso lhe permitiu gozar das carícias de Tavis, muito mais atrevidas do que as anteriores. Quando seus lábios a tocaram intimamente, a sensação de encontrar-se num sonho impediu que se retesasse, e fez o possível para aproveitar do prazer que sua timidez tinha lhe negado até então. Quando se deu conta que Tavis estava demorando como nunca antes, já estava presa a uma paixão abrasadora e precisou que as mãos de Tavis, segurando suas nádegas, a amparasse enquanto se retorcia sob suas carícias íntimas.

Uma e outra vez Tavis a conduziu a beira do orgasmo, até que ela se agarrou em seus ombros, quase desesperada.

—Por favor, acushla*, já não agüento mais. Preciso que me tome.— estremeceu de prazer e de alívio quando ele a possuiu lentamente. — Cushlamochree*.

Agarrou-se a ele enquanto Tavis a levava num torvelinho para um país que só os amantes podiam descobrir. Seu nome lhe escapou dos lábios quando ele a penetrou profundamente, procurando seu próprio alívio. Passou um momento antes que Tavis tivesse energia para romper seu abraço íntimo, deitar-se de costas e estreitá-la em seus braços. Traçou com os dedos a ferida cicatrizada do seu ombro, que a tinha mantido na cama, no entanto longe de seus braços, aumentando assim seu desejo de possuí-la. Pensou por um momento em lhe pedir perdão pelo que havia dito sobre Alexander, mas caiu num sono satisfeito antes de dizer uma palavra.

—Quero você, Tavis— murmurou Storm, consciente de que não a ouvia. Sorriu por sua plena satisfação e, enroscou-se ao seu lado, adormecendo.



Capítulo 12

Ao olhar Storm, Tavis desejou não ter cedido ao seu plano. A roupa de adolescente que usava, mostrava com excessiva clareza as curvas suaves de seu corpo sedutor. Seus homens não deixariam de olhá-la sem reservas, e não gostava nenhum pouco disso. Sabia que sentia ciúmes, mas pensava consigo mesmo, que qualquer um também teria tratando-se de uma mulher que lhe dava tanto prazer e que nunca estivera com nenhum outro homem. Era um sentimento natural que surgia pelo fato de ser o primeiro e o único.

—Olha-me de forma muito estranha, Tavis— comentou Storm enquanto recolhia o cabelo para trás.

—Estava pensando que, por ser tão miúda, tem muitas curvas.

Storm tentou refrear seu rubor.

—A roupa está um pouco justa, mas servirá. Gosto tanto cavalgar...

—Está certa de que o seu ombro lhe permite isso?— Segurou-a pelo cabelo e pegou brandamente para abraçá-la.

—Ontem à noite não parecia muito preocupado com isso. Não. Nem essa manhã.

Ele distendeu os lábios.

—Sim, bom, pode ser que ache que já cavalgou suficiente e que necessita de um descanso.

Storm se afastou e, quando se dispunha a sair do quarto, disse com ar altivo:

—É um homem muito vulgar, Tavis MacLagan. Não tem nem idéia de como falar com uma dama.

—Me mostre uma dama e minha galanteria não conhecerá limites — replicou ele de uma distância prudente, as suas costas, e respondeu com um amplo sorriso ao olhar de irritação que ela lhe lançou por cima do ombro.



Não o agradou ver quantas olhadas seus homens dedicavam a Storm quando se dirigiram aos estábulos. Nem sequer seu semblante sombrio enquanto caminhava ao lado de Storm os deteve. Limitaram-se a olhar divertidos ou com expressão de excessiva sagacidade. Apesar de tudo, Tavis não pôde evitar sentir certo orgulho por que a mulher que compartilhava sua cama fosse objeto de desejo para tantos homens. Sabia, além disso, que seu interesse não era absolutamente de índole carnal, mas sim de curiosidade respeitosa por uma pessoa que tinha demonstrado seu valor e tinha posto todo mundo a seu favor, apesar de ser uma Eldon e uma inglesa.

Phelan olhou Storm quando montaram.

—Não parece um menino, prima.

—Obrigado, Phelan— disse ela com um sorriso. —É um alívio sabê-lo.

—Não os leve muito longe, Angus. É a primeira vez que cavalga desde que a feriram — disse Tavis.

Angus assentiu com a cabeça e Tavis os viu afastar-se a cavalo. Storm cavalgava bem, e Tavis compreendeu que estava acostumada a montar. Storm estava jogando rapidamente por terra seus conceitos sobre as damas inglesas. Estava claro que lorde Eldon tinha educado a sua filha com carinho e liberdade. Mas Tavis não estava seguro de querer conhecer aquela faceta de seu inimigo.

Angus só os deixou galopar um trecho, mas Storm não se importou. Estava consciente de que não tinha recuperado a força que necessitava para controlar um cavalo ao galope. O simples fato de montar era um prazer. Angus era um guardião indulgente: tinha sua promessa de que não tentariam escapar a cavalo, e isso lhe parecia garantia suficiente.

Desmontaram ao chegar à beira de um lago, mas Phelan não desmontou do cavalo. Com permissão de Angus, foi explorar a margem. O menino não havia retornado ainda quando Storm e Angus, que estavam fazendo ricochetear pedras sobre a água, viram seu jogo infantil ser desagradavelmente interrompido. Pela primeira vez em sua vida, Storm não se alegrou ao ver o grupo de resgate de Hagaleah. O instinto lhe dizia que estaria muito mais segura com o inimigo ancestral dos Eldon.



Não houve tempo de montar e fugir. Angus e ela se viram rapidamente rodeados. Ele desembainhou a espada para enfrentar os doze homens muito bem armados e se colocou diante de Storm. Ela se perguntou como sir Hugh sabia que deveriam ir ao lago, onde estavam acostumados a deter-se quando saíam a cavalo, e em seguida pensou em Katherine MacBroth. Aquela mulher seria capaz de algo assim: Storm estava certa de que Katherine tinha motivos para acreditar que voltaria a ocupar a cama de Tavis se ela desaparecesse. Tavis não era homem que pudesse passar muito tempo sem uma mulher.

—Matem-no— ordenou sir Hugh tranquilamente, assinalando Angus com a cabeça.

—Não!— Storm se interpôs entre Angus e os homens de Hagaleah. —Não precisam matá-lo. Peguem o seu cavalo e o deixem amarrado. Demorarão para encontrá-lo.

—Onde está esse demônio irlandês?— perguntou sir Hugh enquanto fazia gestos a seus homens de que fizessem o que dizia Storm, pensando que convinha agradá-la naquele assunto.

Storm viu que Angus se rendia depois de uma breve resistência e deixava que o amarrassem. Era um alívio saber que não lhe fariam mal. Sem dúvida ele também se lembrou de que Phelan andava por perto. Com um pouco de sorte, o menino não se aproximaria. Estava muito melhor em Caraidland.

—Hoje ficou no castelo. Tinha coisas para fazer.

Sir Hugh a olhou com evidente desdém.

—Veste-se como uma vadia, além de ser. Monte. Se não fosse por sua fortuna, a abandonaria aqui para que servisse de criada dessa escória fronteiriça.

Teria sido inútil que Storm resistisse. Um dos homens de sir Hugh a agarrou e a colocou na sela. A seguir entregou as rédeas a sir Hugh. antes que ela pudesse pronunciar as palavras que lhe ardiam na boca, partiram galopando. Storm teve que esforçar-se para não cair, e seu ombro não demorou muito para começar protestar. Não era assim que desejava retornar a Hagaleah.





Phelan apareceu junto a Angus assim que sir Hugh partiu. Deu-se conta de que devia manter-se afastado, não só para socorrer Angus, mas também para poder ajudar Storm. O tempo que ele tinha passado em Hagaleah tinha lhe mostrado que a sua prima não estava a salvo ali. Não era unicamente pela odiosa perspectiva de que se visse constrangida a casar-se com sir Hugh o que o preocupava. Ele tinha o pressentimento de que Storm não sobreviveria aquele matrimônio. Sir Hugh desfrutaria do papel de viúvo endinheirado.

Tavis acabava de entrar no espaço murado quando Angus e Phelan retornaram montados em um só cavalo.

—Sir Hugh?— perguntou quando eles se aproximaram. —Como o demônio sabia onde e quando atacar? Nego-me a acreditar que algum dos nossos tenha dito, mas não duvido de que alguém lhe avisou.

—Sim— respondeu Angus. —Foi tudo muito exato, — pigarreou. — Pensei que o ciúme pode gerar uma traidora.

O cenho sombrio torceu o formoso rosto de Tavis.

—Sim, Katherine. Ela seria capaz de algo assim, maldita seja.— Deu meia volta e retornou para entrar na torre. Angus e Phelan o seguiram enquanto lhe contavam o acontecido. —Muito me alegro de que não lhe aconteceu nada, Angus. Teria sido uma pena.— Entrou no grande salão e contou ao seu pai e seus irmãos o que tinha ocorrido. —Adeus ao resgate.

—Vai deixá-la com sir Hugh?— perguntou Phelan quando Tavis se deixou cair em um banco e se serviu de uma grande jarra de cerveja. —Você não sabe como ele é. Irá matá-la. Sei disso.

—Não, moço. Esse homem quer casar-se com ela. Está louco por sua fortuna. E por alguma que outra coisa mais.— Colin notou que o rosto de Tavis se crispava. — Almejará que sua noiva esteja viva.



—Sim, mas não sua mulher.— Phelan assentiu vigorosamente com a cabeça ao ver que aquele comentário atraía a atenção de todos. —Assim que tiver usufruído um pouco dela e depois que se cansar, ansiará enviuar. E isso não é tudo. Vocês não conhecem esse homem. Quando acabar com minha prima, Storm se alegrará de que a mate. Em Hagaleah abundam as maltratadas por seu amor.

—Menino, não posso reunir os meus homens para recuperar uma inglesa. Não há a menor graça em arriscar a vida para devolver uma moça inimiga à cama de meu filho.— Colin suspirou. —Sinto muito, porque estou em dívida com ela, mas não posso mandar meus soldados em seu resgate.

—Então irei sozinho. Me dê dois cavalos. Devolverei-os depois.

—E o que faria, Phelan? Bater na porta e dizer: «Por favor, podem devolver a minha prima?»? — disse Tavis em tom sarcástico. Não estava de bom humor.

—Não. Sei como entrar e como sair sem que se dêem conta. Me emprestem os cavalos.

Tavis se sentou, olhou para o seu pai, que assentiu com a cabeça, e perguntou:

—Pode entrar em Hagaleah sem que o vejam?

—Sim, mas não vou lhes dizer como. É um buraco que não pode lhes servir de nada.

—Phelan— resmungou Tavis, —se houver um modo de tirar Storm de Hagaleah, de conseguir entrar no castelo com pouco risco para os soldados, suspeito que poderia convencer alguns deles que me ajudassem.— Tentou refrear sua irritação ao ver que Phelan se obstinava em manter silêncio. —Daremos nossa palavra de honra de que não usaremos seu segredo para atacar Hagaleah. O que escolhe, menino?

—Dá sua palavra de honra de que em nenhuma ocasião usarão meu segredo para atacar Hagaleah e aos Eldon?

—Assim será, menino. Se pudermos tirar a moça sem muito risco, estamos dispostos a fazê-lo.— Colin olhou firme para os reunidos no salão e todos eles concordaram. —O que não posso fazer é convocar um exército.



—Bom, não duvido de que me viria bem um pouco de ajuda. É um túnel. Vai dos cômodos do andar de baixo até a muralha. É para que as mulheres e as crianças fujam se o castelo cair em mãos inimigas.

—Sim. Nós também temos um.— Colin sacudiu a cabeça. —Me assombra que nunca tenhamos procurado um no Hagaleah. Enfim, venha sentar. Se tudo correr bem, sua prima estará de volta ao amanhecer.

Para Tavis, o amanhecer parecia muito tarde, contudo não disse nada. A simples idéia de que sir Hugh tocasse Storm lhe parecia intolerável. Sentiu que as entranhas se retorciam, mas tentou não demonstrar. No momento, tinha que se conformar em recuperar Storm. Mais tarde faria sir Hugh pagar pelo que Storm tivesse sofrido em suas mãos. Não parou para avaliar os seus sentimentos. Não tinha tempo nem vontade de devassar a sua alma. Desejou por um instante poder ver além dos muros de Hagaleah, mas decidiu que certamente era preferível não fazê-lo.



Sentada na cama de seu aposento, Storm observava sir Hugh e lady Mary com uma placidez que não sentia na verdade. Estavam zangados, especialmente sir Hugh. Storm os conhecia o suficiente para saber que não lhe desejavam nenhum bem. Por isso, persistia em não casar-se com ele. Do mesmo modo que Phelan, tinha adivinhado que sir Hugh não pensava passar, uma longa vida de felicidade conjugal ao seu lado; que sua vida corria ainda mais perigo caso casasse com ele. Continuava negando-se, mesmo se arriscando a despertar sua ira. Tavis MacLagan podia ser um bandido da fronteira, um velho inimigo, um homem exasperado e pouco afetuoso. Era, além disso, o homem que roubara sua inocência, assim como algumas outras coisas das que nem sequer era consciente. Mas, no momento, parecia um porto seguro.

—Não pode nos dizer que permanece sendo virgem — ronronou lady Mary.
— Sir Hugh é muito galante por ainda estar interessado.

Storm deixou escapar um bufar muito pouco feminino.

—Galante, e um corno. É minha fortuna que quer, sei muito bem.



Hugh a olhou com raiva. Estava perdendo o controle.

—Não pode ser melindrosa, sua vadia. Todos sabemos que tem se deitado com o herdeiro dos MacLagan.

—Realmente? Posso lhe perguntar como sabem o que acontece em Caraidland?

Lady Mary encolheu os ombros.

—A mulher que retirou do local nos ofereceu um relatório muito completo e detalhado.

—Assim me parece.— Storm se indagou se Tavis descobriria a traição de Kate.

—Vejo que não nega.— Lady Mary queria que Storm respondesse algumas perguntas antes que sir Hugh se enfurecesse.

—Por que iria negar? Ainda que não fosse verdade, embora o negasse com veemência, não me acreditariam. O que importa o que eu diga? Acreditem no que quiserem. Não me importa.

—Não se incomode em negá-lo. Não, não é preciso que diga nada. Vê-se na cara. — Lady Mary sorriu friamente. —Vendo o quanto fogosa essa despeitada é, o herdeiro dos MacLagan deve ser um garanhão, e nessas últimas semanas montou com prazer.

—A vulgaridade lhe cai bem, mãe.— Storm cambaleou sob a força da bofetada que lhe deu sua madrastra, mas não chorou. Limitou-se a olhá-la fixamente, com ódio evidente.

—É evidente que logo correrá que abandonou sua honra na Escócia, minha caríssima filha. Então, não virá nenhum apaixonado bater em sua porta. Se casará com sir Hugh e não há mais o que falar.

—Não pode me casar. Só meu pai tem esse direito. Não me casarei com sir Hugh.

—Maldita seja— sibilou sir Hugh, e lhe deu um golpe que a fez cair da cama. — Pode ser que esse sórdido a tenha deixado grávida. Raciocinou?— Agarrando-a pelo braço a obrigou a erguer-se, —a semente que verteu dentro de você uma e



outra vez poderia estar crescendo dentro deste ventre tão liso.— Reforçou suas palavras lhe dando um golpe nessa zona.

Mas indiferente a dor do golpe, Storm sentiu medo. Não pensara ainda numa criança, e agora que pensava nisso, percebeu que já fazia um tempo que deveria ter o período. Ao medo natural de se ver ferida, se juntou o temor do que podia acontecer ao bebê que talvez estivesse esperando. Não havia tempo para pensar na desgraça que isso a conduziria. Tinha que convencer sir Hugh de que não era possível, para que, embora lhe batesse, como sem dúvida faria, fizesse-o unicamente por raiva, não para provocar um aborto. Estava ansiosa para proteger a vida que possivelmente levava dentro dela, o filho do homem a quem amava.

—Tavis MacLagan não é nenhum parvo— disse enquanto lutava para recuperar o fôlego. —Essa rameira que falou com você estava há dois anos com ele e não gerou nenhum filho. Derrama fora sua semente— mentiu, e olhou com furor a sir Hugh. Sua língua era sua única arma. —Mas mesmo que estivesse grávida do escocês, não me casaria com você. Não queria dar a meu filho um idiota como pai, embora gere um bastardo.

Hugh a golpeou no rosto com o punho, em lugar de lhe dar uma bofetada. Storm chocou-se contra o poste da cama. Apesar de temer por seus dentes e os ouvidos zumbirem, sua resolução se fortaleceu. Agora que sabia o que podia ter, mesmo que Tavis não correspondesse ao seu amor, ela não se contentaria com menos. A brutalidade de Hugh só conseguiu reforçar a sua negativa. Alegrava-se por Phelan não ter retornado, porque sabia que teriam utilizado o menino para obrigá-la a ceder.

Sacudiu a cabeça.

—Você sabe se declarar, sir Hugh.

—Conseguirei que me diga sim custe o que custar. Desista agora, sua mundana, e economizará sofrimento.

— Sofrimento? Meu querido Hugh, se me casar com você, o sofrimento de agora me parecerá o paraíso.— voltou-se quando ele a golpeou de novo. Salvou assim seus dentes, mas teve que agarrar-se um momento ao poste da cama antes de dizer: — Esqueça. Já conheci um homem. O diabo beberá água benta antes que eu me una a um caipira como você.— Desviou-se do seu golpe.



Na vez seguinte não teve tanta sorte, nem na próxima. Quando lady Mary e sir Hugh tiraram sua roupa estava tão atordoada que não pôde detê-los, embora resistisse o melhor que pôde. Deitaram-na de barriga para baixo sobre a cama e amarraram suas mãos aos pilares. Storm logo descobriu que não convinha esquivar-se dos golpes de sir Hugh, porque só fazia com que a agredisse numa outra parte. Doía-lhe o maxilar de conter os gritos, mas cada vez que lhe perguntava se sua resposta tinha alterado, ela respondia com palavras cheias de veneno, inspiradas por sua ira impotente.

Logo ficou em tal estado que os esforços de sir Hugh deixaram de dar resultado. Sua mente se separou da dor. Uma pequena parte dela sabia que sofria mais do que acreditava possível, mas não lhe prestava atenção, e flutuava em uma espécie de semi-inconsciência que lhe produzia uma falsa insensibilidade.

—Já basta, Hugh— disse lady Mary. —Já não sente mais nada. Voltaremos para tentar mais tarde.

Storm se perguntou o que significava a nota estranha e rouca que aparecia na voz de sua madrastra. Voltou a cabeça para olhá-los, mas os viu enevoados. Seus olhos inchados não focavam bem. Aquilo a fez se perguntar, se o que via era um sonho engendrado pelo seu estupor.

É um sonho muito estranho, refletiu quando viu que lady Mary se ajoelhava diante de Hugh, que respirava ofegante. Ela tirava o espartilho e as suas meias de couro. Olhou para sir Hugh e viu que ele tinha um aspecto tão feroz quando excitado como quando a surrava. Ao menos isso tem certa coerência.

—Está nos olhando— disse ele entre dentes e, agarrando lady Mary por baixo dos braços, jogou-a na cama, junto de Storm, e lhe subiu as saias.

—Deixe-a— ronronou lady Mary, agarrando firmemente o seu membro. —Que observe como são possantes os ingleses e não esses cavalos castrados dos escoceses. Mostre como satisfaz uma mulher um homem de verdade.

A mente de Storm, embotada pela dor, não aceitava por completo o espetáculo que estava acontecendo ao seu lado. Estava certa de que era tudo um sonho. Desorientada, só tinha em parte consciência, de que os sonhos não faziam a cama se movimentar, nem eles costumavam vir acompanhados de ruídos



exageradamente luxuriosos. Simplesmente os viu acabar, levantarem-se, endireitarem a roupa e sair.

Durante um período, perdeu a consciência e a recuperou várias vezes. Seu estado não obedecia unicamente à dor física, também devido a surpresa do que tinha lhe ocorrido. Salvo quando brigava em menina, nunca sofrera mais do que uns leves esfolados. Seu pai usava a palavra para corrigi-la, a palavra e o amor. Nem sequer Tavis lhe tinha batido. Custava-lhe assimilar a idéia de que tinha sido brutalmente maltratada em um lugar onde só tinha conhecido amor, ternura e afeto.

Em certo momento, seu espírito se recuperou. Era a primogênita de lorde Eldon, que era uma grande autoridade por direito próprio nas divisas das fronteiras e um homem muito respeitado na corte. Lamentar-se da sua miséria e sua dor não era próprio de quem herdara em suas veias o sangue dos Eldon e dos Ou'Conner. Nem de quem talvez estivesse esperando um filho de Tavis, pensou com humor ligeiramente amargo.

Recordou vagamente de que lady Mary e sir Hugh tinham falado de outra sessão, e que provavelmente haveria outra e outra até que obtivessem a resposta que queriam. Rezou pelas forças que necessitava. Apesar de que a dor e a debilidade a faziam tremer e suar, deslizou para frente e começou a morder a corda de uma de suas mãos. A dor que lhe causavam as ataduras não era nada comparado com o que sentia por dentro, e não lhe custou muito esforço ignorá-lo.

Vestir-se foi ainda mais duro: várias vezes esteve a ponto de desmaiar. Todos os músculos que precisava para vestir a roupa pareciam encontrar-se em suas costas maltratadas. O calor que emanava de seu ombro a convenceu de que a ferida da faca abrira, mas apesar de tudo não parou. Disso poderia ocupar-se mais tarde. Ignorava quanto tempo tinha passado inconsciente e se preocupava que os outros voltassem. Quando Agnes entrou no quarto, sentiu vontade de chorar.

—O que pretende?— indagou Agnes ao deixar a bandeja que levava com sopa, cerveja, pão e queijo, e fechar a porta. —Não deveria estar de pé e vestida.

—Não, deveria ficar amarrada na cabeceira da cama, esperando outra surra.— Storm ficou em pé, agarrou-se à cama e procurou conter uma de onda de náuseas. — Me parece que não, Agnes.

—Como irá sair? Eles verão, com certeza.



—Não pela rota que penso tomar. Tenho que ir. Voltarão logo, estou certa.—
Balançou uma mão ao caminhar para a porta. —Maldita debilidade.

Agnes a agarrou antes que caísse.

—Darei uma mão. Ainda não consegue ficar em pé.

—Por que me ajuda, Agnes? É a aia de lady Mary— disse Storm com dúvida.

—Por mim mesma. Cobiço sir Hugh para mim. Você e sua fortuna se interpõem em meu caminho.— Deu uma olhada no corredor e, ao ver que estava vazio, ajudou-a a sair do quarto e a dirigir-se para onde ela indicava. —Se a auxilio a escapar, se a ajudar a sair daqui, sir Hugh voltará a ser meu. Ainda posso levá-lo ao altar.

Storm duvidava seriamente da competência de qualquer mulher que desejasse sir Hugh, mas pôs em prática sua diplomacia e mordeu a língua. Até que pudesse sustentar-se sozinha, necessitava de Agnes, embora não confiasse nela. No momento tinha coisas mais importantes com que preocupar-se. Como, aonde iria e como chegaria.



Capítulo 13

Avançavam pelo interior de Hagaleah, entre paredes emboloradas de umidade. Tavis nunca gostara das câmaras subterrâneas dos castelos. Um olhar aos rostos crispados de Iain, Sholto, Angus e Donald foi o suficiente para saber que tampouco era do gosto de nenhum deles. Phelan, entretanto, caminhava com calma aparente. Parecia sentir-se em casa dentro do labirinto. Mas logo deixaram para trás o túnel: ainda havia tempo de voltar. Tavis se indagava se não teria sido um néscio por confiar num menino.

Donald, que estava se perguntando o mesmo, disse:

—Eu não gosto disso. O menino pode estar nos conduzindo a uma armadilha. Afinal de contas, é inglês.

Tavis quase pôs-se a rir ao ver o olhar indignado de Phelan.

—Sou irlandês. Pelo tio Rodem, trairia-lhes. Mas não por essa bruxa de Sussex. — de repente se deteve: acreditou ter ouvido um ruído. — Quero resgatar Storm antes que o planos deles dêem frutos. Escutem!

O ruído de uma porta ao abrir-se ressoou claramente na penumbra. Os escoceses e Phelan apagaram suas luzes e se misturaram com as sombras, metendo-se em uma pequena câmara sem porta. Sendo tão poucos, não esperavam que os descobrissem. Esticaram-se para ouvir que os passos avançavam em sua direção. Um instante depois, uma voz conhecida os sobressaltou.

—Já pode me deixar, Agnes. Não preciso mais. — Storm se apoiou na parede, alheia ao frio e a umidade. Quase foi um alívio notar aquelas sensações nas costas dolorida.

—Sim, vou — disse Agnes em voz baixa, e tirou uma faca. —Esse é um lugar tão bom como outro qualquer.

Storm olhou a faca com desdém, muito cansada e machucada para sentir medo.

—Não seja burra.



Tavis se aprumou, preparado para intervir, e conteve Phelan, então sorriu na escuridão, divertido pelo tom de Storm e pela surpresa da aia.

—Não vou permitir que fique com sir Hugh. Não se casará com ele. Penso impedir essas bodas.

—Vou partir, não? Que mais quer? Não precisa manchar de sangue suas mãos.

—Vou, porque agora está zangada. Mas assim que entender que minha senhora e sir Hugh estavam fazendo o que não deviam, voltará, e não pretendo admitir que se case com ele. Se morrer, sir Hugh se casará comigo.

—Enviarei um presente de bodas. Pode ficar com esse homem, Agnes. Adiante. Fique você com sua desgraça.

—Não me engana. Voltará para se casar com ele. Que mulher o recusaria?

—Essa. Preferiria ir a Londres e me prostituir por dois tostões que me casar com sir Hugh.

Agnes bufou desdenhosamente.

—Suponho que espera me fazer acreditar que vai voltar para os braços do escocês.

Apesar de estar cansada e dolorida, Storm compreendeu qual era o modo de pôr fim a discussão. Convencer Agnes de que era Tavis que desejava, era a única forma de dissipar seu temor de que voltasse para casar-se com sir Hugh. Dando rédeas soltas ao seu amor, Storm resolveu fazer justamente isso, sem saber que Tavis estava ali perto, escutando cada palavra com uma mescla de alvoroço e desejo, ansioso para que tudo aquilo fosse verdade e não um simples palavreado.

—Sim, penso em voltar para seus braços em seguida, antes que outra os ocupe.

—Não tente me enrolar. O escocês não a aceitará de volta. Tem muitas outras com quem se divertir.

—Diferente de sir Hugh, Tavis MacLagan não compartilha a cama com mais de uma. Se voltar logo, não me terá substituído ainda. O salão de Caraidland não está cheio de amantes dele, como está o de Hagaleah com as amantes de sir Hugh.



—Não pode preferir um bárbaro escocês a sir Hugh. — Agnes parecia cada vez menos convencida.

—Não? Você não viu Tavis MacLagan. Alto, musculoso e viril, seu cabelo da cor das asas de um corvo parece suplicar para que se afundem seus dedos nele, como estou acostumada a fazer quando ele me leva ao êxtase. Seus ombros são tão largos e rígidos que não se movem nem quando, no meio do frenesi da paixão, cravo minhas unhas neles. E suas mãos, além de empunhar a espada, têm outra habilidade que não falo por medo de ruborizar.

Preocupada com estar carregando muito as cores, Storm olhava para Agnes enquanto falava. A jovem estava acreditando em tudo e parecia cada vez menos ameaçadora. Storm desejou acelerar as coisas, porque ali de pé, falando, estava esbanjando as forças que tanto necessitava. Tavis também desejava que aquilo terminasse porque as palavras de Storm estavam comovendo-o a ponto de fazê-lo sentir-se incomodado, e o regozijo silencioso mas evidente de seus companheiros lhe dizia que estavam reunindo material para brincadeiras futuras.

—Seus olhos são como o céu de uma manhã de verão, capazes de seduzir com apenas um olhar. Podem arder com o calor do meio-dia ou fundir-se como o orvalho da manhã. Não há mulher capaz de resistir a esses olhos. E essa figura! Não deixaria desamparada nenhuma mulher. Ao seu lado, sir Hugh parece um capão.

—Está louca. Essa que é a verdade— bufou Agnes, mas afastou a arma. —Não há homem com tão boa forma como sir Hugh. Volte para seu escocês. Vejo que não deseja sir Hugh, como a tola que é.

A satisfação de Agnes durou pouco. Algumas horas depois que descobriram a fuga de Storm, sir Hugh deduziu quem a tinha ajudado. Não foi um amante, nem um marido, que deixou Agnes ferida gravemente, coberta de sangue e incapacitada para voltar a deitar-se com um homem. Foi essa certeza que a precipitou à loucura e lhe permitiu arrastar seu corpo maltratado até o batente de uma janela e jogar-se na muralha, dezenas de metros abaixo.



Storm estava a ponto de se deixar cair ao chão quando brilhou uma luz. A princípio se desesperou, mas recuperou em seguida o ânimo ao ver quem era. Sua alegria inicial, uma alegria que jamais teria esperado sentir por ver um MacLagan, viu-se ligeiramente ofuscada pela certeza de que Tavis tinha presenciado sua conversa com Agnes. Seu amplo sorriso a convenceu de que tinha ouvido cada palavra.

Olhou com mau-humor para seus resgatadores.

—Não poderiam ter interferido e me dado uma mão antes que começasse a tagarelar como uma prostituta?— Reclamou.

—Moça, é esse modo de receber a seus galantes paladinos?— brincou Iain, rindo.

Lançou um olhar aborrecido que modificou de repente quando se deu conta de que, embora os MacLagan estivessem dentro de Hagaleah, não fora dado o alarme. Só havia um meio de conseguir passar, e Phelan o conhecia.

—O que fez, Phelan?— gemeu ela, prevendo uma catástrofe para o castelo.

—Deram-me sua palavra de honra de que não usarão o túnel para nos atacar, Storm— disse seu primo com calma.

Storm sentiu uma onda de alívio e suspirou.

—Está bem, então.

—Aceita nossa palavra, moça?— perguntou Sholto, um pouco assombrado.

—Não aceitaria a palavra de honra de um Eldon?— respondeu ela, e não voltou a falar do tema. —Voltei novamente a ser prisioneira?— Perguntou com um débil sorriso.

Tavis embainhou sua espada, segurou-a pelo braço e franziu ligeiramente o cenho ao notá-la tremer.

—Sim. Ainda não nos pagaram seu resgate e sei que estará muito mais segura em Caraidland do que aqui.— Sentiu-a estremecer e a apertou um pouco mais forte. — Sir Hugh lhe fez mal, pequena?



—Não como imagina— respondeu ela, separando-se da horrenda lembrança de sua breve estadia entre os muros de Hagaleah, que já não reconhecia. —Podemos ir, Tavis? Não é seguro ficar aqui. Estamos perto das guaritas.

Tavis assentiu com a cabeça, então percorreram o caminho que os conduzia para fora do castelo. Na penumbra, Tavis tinha notado os hematomas no rosto de Storm. De resto, ela parecia encontrar-se bem, embora Tavis suspeitasse que a tinham golpeado. No momento lhe bastava que não a tivessem violado. Haveria ocasião de fazer sir Hugh pagar por ter agredido Storm. franzindo o cenho, deu-se conta que em algum momento Storm se tornou mais uma responsabilidade que uma prisioneira. E ele tinha passado de seu captor a seu paladino.

Storm cerrou os dentes para não sentir dor. O instinto lhe dizia que só complicaria as coisas se revelasse o grau de suas lesões. O tom de voz de Tavis ao lhe perguntar por uma possível violação tinha bastado para convencê-la de que talvez procurasse uma confrontação imediata com sir Hugh. Não o considerou um sinal de que Tavis pudesse abrigar algum sentimento por ela, além do desejo. As coisas que ela tinha feito para ajudar Colin bastavam para que os MacLagan tomassem as armas para defendê-la. Ainda que gostasse de ver sir Hugh sofrer, sabia que nesse momento era mais urgente escapar.

A volta para Caraidland foi um calvário desde o momento em que Tavis a sentou no cavalo, diante dele, até que, à luz da alvorada, transpuseram a muralha interna do castelo dos MacLagan. Só eram oito homens e cavalgavam em bom ritmo. Nenhum deles desejava ser alcançado pelos soldados de Hagaleah. Passado um momento, Storm caiu em uma espécie de atordoamento. A dor, que seguia atravessando-a, conduziu-a a um estado de semi-inconsciência. Só às vezes, quando uma sacudida fazia saltar um raio de dor entre a capa de mal-estar físico que se acostumou a sentir, tinha que sufocar um gemido.

Tavis desmontou-a do cavalo deixando-a nas mãos de Sholto, no meio do pátio cada vez mais cheio, Storm descobriu que suas pernas já não a sustentavam. Por um instante, depois de desfalecer contra ele, contemplou fascinada como tremia e desaparecia o belo rosto de Sholto. Teve a sensação de que ia desmaiar, e lhe faltou forças para resistir. Tinha investido toda sua energia em sobreviver a viagem de volta.



—Desculpem— disse com uma cortesia que seu fiapo de voz fez com que soasse ridícula, —mas receio que estou a ponto de cair, me perdoem, por favor.

Sholto a segurou com força, rodeando-a com os braços quando ela perdeu os sentidos. Ao apoiar as costas dela com suas mãos, notou uma estranha umidade sob a densa cortina do cabelo solto. Tavis desmontou e ficou olhando, e Sholto mostrou sua mão. Apesar da luz cinzenta da alvorada, não havia dúvidas de que era sangue o que manchava sua mão.

Tavis não perdeu o tempo: afastou o cabelo de Storm e rasgou sua túnica. Soltou um uivo arrepiante, e muitos lançaram mão da espada e crispavam o rosto, cheios de raiva diante daquela visão. Poucos deles podiam dizer que jamais tinham levantado a mão para uma mulher, porque a vida deles era dura e intrinsecamente violenta, mas ver a prova da brutalidade de sir Hugh comoveu todos. Pouco importava que Storm fosse uma Eldon. Nenhum homem tinha direito a tratar assim uma mulher.

—Vou matá-lo— amaldiçoou Tavis fixando os olhos nas costas arroxeadas e ensangüentadas de Storm.

Iain fez uma careta enquanto examinava as feridas.

—O sangue em sua maior parte é da ferida reaberta. Essas marcas... Foram poucas as que cortaram a pele. Quem fez isso não desejava deixar cicatrizes.

Tavis tomou nos braços o corpo inerte de Storm e entrou no castelo. Não observou quem o seguia, nem lhe importava. A notícia de que Storm havia regressado fez Colin sair, e este apenas parou o tempo necessário para mandar uma criada em busca de alguma mulher que tivesse dons de curandeira. Uma vez em seus aposentos, Tavis e Iain tiraram as roupas de Storm enquanto Sholto pegava o necessário para socorrer a jovem inconsciente.

— Santa Mãe de Deus — murmurou Colin com voz rouca ao aproximar-se da cama e rodear com o braço os ombros de Phelan, que, muito pálido, chorava em silêncio.

Eram poucas as partes do corpo de Storm que não estavam feridas. Colin pôde ler as marcas como um livro. Estava claro que quem tinha feito aquilo tinha usado



primeiro os punhos e depois tinha recorrido a uma vara. A única coisa que o confortava em parte era que poucas daquelas lesões deixariam cicatrizes.

—Não posso acreditar que tenha suportado a viagem até aqui— murmurou Iain enquanto começava a lavá-la para lhe tirar o sangue. —Não disse nenhuma palavra, e deve ter sido uma tortura. Quem pôde fazer isto a uma moça tão doce?

Com voz chorosa mas carregada de ódio, Phelan respondeu:

—Foi sir Hugh e essa bruxa de Sussex.— Respirou fundo, tremendo, e tocou levemente a face arroxeadada de Storm. — Não fui rápido o bastante.

—Não podia ser, moço— disse Colin com a intenção de aliviar a tristeza do menino.

—Não tem nada quebrado— disse Tavis em voz baixa. —E tampouco há sinais de que a tenham violado, Phelan.

—Ela disse que não o tinham feito— respondeu Phelan, algo mais animado.

—Menino, um homem capaz de fazer isso a uma criatura como ela seria capaz tudo, e acredito que Storm deve ter desmaiado em algum momento enquanto golpeavam.— Colin suspirou. —E espero que tenha sido assim.

Uma jovem chamada Jeanne, a criada que Colin tinha mandado para procurar ajuda, entrou bruscamente no quarto. Depois dela apareceu uma mulher forte de idade indeterminada que era esposa do chefe dos estábulos. A aflição que Jeanne sentia por Storm era evidente, mas o rosto insignificante da outra mulher expressava pouca emoção. Com admirável eficiência, limpou o quarto e se concentrou em fazer o que pudesse por Storm, que, por infelicidade, não foi muito. Suas lesões eram daquelas que se curariam sozinhas, apagando-se com o tempo.

Os MacLagan e Phelan se retiraram para o salão. Embora estivessem sérios e indignados, nenhum deles sofria a raiva feroz que sentia Tavis. Atribuía isso ao fato de preocupar-se pela primeira vez profundamente pela mulher que dividia sua cama, e Storm se desincumbia muito bem, ela simplesmente não merecia um tratamento tão brutal. Ignorou ostensivamente uma voz que lhe dizia que estava sendo um tanto obtuso. Nenhum homem podia ver os danos infligidos aquela pele de alabastro sem sentir-se comovido.



Ao deixar Storm, a mulher os informou secamente que se ocupou da ferida aberta da faca, e acrescentou que não havia mais que pudesse fazer. A dor se dissiparia passados uns dias e podia aliviar-se com um unguento ou uma dose de uísque.

—Custo a aceitar que um homem possa tratar tão brutalmente uma jovem— disse Colin depois de mandar Phelan para a cama. —Storm tem uma língua muito afiada, sim, mas não merecia essa surra.

—Presenciei a humilhação de sir Hugh — disse Tavis, —e não se mostrou muito amável quando ela repeliu o pedido que ele fez. Além disso, quer casar-se com ela, precisa de sua fortuna, mas ela não está disposta a aceitar. E sir Hugh não me pareceu ter um jeito muito moderado.

—Tudo isso é um pouco confuso— comentou Sholto, olhando com o cenho franzido sua caneca de cerveja.

—Mas como? — indagou Colin ao ver que seu mais novo não dizia mais nada.

—Bom, afinal de contas a moça é nossa prisioneira, e entretanto me parece que perdemos isso de vista. É como se tivéssemos ocupado o lugar de seu pai para defendê-la.

—Sim, mas lhe devo a vida. Ela não tinha por que me salvar da traição de Janet. Se tivesse morrido, seria um MacLagan a menos para combater. Isso não posso esquecer. Pode ser que seja uma Eldon, e uma inglesa, mas isso não é nada comparado com o fato de que me salvou quando estava a beira da morte.

—O pai tem razão— afirmou Iain. —Não é momento de pensar quem ela é, só no que tem feito. Além disso, ser uma Eldon não significa que não possamos gostar dela, nem impede que me dê vontade de livrar o mundo de escória como esse inglês que a maltratou. Isto não tem nada a ver com a longa guerra entre nossas famílias. É outra coisa. Sim, Storm ganhou o direito de a defendermos.

Sholto assentiu com a cabeça.

—Acreditam que esse homem virá procurá-la? Que sairá enfim para lutar em campo aberto?



—É impossível saber,— respondeu Colin. —Só podemos esperar, mas não voltará a lhe pôr as mãos em cima, se puder impedi-lo.— Falou com tal gravidade que ninguém questionou a sinceridade de sua promessa.

Fizeram planos para adiantar-se a qualquer possível contingência, no caso de que sir Hugh e seus soldados viessem procurar Storm para levá-la para Hagaleah. Como era comum entre os homens dessa época, a idéia da batalha, especialmente se fosse justificada, era muito estimulante. A única atividade desde que acabara o inverno tinha sido a saída para Hagaleah, e fora pouco arriscada. Aquilo podia acabar sendo divertido: talvez, ao voltar da França, lorde Eldon descobrisse que seu velho inimigo a tinha libertado de novo.

Muito mais tarde, enquanto Tavis se preparava para deitar-se na cama, Storm começou a gemer e a se retorcer, revivendo em sonhos o calvário que tinha sofrido nas mãos de sir Hugh. Tavis se deitou ao seu lado, pegou-a em seus braços, ignorando a sua resistência, ao mesmo tempo em que tentava libertá-la das garras de seus terrores inconscientes. A angústia que conseguira manter oculta enquanto estava acordada, se manifestava finalmente em sonhos.

—Tavis! — gritou, frenética, ao acordar do seu pesadelo.

Ele, sentiu uma estranha euforia quando ela despertou com seu nome nos lábios e se agarrou nele com força. Acariciou-lhe a face e procurou tranquilizá-la.

—Sim, pequena, sou eu.

—Meu Deus.— Storm estremeceu enquanto procurava seu calor. —Achava que ainda estava...

—Pare. Esqueça, Storm. Está protegida em Caraidland. Aqui não a encontrarão.

—Dói tanto...— murmurou, tranquilizada pelo batimento do coração firme e constante do coração de Tavis sob seu ouvido.

—Não ficará com cicatrizes, minha jovem. Bom, pode ser que uma ou duas, mas bem pequenas.

—Isso não me importa. Mas eu gostaria que a dor desaparecesse.

—Passará, Storm. Só que vai levar algum tempo. Volte a dormir. Descansar é o que você precisa neste momento.



Storm abraçou-o com força, enjoada por seu medo, mas incapaz de refreá-lo.

—Fica comigo, Tavis.

—Não pensei ir a nenhuma parte. Por que ficou tão furioso contigo?

—Queria me castigar, sem se importar com o que eu fizesse ou dissesse. Sim, pode ser que eu tenha atizado sua fúria, já que ele é propenso a isso, mas não pude me submeter docilmente as suas agressões, embora tentasse— estremeceu e sentiu que Tavis a estreitava mais um pouco em seus braços, embora não o suficiente para lhe fazer mal. —Insultá-lo me impedia de chorar ou suplicar piedade. Negava-me a lhe dar a satisfação de ver-me tremer diante dele.

Tavis escutou com fúria crescente quando pediu que ela lhe falasse com mais detalhe de sua breve estadia no que antigamente tinha sido seu lar. Apesar de tudo, lhe escapou uma gargalhada sincera, embora enrouquecida pelo torvelinho de suas emoções, quando Storm lhe contou as coisas que havia dito. Aquela nova prova de seu ímpeto produziu uma sensação de orgulho, sobretudo quando pensou em como tinha encontrado forças para escapar, apesar de tudo o que tinha sofrido.

Relatar o ocorrido essa noite fez Storm recordar certas coisas que tinha notado e que só agora começava a pensar. Entre elas, a expressão de lady Mary enquanto via sir Hugh maltratar a sua enteada. Enquanto ia caindo na inconsciência, Storm tinha acreditado ver algo, mas sua mente se afastou daquela lembrança. Ninguém podia comportar-se de maneira tão vil. Timidamente, mas confiando em que ele lhe garantisse que era um engano, decidiu falar com Tavis. Já que eram amantes, não podia lhe fazer nenhum mal falar com ele daquelas coisas.

—Lady Mary presenciou tudo— disse em voz baixa enquanto acariciava a dura musculatura das costas de Tavis.

—Esqueça dessa harpia— ordenou ele com calma, e beijou sua fronte.

—Farei, assim que esclarecer algo. Lady Mary não se limitava a olhar. Estava gostando. Por sua expressão parecia que...— Sentiu que o rubor tingia suas bochechas. — Parecia estar fazendo amor.

—Pobre Storm — murmurou Tavis, e se perguntou por que sentia um desejo tão intenso de protegê-la de semelhante indignidade. —É possível, pequena. Há quem goze infligindo dor, ou presenciando-a.



—Santo céu.— Storm ocultou a cara em seu peito. Sentia-se levemente doente, de repente duvidou que Tavis pudesse garantir que o resto não tinha acontecido. —Então o que vi enquanto estava quase inconsciente pode ser que seja verdade,— murmurou. —É possível que lady Mary e sir Hugh fizessem amor desvairadamente, ali mesmo. Ao meu lado, na cama onde estava ensangüentada e dolorida.

—Esses porcos— disse Tavis com veemência. — Oxalá pudesse lhe dizer que não, no entanto esse lado escuro existe. Agradeça que esses animais se satisfizeram entre si e lhe deixaram em paz. Agora descanse, Storm. Logo se recuperará. E eu não consigo passar muitas noites apenas lhe abraçando sem fazer amor.

—Eu tampouco — disse sinceramente, em voz baixa, enquanto fechava os olhos.

Pouco depois, Tavis compreendeu que ela adormecera e desejou poder fazer o mesmo. Catalogou metodicamente todas as emoções que o tinham assaltado nas quarenta e oito horas anteriores e foi explicando-as uma por uma. Ignorou implacavelmente, uma idéia que batalhava constantemente por concretizar-se: não só não a queria, mas também, tendo em conta quem eram, isso era impossível.



Capítulo 14

—Menina, provavelmente ajude falar do que a deixa tão cabisbaixa, curaram bem suas feridas? Incomodam-lhe ainda?— indagou Maggie, observando a expressão melancólica de Storm com sincera apreensão.

—Não, os machucados não me incomodam, Maggie. E deixaram poucas marcas.

Deixou escapar outro suspiro enquanto via Maggie amassar o pão. Estavam na pequena cozinha, e as crianças estavam na cama ou por aí, dependendo de suas idades. Storm, entretanto, não parecia capaz de animar-se, apesar de que era isso o que pretendia ao visitar Maggie, sempre tão alegre. Pouco acostumada à melancolia, estava assim apesar de tudo: aquela emoção a desagradava.

—Sente falta de seu pai e da sua família, menina?

—Sim. Estou preocupada com eles. Não sabe o quanto me alegraria ter notícias deles, saber que estão salvos em Hagaleah e que os odiosos planos de lady Mary fracassaram.

—É duro preocupar-se e não ter notícias, sei muito bem, mas isso não é tudo, verdade?

Storm moveu a cabeça de um lado para outro. Não temia que Maggie revelasse os segredos que lhe confiasse. Decidiu que talvez a aliviasse, contar suas preocupações para outra mulher e, levantando os olhos do tampo gasto da mesa, deu a Maggie um sorriso delicado e ligeiramente torto. Simplesmente, já não podia continuar calando-se.

—Maggie, quero que meu pai volte para casa, que esteja são e salvo, mas em parte odeio pensar nisso. Quando retornar, terei que deixar Tavis. — Sentiu de repente que as lágrimas a dominavam e olhou de novo para mesa, esperando poder contê-las. — Creio que morrerei.

—Bom, mas isso não é tudo. Fiz uma coisa absurda. Apaixonei-me loucamente do Tavis.



—Isso já temia, menina. — Maggie sacudiu a cabeça. — Me dei conta quando os MacDubh estiveram aqui.

—Então já estava perdida, embora tentasse resistir. — Encolheu os ombros.

—Mas não é fácil quando o homem que ama está lá cada noite para lhe abraçar e lhe fazer gozar.

—Bom, garota, ainda não é certo que vai partir— disse Maggie, consciente de que mentia.

Storm também sabia.

—Não me engano a respeito de como acabará tudo isso. Já é ruim o bastante que eu seja inglesa, porém pior ainda é que seja uma Eldon. Talvez, se meu pai tivesse outras filhas, importaria-lhe menos minha sorte, mas sou sua única garota. E sua primogênita. Trouxe-me para esse mundo com suas próprias mãos, foi ele quem me deu o primeiro castigo. Muito poucos pais têm esse vínculo com seus filhos. Pareço-me muito com minha mãe, e ela foi seu primeiro amor e possivelmente o mais importante. Acredito que não se recuperou de sua perda até que encontrou Elaine, sua amante. Não, meu pai não me deixará aqui para que siga esquentando os lençóis de Tavis MacLagan.

—E se... e se casasse com Tavis?— perguntou Maggie, visivelmente titubeante.

—Isso é impensável. Apesar de suas belas palavras, Tavis nunca me fala de amor, nem de nosso futuro juntos. Quando às vezes fala do futuro é para referir-se a minha volta a Hagaleah. Entretanto, mesmo que não fosse assim, nos deixariam casar? Meu pai é um homem arrojado, mas permitir que sua única filha se case com um MacLagan poderia lhe parecer intolerável.

—Então, o que pode fazer, menina, é aproveitar as circunstâncias presentes o quanto puder.

—Isso é o que me digo, o que me esforço para fazer. Mas às vezes, de noite, fico acordada, olhando Tavis, e me dói tanto saber que só será por um tempo... Não posso lhe falar de meus sentimentos porque não estou segura de que ele sinta o mesmo por mim, e somente me resta o orgulho. Tenho fé que chegará a me amar e em que encontraremos um modo de ficarmos juntos, mas não há nem sinais disso. Unicamente vejo diante de mim é solidão e amargura. Tavis se tornou parte do meu



ser ao ponto de que não suporto pensar em ficar sem ele. Assusta-me. Não sou tão parva a ponto de acreditar que sem ele morrerei, mas como será minha vida?

Maggie estava preparada para seu pranto quando chegou. Tinha-o intuído pela sua voz e limpou a farinha das mãos. Aproximou-se de Storm, rodeou-a com seus braços roliços então deixou que a moça se abraçasse a ela enquanto soluçava. Parecia fácil servir de mãe para Storm, mais miúda e jovem do que ela. Não pensava em suas origens, nem em sua linhagem. Só via uma moça assustada e entristecida que necessitava do consolo de uma mãe, e ela era perita nisso.

—Nunca choro — disse Storm com voz abafada, pois tinha a cara encostada ao peito de Maggie.

—Bom, isso significa que quando chora, é de verdade. De coração.— Maggie lhe deu um pano para que secasse as lágrimas e lhe serviu um pouco de cerveja com uísque. —Beba isso, menina. Se sentira melhor. Oxalá pudesse dizer algo que lhe desse esperanças, mas...

—Mas não há nada.— Storm provou um gole da potente bebida e pensou que tinha um sabor estranho. —Sei, mas ultimamente pareço acovardada. Me saltam as lágrimas por qualquer coisa.

Os olhos de Maggie se aguçaram de repente ao ouvi-la. Olhou para Storm de cima abaixo enquanto bebia da caneca ligeiramente lascada. Tendo em conta o tempo em que se deitava com Tavis, parecia lógico pensar que estivesse grávida. Era evidente, além disso, que Storm não tinha chegado ainda a essa conclusão. Maggie decidiu conservar suas suspeitas. Só preocupariam mais ainda a jovem e, se estivesse grávida, havia pouco que pudesse fazer a respeito.

Storm aceitou outra caneca daquela mistura potente e seguiram conversando das semelhanças e as diferenças entre as comidas de um e outro lado da fronteira. Ao partir, Storm pensou que realmente tinha sido boa idéia visitar Maggie, porque agora se sentia menos deprimida. Quando entrou no salão de Caraidland e cruzou com Tavis, saudou-o alegremente.

—Mas Tavis — protestou ao ver que ele a agarrava pelo braço e a levava para fora, —queria comer algo.

Ele ergueu uma cesta tampada.



—Está com sorte, minha senhora: casualmente levo um autêntico banquete escondido nessa cesta. Penso procurar um lugar afastado onde possamos comer a gosto e... — Olhou com um brilho maroto que lhe surgiu nos olhos —falar.

—Faz muito tempo que não falamos— disse ela pudicamente quando Tavis a montou sobre seu cavalo.

—Sim— respondeu ele, e montou atrás dela. —Mas agora já está bem e penso manter uma extensa conversa contigo.

Storm se apoiou contra ele, olhou seu rosto e batendo as pestanas ronronou:

—Muito esclarecedor. Prefiro muito mais as longas conversas aos bate-papos curtos.

Rindo, Tavis comandou seu cavalo para que partisse em trote. Sua família, que estava na muralha, viu-os partir com uma mistura de emoções. Dava gosto ver Tavis despojar-se daquele ar duro e solene do qual se cobriu nos últimos anos, mas todos teriam desejado de que o motivo fosse outra mulher. Ao final do caminho que tinha tomado, só podia haver dor.

Storm se recostou nele e desfrutou do passeio a cavalo. O campo possuía uma beleza selvagem, uma beleza que ela já amava. Se por acaso isso fosse pouco, estava consciente de que começava a pensar em Caraidland como seu lar. Era uma idéia deprimente, mas com a ajuda do tônico de Maggie, cujos efeitos notava ainda, conseguiu afugentá-la sem esforço.

O lugar que Tavis parou lhe pareceu, em efeito, muito afastado. Era um pequeno bosque a beira de um riacho. As árvores e a suave ladeira de uma colina pareciam rodeá-lo. O fato de que fosse tão adequado para o que Tavis tinha em mente fez que Storm o olhasse com receio.

—Pode parar de me olhar assim, pequena. Descobri esse lugar quando era um menino, mas a idéia de usá-lo para... conversar com lindas senhoritas acabou de me ocorrer— disse Tavis com ironia enquanto se ocupava de sua montaria. —Você não tem um lugar para pensar em Hagaleah?

—Costumava ser o lugar onde me encontrou com sir Hugh. Mas suponho que não voltarei a usufruir dele a sós.



Quando Tavis acabou de ocupar-se das necessidades de seu cavalo, Storm já tinha tirado os sapatos e as meias, subiu as saias e estava colocando os pés na água clara, embora fria. Tavis se aproximou dela e ponderou que, como ela estava, parecia ser muito jovem. Analisou fugazmente se sempre teria aquele ar de desenvoltura, esse toque de inocência que a fazia tão sedutora.

—Sabe nadar, Storm? — perguntou, olhando-a de soslaio.

—Sim.— Olhou-o do mesmo modo, adivinhando que iria propor que se banhassem nus.

Tavis se limitou a arquear uma sobrancelha, consciente de que Storm sabia o que estava insinuando. Ela tomou como um desafio. Olhou a água, voltou a olhar Tavis e começou a desatar o vestido. A audácia daquele gesto a fez ruborizar-se, mas estava decidida a seguir seu próprio conselho e o de Maggie: o tempo passava voando, era um bem muito valioso, e pensava em aproveitar o máximo possível e encher seus dias de experiências com Tavis. Ao menos, se certificaria de que ele nunca a esqueceria.

Tavis tirou a roupa devagar, sem arredar os olhos de Storm. Não se cansava de olhá-la, e era tão estranho que se mostrasse atrevida que queria desfrutar por completo daquela mudança deliciosa. Conteve o fôlego quando, já nua, foi soltando o cabelo lentamente. Sabia que tentava ficar sedutora e não era de todo consciente de seu êxito, o qual a fazia ainda mais irresistível. Quando desapareceu dentro da água, Tavis tirou rapidamente o resto da roupa e foi atrás dela.

Chapinharam na água refrescante do riacho como duas crianças. Molhavam-se e se perseguiam, riam e desfrutavam um do outro. Justo quando Storm começava a pensar em voltar para a margem, Tavis a estreitou em seus braços e a beijou. Ele era o único que tocava o fundo com os pés.

—Nada como um peixe, minha ninfa, — murmurou enquanto deslizava os lábios por sua garganta.

—Meu pai ensinou todos seus filhos a nadar. Ah, Tavis... — gemeu ela quando começou a lhe beijar os seios.

—Nunca fiz amor na água — disse ele ao mesmo tempo em que brincava com um de seus mamilos endurecidos.



—Afogaríamos— arquejou Storm enquanto ele chupava seus seios suavemente. —Há muitas pedras no fundo.

—Já deveria saber, moça, que não cairá de costas. Circunde o meu pescoço com os braços e a cintura com essas lindas pernas — pediu com voz rouca. O desejo que sentia por ela criava alento rapidamente.

Ambos sufocaram um gemido ao unir-se. Permaneceram imóveis um momento, beijando-se brandamente no princípio e depois com paixão cada vez mais intensa. Com as mãos sobre os quadris de Storm, Tavis começou a movê-la pouco a pouco. Logo foi aumentando o ritmo até que sua paixão alcançou o clímax e ambos estiveram a ponto de desabarem na água.

—Poderíamos ter nos afogado— disse Storm, e procurou não ruborizar quando se sentaram envoltos em toalhas sobre a manta em que tinham estendido a comida. — Faz um pouco de frio. Deveria me vestir.

—Não— disse Tavis com suavidade ao lhe dar um copo. —Beba isso. Ajudará a se aquecer.— Tocou seu cabelo úmido enquanto ela bebia um gole de uísque. —O sol a secará em seguida e já não terá frio.

O uísque a fez sentir calor enquanto ainda bebia. Comeram com apetite, provando, de vez em quando, uma porção um do outro e riam enquanto falavam. A mescla do uísque e a sensação de liberdade que experimentavam, embora fosse momentânea e talvez ilusória, tinha colocados os dois de muito bom humor. Quando acabaram de comer, Tavis se deitou com os braços cruzados atrás da cabeça e desfrutou do sol enquanto via Storm recolher a comida.

Ela bebeu outro gole de uísque ao sentar-se ao seu lado. Em seguida o olhou. Perguntava-se vagamente por que ele não tinha uma aparência ridícula ali deitado, com um pano ao redor da cintura. Desejava fazer amor com ele. Queria passar as mãos por seu corpo musculoso e rígido, palmo a palmo. Bebeu outro gole de uísque, pensativa, e se perguntou se iria atrever-se. Não era adequado a uma dama, mas tampouco o era sentar-se ali, quase nua, e beber uísque com um homem com tão pouca roupa como ela.

Ruborizou-se um pouco ao recordar da única ocasião em que tinha tomado a iniciativa. Tavis, com certeza, ficara agradecido. Recordou então o que lady Mary fizera com sir Hugh. O fato de que eles fizessem não significava que fosse ruim: afinal



de contas, faziam amor como ela e Tavis. Era unicamente a sua atitude que convertia em algo sórdido. Pensando no quanto suas carícias fizeram Tavis alucinar-se naquela ocasião, começou a se indagar se aquela nova intimidade seria também prazerosa. Se havia alguma coisa que lady Mary fazia bem era agradar um homem. Storm estava curiosa. E avaliava que, se os homens gostavam daquilo, devia fazer com Tavis, o homem que amava.

Tavis abriu os olhos e os fixou no olhar cáldo e pensativo dela. Reconheceu em seu semblante a expressão que punha sempre quando estava devaneando. Enquanto seu olhar deslizava sobre ela, desde a suave curva dos seios, por cima do pano até suas magras coxas, decidiu que esperaria até depois para lhe perguntar o que estava pensando. Levantou a mão e afrouxou o pano de Storm, que caiu até seus quadris e ficou ali apinhado, preservando com muita dificuldade seu pudor.

—É linda, Storm — disse brandamente, e ao levantar os olhos viu suas bochechas coloridas. —Por que é tão tímida? É muito formosa e é um prazer olhá-la. Eu gosto de fazê-lo.

—Gosta, Tavis? — Perguntou ela em voz baixa, e moveu a mão para acariciar seu peito. —Que mais você gosta? Disso?

— Sim— murmurou ele quando ela começou a brincar com sua boca, com lábios e língua antes de beijá-lo lentamente.

—Para uma mulher é difícil saber o que satisfaz um homem— disse Storm pensativamente, enquanto riscava uma linha de beijos sobre o peito dele. — Um homem aprende à medida que cresce, com as mulheres que são pagas ou contam com as amantes para lhes ensinar. Quanto a nós, em troca, não nos ensinam nada, nem nos dizem nada. Como vamos saber do que os homens gostam? — perguntou com voz rouca, e sua língua brincou com os mamilos de Tavis antes que começasse a chupá-los.

Tavis afundou as mãos em sua densa cabeleira.

—Não posso falar pelos outros, mas eu adoro — disse.

Storm se ajoelhou entre suas possantes coxas, e o pano que a cobria escorregou e caiu sobre a manta. Com a língua foi riscando linhas sobre seu peito, até a beira do pano que continuava lhe rodeando os quadris, linhas que com beijos



voltava a delinear. Explorou com as mãos cada palmo de suas pernas musculosas, lenta e amorosamente.

—E isso o que é, Tavis?— sussurrou enquanto seus lábios seguiam brincando sobre o rijo abdômen dele, justo por cima da borda do pano. Sentiu que ele crispava as mãos entre seu cabelo.

—Uma provocação, m'eudail*— grunhiu ele.

Desde a visita dos MacDubh, Tavis não tinha deixado de pensar na magia que Storm fizera com sua linda boca e sua língua embriagadora. Ocorreu-lhe de repente que pensava muito nela, mas atribuiu isso a sua habilidade natural de fazer amor. Sua capacidade de satisfazê-lo garantiria que a recordasse futuramente. Não poderia esquecer que ela era capaz de transformar seu sangue em puro fogo, de excitar sua paixão como nenhuma outra mulher antes.

—Talvez, se me dissesse o que quer...— ronronou Storm, sem abandonar seus jogos.

—Sabe muito bem o que quero, bruxinha — replicou ele com voz rouca.

—Isso, acushla?

Afastou lentamente o tecido. Moveu a mão sobre a sede de sua paixão ao mesmo tempo em que deslizava suavemente os lábios até as suas coxas. Sentiu-o estremecer enquanto acariciava-o e o provocava, então conheceu o poder que a mulher tinha sobre um homem. No seu caso, ela mesma tinha se investido daquele poder. Sua paixão ia crescendo à medida que crescia a de Tavis, cujo prazer aumentava o seu, e se rendeu ao desejo quase tão rapidamente quanto ele.

—Meu Deus, como sabe usar bem essas mãos tão belas. Ah...— ofegou quando ela roçou com os lábios seu membro. —Storm, minha Storm, por que me tortura assim? Tenha piedade de mim.

—Chama isso de piedade, Tavis?— murmurou, e empregou sua boca no grato trabalho que até então tinha desempenhado sua mão.

—Chamo de paraíso— respondeu ele asperamente, fechando os olhos de prazer. — Sim. É o paraíso.



A urgência de seu desejo, insatisfeito enquanto ela se restabelecia, tinha desaparecido. Desse modo obteve forças para dominar-se e desfrutar. Não queria apressar-se, desejava deleitar-se nas onda de prazer que o embriagavam. Esteve, entretanto, a ponto de perder o controle quando Storm rodeou com os lábios seu sexo, pondo em prática uma íntima carícia que nunca se atreveu a pedir. Abriu os olhos de repente e se ergueu, pela surpresa.

A brutalidade de sua reação fez Storm se deter, então o olhou por entre a embaraçada cortina de seu cabelo.

—Não? — perguntou com uma voz, aterrorizada por ter-se enganado.

—Sim — grunhiu ele, e, empurrando-a suavemente com as mãos que ainda tinha entre seu cabelo, urgiu-a a continuar. Sentado, fixou o olhar em sua luminosa cabeleira, espalhada sobre seu colo. Tremendo tentou dominar-se. A aparente submissão de Storm, curvada diante dele, era fingida, pois nesse momento era ele quem se achava escravizado. O êxtase quase o fez revirar-se, logo compreendeu que tinha alcançado o limite de sua resistência.

Storm se encontrou de repente deitada de costas. Tavis a possuiu com ânsia frenética, colocando-se em cima dela e penetrando-a profunda e rapidamente. Depois da impressão inicial, sentiu-se arrastada pela ferocidade de seu amor, cuja violência foi efêmera, pois alcançaram o clímax quase ao mesmo tempo. Tavis se deixou cair sobre ela e escondeu o rosto na curva de seu pescoço; sua respiração era entrecortada e brusca. Ela, por sua parte, sentia os membros pesados e intumescidos.

Separaram-se em silêncio e começaram a vestir-se. Havia no ar uma tensão que inquietava Storm. Porque normalmente um homem não aprovava que uma dama fizesse certas coisas, por melhores que fossem. Storm tinha percebido aquela hipocrisia ainda muito jovem.

O silêncio de Tavis se devia, em parte, ao seu assombro. Sabia que a tomara violentamente, com mais brutalidade do que se recordava de já ter possuído uma mulher. Nunca antes se sentira tão arrastado por um desejo tão ardente e cego. E o fato de que Storm fosse capaz de deixá-lo nesse estado o inquietava ligeiramente. Notou que ela se movia com rigidez e a viu fazer uma careta ao agachar-se para recolher a manta.



—A magoei? — perguntou com evidente pesar ao aproximar-se dela.

Storm abraçou a manta dobrada e murmurou:

—Não é nada, Tavis.

—Mente muito mal, pequena.— Afastou-lhe o cabelo da cara. —Está dolorida. Nota-se pela maneira que se move. Sinto muito. Meu Deus, é capaz de me deixar louco.

—Não é uma dor desagradável, Tavis. Antes não o notei. E, além disso, logo passará.

Tavis pegou a manta, colocou-a para um lado e abraçou Storm. Estava tão confuso que a cingiu com força e escondeu o rosto entre sua sedosa cabeleira. Sentia um violento desejo de escapar com ela, de partir para algum lugar onde não importasse quem eram. Mas, consciente de que ela desejava retornar a Hagaleah, olhou para o futuro e viu nele um vazio que lhe gelou o sangue. Não havia nada que pudesse encher o espaço que ela deixaria.

Tavis se sacudiu para afastar de si aquela sensação e tentou convencer-se de que só estava cativo na melancolia que aparecia após fazer amor. Qualquer homem detestaria a idéia de perder semelhante prazer. Durante um período, sentiria temporariamente, que tinha perdido algo.

—Storm... —Se afastou um pouco para olhá-la, sem saber o que queria lhe dizer.

—Sim, Tavis? — Ela viu a expressão confusa dele e se perguntou qual seria o motivo.

—Obrigado — murmurou, e, tomando sua cara entre as mãos, deu-lhe um suave beijo na boca.

—Não há de que — respondeu, e se obrigou a sorrir, apesar de que a dor retorcia o coração. Uma angústia cuja causa era sua certeza de que aquilo era apenas o que obteria de Tavis MacLagan.



Capítulo 15

O ar encrespado dizia adeus ao verão e anunciava a chegada do outono. Storm suspirou enquanto se preparava para descer ao salão. Sabia que estava grávida e a única coisa boa que podia ponderar a respeito era que os enjôos já tinham acontecido e tinha conseguido ocultá-los de Tavis. Agora só tinha que preocupar-se com que aconteceria quando começasse realmente a aparecer. No momento, só parecia ter ganhado um pouco de peso. Sabia, não obstante, que isso mudaria brevemente. A gravidez estava tão avançada que não poderia continuar ocultando-a por muito tempo. Sentia-se amargurada por Tavis não ter notado os movimentos do bebê, que eram mais fortes a cada dia.

Não havia dito nada porque tinha a impressão de que aquilo os separaria. Uma das coisas que temia era que ele exigisse que, se fosse um varão, ficasse com ele. Isso não poderia suportar. Era cada vez mais urgente que retornasse para casa.

Aproximou-se da porta, suspirando de novo, e convenceu-se de que seus problemas não parariam enquanto estivesse em Hagaleah. Ao final, teria que dizer ao seu pai, e de tal modo que lorde Eldon não partisse para Caraidland cavalcando desenfreadamente, exigindo sangue. Teria, além disso, que enfrentar as mas línguas, que a fariam responsável por algo que escapava ao seu controle. E, desonrada e mãe de um filho bastardo, o matrimônio estaria proibido.

Um futuro frio e sem amor se estendia diante dela. Isso seria o mais difícil de suportar, especialmente agora que tinha experimentado o amor, embora ele não fosse correspondido, e a paixão que esse gerava. Com um pequeno estremecimento, imaginou intermináveis noites de melancolia.

Ao entrar no salão pensou na vida que crescia dentro dela. Diante do lúgubre futuro que via, e em que pese as suas preocupações presentes, sentiu que uma centelha de alegria lutava para erguer-se. Teria uma parte de Tavis a quem amar e abraçar. Sabia que isso lhe causaria dor no futuro, mas sentia que a alegria de ter seu filho eclipsaria sua tristeza. Teria um filho de Tavis a quem entregar todo o amor que ansiava oferecer ao seu pai.



Sentado no salão, Tavis bebia cerveja e falava com sua família, mas não raciocinava no que dizia, e sim pensava em Storm. Calculava que a época de campanhas militares estaria acabando até mesmo na França. Lorde Eldon voltaria logo para casa. O rei não podia reter todos seus vassallos ao seu lado, embora optasse por ficar na França para passar o inverno. Lorde Eldon devia ter recebido notícias do que acontecia em sua casa, e Tavis não duvidava de que retornaria o quanto antes para Hagaleah para resgatar sua filha na ponta de espada ou por dinheiro. Esperava ter notícias suas a qualquer momento.

O resgate seria pago, Storm retornaria a Hagaleah e a cama de Tavis ficaria vazia de novo. Aquela idéia lhe gelava os ossos. Mesmo assim, fazia ouvidos surdos a voz que, exaustivamente, tentava lhe falar de seus sentimentos. Continuava convencendo-se que apenas gostava de Storm, pois ela o fazia gozar com sua paixão, essa mescla da que nunca antes tinha desfrutado. Por isso detestava a idéia de perdê-la. Isso significaria voltar para as mulheres que satisfaziam seu desejo unicamente no grau mais elementar.

Ultimamente, à medida que Storm ocupava mais e mais sua cabeça, tornou-se avarento. Não se surpreendia que ela ficasse na cama pelas manhãs. Sentiu uma pontada de culpa ao recordar quão cansada ela lhe parecia às vezes. Isso, entretanto, não o impedia de fazer amor toda vez que tinha oportunidade. Decidiu tentar não perturbar o sono dela tão freqüentemente durante a noite. Não convinha devolvê-la ao seu pai com aparência doente e esgotada.

Ao pensar naquilo se perguntou o que aconteceria quando lorde Eldon descobrisse que sua filha se deitara com seu carcereiro. Era razão de sobra para empunhar as armas. Tavis sabia que o seu pai exigiria sangue se a sua amada filha, caso tivesse, recebesse o tratamento que ele tinha dispensado a Storm. Seria seu dever. A desonra se pagava com sangue.

O único motivo pelo qual ele não tinha certeza de que fosse enfrentar-se novamente com os Eldon era a própria Storm. Estava convencido de que ela usufruía imensamente de seus encontros amorosos, e não por vaidade. A princípio, seus protestos tinham sido muito fracos. Depois, nunca mais o recusara. Bem ao contrário: recebia-o com os braços abertos toda noite em sua cama, com um sorriso doce e uma paixão comparável à sua.



Diria ao seu pai como se serviu dela? E se Eldon o adivinhasse, tentaria ela conter sua compreensível cólera? Storm não parecia vingativa, mas, já que não lhe oferecia palavras de amor, reagiria com despeito e clamaria pelo sangue dos MacLagan só para satisfazer sua vaidade ferida?

Tavis decidiu que não devia mais formular aquelas perguntas. Storm faria tudo que estivesse em suas mãos para impedir que as famílias se enfrentassem na ponta da espada por sua inocência perdida. Era uma pessoa prática e razoável, e não iria querer que ninguém morresse por algo que tinha sido inevitável e do qual tinha usufruído. Embora só por isso, faria o possível para impedir que sua família entrasse em guerra.

A entrada de Storm no salão interrompeu suas reflexões. Olhou-a devagar, prazerosamente, enquanto se aproximava da mesa, e concluiu que ninguém poderia dizer que tivesse sido maltratada. De fato, a seu modo de ver tinha melhor aspecto que ao chegar a Caraidland, embora às vezes houvesse em seus olhos uma tristeza que ele resistia em investigar. Suas curvas suaves se tornaram mais definidas e femininas. Um sorriso encantador apareceu em seu belo rosto ao saudar todos os presentes. Tavis sentiu que se excitava e sorriu de soslaio, divertido por sua própria fraqueza.

Justo quando ele ia saudá-la, anunciou-se a chegada de um enviado de Hagaleah. Todos se esticaram, e Tavis notou que Storm estava de novo pálida quando se sentou ao seu lado. Não teve tempo, entretanto, de parar e pensar em sua reação: seu pai já tinha começado a ler a missiva que lhe tinha sido entregue pelo mensageiro.

Storm descobriu que se sentia dividida. Precisava procurar refúgio em Hagaleah, mas a idéia de deixar Tavis parecia insuportável. Esqueceu, entretanto, suas contraditórias emoções ao observar a expressão de Colin. As notícias de Hagaleah não eram boas.

—Por fim se negaram claramente a pagar o resgate?— perguntou com uma calma que estava longe de sentir.

—Assim é, moça.— Colin estudou a expressão atormentada dela então entendeu que ela já suspeitava que a carta dizia mais, e a razão real da negativa em satisfazer o resgate. —Seu pai e irmãos morreram.



—Não, não é verdade. — Agarrou bruscamente a mensagem quando Colin o estendeu.

Lady Mary tinha uma letra cheia de floreado, mas Storm conseguiu decifrar suas palavras, e o coração pareceu sair do peito enquanto lia.

«Lorde Eldon e seu filho e herdeiro sofreram um fatal contratempo em sua viagem de volta da França. Não há carinho nem laços de sangue entre sua filha mais velha e eu, portanto, nego-me a pagar qualquer resgate por uma jovem que sem dúvida perdeu sua honra. Não pensem em enviar o pedido de resgate a lorde Foster, pois com seu filho e ele ocorreu a mesma sorte que os Eldon. E o mesmo pode dizer-se dos gêmeos Verner, que também os acompanhavam. Minha enteada já não tem quem a defenda. Dou permissão para fazer com ela o que lhes agradar. Lady Mary Eldon.

Todos mortos! Sussurrava uma voz em sua cabeça ao mesmo tempo em que lutava para negar a notícia. Com mãos estranhamente firmes, deixou a missiva sobre a mesa, diante de si, apoiou as palmas em ambos os lados dela e fixou os olhos naquelas palavras que pareciam amontoar-se umas sobre as outras. Levantou-se lentamente, embora não soubesse por que. Não havia lugar para onde escapar daquela realidade. Colocou a mão sobre uma faca e com uma agilidade que impediu quem a observava de intervir, pegou-a com as duas mãos e soltou um grito arrepiante enquanto afundava a faca no pergaminho, cravando-o na mesa.

—Matarei essa bruxa filha de Satanás— soluçou correndo para a porta. A vermelha neblina de uma raiva vingativa saturava sua mente, uma raiva que de momento refreava sua dor.

Embora todos saíssem atrás dela para segurá-la, Tavis chegou primeiro. Storm tentou soltar-se enquanto cuspiu seu ódio por lady Mary em voz baixa e fria. Achando-a histérica, Tavis deu-lhe uma bofetada. Ficou quieta e ele a soltou, olhando com preocupação para seus olhos dilatados. Sua expressão se alterou, assombrado, quando ela devolveu a bofetada.

—Não estava histérica — gritou, mas a seguir fixou os olhos na marca vermelha que tinha deixado em seu rosto e, sufocando um gemido, tapou a boca com a mão. Logo tocou essa marca na pele de Tavis. — Oh, Tavis — murmurou com



voz tremula enquanto a dor começava a embargá-la, afogando sua cólera. — Não era você que desejava esbofetear.

—Sei, Storm, mas não vai se aproximar dessa mulher.

Ela fechou os olhos, sufocada por uma onda de dor, e caiu lentamente de joelhos.

—Morreram todos. Todos. O que vou fazer? Não me restou ninguém. Estou sozinha. Completamente sozinha. Meu Deus, não posso suportar.

Por um instante, Tavis se sentiu impotente diante da profundidade de sua dor. Nunca tinha ouvido uma mulher chorar assim: os soluços sacudiam seu corpo, ameaçando destruí-la. Doía-lhe vê-la assim, mas não se deteve em pensar por que, ao agachar-se para colocá-la de pé. Quando Storm se abandonou contra seu corpo e se agarrou nele, rodeou-a com os braços com a intenção de reconfortá-la. Pela extremidade do olho viu aproximar-se Phelan, pálido e com a face molhada pelo pranto.

—Tem a mim — murmurou o menino. — Ainda me tem, Storm. Diga-lhe Tavis. Não está sozinha.

Tavis sorriu fracamente.

—Sim. Perceberá quando deixar de chorar, pequeno. — Segurou Storm em seus braços, sem se importar que ela se agarrasse ao seu pescoço e que suas lágrimas o empapassem. —Vou levá-la ao seu quarto. Poderá ir vê-la quando o pior tiver passado. Volte para Colin, menino — acrescentou brandamente.

Depois de olhar uma última vez Storm, que seguia presa a sua dor, Phelan retornou correndo para Colin. O velho, que sentia carinho pelo órfão irlandês, recebeu-o com um abraço. Viram todos em silêncio como Tavis abandonava o salão. Apenas se ouvia os soluços de Storm, até que sumiram por completo.

—O que farão conosco agora, meu senhor?— perguntou Phelan passado um momento, com os olhos chorosos fixos no Colin.

Colin suspirou, levou a menino à mesa e lhe deu uma caneca de cerveja.

—É difícil saber, moço. Não restam parentes que possam recorrer, que possam pedir proteção e ajuda?



Phelan sacudiu a cabeça.

—Os pais dos gêmeos Verner morreram faz dois anos. Suas terras passarão agora à Coroa e o rei fará entrega delas a quem achar oportuno. E em Erin não restou ninguém. Por isso vim para Hagaleah. Pode ser que Matilda Foster ainda esteja viva, mas é uma menina de onze ou doze anos. Não pode fazer nada. Os meio-irmãos de Storm são ainda mais novos e estão em poder de lady Mary. A amante de tio Rodem, Elaine Bailey, fugiu para o sul para escapar de lady Mary. Poderíamos nos reunir com ela, porque sem dúvida nos acolheria, mas lhe causaríamos problemas, não há dúvida, e não tem quem a defenda.

Colin suspirou enquanto esfregava as têmporas.

—Maldita seja. Nunca antes tinha tido que me encarregar de uma moça. É um problema, porque não posso mandá-la a Hagaleah mesmo que eles não paguem o resgate.

—Não, não pode— disse Iain. —Já observamos como a trataram. Ainda que conseguíssemos que Tavis concordasse, o nosso povo não gostaria. Seria como degolá-la com nossas próprias mãos.

—Sim, e devo a vida a essa moça. Isso me obriga a velar por ela.— Colin moveu a cabeça de um lado a outro. —Tenho que pensar. Mas não há pressa.— Esboçou um sorriso. —No momento está em boas mãos.



Deitado na cama, Tavis abraçava Storm enquanto ela tentava controlar seus soluços, secos por já ter gasto todas suas lágrimas. Não estava acostumado a oferecer consolo, mas as emoções que ainda tentava ignorar o transformava em um perito sem sabê-lo. Sinceramente tinha dó pela dor dela e compreendia sua profunda tristeza, porque fazia muito pouco tempo que tinha estado a ponto de perder o seu pai. Sem dizer nada, comunicava sua compaixão sincera à mulher aflita a quem abraçava e tentava consolar.

Perguntava-se o que aconteceria agora. Não havia mais perigo de que Storm fosse enviada de volta a Hagaleah, com resgate ou sem ele: estava certo de que seu



pai não faria tal coisa, sabendo o que seria de Storm se sir Hugh lhe pusesse as mãos em cima. Sentia vergonha porque uma pequena parte de seu ser tivesse sentido alívio, inclusive alegria, pelo fato de que Storm pudesse ficar com ele. O preço tinha sido muito alto.

Concentrou-se em parar os soluços. Pouco a pouco, seu esforço transpassou a aflição de Storm. Ela se esforçou para interromper o pranto descontrolado. Recordar a vida que crescia dentro dela serviu de ajuda. Sabia que uma emoção tão forte podia ter efeitos nocivos sobre seu bebê. Agarrando-se em Tavis, quis absorver o seu consolo carinhoso e a sua energia. Então lentamente foi recuperando a compostura.

Jazia inerte como uma boneca esfarrapada quando ele lhe limpou o rosto e a obrigou a beber uísque. Seu corpo magro se sacudia ainda, tomado de tremores, apesar de que agora não mais chorava. Não afastou os olhos dele enquanto a atendia com ternura, e a desolação que Tavis observou nela, lhe causou um profundo desassossego. Temia que aquela perda fosse uma carga muito pesada para ela. Não era estranho que uma tragédia dessas proporções abatesse o espírito ou a mente.

Quando ele fez menção de levantar-se da cama, ela o segurou pela mão com uma força surpreendente e o impediu de levantar-se.

—Fique comigo, por favor — disse com voz débil e rouca. — Me sinto muito sozinha, e isso me assusta.

Tavis se deitou de lado, rodeou sua cintura e a apertou contra si.

—Não está sozinha, pequena. Tem Phelan, que a quer e precisa de você. Sim, e embora você seja uma Eldon, tem muitos amigos aqui em Caraidland, — se perguntou fugazmente a razão da expressão de dor que apareceu em seu rosto. — Nunca estará sozinha.

Storm fechou os olhos para que ele não visse o muito que lhe doíam e, ao mesmo tempo, que a ajudavam suas palavras. Não tinha esperanças de que ele declarasse seu amor duradouro, mas doía ouvi-lo falar de amizade. A única coisa que podia aliviar a perda de tantos seres queridos era o amor de Tavis, e esse estava proibido. Fazendo um esforço para recuperar sua coragem e seu pragmatismo de sempre, tentou contentar-se com sua ternura sincera e suas tentativas de aliviar sua dor.



—Ao menos naquele dia pude me despedir deles com palavras de amor — murmurou.

—Fala de amor com sua família? — perguntou ele em voz baixa enquanto começava a lhe soltar o cabelo lentamente.

—Sim. É verdade. Tenho o conforto de saber que minha família e meus amigos mais queridos, os Foster, sabiam que os amava, como sei que me eles amavam. É um sentimento para compartilhar, não guardar em segredo. Talvez saber que os amava e que seriam recordados, tranqüilizou seus espíritos. Não me atormenta a idéia de que não soubessem o quanto os amava. Não tenho que lamentar as ocasiões perdidas, nem as palavras que não disse. — Ignorou uma leve sensação de hipocrisia, pois continuava ocultando seu amor por Tavis: se falasse dele, só conseguiria incomodá-lo e sofrer ao constatar que os seus sentimentos não eram correspondidos. — Sempre que nós tínhamos que nos separar falávamos do muito que nos queríamos, porque cada despedida podia ser a última. Eu me importo muito com você, Tavis — disse brandamente. Não queria fechar de todo seu coração e ocultar para sempre o que sentia.

—Sei, pequena — respondeu ele, abraçando-a mais forte. — Diz isso cada vez que fazemos amor. Você sabe que sinto um fraco por você. Que a considero a melhor coisa que me aconteceu. Eu gosto de você, Storm, e isso é algo que nunca disse a uma mulher. Sim, eu gosto e confio em você.

—Obrigado, Tavis — murmurou, e apesar de sua aflição sentiu um íntimo encanto ao saber que tinha conseguido mais do Tavis do que qualquer outra mulher. —O que será de Phelan e de mim agora?

—Não vamos entregá-los a sir Hugh; além disso não posso lhe dizer mais nada. — Acariciou-lhe a volumosa e sedosa nuvem do seu cabelo solto. — Não pense nisso agora, pequena.

—Tavis... Quer fazer amor? — Perguntou ela em voz baixa ao olhar para ele.

—Agora, pequena?— Perguntou ele enquanto tentava refrear o súbito arroubo de desejo que tomou conta dele. —Está segura?

—Sim.— Começou a lhe abrir a túnica. —Me sinto tão perdida, tão sozinha. Tenho um vazio enorme dentro de mim, uma tristeza tão negra que me assusta. —



Sustentou seu olhar carregado de preocupação. — Temo não me libertar nunca mais. Preciso saber que ainda posso sentir, que a dor não me transformou num casca vazia. Me faça delirar e os seus abraços romperão o cerco de gelo. Anseio que seu calor alivie meu frio. Parece ruim, Tavis? — perguntou com uma voz alquebrada.

—Não, pequena— respondeu ele com ternura, tirando sua roupa, em seguida começou a lhe desabotoar o vestido. —Nunca é errado querer escapar da dor, tentar demonstrar a nós mesmo que ainda estamos vivos e que não estamos sozinhos. Entendo sua necessidade. Não sinta vergonha. Ninguém vai culpá-la pelo que procura. Só espero poder lhe dar isso.

Quando lhe tirou a última peça de roupa e a abraçou, Storm suspirou e o apertou com força.

—Pode, Tavis. Disso, ao menos, estou segura.

Fez amor lentamente, tomando-a a seu tempo, e usou toda sua perícia para despertar sua paixão através da carregada capa de sua dor. Storm não impediu nenhuma das liberdades tomadas: queria perder-se em um festim dos sentidos. Transformada em sibarita*, devorou o seu corpo, saboreou com lábios e mãos cada palmo da pele dele, deleitando-se nela, e seguiu suas indicações sem nenhum escrúpulo. Queria esquecer-se por completo de sua tristeza durante um momento.

Tavis se perguntou, febril, quem estava consolando quem. Uma e outra vez, a boca de Storm o levava até o limite só para deter-se ali e mantê-lo nas alturas sem permitir nunca que se precipitasse no abismo. Compreendeu em seguida que ela esperava perder-se, embora fosse fugazmente, no festim da paixão, e lhe disse o quanto o desejava, gozando do êxtase que seu corpo lhe oferecia. Ela não afastou os olhos enquanto lhe dava prazer, e aquela imagem realçava o efeito de sua perícia inata.

Quando compreendeu que não poderia mais se refrear, a fez levantar-se lentamente. Beijou-a, e ao sentir o sabor de seu próprio sexo nos lábios de Storm estremeceu de desejo. Deslizou a boca até seus seios ao mesmo tempo em que suas mãos a percorriam com avidez. Lambeu e chupou seus seios, e ela gemeu e apertou os quadris contra ele. Em seguida desceu devagar, detendo-se ao passar a língua ao redor de seu umbigo. Ignorou seu gemido de protesto quando desceu mais ainda para fazê-la gozar com a boca como o fizera gozar.



Storm se agarrou ao dossel da cama e fechou os olhos. Uma onda de prazer se abateu sobre ela. Tavis acariciava suavemente as suas costas enquanto sua língua deslizava por seu sexo. Ela gritou ao aproximar-se do clímax, mas Tavis a segurou quando ela tentou mover-se, deleitou-se com o brinde da paixão dela e em seguida continuou para levá-la a margem do clímax antes de fazê-la sentar-se sobre ele e a penetrar. Não afastou os olhos dela quando Storm começou a cavalgá-lo. Suas mãos se moviam sobre ela com ânsia, acariciando seus seios e deslizando para baixo para tocar no lugar onde se uniam seus corpos. Alcançaram juntos o orgasmo e seus roucos gemidos de prazer se mesclaram quando Storm se deixou cair sobre ele.

—Não — suplicou ela quando Tavis fez menção de se separar. — Um momento mais. Preciso lhe sentir perto.

Ele consentiu sem dizer nada e a abraçou enquanto Storm caía em um sono satisfeito. Bem, foi isso, convenceu-se ao cobri-la e levantar-se da cama, ajudei-a a encontrar o esquecimento para sua dor. Contemplou-a enquanto se vestia. Compadecia-se de seu sofrimento, mas ao mesmo tempo se alegrava egoístamente de que fosse ficar por tempo indeterminado e de que, portanto, pudesse continuar lhe dando prazer.

—Como está? — perguntou Colin quando Tavis entrou em seu quarto.

—O pior já passou, mas a agonia demorará um tempo em dissipar-se. Vai ficar?

—Assim parece. O menino e ela não têm para onde ir.

Tavis assentiu com a cabeça e se virou para partir, mas se deteve na porta aberta ao recordar o que havia dito Storm. Colin podia morrer tão subitamente e com tanta facilidade quanto lorde Eldon. Já tinha estado a ponto de perecer.

—Pai...

—Sim, Tavis?

—Amo o senhor, pai — disse com tranquilidade, e se afastou apressadamente. Sentia seu coração aliviado, mas seu pai ficou atônito.



Capítulo 16

Com uma expressão sombria, Tavis viu partir para Athdara uma hoste equivalente a metade de seus guerreiros. E não porque lamentasse que fossem em ajuda dos MacBroth, mas sim porque duvidava que fosse necessário. Fazendo uma careta, reprovou a si mesmo do seu pessimismo, mas ao se virar encontrou com olhos ambarinos carregados de preocupação. Arqueou uma sobrancelha, convidando-os a expressar seus receios, apesar de que não estava seguro de querer ouvi-los. Já tinha preocupações suficientes, que teria preferido esquecer.

—É um mal momento para prescindir da metade de suas forças — disse Storm. Tinha suspeitas, estava preocupada, mas lhe faltava elementos no qual apoiar sua intuição.

—Sim, disso não resta dúvida, pequena. — Tavis lhe passou um braço pelos ombros. —Não houve nenhuma excursão inimiga em resposta a nossa última passagem por Hagaleah. Suponho que se deve a incerteza sobre qual é o seu destino.

—E agora meu destino está decidido — disse ela brandamente. Tinha ainda muito recente a dor de sua perda. Sentiu que Tavis lhe apertava os ombros. —Sir Hugh e lady Mary não têm por que se conter pelo bem de minha segurança.

—Crê que sir Hugh deseja ainda casar-se contigo?

Storm encolheu os ombros, mas Phelan tinha uma resposta pronta.

— Sua fortuna permanece intacta. Já está em suas mãos, como dote para quando se casar, ou para mantê-la, se não se casar. Pode ser que sir Hugh ainda precise dela.

—Pode ser que se case com lady Mary — disse Storm, mas enquanto falava sentiu que era uma esperança oca.

—Pode ser, mas não ganhará muito com isso. Já sabe que seu pai deixou quase toda sua fortuna para seus herdeiros. Pertence a seus dois filhos varões, portanto, embora não possam desfrutar dela até que alcancem a maioridade. Seu pai disse que deixaria uma renda para mim, e uma soma importante para a senhora Bailey e os



filhos que teve com ela. Embora duvide que a tenha deixado sem nada, eu apostaria que lady Mary está muito longe de ter tanta riqueza como acredita necessitar.

Tavis enrugou a fronte ao ouvir aquela notícia.

—Então é possível que sir Hugh tente recuperar Storm.

—Mas não seria mais fácil pagar o resgate que tentar assaltar Caraidland?

—Sim, carinho, assim é, mas talvez achem que isso é o que vamos pensar. Talvez esperam que nos confiemos. — Resmungou uma maldição. — Oxalá isso tivesse me ocorrido antes de enviar meus guerreiros. Não. Não, não posso acreditar que os MacBroth nos tenham enganado até esse ponto.

Storm desejou que Tavis se sentisse mais seguro de si mesmo.

—A que distância está seu castelo? — perguntou.

—Se tudo correr bem, eles chegarão ao anoitecer. Mas se houver qualquer contratempo terão que acampar e não chegarão até a alvorada. Se não houver problemas em Athdara, voltarão possivelmente amanhã de noite. Isso significa que vamos passar pelo menos quarenta e oito horas com a metade de nossa guarnição. Certamente mais. Rezemos para que sir Hugh não se inteire disso, porque, se souber, poderá estar diante de nossas portas amanhã na aurora.

Em épocas turbulentas abundavam os espiões, e em Caraidland havia um. Embora soubesse que corria o risco de perder sua utilidade como espião, apressou-se a partir de Hagaleah. A desculpa que utilizou para partir permitiria informar sir Hugh antes que alguém ressaltasse a sua ausência. Aquela era a oportunidade que sir Hugh tinha estado esperando.

Sir Hugh estava farto de esperar. De esperar sempre e de não agir. Deitado comodamente sobre a cama de lady Mary, olhava o teto com o cenho franzido. Em sua tortuosa imaginação giravam como um torvelinho diversos planos para se apossar da maior parte da fortuna de lorde Eldon ajudando lady Mary a conservá-la. Planejava, além disso, apoderar-se de Storm, cuja fortuna seria sua uma vez que se casassem. Não temia que o vínculo matrimonial durasse muito, pois lady Mary estaria mais que disposta a ajudá-lo a tornar-se um aflito viúvo.



Lady Mary se afastou da mesa onde tinha estado escovando o cabelo e se aproximou da cama. Sir Hugh era o favorito entre seus muitos amantes, porque era tão amoral quanto ela. Os outros estavam acostumados a repelir escandalizados algumas das variações que ela propunha. Hugh, em troca, não o fazia nunca. Enquanto contemplava seu formoso corpo, agitou a corda da campainha. Um sorriso apareceu em seu rosto ao pensar na surpresa que tinha para ele. Aquele giro inesperado lhe permitiria esquecer-se por um tempo de seus estratagemas. Seu quarto era para divertir-se, não para conspirar.

—Aborreceu-se, querida? — perguntou ele enquanto observava sua túnica, que mostrava mais do que ocultava.

—Tem que reconhecer que ultimamente está um pouco cabisbaixo.

—Há muitas coisas em que pensar. Storm é proprietária de uma fortuna e eu a quero.

—E a quer também. Acredito que o desejo que sente pela filha de meu defunto e amado marido resulta principalmente pelo fato de que ela o tenha combatido.

—Não só me repeliu: insultou-me — grunhiu ele, fechando os punhos. —E participou de minha humilhação. Pagará por isso, e com acréscimo. Nenhuma mulher me faz isso .

—Tranqüilo, Hugh, sua oportunidade chegará, mas, no momento, tenho uma pequena surpresa. — Sorriu quando uma esplêndida e esbelta moça de ascendência mouro entrou na alcova. — O que lhe parece?

Sir Hugh se fixou nas suaves curvas da moça, realçadas por um vestido muito fino quase transparente de seda branca.

—Preciosa — disse. —. De onde a tirou?

—Minha irmã a enviou porque seu marido tomou muito carinho por ela. — Lady Mary tocou na prova que evidenciava o interesse de sir Hugh pela moça. —O que poderia acontecer também contigo. Quer vê-la mais de perto? — Quando ele assentiu com a cabeça, ela despiu a jovem lentamente. — Tem muitos talentos — ronronou ao ver que sir Hugh olhava avidamente sua pele morena e lisa — Quer que lhe faça uma demonstração?



Ele assentiu, e viu como lady Mary começava a acariciar à moça. Olhou com ansiedade quando a recém chegada tirou a túnica de lady Mary e ambas começaram a fazer amor. Afastou-se quando caíram na cama, procurando avidamente agradar uma a outra, e por um instante imaginou Storm no meio daquele par. Aquilo foi muito: não pôde continuar se dominando. Colocou-se por trás de lady Mary e a possuiu furiosamente. Quando estavam os três entrelaçados, suados e saciados, sorriu-lhe.

—Suas surpresas são sempre deliciosas. Quem é? — gritou quando alguém bateu na porta.

—Sou Lawrence, o seu parente. Acabo de chegar de Caraidland e trago boas notícias, sir Hugh — anunciou o jovem espião.

As duas mulheres se cobriram com as mantas enquanto sir Hugh vestia sua túnica. Ordenou secamente que Lawrence entrasse e lhe desse a mensagem. O jovem não arredou os olhos da cama enquanto lhe informava sobre o acontecido em Caraidland. Tinha ouvido rumores a respeito do que ocorria nos aposentos de lady Mary, mas nunca tinha acredita. Enquanto tentava recordar tudo o que sabia, compreendeu que aqueles escandalosos falatórios eram reais.

—Então essa meretriz continua viva — disse lady Mary, se sentando e cobrindo os seios com o lençol.

Lawrence engoliu saliva, porque a moça mouroa tinha ficado descoberta até a cintura e ele olhava com ânsia seus grandes seios morenos.

—Sim. Continua sendo a amante de Tavis MacLagan.

Vendo que a notícia enfurecia sir Hugh, lady Mary não pôde resistir à tentação de zombar dele.

—Sua presa estará bem adestrada quando por fim for usá-la. Pergunto-me o que poderá ensinar um escocês a uma mulher.

Aquilo fez prorromper uma fileira de furiosos impropérios em sir Hugh. Com um sorriso nos lábios, lady Mary o olhava caminhar pelo aposento feito um furacão. Logo, aborrecida daquela diversão, fixou sua atenção em Lawrence. Ao ver a direção que tomava seu olhar, deixou que suas mãos deslizassem pelos grandes seios da mouroa, até que os mamilos se endureceram e Lawrence começou a ter dificuldade



para respirar. Muito devagar, moveu a mão para baixo, retirando o lençol. A moura ronronou quando Lady Mary encontrou seu objetivo, e Lawrence esteve a ponto de a sufocar-se em luxúria enquanto as olhava.

Sir Hugh cessou seus xingamentos e olhou com asco suas brincadeiras.

— Vou reunir meus homens. É uma ocasião muito boa para deixá-la passar. Penso atacar Caraidland e mandar esses MacLagan para o inferno.

Sem deixar o que estava fazendo, lady Mary ronronou:

—E recolher sua fortuna.

—Sim. Trarei essa vadia aqui de joelhos — bufou ele. —E de joelhos ficará.

—Uma postura pela qual sente especial atração — respondeu lady Mary com ironia, respondendo ao seu cenho franzido com um sorriso.

Custava pensar em outra coisa que não fosse no modo como aqueles dedos longos e pálidos deslizavam sobre o moreno tesouro da moura, mas Lawrence o conseguiu.

—E o meu prêmio? — perguntou com voz rouca quando a moura se arqueou, expondo mais ainda seu corpo.

—Ah, sim. — Sir Hugh trocou um olhar carregado de intenção com lady Mary, que assentiu com a cabeça. — Calma, jovem, terá sua recompensa. Serviu-me bem — disse, e lhe deu uma palmada nas costas ao sair do quarto.

Ao encontrar-se a sós com as duas mulheres, Lawrence deu um passo indeciso para a cama. Lady Mary sorriu, chamou-o com um gesto e sem dizer nada o convidou a desfrutar da moura. Observou-o então com um cálido interesse que foi crescendo à medida que ele tirava apressadamente a roupa, sem se importar que o observassem. Ao ver que era tão bem dotado como sir Hugh, seu parente, lady Mary sorriu e se desembrulhou lentamente.

—Prefere pele pálida ou pele morena, meu jovem amigo? — arqueou-se voluptuosamente.

Lawrence pôs uma mão com avidez entre as coxas de cada uma e disse com ironia:



—Sempre fui de gostos variados. O que lhes parece se provar um pouco das duas?

Um sorriso cruzou o rosto de lady Mary enquanto se retorcia sob suas carícias.

—Demonstre o que vale.

Ele se deitou de costas na cama enquanto sentou à mouro sobre ele. Com um sorriso, agarrou lady Mary pelos quadris e a atraiu para si. Ela lhe devolveu o sorriso enquanto decidia que esperaria um momento para matá-lo. Havia várias combinações que queria provar primeiro.



Sir Hugh sabia que não chegaria a Caraidland antes que anoitecesse. Os dias eram cada vez mais curtos, e Lawrence tinha demorado quase todo o dia para levar a informação. Mesmo assim, reuniu os seus homens, decidido a percorrer toda distância que pudesse antes que caísse a noite. Se tivesse sorte, poderia iniciar o ataque ao raiar da alvorada. Esperava que seu estratagema pegasse os MacLagan despreparados, mas não contava com isso.

Ao compreender que Storm não retornaria, depois da negativa de lady Mary em pagar o resgate, tinha começado a imaginar formas de atacar Caraidland com o menor custo possível e o maior ganho. O posto que Lawrence tinha conseguido em Caraidland depois da chegada de Storm tinha sido um modo de facilitar seus planos. O rapaz já não lhe servia de nada, e Hugh não sentia remorsos por livrar-se de seu parente. Sorriu acremente, consciente de como se serviria lady Mary do despreparado jovem antes de matá-lo com o mesmo sangue frio com que ele o teria matado.

Pensar em Storm lhe fez rilhar os dentes de raiva e frustração. Ela era um espinho em seu flanco, em seu orgulho e em seu bolso. Desejava-a e a repudiava. O espírito dela não era daqueles que consentiam submeter-se por completo a outro, e isso o atraía, porque ansiava esmagá-lo, ver aquela altiva beldade arrastar-se diante dele. Assim que a tivesse em suas mãos a ensinaria o verdadeiro significado da palavra humilhação. Nenhuma mulher olhava por cima do ombro a sir Hugh Sedgeway.



Seus planos de vingança incluíam também aquele garanhão escocês que se aproveitou do que deveria ter sido dele. O fato de que aquela meretriz altiva tivesse se deitado com um bandido escocês antes dele era uma afronta difícil de engolir. Faria todo o possível para que Tavis MacLagan morresse, preferivelmente em lenta agonia e diante dos olhos da sua amante inglesa Storm. Sir Hugh delirou com aquela fantasia enquanto cavalgava.

Nem todos os homens se alegravam de cavalgar para a batalha. A morte de lorde Eldon e a de seu herdeiro os tinham deixado nas mãos de lady Mary, com escassas esperanças de verem-se livres delas, o que os desagradava. Muitos tentavam convencer-se de que seu juramento de lealdade não era extensivo à viúva, de quem suspeitavam ter tramado pessoalmente no desaparecimento de seu marido.

Por desgraça, eram homens honrados e tomavam muito a sério os seus juramentos. Foram desestimulados e insatisfeitos, mas seguiam adiante.

Quando acamparam para passar a noite estavam apenas a uma hora a cavalo de Caraidland. Acenderam fogueiras e os cobriram para que os vigias de Caraidland não descobrissem que avançariam sobre eles. Sir Hugh não se surpreendeu quando surgiram lady Mary, seu novo brinquedo, a moura, e seu guarda pessoal, um homem forte e bonito. Lady Mary almejava presenciar o início da perdição de sua enteada. A seu modo de ver, era culpa de Storm que nunca tivesse podido enfeitiçar seu marido. Mas além disso tinha curiosidade de ver o homem que tinha desonrado Storm Eldon.

Depois que montaram a sua luxuosa barraca, retirou-se para dentro com seu séquito, ao qual mais tarde se uniria sir Hugh, e se entregaram a uma orgia que exasperou mais ainda os seus homens. A honra exigia que dedicassem seu juramento de lealdade à viúva de seu suserano, mas a honra entrara em pendência no momento que souberam que essa viúva era uma prostituta imoral, uma mulher cujo lugar natural era um bordel e não o castelo de um conde. Foram muitos os que tiveram saudades de seu senhor e os que lamentaram de novo a traição, impossível de provar, que tinha acabado com sua vida.



Lorde Eldon fazia quanto podia para chegar o quanto antes em seu castelo, mas ainda restavam muitas léguas até Hagaleah. Suas tropas e ele cavalgavam com firmeza, ansiosos para confrontar quem havia tramado a tentativa do assassinato dele, que estivera a ponto de ter êxito. Embora o preocupou fazer alguns sofrerem com isso, tinha enviado ao castelo a notícia falsa de que o ataque tinha obtido seu objetivo, pois estava ansioso para ver os rostos de quem tinha tentado assassiná-lo, quando retornasse milagrosamente das portas da morte.

O único assassino que tinham pego vivo tinha contado histórias sobre o que acontecia em Hagaleah que tinha lhe gelado o sangue. Mas o pior de tudo tinha sido saber que Storm estava em Caraidland e que passara ali todo o verão. Embora ansiasse dirigir-se diretamente à fortaleza dos MacLagan, sabia que tinha que ir primeiro para casa, embora só para trocar os cavalos e a guarnição. Amaldiçoava o destino que o tinha levado para França e o tinha retido ali enquanto tudo que lhe importava se precipitava para a ruína.

Havia outra coisa que o enfurecia, e era saber que sua casa se transformou em pouco menos que um bordel. Sempre conhecera os vorazes apetites dela, mas sua presença sempre tinha garantido a discrição de lady Mary. Agora, ao que parece, e se a metade do que aquele homem dizia era certo, sua esposa tinha abstraído de toda discrição. Lorde Eldon se perguntava quantas pessoas de seus domínios teriam sofrido sob o jugo de seu governo e sua depravação. A rameira com quem se casou tinha transformado um castelo honrado e respeitado em um bordel. Só por isso poderia matá-la sem remorso.

Ao ver o semblante transtornado de lorde Eldon, seu velho amigo lorde Foster se compadeceu dele. Sua própria casa não tinha escapado à corrupção, mas não parecia ter caído tão baixo. Aquela bruxa de Sussex esparramara pelo lodo o nome de lorde Eldon e o de seus antepassados. Essa era uma ofensa que lorde Eldon lamentaria durante muito tempo, porque a mancha demoraria para apagar-se.

Eldon resmungou uma maldição ao sentar-se em torno da fogueira com seu filho, seus sobrinhos e amigos.

—Já é bastante duro estar casado com essa harpia. Agora, além disso, todo mundo sabe que sou um imbecil. Pelas barbas de Cristo, quase me alegro de que Storm esteja sob o domínio de MacLagan. Ao menos está longe dessa imundície a quem chamo minha esposa.



—Esse homem disse que lady Mary pensava negar-se a pagar o resgate. O que terá sido de Storm e Phelan? — perguntou Andrew, acreditando que seu pai negasse a idéia que se agitava em sua cabeça.

Mas lorde Eldon se limitou a olhar e a perguntar:

—Se você tivesse em seu poder uma jovem bonita durante todo o verão ou mais tempo ainda, o que faria? — Suspirou ao ver que seu filho baixava a cabeça. — Não me resta dúvida de que se comportaram com honra até que lhe negaram o resgate. Em seguida, quem sabe. — Sorriu amargamente. — Sempre foram os melhores inimigos.

—Não os terão matado ao ver que não iriam conseguir o resgate, verdade? — perguntou Hadden em voz baixa.

—Não — respondeu Eldon sem vacilar. — Seriam tão incapazes como nós de assassinar uma mulher indefesa entre os muros de sua casa. Os MacLagan nunca mataram inocentes, nem sequer no furor da batalha. Lembra-se uma vez em que uma louca agarrou uma espada e atacou a um deles durante uma incursão. O escocês acabou com uma ferida no braço porque tentou desarmá-la em lugar de matá-la de um golpe, como teria podido fazer com toda facilidade. Não, o que temo não é que Storm tenha morrido.

— Vamos atacá-los?

—Acredito que devo esperar para ver como está minha filha. Não é culpa dos MacLagan que ficou sem defensores. Como saberiam que a traição acampa em Hagaleah? Quão único sabem é que ninguém quer resgatá-la. Se Storm já não for virgem, a culpa é dos MacLagan? Posso reprovar um homem que tenha seduzido uma donzela a quem seus próprios parentes abandonaram e atiraram em seus braços? Não, a situação não é tão simples. Maldita seja Mary. Porque se Storm tiver sido desonrada, é culpa dela.

Continuava pensando o mesmo quando chegaram em Hagaleah no dia seguinte, ao anoitecer. Ninguém lhe cortou o caminho quando cruzou as portas, e os poucos que o viram, boquiabertos, fizeram o sinal da cruz cheios de temor supersticioso ao ver que seu senhor gozava de boa saúde. Assim que entrou no salão, lorde Eldon mandou chamar Hilda.



—Meu senhor — chorou a mulher, — está vivo. É um milagre de Deus!

—Deixa de choramingar e me diga o que está acontecendo. Onde está essa vadia que por desgraça leva meu nome?

— Seguiu sir Hugh a Caraidland. Ele foi a libertar à senhorita Storm para casar-se com ela. — Hilda estava tão contente por que seu senhor ter retornado são e salvo que quase sorriu ao ver que começava a lançar impropérios. — Há um homem que pode dizer o que acontece em Caraidland. É um parente de sir Hugh que pensam matar — disse Hilda quando lorde Eldon se deteve para tomar ar. — Era espião em Caraidland.

Lorde Eldon não se surpreendeu ao encontrar aquele homem no quarto de lady Mary. Fez uma careta de asco ao ver as sedas brilhantes, as luxuosas peles e os espelhos dourados. Fixando seu olhar no pálido jovem na cama, lorde Eldon deduziu com surpreendente precisão como se livrou da morte.

— Há alguma razão concreta para que sir Hugh pretenda atacar os MacLagan precisamente agora?

—Sim, meu senhor. Só contam com a metade de suas forças. — Embora sua voz estivesse fraca, não tremia. — Lady Mary avisou de que não iria pagar o resgate pela senhorita Storm, disse-lhes ainda que tinha morrido junto com todo seu séquito e que podiam fazer com a moça o que lhe desse vontade. Sir Hugh confia surpreendê-los despreparados.

—Para que esse homem quer resgatar a minha filha?

—Quer casar-se com ela, ou na verdade com sua fortuna. Ela o repeliu de todas as maneiras possíveis, e isso o deixou furioso. Apoderou-se dela uma vez, e creio que lady Mary e ele a trataram muito mal. Mas conseguiu escapar e retornou a Caraidland, com os MacLagan. Acredita-se que os escoceses tomaram parte no seu resgate. Foram, com efeito, os irmãos que a levaram de Caraidland, e a moça estava gravemente ferida. Quando lady Mary se negou categoricamente a pagar o resgate, não a mandaram de volta. Não queriam que sofresse nas mãos de sir Hugh.

Depois de desafogar sua ira a base de impropérios, lorde Eldon perguntou:

—Como está minha filha? Tratam-na mal em Caraidland? Maltrataram-nos a ela ou ao menino?



Lawrence lhe sustentou o olhar.

—Ambos gozam de boa saúde e em Caraidland lhes tem muita consideração. O senhor estava sendo envenenado por sua jovem esposa e foi a senhorita Storm quem descobriu. A senhora apunhalou a senhorita Storm antes que a matassem, mas sua filha se recuperou. E também a medicaram depois da surra que sir Hugh lhe deu. Tratam-na bem como uma convidada, embora a vigiem constantemente. As pessoas a tratam com respeito.

Embora assentisse, satisfeito pela notícia, lorde Eldon continuou olhando fixamente a um Lawrence cada vez mais nervoso.

—Há algo mais. Me diga tudo sobre minha filha.

—Já não é virgem — disse Lawrence em voz baixa, e ao ver um brilho de raiva nos olhos de seu senhor temeu pagar por isso.

—Violaram-na?

Lawrence negou com a cabeça.

—Foi mais de um? Estão tratando-a como uma prostituta?

—Não. Quando o resgate foi negado pela primeira vez, Tavis MacLagan se deitou com ela. E em sua cama continua todo esse tempo. Tratam-na bem, juro. Como se fosse sua esposa. Nenhum outro homem a toca. Ninguém se atreveria.

Com um grito de raiva, lorde Eldon arrojou um vaso contra um dos muitos espelhos. Ao sair do quarto, jurou fazer sua esposa pagar por tudo aquilo e o amante dela também, aqueles que considerava os verdadeiros responsáveis pelo ocorrido. Tinham deixado Storm desprotegida, a tinham entregue ao inimigo para que fizesse com ela tudo desejasse.

Lorde Foster, que tinha encontrado menos desordem em sua casa, estava esperando-o no salão.

—Sairemos para Caraidland ao amanhecer — disse Eldon secamente.

—Já imaginava isso e trouxe também meus homens. Estão preparados para enfrentar os MacLagan.



—Então mais vale que fale com eles, porque vamos atrás de sir Hugh e minha esposa, que estão sitiando Caraidland — explicou Eldon, e sorriu asperamente ao ver a cara de surpresa de Foster. — Pelo visto, para salvar a minha filha de sir Hugh e dessa bruxa, terei que salvar Caraidland. Eu gostaria de ver a cara do velho Colin quando vir que iremos em seu auxílio. — Pela primeira vez em vários dias, lorde Eldon sorriu com verdadeiro júbilo.



Capítulo 17

A luz tênue do amanhecer pelejava para abrir caminho entre a escuridão quando Storm se viu de repente acordada e tremendo. A cálida proximidade de Tavis não dissipava o frio que a impregnava até os ossos. A primeira vez que lhe sucedeu tal coisa foi depois do envenenamento de sua mãe. Para ela, aquela sensação equivalia a perigo: era uma advertência que não convinha ignorar. Do desaparecimento de sua família, só podia significar que Caraidland se achava ameaçado. Sem pensar que talvez ele acolhesse com ironia ou com desdém seus sentimentos, despertou Tavis com uma sacudida.

—Mmmm.? — despertou esfregando o rosto contra seus seios. Embora, ainda meio adormecido, começou a chupar um.

—Está acordado, Tavis? — perguntou ela fragilmente enquanto lutava por concentrar-se no que queria dizer.

Tavis olhou seu mamilo endurecido, admirou o resultado de suas atenções e passou logo a ocupar-se do outro seio, despertando o mamilo com a ponta dos dedos antes de fechar a boca sobre ele.

—Estou cada vez mais. Mas é cedo, meu amor. Fazia muito tempo que não despertava tão cedo.

—O que? — perguntou ela, confusa. A neblina da paixão ocupou lugar de sua mente enquanto a boca de Tavis seguia brincando com seus seios e suas mãos deslizavam, embriagadoras, por seu corpo. — Ah. Pôs mais guardas?

—Sim. — Tavis abaixou as cobertas, continuando seu lento avanço com a boca. — Por que pergunta?

—Pode ser que pareça uma tolice, mas tenho a sensação de que estamos em perigo, de que vai acontecer algo. Despertei gelada até os ossos. — Sua voz saía em roucos ofegos. Os lábios de Tavis dançavam sobre seu ventre. — Acredito que deveríamos estar alerta.



—Não, não é nenhuma tolice, e já estamos alertas. Se houver problemas, ouviremos dar o alarme. — ajoelhou-se entre as esbeltas coxas de Storm. Respirava entrecortadamente. — Os homens estarão armados e preparados num abrir e fechar de olhos. — Apoiou as mãos de um e do outro lado dela e deslizou o olhar pelo magro corpo que estava a ponto de possuir. — Não se preocupe, pequena. E agora, se tiver que falar, pode dizer «Mmm, Tavis» — disse com um sorriso.

Storm disse várias vezes. A luz da alvorada era muito mais intensa quando Tavis por fim se separou de seus braços e a viu espreguiçar-se como um gato satisfeito, mostrando uma sensualidade inconsciente que nunca deixava de lhe excitar. Estava pensando seriamente em voltar a meter-se na cama quando Sholto irrompeu no aposento quase nu e olhou um momento para Storm, que se apressou a cobrir-se com o lençol.

—Diverte-se? — grunhiu Tavis, colocando-se diante de seu irmão mais novo.

Sholto sorriu, pensando que aqueles seios de alabastro eram tão perfeitos que não tinham comparação.

—Sim.

Tavis lançou a Storm um olhar rápido e autoritário ao ver que ria, apesar de seu sobressalto.

— Por que entrou correndo?

— O vigia que enviou ao bosque acaba de retornar rapidamente dizendo que se aproxima um exército. Vem de Hagaleah, mas não leva o estandarte dos Eldon. Ah! Nosso pai está tocando o alerta.

—É esse canalha de sir Hugh, não há dúvida. — Tavis rodeou com o braço os esbeltos ombros de Storm quando ela empalideceu, e afundou a mão na formosa e densa cabeleira que Sholto admirava abertamente. — Nos superam em número?

—São o dobro. Talvez o triplo. Eles vem preparados para assaltar nossas muralhas.

Tavis deu a Storm um beijo rápido e forte e começou a vestir-se.



—Não saia da torre, Storm. Maggie não demorará para chegar. Pode lhe dar uma mão. Venha, Sholto, tenho que passar pelo meu quarto — disse ao sair do cômodo, prendendo ainda as meias.

—Que moça tão bonita, Tavis — disse Sholto enquanto desciam com toda pressa as escadas.

—Sim, muito bonita para um cão inglês — resmungou Tavis quando cruzaram o salão.

—Sim — repôs seu irmão com veemência, preso já na euforia da iminente batalha.

Storm se vestiu precipitadamente e não se incomodou em fazer um coque; simplesmente, passou uma escova e o puxou para trás. Não conseguiu, entretanto, alcançar Tavis. Mal começara a ajudar as mulheres a preparar o salão para os feridos quando se fez evidente que as hostes de sir Hugh tinham chegado. Assim que Maggie se distraiu, correu as ameias.

—Mande Storm Eldon sair, MacLagan. Não irá querer que se derrame sangue escocês por causa de uma inglesa. Os superamos em número. É incontestável que os venceremos — disse sir Hugh em tom fanfarrão.

Enquanto Colin respondia a suas fanfarrônicas com uma linguagem muito rebuscada, Storm olhou às tropas reunidas e sufocou um gemido quando seus olhos pousaram em um grupo de pessoas situadas à direita.

—Santo céu, é lady Mary em pessoa.

—Que demônios faz aqui acima? — protestou Tavis, e, agarrando-a pelo braço, sacudiu-a com violência.

—Onde está? — perguntou Sholto enquanto tentava localizar a célebre condessa, fazendo caso omissivo da ira de seu irmão.

Embora a reação de Tavis a tivesse deixado sem fôlego, Storm respondeu:

—Ali, à direita. Naquela carroça chamativa.

Tavis se deixou induzir pela curiosidade e também deu uma espiada. «Chamativa» era uma designação muito sutil para descrever a carroça e seus



ocupantes, assim como os quatro cavaleiros que a flanqueavam. Era ridículo em um campo de batalha. Enfeitados de vermelho e amarelo, os quatro cavaleiros pareciam musculosos bufões. Tavis pensou com desagrado que aqueles homens não eram pagos para montar seus cavalos, e sim outra coisa.

Storm se deu conta da direção que seguia seu olhar de repugnância.

—Os homens de lady Mary — disse, e sorriu ao ver que Sholto punha-se a rir. Logo, ficou séria. — Deve me entregar a sir Hugh — disse, apesar de que sentia uma opressão na garganta e de que a simples idéia de ver-se nas mãos de sir Hugh fazia as tripas se retorcerem de medo e repulsão, — se com isso puder evitar essa batalha. Não vale a pena que lutem por mim.

Tavis a olhou fixamente. Seus olhos pousaram um instante em seus lábios cheios antes de lhe sustentar o olhar. Viu medo em seus olhos, embora soubesse que seu oferecimento era sincero. Apesar de que o crápula de sir Hugh a apavorava, e apesar de estar muito consciente do ele que planejava para ela, Storm preferia entregar-se a ele antes que derramassem uma só gota de sangue por ela.

—Não, pequena. Como meu pai disse a poucos instantes atrás, não a entregaremos a sir Hugh. Lady Mary a deixou em minhas mãos para que eu fizesse o que me agradasse — acrescentou, baixando a voz, — e ainda não estou satisfeito. Além disso, esse homem não só a quer. Pede que devolvamos tudo o que roubamos da última vez, e um pouco mais. Não, pequena. vamos lutar. Um pouco por você e um pouco por nós mesmos.

Sir Hugh respondeu à última réplica de Colin com uma chuva de flechas, e Tavis fez Storm agachar-se bruscamente.

—Volte para salão em seguida e fique ali — grunhiu. — E vista umas meias, maldita seja — acrescentou ao ver que estava com as belas pernas nuas.

—Sim — disse Sholto, tocando uma de suas belas coxas. — Poderia pegar um resfriado. — Sorriu quando Tavis lhe empurrou a mão e puxou as saias de Storm para baixo.

Storm tomou o rosto de Tavis entre as mãos e deu um longo e terno beijo.

—Tome cuidado, cushlamochree.



Tavis a viu retornar ao salão.

—Oxalá soubesse o que significa isso —murmurou.

—Meu coração — disse Phelan, que passava por ali com um balde de água. — Ou meu amor. Você escolhe.

Tavis reprimiu o impulso de ir atrás dela e perguntar se falava sério. Concentrou toda sua atenção na batalha, que logo passou de uma troca de insultos e algumas flechas para uma confrontação real. Apesar de seus muitos defeitos, sir Hugh demonstrou ser um inimigo formidável no campo de batalha. Sabia que os escoceses andavam escassos de guerreiros e, pouco a pouco mas com êxito evidente, manobrou para diminuir seu número ainda mais sem a intenção de abrir uma brecha na muralha. Queria ter tudo a seu favor antes de empreender o assalto.

Storm se viu logo sobrecarregada pelo trabalho. Os homens que sofriam feridas de pouca importância eram enfaixados e retornavam à batalha. Havia falta de soldados: não era momento para complacências. Pouco a pouco, implacavelmente, foram somando-se mortes, e à dor de perder um amigo ou um parente e se acrescentava o medo de que a cada baixa debilitasse as defesas de Caraidland. Cada vez que um homem morria aumentavam as possibilidades de que sir Hugh vencesse.

Storm acudiu em seguida atendendo Sholto quando esse foi levado ao salão com uma flecha cravada na perna. Sentiu alívio ao comprovar que era pouco mais que um arranhão que sangrava muito. Quando acabou de enfaixar a ferida, sentiu que lhe tocava o cabelo e o olhou.

—A tentação era muito forte. Não pude resistir — disse o moço com um sorriso que fez Storm se lembrar tristemente de seu irmão Andrew.

Contudo, pôs-se a rir e beijou Sholto impulsivamente. Tavis, que acabava de chegar com outro ferido, surpreendeu-a beijando seu irmão.

—Pode-se saber o que estão fazendo? — Grunhiu enquanto ajudava o homem a deitar-se numa maca.

—Alguma vez já lhe curaram as feridas com um beijo quando era pequeno?

—Não vejo nenhuma ferida nos lábios de Sholto— replicou Tavis, cujo olhar de irritação não conseguia nublificar o sorriso de Sholto.



—Sim, é na coxa onde lhe feriram. Se quiser, posso lhe beijar...

—Faça e me encarregarei de que não possa se sentar por uma semana — respondeu ele, olhando com zanga para Storm e os dois homens, que riam apesar de suas feridas. — Saia daqui, moça. — Seus lábios se esticaram num sorriso quando Storm lhe piscou o olho momentos antes de afastar-se. Logo, entretanto, ficou sério. — Isto vai mal, Sholto.

—Sim. Esse crápula sabe bem o que faz. Não fez nenhum movimento que nos permitisse igualar um pouco nossas forças. Sabe que só tem que esperar que sejamos poucos. Tão poucos que não possamos contê-los.

—Se continuarmos perdendo homens, entrarão aqui amanhã ao anoitecer.

—Pois entreguem a inglesa — soluçou a mulher que estava atendendo o homem que Tavis tinha levado.

—Não — respondeu a mulher do chefe de estábulos antes mesmo que Tavis pudesse fazê-lo. — Não penso entregar a moça para um homem que a maltrata até quase matá-la. Eu vi suas feridas, e isso um homem não faz. É um animal. Uma besta com quem nenhum cristão deveria tratar. Esse canalha não deixaria de lutar embora lhe entregássemos à moça. Não se pode confiar que uma besta como essa aja com honra ou clemência.

Todos olharam para aquela mulher, normalmente taciturna, enquanto se afastava. A outra concentrou toda sua atenção no homem a quem estava atendendo e não disse mais nada. Tavis pensou um instante nos muitos e vários amigos que Storm fizera no tempo que estava em Caraidland; depois se virou para Sholto para lhe participar um plano que sabia que não iria agradá-lo.

—Sir Hugh terá que interromper a batalha quando cair a noite — disse em voz baixa para que ninguém o ouvisse. — Vou tentar sair em busca de ajuda.

—Não. Estamos rodeados. Estarão esperando algo assim. Não poderá burlar o guarda.

—É um risco que tenho que correr. Pode ser que nossos homens já estejam a caminho daqui. Porém, mesmo que não estejam, se cavalgar toda a noite, posso chegar a Athdara e trazer ajuda antes do entardecer de amanhã.



—Se é que resolveram seus problemas.

—Sim. Mas lhe ocorre alguma outra idéia? — O silêncio de Sholto foi resposta suficiente. Tavis inclinou a cabeça. — Sairei assim que cair a noite. Não disse a ninguém, somente a você. Que ninguém mais se inteire.

Como Tavis esperava, quando caiu a noite sir Hugh deixou alguns poucos homens de guarda. Outros se retiraram ao acampamento para descansar, o bastante perto para acudir imediatamente se fosse necessário. Era absurdo lutar às cegas, de noite. Convinha deixar que as tropas recuperassem forças para a batalha do dia seguinte. Mas ninguém poderia escapar de Caraidland: disso se assegurou.

Em Caraidland só permitiram descanso para os feridos. Sempre havia a possibilidade, embora fosse remota, de que sir Hugh tentasse assaltar as muralhas durante a noite. Seria impróprio dele, posto que haveria um maior sacrifício de homens, mas teriam que estar atentos a qualquer movimento inesperado. Se ele se impacientasse, talvez agisse com precipitação.

Vestido de negro e no lombo de um cavalo dessa mesma cor, Tavis saiu por uma porta lateral. Sabia que corria um grande risco, mas não tinha escolha. Necessitavam de mais homens e para consegui-los teria que tentar chegar a Athdara. Esperava que, se chegasse, os problemas de seus aliados estivessem resolvidos e ele pudesse retornar a Caraidland não só com seus homens, mas também, provavelmente, com alguns dos MacBroth.

Não era a melhor noite para tentar enganar aos vigias inimigos. As fogueiras dos guardas de Caraidland projetavam uma luz pouco favorável. Havia lua, além disso, e nenhuma nuvem ofuscava seu resplendor. Era um pouco difícil ocultar-se entre as sombras levando as rédeas do cavalo e avançar pouco a pouco para o bosque. A tensão e a necessidade de guardar silêncio faziam com que o caminho parecesse milhas e os minutos horas.

Montou assim que chegou ao bosque, mas refreou o galope de seu cavalo. Galopar estando ainda tão perto dos vigias de sir Hugh teria sido uma imprudência. Atravessou devagar o bosque, avançando entre seu escuro matagal. Desse modo, confiava, chegaria ao caminho que levava a Athdara e estaria bastante longe para escapar dos soldados de sir Hugh.



O suspiro de alívio que exalou ao chegar ao caminho ficou entalado em sua garganta quando dois homens a cavalo apareceram diante dele. Era quase como se estivessem lhe esperando, embora sabia que tinha sido simples má sorte o que o fizera sair justo pelo lugar onde sir Hugh tinha colocado dois de seus vigias. O fato de que eles estivessem muito longe do lugar onde estavam acostumados a situar guardas só demonstrava o quão ardiloso era sir Hugh. Tinha adivinhado o que tentariam e sem dúvida colocara um maior número de guardas naquele lado de Caraidland. Tavis resmungou uma maldição, porque aquilo significava que sir Hugh sabia da falta de homens que estavam e por que motivo.

Embora as suas possibilidades de êxito fossem muito escassas, Tavis deu a meia volta e galopou para o castelo sitiado. Conhecia formas de voltar a entrar, se conseguisse se aproximar das muralhas. Não havia outro modo de chegar a Athdara, mas provavelmente pudesse retornar a Caraidland e economizar assim a penosa perda de outro homem. Ao ver que os guardas não disparavam seus arcos imediatamente, suas esperanças cresceram: compreendeu que sir Hugh ordenara aos seus homens que apanhassem vivo qualquer um que tentasse escapar.

Via as fogueiras dos vigias de Caraidland quando os homens que lhe perseguiam gritaram de repente. Como por arte de magia, dois soldados mais apareceram no caminho, justo diante dele. Compreendeu então que sir Hugh tinha posto seus guardas ao longo do caminho. A súbita aparição dos dois cavaleiros fez com que seu cavalo empinasse. Surpreso, Tavis perdeu o controle e não pôde evitar a queda. Ao cair no chão, antes de perder-se nas trevas, seu último pensamento foi para Storm.



Encolhida numa maca, ao lado de Maggie, Storm adormeceu presa ao esgotamento. Tinham parado de socorrer os feridos ao cair da noite, quando cessou a luta, para dar o jantar dos homens. Maggie a incentivara para deitar-se na cama, mas ela negou. Queria estar perto de quantos feridos pudesse ajudar, perto da batalha para saber se havia alguma mudança, e perto de Tavis. Maggie se tinha dado por vencida e a deixara ficar.



Storm se sentou de repente com o nome de Tavis nos lábios. Rodeou-se com os braços, tremendo, enquanto o frio daquele pressentimento que tanto detestava se infiltrava em seus ossos. Tinha que encontrar Tavis; assegurar-se de que só eram os nervos e o cansaço; certificar-se de que ele estava bem e não corria perigo. Estando em meio de uma batalha, podia muito bem ser que visse tragédias e perigos onde não havia.

Nas ameias se amontoavam homens e mulheres. Esposas, noivas, filhas e mães vigiavam em lugar de seus homens enquanto eles deitados a seus pés, perdidos num sono exausto, vestidos ainda para a batalha. Se não fosse pela falta de homens, aquilo não seria permitido. Os homens, entretanto, sabiam que as mulheres viam tão bem como eles e que, em caso de haver problemas, estariam preparados num instante e logo expulsariam as mulheres das ameias. Daquele modo podiam dormir um pouco e estariam mais descansados para enfrentar a luta quando saísse o sol.

Storm parou perto de Jeanne, que montava guarda no lugar do seu noivo, e perguntou:

—Como vão as coisas, Jeanne?

—Isso é um aborrecimento. Não entendo como as tropas de sir Hugh vão lutar amanhã, com a festa que há em seu acampamento. Não escuta?

—Sim — respondeu Storm com uma careta. — Suspeito que é a esposa de meu pai. Tem fraqueza pelas orgias.

—O que é uma orgia? É pecado, verdade? — perguntou Jeanne sem dissimular seu interesse.

Storm assentiu com a cabeça e explicou:

—É quando um grupo de homens e mulheres se reúne para beber e deitar-se juntos. Lady Mary prefere que haja mais homens que mulheres. É pura lascívia, pura luxúria.

—Não! — exclamou Jeanne, com os olhos cheios de espanto e fascinação.

—Sim, moça — disse uma voz profunda ao seus pés. — É uma descrição muito adequada. — Fazendo caso omissos das exclamações sobressaltadas das mulheres, o prometido de Jeanne perguntou: —Realmente celebram orgias?



A escuridão ocultou o mal-estar do Storm.

—Sim. Em Hagaleah as realizava freqüentemente. Eu me trancava no meu quarto com minha velha aia, Hilda, e umas donzelas que não se interessavam em unir-se aos festejos.

—E alguma vez deram uma olhada? — perguntou Jeanne, e deu um chute a seu noivo quando ele pôs-se a rir.

—Claro que não — respondeu Storm altivamente. — Para que iria querer ver gente nua banhando-se em leite e praticando baixezas em quase todos os cômodos do castelo? — virou-se para se afastar, mas Jeanne a deteve.

—De verdade se banhavam em leite? Deixa de rir, Robbie.

—Sim, assim é. Isso eu vi. E também vi algumas coisas antes que Hilda me encontrasse e me levasse de volta ao meu quarto, me arrastando pelo cabelo, mas não desejo contar isso.

Deixou o jovem casal rindo em voz baixa.

Demorou um momento para encontrar Sholto, Iain e Colin. Esses dois últimos dormiam, mas Sholto estava de pé junto às ameias, vigiando. Storm se assombrou que parecia se dedicar ao mesmo tempo em olhar para Athdara e a observar o acampamento de sir Hugh. Imaginou se ele esperava a chegada de seus aliados ou a volta iminente dos homens que tinham partido para a Athdara.

—Não deveria estar aqui, Storm — a repreendeu Sholto brandamente. — Deveria descansar um pouco.

—Onde está Tavis, Sholto? — indagou ela. Inquietava-lhe que ele evitasse olhá-la diretamente.

—Está dormindo — sussurrou ele, olhando para o lugar de onde procediam os ruídos de festa.

—Sholto, procurei por toda parte e não o encontrei. Por favor, Sholto, onde ele está?

—Não sei — respondeu ele, mas suspirou ao ver sua expressão, mistura de abatimento e determinação. — Vamos, menina — disse brandamente, e, lhe



passando um braço pelos ombros, apertou-a contra si. — Tavis já é adulto. Não tema por ele.

—Você não entende. Despertei gelada, chamando-o. Não é bom sinal. Por favor, Sholto...

—Tolices. Olhe ali e me diga o que está tramando a célebre lady Mary.

—Coisas pecaminosas —resmungou ela. Continuava preocupada com Tavis, mas não queria pressionar Sholto.

—Ah, um de meus temas prediletos. Assim me mantereis alerta. Conta-nos o tudo, moça — disse ele em brincadeira.

Enquanto Storm resolvia satisfazer seu pedido contando tudo que vira e ouvira, apesar do assombro e da vergonha que de vez em quando causava seu relato, Tavis era jogado diante de uma barraca de campanha. O que viu quando um homem levantou por um momento a cortina da barraca e saiu lhe fez imaginar se estaria tendo visões, antes que pudesse deduzir se tinha visto ou não um aglomerado de corpos nus, obrigaram-no a levantar-se. Preso entre dois homens, encontrou-se cara a cara com sir Hugh, o homem que ansiava matar.

—Ora, ora — disse sir Hugh, esfregando as mãos com prazer. — Tavis MacLagan em pessoa. Agora sim que me darão essa ruiva mundana. De fato, pode ser que ela se entregue voluntariamente.

Pediu tochas e, levando Tavis amarrado e arrastado por uma corda, partiu com dez homens para as muralhas de Caraidland. Partiam sob uma bandeira branca, porque sir Hugh pretendia parlamentar. Ambicionava poder trazer Storm sem propor mais nada, sem nenhum trato. Depois, no dia seguinte, poderia tomar Caraidland com golpe de sorte

Tavis esperava que não houvesse acordo. Não queria que Storm pagasse por seu engano. Havia pouca possibilidade de que o matassem: sir Hugh sabia que poderia conseguir um bom resgate por ele se, por obra de algum milagre, Caraidland não caísse em seu poder. Afugentou a insidiosa idéia de que sir Hugh podia matá-lo por puro despeito ou por ira: quando se enfurecia, ficava a beira da loucura. C'est a guerre, como diziam os franceses, pensou com ironia enquanto lutava para manter-se erguido, com os olhos fixos nos muros do Caraidland.



Ao ver que algo se movia no acampamento, Storm interrompeu seu sórdido relato sobre lady Mary. Aguçou a vista, empenhada em ver o que ocorria, de repente se esticou e agarrou o braço de Sholto.

—Olhe, Sholto, aproxima-se gente com tochas e uma bandeira branca. Sir Hugh deseja parlamentar.

Enquanto Sholto despertava seu irmão e seu pai, ela se fixou no homem da corda. Demorou um tempo em reconhecê-lo. Seu coração pareceu parar. Fixou os olhos espantados no rosto pálido de Sholto.

—É Tavis. Sir Hugh está com Tavis.



Capítulo 18

—MacLagan! — gritou sir Hugh quando pararam a uns passos das muralhas de Caraidland.

—Não precisa gritar. Já estou aqui — respondeu Colin sardonicamente, e Tavis esboçou um sorriso.

Hugh o empurrou para frente.

—Como vêm — disse, — tenho em meu poder Tavis, seu filho e herdeiro.

—Sim, vejo muito bem. — Colin olhou Sholto e perguntou em voz baixa: — Como diabos ele está em suas mãos? Me diga o mais rápido que puder o que fazia esse néscio fora das muralhas.

—Queria chegar a Athdara — respondeu Sholto em seguida. — Precisamos de homens para lutar.

—Entregue-me a filha de Eldon, MacLagan, e devolvarei seu filho.

—Pode-se saber aonde vai? — perguntou Colin com aspereza, agarrando Storm pelo braço quando ela já saía.

—Embora, com sir Hugh — respondeu Storm, sufocando um gemido quando Colin puxou-a, — para que liberte Tavis.

—Não seja tola, moça. Acredita realmente que é isso o que Tavis quer? Não, menina, não vamos negociar. — Storm viu em silêncio como respondia Colin: — Não, sir Hugh, não haverá trato. Viu, moça? — acrescentou quando Tavis meneou as mãos atadas para mostrar sua concordância.

Sir Hugh começou a lançar xingamentos, cheio de fúria e incredulidade.

— Deixem-me ver a garota. Pode ser que não tenham que trocar.

Colin indicou a dois homens que se adiantassem e desatou a cinta que prendia o cabelo de Storm.



—Assim não haverá dúvida de quem é, menina. Adiante. Deixe que a veja e fale.

Storm ignorava como estava bela quando se apoiou no parapeito das ameias, com o luminoso cabelo agitado pelo vento e iluminado pela luz das tochas.

—Queria ver-me, sir Hugh? — gritou.

—Sim, queria vê-la — respondeu ele, zombando com seu tom cortês. —Tenho aqui seu amante, Storm.

—Não permita que ele se dê conta de que se importa, menina — disse Colin em voz baixa. —Faça-se de durona, filha. Comporte-se como uma bruxa.

—Estou vendo. Tudo bem, Tavis? — perguntou ela tranqüilamente, sentando-se encarapitada no parapeito.

— Já estive em situações melhores, pequena — respondeu Tavis e, ao ver a brancura de sua perna recortada contra a muralha acrescentou: —Não pôs meias, tontinha.

—Pode ser que tenha me ocorrido instigar às tropas de sir Hugh à rebelião — respondeu ela, e balançou lentamente a perna. As pessoas na muralha riram baixo e Tavis sorriu fugazmente antes que sir Hugh puxasse com fúria a corda.

—Saia, Storm, e deixarei que seu amante volte para sua família são e salvo.

—E por que iria sair, se o próprio pai disse que não há trato? — perguntou ela sem alterar-se. — Não quero ir com você.

—Não se importa com o que será desse garanhão escocês? — Sir Hugh se negava a acreditar que tivesse fracassado, que ter em suas mãos o herdeiro de Caraidland não fosse lhe servir de nada.

—Sim, importa porque é um bom garanhão, mas embora me cause pena perder, digamos, seus afetos, não é insubstituível. — Pegou a mão de Sholto e puxou-o para que ficasse ao seu lado. — Tenho muitos a quem escolher, sir Hugh. — Sholto a rodeou com o braço, docemente. — Superarei sua perda. —Tentou sufocar a vergonha que lhe causava falar com tanta crueldade.



—Devo acreditar que a altiva Storm Eldon se converteu na prostituta dos escoceses? — bufou sir Hugh, e não se deu conta que Tavis parecia a ponto de atacá-lo, mesmo amarrado. — Agora todos montam em você?

—Você sabe muito bem dessas coisas, sir Hugh. Não. Simplesmente, não acredito que tenha sentido me entregar a um capão. Sir Hugh adora aos cavalos — acrescentou num sussurro, dirigindo-se a Sholto, que se pôs-se a rir e começou a brincar com seu cabelo.

Sir Hugh apertou os punhos e resmungou algo em voz baixa antes de gritar:

—É sua última oportunidade, Storm Eldon. Venha comigo e devolvarei Tavis para sua família. Você é o preço da sua liberdade.

—Esta é a resposta a sua oferta, sir Hugh — respondeu Storm, e, deslizando os braços ao redor do pescoço de Sholto, começou a beijá-lo, com bastante cooperação da parte dele.

Tavis se surpreendeu ao comprovar que não sentia ciúmes: via claramente que tudo aquilo era uma pequena farsa posta em cena para enganar sir Hugh, e não temia que Storm se deitasse com seu irmão. Sir Hugh parecia a beira de um ataque enquanto via o casal beijar-se nas ameias do castelo, entre os aplausos de seus acompanhantes. Storm não poderia ter escolhido melhor modo de convencê-lo de que não haveria nenhum trato e de que se importava muito pouco com a sorte de seu amante.

—Parece-me que leva o jogo muito a sério — sussurrou Storm para Sholto quando deixaram de beijar-se.

—Continue divertindo-os, sua meretriz — bramou sir Hugh. — Ainda a verei se arrastar.

—Para me afastar de você, sir Hugh. Só para me afastar de você.

—Pensem no que estarei fazendo ao seu amante enquanto desfruta de seu novo cavaleiro, vagabunda.

Storm não viu a careta de dor que Sholto fez quando lhe apertou o braço compulsivamente.



—Eu manteria Tavis afastado de lady Mary, sir Hugh, ou ela se dará conta do pouco homem que é.

—Quer me dar algum conselho, Tavis? — gritou Sholto quando sir Hugh se afastou feito uma fúria, deixando que um de seus homens se encarregasse de Tavis. Vários ingleses tropeçaram, empurrando-os uns aos outros ao tentar lhe iluminar o caminho.

—Sim — respondeu Tavis enquanto o levavam. — Se você ficar um pouco cansado, deixe que ela o cavalgue. Gosta de fazê-lo. E, Sholto, ela tem uma boca digna de um rei.

Não se surpreendeu ao ouvir uma fila de maldições em irlandês procedente das ameias, mas não gostou de ver Storm de pé no parapeito, lhe lançando impropérios, por mais formosa que estivesse lá em cima. Tampouco gostava de falar assim dela, mas era necessário para seguir o jogo. Storm tinha adotado o papel de vilã desumana diante de sir Hugh, e ele tinha que comportar-se como se fosse assim. Deixou escapar um suspiro de alívio quando alguém a fez descer do parapeito, e se virou para ver por onde ia.

Entre as sombras do bosque, ao sul de Caraidland, um solitário vigia compartilhava as risadas dos escoceses. Hadden tinha chegado com facilidade a seu posto de observação. Naquele lado havia poucos guardas: ninguém ali esperava uma ameaça daquela direção. Tinha pela frente um longo caminho a cavalo, mas empreendeu-o com ânimo. Storm estava a salvo e era evidente que não havia perigo de que fossem entregá-la a sir Hugh.

—Meu Deus, moça, quase que me para o coração ao vê-la de pé em cima da muralha — disse Colin, sentado junto de Storm, que de repente parecia acalmada e um pouco abatida. — É um milagre que seu pai não tenha cabelo branco como a neve, se você se comportava assim em Hagaleah. O que é que gritou para esse descarado do meu filho?

Um débil sorriso apareceu em seu rosto pálido.

—Digamos que, se minhas maldições se tornarem realidade, será um homem mudado. — Agarrou Phelan pela mão quando seu primo foi sentar-se junto dela. — Sir Hugh perde a razão quando se irrita.



—Sim, sei muito bem, menina. Mesmo assim, estou seguro de que não matará meu filho. Ficaré tentado por um possível resgate. Sei que é um homem mesquinho, e Tavis é como uma moeda de troca. Não vai perdê-lo. — Tocou o ombro de Storm.

— Vá descansar, filha. As mulheres terão muito que fazer quando amanhecer.

Ao vê-la partir com Phelan, Sholto murmurou:

—Tavis tem muita sorte.

—Dei-me conta de que desfrutava desse beijo — disse Colin, rindo. — Tem uma boca muito doce, suponho.

—Meu Deus, essa boca faz derreter os ossos de qualquer um. Então, vamos deixar Tavis nas mãos de sir Hugh?

—Devemos fazê-lo, moço, embora me aflija. Sir Hugh não o matará. Pensará na possibilidade de cobrar um resgate — disse Colin, expressando em voz alta as mesmas conclusões que Tavis tinha chegado. — Estarão esperando que tentemos libertá-lo, mas não posso perder mais nenhum homem. Pode ser que amanhã, quando começar a batalha, Tavis corra menos perigo ali do que aqui.

Storm acreditava que Tavis encontrava-se em extremo perigo, embora ela também compartilhasse a opinião de que sir Hugh não o mataria. Enquanto bebia cerveja com Maggie e Phelan, imaginou tudo o que sir Hugh podia fazer com Tavis. Talvez não o matasse, mas poderia fazer com que Tavis ansiasse pela morte. Por fim lhe ocorreu uma idéia. Demorou para persuadir Maggie, mas ela por fim lhe entregou tudo o que precisava e até lhe disse como sair de Caraidland sem que a vissem.

Sholto franziu o cenho ao ver que uma figura miúda corria em direção dos estábulos. Acreditando que Iain dormia, abandonou seu posto para ver o que acontecia. Iain, que tinha os olhos entreabertos, viu-o afastar-se e, passado um momento, seguiu-o. Ele também tinha visto aquela pequena figura e sabia que o beijo e a atmosfera tensa porém emocionante da batalha tinha aumentado a admiração que Sholto sentia pela amante de Tavis a um ponto perigoso. Pela manhã enfrentariam uma luta desigual. Possivelmente, até a morte. Iain temia que aquilo tornasse Sholto impetuoso.

Ao chegar ao fundo dos estábulos, Storm abriu um alçapão, que dava para um túnel que a conduziria até o lugar no bosque de Caraidland que os homens de



Hagaleah ocupavam. Maggie lhe explicara que aquele túnel era usado para escapar às escondidas durante um sítio ou atacar de surpresa o acampamento inimigo. Serviria perfeitamente para seu propósito.

Só ao cair de costas sobre um montão de palha se deu conta de que não estava sozinha. Olhou Sholto com os olhos arregalados. Ele observava com curiosidade seu espartilho negro, suas meias negras e a cabeça de Storm envolvida num pano escuro. Storm apertava com nervosismo um gorro de lã negro e luvas da mesma cor. Nenhum dos dois viu Iain entrar nos estábulos e procurar um esconderijo para observá-los sem ser visto.

—Pensa em ir a alguma parte, moça? — perguntou Sholto com ironia e os olhos fixos em seus seios.

Muito alterada para perceber o desejo de Sholto, ela respondeu:

—Sim. Vou procurar Tavis.

—Não. Não posso permitir. — Olhou ofegante sua formosa cabeleira.

—Por quê? Tem uma idéia melhor? — respondeu ela. Estava zangada por ter se deixado surpreender, e perdeu a diplomacia.

—Sim, me ocorre algumas, pequena — disse ele brandamente, — mas não têm nada a ver com resgatar Tavis.

Ela reconheceu muito tarde a expressão de seus olhos de cor azul índigo. Deixou escapar um gemido de surpresa quando Sholto se moveu para cima dela, sobre o feno, e tirou partido de seus lábios entreabertos. Para vergonha de Storm, seu corpo reagiu diante daquele beijo. Sholto também tinha muita experiência e ela estava muito vulnerável.

—Não, Sholto — gemeu enquanto lhe beijava a garganta. Mas não tinha forças para lutar.

—Sim, Storm.

Encontrou os laços de seu espartilho e os desfez rápida e habilmente. Viu com deleite que ela não usava nada por baixo. Primeiro seus olhos e logo suas mãos deslizaram por aqueles seios perfeitos, cujos mamilos endurecidos roçavam sua palmas e demonstravam o desejo de Storm. Afastou o olhar de seus seios e o fixou



em seus olhos. Um suspiro trêmulo escapou entre seus dentes ao ver o ouro de suas pupilas, uma visão que sempre fazia Tavis capitular. Havia neles, entretanto, algo mais que desejo: havia desespero.

—Não faça — suplicou ela em voz baixa enquanto se arqueava contra ele em resposta a suas carícias.

—Você me deseja — respondeu Sholto asperamente, e com os polegares excitou seus tensos mamilos até que Storm deixou escapar um gemido. — Seu corpo me diz isso de mil modos diferentes. — Solto as meias de Storm.

—Meu corpo está bem treinado. Grita que sim, mas meu coração e minha mente gritam o contrário.

—Seu coração e sua mente não me interessam — grunhiu ele enquanto beijava seus seios com avidez.

Storm esteve a ponto de sucumbir sob uma onda de desejo indiscriminado. Iain sentiu pena dela. Sabia que tinha as emoções a flor de pele e que era vulnerável. O homem que amava, e estava seguro de que amava Tavis, corria grave perigo. Seu amado nunca tinha falado de amor. Storm se achava em meio de uma batalha, em poder de seus inimigos ancestrais enquanto um competidor novo e mais perigoso espreitava lá fora. Estava sozinha: seus parentes e amigos tinham morrido. Não era justo que Sholto se aproveitasse de sua extrema debilidade, e entretanto Iain o entendia. No dia seguinte podiam morrer. Sholto queria saborear só uma vez aquilo que até então tinha admirado de longe. Ele mesmo havia sentido aquele impulso, mas o tinha ocultado. Esperava que Sholto dominasse seu desejo, mas não podia intervir ainda. Era preferível que resolvessem entre eles.

—Não, Sholto, por favor — ofegou Storm quando ele deslizou a mão dentro de suas meias para acariciar o que só Tavis tinha conhecido. — Não quero. Não quero — insistiu, mas sua voz soava enrouquecida pelo desejo.

Sholto levantou a cabeça dos seios que tinha estado saboreando e a olhou. Com uma mão afastou o cabelo de seu rosto. Com a outra, seguiu acariciando seu sexo.

—Sua boca diz que não, mas isto... — Sentiu-a retorcer-se sob suas carícias ternas e sedutoras. — Isso diz que sim. Está quente e preparada para um homem.



Ela tentou afastar a mão que a atormentava, mas ao agarrar seu braço seus dedos se negaram a empurrar; só se agarraram a ele.

—Apenas não consigo me dominar. Há tantas coisas que me angustiam, tantas coisas que me debilitam... Não se aproveite disso. Ouça minhas palavras, não meu corpo, que me trai. Isto está errado.

Sholto tomou seu rosto entre as mãos, colocou-se entre suas coxas e se esfregou contra ela com uma urgência sutil que a fez estremecer.

—Sim? Vê o que me faz? É errado que queira me satisfazer? Desejo-a e quero saciar esse desejo antes que amanheça o que poderá ser meu último dia nesta terra.

—Isso não é justo — sussurrou ela. — Primeiro brinca com minha paixão e agora com minha compaixão.

—Pequena, faria qualquer coisa me colocar aí dentro. Ele não a quer — disse, e de repente compreendeu que não era certo.

—Sei.

—Não se casará contigo. Quando chegar o momento que tiver que escolher, a mandará de volta para a Inglaterra.

—Isso também sei.

—Então, por que, moça? Por que negar nossos desejos? Por que nos privar do prazer que podemos compartilhar?

Custou-lhe não chorar, mas respondeu com voz débil:

—Amo Tavis.

Sholto ficou muito quieto, olhando-a. Logo, com um grunhido, deixou-se cair sobre ela, escondeu o rosto entre seus seios e fechou os punhos de ambos os lados de sua cabeça. Storm ficou quieta um momento, esperando para ver o que ele faria. Logo se mexeu um pouco sob seu peso.

—Pelos pregos de Cristo, mulher — disse Sholto com voz rouca. — Não se mova. Fique quieta como um morto. Se mover-se, voltarei a perder o controle.



Storm ficou tão quieta que quase se esqueceu de respirar. Sholto demorou um momento para ficar de joelhos e começar a atar os laços de seu espartilho. Estava pálido e angustiado, e Storm sentiu pena e remorsos. Se não tivesse respondido a suas carícias, Sholto não estaria sofrendo os rigores do desejo insatisfeito.

—Depois teria se odiado — disse em voz baixa quando Sholto se afastou e caiu de lado, junto a ela.

—Sei. Nesse momento não tenho um conceito muito bom de mim mesmo. — Respirou fundo. — Sinto, moça.

—Não é nada, Sholto — murmurou ela sinceramente enquanto enfiava seu cabelo sob o gorro. — Phelan está para chegar.

—Sim? — Sholto se sentou. —Não vai sair de Caraidland, moça.

—Sim vou sair. Phelan e eu vamos trazer Tavis.

—Isso é absurdo. Não vai lhe acontecer nada. Sir Hugh não o matará. Pode cobrar um bom resgate por ele.

—Sim. Estou segura de que o manterá com vida para cobrar o resgate. Ou, ao menos, até que esteja seguro de sua vitória. Mas não é isso o que temo. Você não conhece esse homem como eu o conheço.

—Sei que é um bastardo capaz de bater numa mulher até quase matá-la e que tem por companheira uma prostituta sem moral. — Pegou as luvas de Storm antes que ela pudesse colocá-las — Mas Tavis pode agüentar uma surra, pequena.

—Estou certa que sim, embora preferisse que ele não precisasse demonstrá-lo. Tampouco é isso o que receio. Sir Hugh deseja minha fortuna, mas acredito que tudo isto se deve também ao fato que o repeli. Está furioso comigo. Enfurece-o que outro homem tenha tido o que ele considera dele. E que Tavis o humilhasse naquele dia. Quando se enfurece, sir Hugh fica louco. E desfruta infligindo dor. Lady Mary se excita em fazer mal aos outros. A tal ponto que fizeram amor do meu lado quando deixaram de me bater.

—Não — murmurou Sholto, e afrouxou a mão, de modo que Storm pôde recuperar suas luvas.



—Sim. Há outra coisa que deve saber sobre sir Hugh. Quando deseja uma mulher que lhe diz não e se entrega a outro, não se limita a dar uma surra a seu rival. Sim, talvez Tavis retorne vivo, mas é muito plausível que na sua volta já não seja um homem completo. Sir Hugh castiga a quem possui o que deseja lhes despojando de sua virilidade. Já o fez em duas outras ocasiões, que eu saiba. Isso significa o que disse ao partir. E sabia que eu entenderia sua ameaça.

—Diz isso para que a deixe ir — repôs Sholto, mas o relato de Storm o afetara profundamente.

—Não. Não é. O que ela disse é a mais pura verdade — disse Phelan, e todos se sobressaltaram, pois nem sequer Iain o tinha ouvido entrar. — É um método que funciona. Os homens olham para outro lado quando ele deseja muito suas mulheres, e as mulheres dizem sempre que sim.

—Pode que já seja muito tarde — disse Sholto, quase sem voz.

—Acredito que ainda há tempo, porque lady Mary é incapaz de privar-se de um homem como Tavis. Querera usá-lo antes que sir Hugh o despoje de sua virilidade. Provavelmente até prometa perdoo-lo se sua atuação a satisfizer.

Sholto esfregou o rosto com as mãos.

—Como podem salvá-lo uma garota e um menino?

—Sabemos muito bem escapulir. Não ouviu Phelan chegar, verdade?

—Não, mas não esperava ninguém. Os ingleses, em troca, estarão esperando uma missão de resgate.

—Sim, mas provavelmente não de Hagaleah. Se usarmos esse túnel, iremos rodeá-los e nos aproximaremos pelo sul. Além disso, estarão esperando soldados, não dois pirralhos.

— Eu não gosto disso. Meu pai disse que não haveria trato. Não quer que caia em mãos desse inglês.

—Mas espera que sir Hugh cumpra as normas que regem o resgate de reféns, e não as cumprirá. Devo ir, Sholto. Tem que entendê-lo.

—Sim, entendo, mas isso não significa que tenha que gostar.



—Não podem perder mais soldados, assim não podem mandar homens armados. Matariam-nos, se os apanhassem. A Phelan e a mim não matarão. Além disso, nós não servimos de grande coisa na defesa de Caraidland. Embora nos apanhem, posso tentar libertar Tavis ameaçando tirar minha vida antes que Hugh se case comigo e se apodere de minha fortuna.

—Vão armados? — perguntou Sholto, e todos compreenderam que estava dando a razão a Storm.

Phelan levantou dois grossos paus.

—Shillelaghs*. Não faça essa cara. Sabemos usá-los.

—Sim. Sabemos como e onde golpear num homem para que ele fique inconsciente sem apenas um grunhido. — Storm tirou uma adaga curta e reta de fio duplo. — Um skain. Uma antiga adaga irlandesa. Era de minha mãe. Também sei como usá-la. Meu pai me ensinou. E também sei como convencer um homem de que estou disposta a utilizá-lo. Não se preocupe conosco.

—Começo a não me preocupar realmente. Vá então, moça, e tome cuidado. Vou providenciar para que nossos guardas não impeçam a passagem quando retornarem. O que farão agora? — perguntou ao ver que começavam a pintar a cara com cinza.

—É para nos assegurar de que nossas caras brancas não nos delatem. — Storm abriu o alçapão do túnel.

—Quem contou do túnel? — Sholto viu que Phelan acendia uma lamparina tampada.

—Não importa. Juramos não dizer a ninguém, assim não tem importância.

Sholto a segurou pela mão quando Storm se dispunha a seguir Phelan no interior do túnel. Já duvidava de que o plano fosse sensato. Mas, deixando de lado suas dúvidas, deu-lhe um beijo e sorriu ao ver que ruborizava.

—Foi um beijo de boa sorte, moça. Fecharei o alçapão, mas não o trancarei.

Um momento depois de fechar o alçapão, Sholto ouviu que alguém se aproximava. Levantou a vista, sobressaltado, e viu o Iain. Com uma sensação de angústia, compreendeu que seu irmão tinha presenciado tudo.



—Se alguém pode conseguir, são eles. Somente por curiosidade, por que desistiu?

Sholto ruborizou um pouco, consciente do que se referia Iain.

—Por duas palavras.

—Quais?

—«Amo Tavis». Nessa hora, compreendi que estava cometendo um engano. Ela se sentiria envergonhada e magoada, e eu não quero isso, embora bem sabe Deus que a desejo.

Iain o segurou pelo ombro com ar meticoloso.

—Sim, acontece o mesmo comigo.

—Enfim, voltemos para nossos postos. — Sholto se levantou. — Não vou pregar o olho até que retornem.



Storm estremecia enquanto avançavam pelo estreito e escuro túnel. Era úmido e mofado, e estava cheio de teias. Alegrava-se de que a escassa luz não lhe permitisse ver as coisas que escapavam correndo a sua passagem.

Saíram pelo limite do bosque, ao sul de Caraidland. A entrada do túnel estava dissimulada com astúcia, mas não a preocupava não encontrá-la ao voltar. Phelan e ela empreenderam o caminho para o acampamento.

Quando ouviam claramente os ruídos do acampamento, tiveram o primeiro tropeço. Havia um homem vigiando, e embora parecia estar com tranqüilidade em seu cargo, estava alerta, achava-se, além disso, num lugar onde seria difícil golpeá-lo. Storm fez um gesto para Phelan e, confiando que seu primo a entendesse, tirou seu gorro e avançou com descaramento.

O guarda olhou boquiaberto aquela aparição. Apesar de Storm estar com o rosto sujo e se vestir de homem, deu-se conta em seguida de que se tratava de uma



jovem muito bonita. Estava a pouco tempo em Hagaleah e não reconheceu a filha de lorde Eldon. Avançou para ela com a espada no alto.

—Quem é?

—Ninguém de importância. Só quero escapar da batalha.

—Atire as armas.

—Não levo nenhuma. Quer que prove?

Com sedutora lentidão começou a desatar o espartilho e logo as meias, e viu com calma como a luxúria cegava o guarda. As roupas caíram no chão, deixando sua pele descoberta resplandecente. Storm compreendeu, entretanto, que não bastaria. Engolindo a sua vergonha, desnudou lentamente seus seios. O guarda deixou escapar um gemido gutural, soltou a espada e se lançou para ela. Storm caiu no chão com um golpe surdo que a deixou sem fôlego. Um instante depois, livrou-se daquele peso. Phelan, que tinha entendido seu gesto, deixou o guarda inconsciente e afastou-o dela.

Storm voltou a prender o cabelo sob o gorro de lã enquanto via seu primo atar e amordaçar o soldado.

—Espero que não haja mais.

—Sim. — Phelan recolheu seu porrete. — Vamos procurar Tavis.

—Queira Deus que cheguemos a tempo.



Capítulo 19

Tavis rezava fervorosamente para que alguém fosse em seu auxílio. Não esperava que os de Caraidland enviassem uma excursão de resgate, mas desejava que assim fosse. Por um instante desejou inclusive que se efetuasse a troca. Mas foi só um instante, pois nada podia obrigá-lo a deixar Storm nas mãos do homem que tinha diante de si. Nem sequer o medo à ameaça que acabava de fazer sir Hugh.

Atordoado ainda pelas chicotadas, com os braços amarrados em postes, tinha olhado sir Hugh com desprezo quando o inglês se colocou diante dele. Chegou a pensar que ele iria desamarrá-lo, mesmo que fosse só para deixá-lo descansar antes de propiciar-lhe outra surra. Mas todos seus músculos se contraíram ao ver a faca que sir Hugh sustentava junto a sua virilha. Um suor frio brotava em sua pele e as feridas lhe ardiam, mas lutou para não parecer assustado enquanto seguia olhando o doce sorriso de sir Hugh.

— Não há dúvida de que é um crime que um escocês de pouca classe possua uma mulher como Storm Eldon — cogitou sir Hugh em voz alta. — Sabe por acaso que sangue corre pelas veias dessa mulher?

— Não. Não era isso o que me interessava. — Tavis fez uma careta para suas partes pudendas ao sentir a pressão da faca.

— Esse arrogante amiguinho esteve brincando com uma das cabeças de gado de melhor casta de toda a Inglaterra.

— E ele se fartou. — disse Tavis.

Dessa vez, sir Hugh fez apenas um corte na perna e Tavis engoliu seu pânico.

— A linhagem dos Eldon remonta ao Conquistador, aos reis saxões e os monarcas da Irlanda. É uma mescla muito rica para que a desfrute um escocês. Que demônios faz você aqui, Mary? — grunhiu quando uma mulher apareceu ao seu lado.

Tavis observou a célebre lady Mary Eldon e não viu nela nada que o agradasse. Era muito bela, sim, e possuía um corpo que qualquer homem desejaria, mas seus



olhos deixavam entrever sua alma imunda. Tavis viu que ela tirava a faca de sir Hugh e começava a cortar suas amarras. Sua proximidade o punha doente, mas conseguiu ocultá-lo. Estava seguro de que, quando se enfurecia, ela era tão perigosa ou mais que sir Hugh.

—Seu joguinho pode esperar um momento. — Enquanto dois guardas prendiam rapidamente as mãos de Tavis, ela ronronou: — Preciso dele. Deixe que o escocês pense um momento em sua sorte.

Tavis foi conduzido ao limite do acampamento e ouviu que sir Hugh bradava:

—Não me engana. Sei por que quer atrasar o castigo. Alguma vez já se deitou com um escocês?

Enquanto o conduzia para sua barraca, Mary respondeu:

—Não, mas penso em fazer antes que amanheça o dia.

De onde o colocaram, Tavis via claramente o interior da barraca. A entrada estava separada do resto do acampamento, com a cortina erguida para deixar que entrasse o ar fresco. Tavis teve a sensação desfalecer. Dentro havia quase uma dúzia de pessoas, quase todas elas nuas. Os homens dobravam em número às mulheres. Em princípio, colocado a seu pesar, no papel de mero observador, Tavis sentiu um surto de desejo ao ver que uma mulher de pele morena tirava a túnica, ajoelhava-se diante de um belo jovem, recostado sobre umas almofadas, e começava a agradá-lo com a boca. Mas seu desejo se dissipou quando o dueto se converteu em trio e logo em quarteto, até formar um autêntico aglomerado de corpos nus.

—Sim, perde logo seu atrativo — resmungou o guarda que havia ao seu lado, e Tavis assentiu com a cabeça.

Passado um momento, lady Mary, vestida com uma túnica quase transparente, aproximou-se e se ajoelhou diante dele com olhar ansioso. Tavis era um homem viril, e a enfurecia que Storm tivesse gozado daquele amante. Pensava usar sua destreza e sua virilidade antes que sir Hugh acabasse com ela. Passou a língua pelos lábios com avidez, mostrando sua ânsia em saborear seu corpo esguio e musculoso. Ignorava que alguém a observava nas sombras do bosque e que, se não fosse por Phelan deter Storm, ela a teria matado.

Pousou uma mão sobre o membro de Tavis e ronronou:



—Vejo que o cavalheiro está descansando, no momento.

—Só saúda as damas — respondeu Tavis com frieza, e deu um pinote quando a carícia de lady Mary se converteu numa dor aguda.

—Deveria tomar cuidado, escocês. Pode ser que eu seja a sua única oportunidade de salvar o seu pobre amiguinho. Venha comigo e deixe que eu lhe ensine como se comporta uma mulher de verdade. Só experimentou uma menina incapaz de apreciar o valor de um garanhão como você. Venha a minha barraca para que lhe ensine o que é o verdadeiro prazer.

—Preferiria derramar minha semente dentro de um homem. — Tavis não pôde ocultar sua dor quando ela cerrou fortemente a mão. Dobrando-se pela cintura, Tavis sufocou um gemido.

—Idiota. — Mary se levantou bruscamente, enfurecida por seu repudio verbal e físico, pois sua mão perita não tinha conseguido fazê-lo reagir. —Tem até uma hora antes do amanhecer para mudar de idéia. Se continuar negando, afiarei encantada a faca que usará sir Hugh para lhe converter em um capão, e me encarregarei de que o corte não seja limpo e rápido, e sim lento e pouco a pouco, até que não fique nada. Pense, caipira escocês.

Durante um momento, Tavis só pôde pensar na dor de seus genitais. Rolou um momento pelo chão, dobrado sobre si mesmo, e se recostou contra uma árvore, com a fronte encostada à áspera casca. Algo o fez erguer as pálpebras. Por um instante, acreditou vislumbrar uns olhos ambarinos. Quando o guarda se agachou para lhe oferecer um gole de cerveja, Tavis temeu estar ficando louco. Mas as seguintes palavras do guarda dissiparam esse temor.

—Moça, não deveria estar tão perto de sir Hugh. Parta com o menino, rápido.

Storm olhou Matthew, saiu devagar de dentro da mata e se escondeu atrás da árvore.

—Como percebeu, Matthew?

—O menino e você são os únicos seres humanos que conheço que têm os olhos de um gato.



—Quem foi o imbecil que a deixou sair de Caraidland? E posso saber o que tem na cara? — Resmungou Tavis.

—Quanta gratidão. É cinza, para ocultar nossa pele branca. Viemos tirá-lo daqui.

—Primeiro terão que me golpear com esse pau, moça. Não posso estar acordado, quando ele partir.

—Isso temia. — Ela começou a cortar as cordas que atavam as mãos de Tavis, escondida atrás do enorme corpo de Matthew.

—Me causou muita tristeza saber o que aconteceu com a sua família e os Foster.

Apesar de seu esforço, uma lágrima deslizou pela bochecha manchada de Storm.

—Obrigado, Matthew. Pronto, Tavis.

Ele esfregou as mãos inchadas o mais discretamente que pôde e disse:

—Isto é uma loucura, pequena. Perceberão em seguida que fugi. Parta agora mesmo, amor.

—Não confia em minha inteligência, certo, Tavis? Tenho tudo pensado. — Agarrou o feixe de junco empacotado que Phelan lhe estendia. — Agora está muito escuro. O junco servirá para enganá-los por um momento. Usarei essa corda para atar o Matthew a árvore. Assim parecerá que está vigiando. — Pôs em prática o que dizia com a colaboração de Matthew, e Tavis a olhou cada vez com maior admiração. — Meu plano funcionará ainda melhor graças ao Matthew — juntou com modéstia. — Perdoe, Matthew — murmurou, e lhe deu um beijo na bochecha antes de golpeá-lo, deixando-o inconsciente sem fazer nenhum ruído.

Trocaram Tavis pelo feixe de juncos, rápidos e organizados. Um instante depois, corriam os três pelo bosque, a caminho do Caraidland. A lembrança do destino que lhe aguardava nas mãos de sir Hugh dava forças a Tavis, apesar de que tinha as costas e os genitais doloridos. Lançou um olhar ao guarda amarrado e amordaçado quando passaram ao seu lado e sacudiu a cabeça. Storm e o pequeno Phelan formavam um casal assombroso.



A densa folhagem que recobria o chão do bosque ajudou para que não deixassem rastro algum, e se alegraram disso quando começaram a ouvir ruídos de perseguição. Se tivessem sorte, chegariam ao túnel antes que os vissem. Tavis não perguntou por que sabiam que havia um túnel quando se lançaram os três para ele e trancaram o alçapão as suas costas. Só pensava que estava livre. Livre e inteiro.



Colin olhava com severidade ao grupo reunido à mesa, colocada em um dos poucos lugares limpos que restava no grande salão. Não soubera o que acontecia até que explodiu um tumulto no acampamento de sir Hugh. Iain e Sholto correram aos estábulos enquanto os guardas da parte sul das muralhas se preparavam para o ataque. Embora se alegrasse, como todos outros, de que o audaz resgate de seu herdeiro tivesse tido êxito, e mais ainda depois de ter sido informado dos horrendos planos que sir Hugh tinha para Tavis, acreditava-se na obrigação de reprovar sua desobediência.

—Parece-me que disse que não faríamos nenhuma tentativa para resgatá-lo,
— grunhiu, olhando-os com irritação.

—Mas, meu senhor, essa ordem não abrangia Phelan e a mim.

Colin olhou aqueles dois pares de olhos grandes e desprovidos de culpa e aquelas duas faces surpreendentemente cândidas, embora imundas, e começou a rir. Outros se uniram a ele. Sobressaltada, Storm se viu transformada no centro de todas as atenções. E o que era ainda pior: Phelan começou a relatar com todo detalhe como tinham conseguido sossegar o guarda. Sholto aliviou em parte sua tensão propondo que empregassem o mesmo estratagema com todo o exército de sir Hugh quando recommencesse o ataque, ao amanhecer. As gargalhadas que a proposta desencadeou fizeram que Storm esquecesse rapidamente seu assombro.

Tavis percebeu de repente que o tempo passava velozmente. Logo teria que voltar para as muralhas para lutar contra sir Hugh. Eram muito poucos. Duvidava que pudessem resistir muito tempo. E sabia como queria passar o tempo que restava até que amanhecesse o dia. Continuava lhe ardendo as costas, mas isso não parecia



sufocar o desejo que de repente tomou conta dele. Segurou Storm pela mão, desculpou-se e a levou para seus aposentos.

Sholto suspirou enquanto olhava o suave rebolado dos quadris de Storm e o movimento rítmico de sua longa cabeleira quando saiu do salão acompanhada de Tavis. Dominou-se para não fazer amor com ela, mas não tinha deixado de desejá-la. A culpa pelo que tinha feito e ainda desejava fazer o atormentava. Iain voltou a lhe encher a jarra, sorridente. Sholto riu a contra gosto e procurou esvaziá-la.

Deitado de lado, vestido unicamente com suas meias, Tavis via Storm lavar-se. Ela arriscou tudo para ir em seu auxílio. Tavis ansiava de repente saber por que. Queria saber o que ela realmente sentia por ele. Amaldiçoou-se por ser estúpido e recordou de que ele não tinha grande coisa para lhe oferecer em troca, mas nenhum dos dois pensamentos serviu para sufocar aquele desejo.

—Storm... — disse brandamente.

—Sim, Tavis? — Ela se aproximou da cama e o olhou.

—Arriscaste muito indo resgatar me. — Estendeu o braço e ficou a brincar com uma mecha de seu cabelo.

—Não podia deixá-lo nas mãos de sir Hugh. Sabe, entendi perfeitamente a ameaça que ele fez ao partir.

—Não me envergonha reconhecer que passei um mau momento. Pude ver como se comportam. Foi um milagre que conseguiu escapar intacta disso tudo.

—Intacta, Tavis? Assim como estou? — perguntou ela em voz baixa.

—Sim, pequena. Mesmo com o que eu tenha feito e o muito que me satisfaço contigo.

—Também foi um prazer para mim, Tavis — murmurou ela e, estendendo o braço, começou a lhe acariciar o peito.

— Tire a roupa, m'eudail — ordenou ele com voz baixa e densa. — Não, não se ruborize. Deixa de lado seu pudor essa noite, ou o que resta dele. Pode ser que seja a última — disse quase para si mesmo.

Storm caiu de joelhos e lhe tapou a boca com dedos trêmulos.



—Não diga isso, Tavis.

Ele viu que seus olhos se enchiam de lágrimas e enxugou uma com um dedo.

—Então, choraria por mim, moça?

—Sim, Tavis. Muitíssimo.

Tavis se perguntou por que aquela declaração parecia enchê-lo de alegria, e a beijou brandamente.

— Dispa-se para mim, Storm. Ponha-se de pé e me mostre seu corpo com descaramento só dessa vez.

Ela se levantou devagar.

— Vou pôr-me de pé, mas não acredito que seja capaz de fazê-lo com muito atrevimento — brincou com nervosismo.

Tavis sorriu, consciente do quanto ela tinha que lutar contra seu pudor inato para satisfazer seu pedido. O fato de que ela o fizesse por ele lhe causou um enorme prazer. Mas seu prazer mudou de rumo quando Storm se despojou da roupa. A luz do fogo e das velas brilhavam sobre sua pele. Tavis pensou que era muito linda. Quando enfim estava nua diante dele, contemplou com ânsia seus seios grandes e altos, sua estreita cintura e seus esbeltos quadris, demorando-se em seus lugares prediletos. Estendeu os braços e seguiu aquele mesmo caminho com a mão.

—Santo céu, pequena, que formosa é. Não é de espantar que esse homem se tornasse louco quando se deparou com isso. — Tocou seus seios sem afastar os olhos dos dela. — Cabem tão bem nas mãos, e seus mamilos se endurecem tão rapidamente, como se suplicassem que os prove, que passe a língua por eles... Sua pele é como uma seda — acrescentou enquanto sua mão seguia deslizando para baixo pelo corpo de Storm. — É um encanto. Seus quadris são suavemente arredondados e suas coxas esbeltas, mas capazes de prender-me tão bem que me deixam louco. E isso, esses cachos acobreados e sedosos, são como as portas do céu. Escondem um refúgio pelo qual qualquer homem mataria. Dispa-me, pequena, e me acolha no calor de seu corpo.

Suas mãos, seus olhos e sua voz aveludada excitaram Storm a tal ponto que se esqueceu de sua nudez. Tremiam-lhe as mãos quando desabotoou as meias de Tavis



e recebeu que os joelhos fraquejassem enquanto a mão dele continuava passeando por seu corpo. Quando estava nu, Tavis a deitou na cama. Storm começava a se perguntar como iriam se arrumar quando ele a fez rodear-lhe a cintura com uma perna e a penetrou, apoderando-se ao mesmo tempo de sua boca com ânsia.

Cavalgaram para o ápice lenta e deliciosamente, e voltaram a cavalgar uma e outra vez, até que o sono os privou do desejo. Tavis adormeceu em cima dela, com a cabeça apoiada sobre seus seios. Storm tinha uma perna flexionada e apoiada em seu quadril, e o abraçava com força, até mesmo dormindo, com a face apoiada em seu cabelo. O corpo de Tavis era unicamente o que a cobria.

Iain e Sholto entraram sem fazer ruído no quarto, ao não obter resposta. Olharam ambos para o casal deitado na cama e ambicionaram encontrar-se em tão doce refúgio. Tinham passado o que restara da noite enrolados numa manta. Nenhuma mulher doce e amorosa tinha aliviado a espera da alvorada.

—Tavis vai congelar o traseiro — sussurrou Sholto ao aproximar-se lentamente da cama.

Iain riu suavemente.

—Pode ser que ela o tenha aquecido.

Tavis abriu um olho e olhou para seus irmãos.

—A essa hora as brincadeiras são quase um sacrilégio. — Fez uma careta quando Storm murmurou seu nome em sonhos e acariciou a sua perna com o pé, ao mesmo tempo em que a sua mão descansava sobre os rins dele. — Se vocês se virarem um momento, levanto-me.

—Suspeito que já se levantou — murmurou Sholto enquanto davam a volta. Iain pôs-se a rir.

Tavis grunhiu porque era correto e se desprendeu cuidadosamente do abraço de Storm. Ela se virou de lado, adormecida apesar do ruído. Isso demonstrava o quanto ela estava esgotada. Embora ainda tivessem tempo, Tavis não teve coragem de despertá-la só para satisfazer seu desejo.

—Já podem dar a volta —disse a seus irmãos enquanto recolhia suas meias.



—Não sei por que me incomodei, se só irei vê-lo. — Os olhos de Sholto brilharam ao ver a prova evidente do desejo que Tavis sentia por sua dama dormindo. — É um mesquinho, não lhe parece? — riu ao ver a expressão aborrecida de Tavis.

—Sim — respondeu ele, e acariciou com ternura o cabelo emaranhado de Storm antes de dirigir-se bruscamente para a porta. — Algum sinal de que o inimigo prepara um novo ataque? — perguntou enquanto desciam as escadas.

—O som dos preparativos se ouve claramente no meio do silêncio do amanhecer — respondeu Iain.

—Maldito seja. Somos tão poucos... Enfim, pode ser que a sorte nos acompanhe e que a ajuda chegue a tempo — disse Tavis, dando voz às esperanças de todos que viviam dentro das muralhas de Caraidland.



Lorde Eldon olhava carrancudo a escuridão, em direção ao castelo sitiado. Não lhe parecia certo ter que mandar o jovem Hadden para reconhecer o terreno, mas não havia candidato melhor para aquela missão. Já que por perícia ou por pura sorte, Hadden tinha o dom de aproximar-se silenciosamente do inimigo, de observar e partir sem ser visto. Quando seu sobrinho entrou por fim no acampamento, lorde Eldon estava tão ansioso para saber o que acontecia que quase se levantou da cadeira.

—O que está acontecendo em Caraidland? — perguntou quando se sentaram a beber cidra ao redor de uma fogueira.

—Estão lutando com galhardia, tendo em conta que só contam com a metade de suas tropas. Preferiria não admirar os MacLagan, mas agora não tem jeito. Hugh não parece ter pressa. Não tem feito nenhuma tentativa de assaltar o castelo. Está minando pouco a pouco as forças dos escoceses.

—E acha que sua estratégia está tendo êxito? — perguntou lorde Foster.

—Sim. Ontem à noite foram as mulheres que vigiaram das ameias.



—O que significa que MacLagan não tem homens para substituir os que estão cansados, nem para ocupar o lugar dos que estejam cansados para que recuperem forças. Todas suas tropas estão nas muralhas. — Eldon sacudiu a cabeça. — Sem homens, pode ser que tenham que refugiar-se na torre e deixar as muralhas nas mãos do inimigo.

Hadden assentiu com a cabeça.

—Se não se dispersarem muito, os homens de Hugh poderão escalar a muralha. Pode ser que Hugh tente amanhã. — Bebeu um longo trago antes de acrescentar: — Vi Storm.

—Nas muralhas? — perguntou Eldon, não muito surpreso. — Não a entregaram a Hugh?

—Não, e acredito que não deve se preocupar que façam. Enquanto vigiava, Hugh se aproximou para parlamentar. Parece que alguém tentou sair em busca de ajuda e o apanharam. Hugh queria trocá-lo por Storm.

Eldon levantou as sobrancelhas.

—E MacLagan repeliu o trato?

—Sim. Hugh teve uma boa surpresa, porque, verão, seu prisioneiro era o herdeiro de MacLagan, Tavis MacLagan em pessoa.

Entre quem escutava Hadden, lorde Eldon foi o único que não ficou boquiaberto, embora lhe custou algum esforço.

—Esse moço disse que tinham se afeiçoado, mas isso supera todas nossas esperanças. Pode ser que isso explique por que ela estava nas muralhas.

—É possível, porque a fizeram sair para deixar claro a Hugh que se importava muito pouco com o que acontecesse com seu... — Hadden se deteve bruscamente ao dar-se conta do que tinha estado a ponto de dizer.

—Amante — concluiu lorde Eldon, sibilando entre os dentes. — Estou consciente do lugar que ocupa minha filha no Caraidland. Como se portou esse tal Tavis quando se negaram a lhe resgatar?



—Saltava a vista que aprovava completamente a decisão de seu pai. Levantou as duas mãos para mostrar seu acordo. Hugh o trazia preso com uma corda. Storm o pôs furioso ao negar-se a sair.

—Convenceu-o de que não se importava com o que acontecesse com Tavis MacLagan, verdade?

—Sim, Andrew. — Hadden sorriu. — Ela estava muito formosa, sentada no parapeito, com o cabelo solto ao vento. Tavis brigou com ela por não usar suas meias e ela respondeu que esperava começar a rebelião das tropas de Hugh. — alegrou-se ao ver que Eldon ria. — Hugh disse que ainda a veria arrastar-se e ela replicou: «Só para me afastar de você».

—Como convenceu Hugh de que não se importava nada com Tavis MacLagan?
— indagou Eldon.

Hadden pareceu resistir, mas o olhar de seu tio o animou a dizer:

—Convenceu-o de que já tinha um substituto para ele. Beijou o outro dos filhos de MacLagan diante de todo mundo enquanto os escoceses a aclamavam. Aí sir Hugh quase ficou louco de raiva. Partiu feito uma fúria para seu acampamento, onde o esperava lady Mary.

—Viu minha querida esposa? — Eldon concentrou sua raiva e sua frustração na pessoa aque considerava responsável pelas desgraças de sua filha.

—Sim. Tinha montado uma barraca enorme e estava... bom... — Hadden encolheu os ombros, muito envergonhado.

—Matando o tempo divertindo-se como uma prostituta — disse lorde Eldon sucintamente. — Não precisa ficar com rodeios, moço. E seus homens?

—Não pude vê-los bem. Sir Hugh tinha um exército considerável. E parece que lady Mary também comprou um a base de dinheiro. Reconheci alguns de seus antigos guardas. Pode ser que um quarto, ou possivelmente um terço, se juntem com nosso grupo. Continua sendo seu suserano, e não acredito que agrade a todos quem tem ocupado seu posto durante um tempo.

—Confiemos em que seja um terço, porque somos poucos. Descanse um pouco, moço. Fez muito bem.



Quando os homens mais jovens se levantaram, Andrew se deteve para perguntar:

—E Storm? Pensaste nela e em Tavis MacLagan?

—Há pouco que dizer, meu filho. O relato de Hadden comprova que a protegeram de sir Hugh, que faria muito mais que desonrá-la. O que é sua virtude comparada com sua vida? Acaso não ficou sem defensores? Quando se recusa um resgate, as leis que regem o cativo ficam inválidas. Decidi agir conforme o que ela diga ou faça.

Andrew franziu o cenho, algo confuso.

—O que quer dizer?

—Que não farei nada a não ser que ela deseje. Viveu com essa gente muitos meses e o que apenas a torna uma prisioneira e não em membro do clã é o fato de que a vigiam de perto. Tomar as armas contra os MacLagan poderia fazer Storm sofrer muito mais que tudo que lhe tenham feito os escoceses. Se clamar vingança, terá. Se não, começo a pensar que a levarei a Hagaleah e deixarei que tudo isso se esqueça. Ao defendê-la de Hugh lhe concederam a vida, em troca de sua virtude. Para mim, que sou seu pai e a quero, é um trato bastante justo.

—Eu também prefiro que esteja viva a que conserve sua virgindade, estando morta. Prefiro vê-la seduzida e solteira a vê-la casada com um homem capaz de violá-la e golpeá-la. Boa noite, pai.

Depois que os outros partiram, lorde Foster observou Eldon, que tinha ficado pensativo.

—Fala com o coração ou diz simplesmente o que desejaria ou o que pensa que deveria desejar?

—Digo de todo coração. Valorizo a vida de minha filha muito mais do que sua virtude, até mesmo mais que sua honra ou a minha própria. Adiciono a isso a idéia de que Storm não tenha sido maltratada. Se voltar para mim ferida no corpo ou na alma, atravessarei esse canalha com minha espada.



Capítulo 20

Tavis levantou a vista da espada que estava afiando e entreabriu os olhos ao ver uma expressão de vergonha e culpa no belo rosto de seu irmão Sholto. De repente reviu Sholto e Storm beijando-se nas muralhas e ficou frio. Desejava em parte fugir da confissão que adivinhava nos lábios de Sholto, escapar da dor que lhe causaria, mas outra parte de seu ser exigia uma explicação.

—Não é fácil dizer isso, Tavis, mas, já que enfrentamos à morte cada vez que empunhamos a espada, tenho que falar. Quero tirar esse peso do meu coração.

—Adiante. — Tavis fechou a mão sobre o punho da espada até que se os dedos ficaram lívidos.

—Pelas barbas de Cristo. — Sholto olhou ao seu redor por um momento; logo voltou a fixar os olhos em seu irmão. — Tentei me deitar com sua mulher, Tavis.

—Tentou? — O frio começou a abandonar seus ossos.

—Sim. Tentei. É uma moça fogosa, e não peço por vaidade se disser que sei como excitar uma mulher, mas ela não deixou de dizer que não em nenhum momento. Tinha razão ao dizer que me odiaria. Odeio-me, e nem sequer consegui o que estava procurando. Não fui procurá-la assim que partiu, mas a desejava tanto que não me importou que fosse sua.

Tavis se levantou, embainhou sua espada e olhou para Sholto.

—Brilharam seus olhos?

—Como ouro líquido.

Tavis lhe agarrou pelo ombro.

—Se viu esses olhos, não sei como pôde resistir.

—Não foi fácil — respondeu Sholto com veemência.

Tavis esboçou um sorriso e disse:

—Pôde possuí-la e não o fez. Não tem importância.



—Teria se importado, se tivesse feito? — perguntou Sholto por curiosidade, consciente de que tinha sido perdoado.

—Sim. Poderia ter se deitado com Katherine diante de meu nariz que não teria me incomodado, mas... — Encolheu os ombros porque não entendia seus sentimentos. — Storm é minha. É assim que vejo.

—Sua até que se canse dela ou volte para Hagaleah.

Tavis concordou secamente com a cabeça. Não gostava de parar para pensar naquilo. Sholto o notou e não fez mais perguntas.

Dispunham-se a subir às ameias quando Storm apareceu correndo para eles. Tavis viu que os olhos de seu irmão brilhavam com uma ansiedade logo reprimida, e a estreitou com evidente ferocidade quando Storm se lançou em seus braços.

—Partiu nas pontas dos pés, sem dizer uma palavra — murmurou ela, tentando ocultar suas lágrimas.

—Ah, então teria preferido que desse pancadas — respondeu ele, muito sério, embora seus olhos riam, brilhantes.

—Seu senso de humor me escapa — respondeu Storm com ironia, mas logo deixou de brincar e o abraçou com força. — Mande-me para sir Hugh, Tavis, e ponha fim a tudo isso. Essa é minha guerra, não a sua.

Ele apoiou o queixo sobre sua cabeça.

—Não, pequena — disse — Esse homem tomou as armas contra Caraidland, seja qual for o motivo. Essa guerra também é nossa. Aqui todos sabem que foi você quem salvou a vida de meu pai, e sabem também o que pensa fazer contigo esse canalha. Não temos costume de mostrar nossa gratidão entregando nossos amigos a uma morte certa. Não tem família, e lady Mary a deixou em minhas mãos. O que é meu, é meu até o fim. Se tiver que empunhar a espada para defendê-lo, farei.

Ela se agarrou nas costas de sua camisa e lutou para não dar voz as palavras que se amontoavam em sua boca. Não ficava bem mandar um homem para batalha entre lágrimas e com expressão de receio por sua vida. Uma mulher devia ser valente, comportar-se como se estivesse segura de que seu homem voltaria com vida. Sentiu que Tavis lhe acariciava o cabelo e se esforçou para sufocar seu medo.



Quando ele não a visse mais poderia chorar e retorcer as mãos tanto como quisesse. Olhou-o.

—Bom, ninguém poderá dizer que não o tentei. É muito teimoso, MacLagan.

—Em efeito, minha inglesa. E você também. Tão teimosa como longos são os dias do verão, assim quero que me prometa algo agora mesmo. Não sairá para se entregar a esse homem. Jura-me isso moça. — Arqueou uma sobrancelha ao ver que ela apertava os lábios. — Amarrarei você e esse seu primo num barril, se for preciso. Jure que ficará dentro dessas muralhas e não fará nenhuma tolice.

—Juro — murmurou ela. —Mas é injusto. Não tem graça que me conheça tão bem. Tinha planejado...

—Sim, sei. Socorra aos feridos, pequena. Eles são os que na verdade precisam de você. Não é preciso que se jogue na batalha como em um antigo sacrifício. Agora, parte. Espera-me o combate.

Aproximou a boca dos lábios de Storm e ela afundou as mãos no seu cabelo e se apoderou de sua boca num beijo que continha todo seu amor. Por fim o soltou e encostou a face na dele. De repente lhe parecia importante que ele soubesse o que sentia. Em momentos como aquele, o orgulho parecia insignificante.

—É o sol de meu mundo, Tavis MacLagan. Sem ti, tudo se tornaria frio e escuro. Quero você.

Separou-se de seus braços, que ele, em seu assombro, tinha afrouxado. Sholto, que olhava para seu irmão visivelmente desconcertado, surpreendeu-se quando Storm lhe deu um breve beijo na boca. Storm desapareceu então no castelo a toda pressa. Não queria ficar e presenciar a discussão que poderia começar a sua emotiva confissão. Isso, com sorte, viria depois.

—O que lhe disse Storm? Parece que lhe deram uma machadada.

—Nada, Sholto — respondeu Tavis, saindo do seu sobressalto. No entanto descobriu que lutava para acreditar nas próprias palavras. — Só palavras doces para que lute com mais ímpeto e a batalha acabe quanto antes, me devolvendo ao seu lado. Não significava nada mais que isso.

—Está seguro? — Sholto imaginava claramente o que lhe havia dito Storm.



—Sim. Disse essas coisas porque sabe o que devo enfrentar. — Andou para as ameias.— Mais vale que nos apressemos, antes que comecem sem nós.

Nas muralhas de Caraidland reinava uma calma tensa. Os homens observavam como se agrupavam as tropas de sir Hugh, tentando adivinhar sua estratégia. Todos sabiam que lhes faltavam forças, que tinham tudo contra eles e que muito bem podiam perder a batalha. Mas, apesar de tudo, confrontavam a jornada com coragem, dispostos a lutar até o último homem. Para conquistar Caraidland, sir Hugh teria que pagar um preço muito alto.

Tavis tinha os olhos fixos nos homens de sir Hugh, mas pensava em Storm. Queria que suas palavras fossem verdadeiras, desejava que estivesse unida a ele por aquele vínculo. Não que ela só pudesse incendiar seu sangue com um simples olhar e apagar depressa seu fogo da forma mais satisfatória que jamais tinha conhecido. Nunca tinha gostado de tantas coisas em uma mulher, da cor de seus olhos à independência de seu caráter. Nunca, desde o ocorrido com Mary, tinha pensado em assentar a cabeça, em casar-se e ter família. Se Storm sentisse realmente o que havia dito e não tinha pretendido unicamente lhe dar ânimo para encarar a batalha, tudo aquilo seria possível. Estava seguro de que não corria nenhum risco unindo-se a ela, pois sabia que, se Storm o amasse verdadeiramente, jamais teria que preocupar-se com outro homem.

Obrigou-se a concentrar-se na batalha que o esperava. Em momentos como aquele, uma distração podia ser fatal. Desejava menos que nunca morrer. Tinha muitas coisas pelas quais viver, muitas coisas que ainda não havia dito. Devia viver tempo suficiente para explicar-se com Storm, para lhe falar de algo mais além do muito que desejava o seu corpo.



Sir Hugh montou em seu corcel diante do olhar de lady Mary. À medida que se aproximava a hora da batalha, ela sentia arder cada vez mais seu sangue. Às vezes desejava ser um homem para tomar parte na luta. Entretanto, conformava-se com o prazer que lhe produzia contemplar a batalha. Podia ficar a uma distancia prudente e deleitar-se vendo os homens enfrentarem uma luta de vida ou morte, desfrutar da violência e da morte que se desenrolava diante de seus olhos. Sentia depois um voraz



apetite carnal que, em ausência de seu marido, era livre para se satisfazer como lhe aprouvesse. Antigamente, a necessidade de guardar as aparências tinha freado severamente sua criatividade.

—Mate-os todos, Hugh — disse com frieza.

Embora fosse isso o que sir Hugh planejava fazer, incomodou-o que ela ordenasse.

—Pensava lhe oferecer uma última oportunidade de render-se. É costume fazê-lo.

—Pois faça. Dirão que não. Sei. E mesmo que digam que sim, irá parar? Se há algo que aprendi nesse maldito país é que todos os ingleses que vivem aqui sentem que é o seu dever sagrado massacrar os escoceses. Ninguém o reprovará por isso, se é isso que teme.

—Não me importa o que pensam os outros. — Olhou-a com o cenho franzido. — Mas na guerra há regras a cumprir, Mary. Seja no que for que eu tenha me transformado, sou um cavalheiro. — Não se atrevia a oferecer a rendição agora, se os escoceses aceitassem suas condições, não poderia massacrá-los sem aviso prévio.

—São escoceses. Não precisa tratá-los com honra. Tenho a impressão de que obedece essas regras ou as abandona conforme lhe convém. Trata-se dos MacLagan, desses bandidos da fronteira. Essa escória não se trata com honra. Se livrar o mundo da maldição de sua existência, será considerado um herói. Ninguém questionará o que fez.

—Quero-os mortos, Hugh. Quero esse horrendo montão de pedras assolado até os alicerces. Não são mais que um espinho em meu flanco. Estou farta de tentar me libertar deles. Roubaram-me e penso recuperar tudo o que me tiraram. Me parece um pagamento justo.

—Acaso esqueceu como o trataram? Esqueceu daquele aviltamento da volta a Hagaleah e como riram todos as suas costas? Esqueceu que roubaram o belo e muito caro potro que acabara de comprar? E lhe roubaram também a égua, e não falo de uma de quatro patas, mas sim de Storm. Tavis MacLagan monta a sua égua. Pode ser inclusive que a tenha deixado grávida. Retendo-a, retém também sua fortuna, e as



terras que tanto desejas e que nunca serão suas. Eles também riem de você. Quanto desdém tem que suportar antes de se vingar, como é sua obrigação?

—Já basta — grunhiu ele. — Cale-se de uma vez, mulher. Conseguiu o que queria. Mesmo que tenha que retirá-los de Caraidland me valendo de uma traição, matarei a todos. Esse dia marcará o fim dos MacLagan, esses arrogantes que só nos deram problemas. Seu sangue tingirá de vermelho essas terras.

Lady Mary sorriu enquanto sir Hugh se afastava. Logo, os MacLagan não voltariam a incomodá-la. Não duvidava de quem seria a vitória. Hugh era um exímio guerreiro e os MacLagan careciam de forças suficientes. Tinha visto as mulheres nas ameias, vigiando de noite, e sabia o que isso significava. Os homens que ainda restavam em Caraidland estavam esgotados e não tinham esperanças de descansar, a não ser que derrotassem sir Hugh. O contingente de sir Hugh, em troca, estava descansado e alerta. Ao sentar-se em sua carreta coberta, imaginou se a batalha iminente duraria o suficiente para agitar suas paixões. Se Caraidland caísse em seguida lhe provocaria uma decepção, embora isso fosse o mais conveniente. Contava, entretanto, que a obstinação e a perícia dos MacLagan lhe proporcionasse um espetáculo gratificante antes de cantar a vitória que tanto ansiava.



Storm observava as mulheres e as crianças reunidas no salão. Enquanto aguardavam o início da batalha, a tensão era quase evidente. Todos se esforçavam para esconder o receio e a inquietação que sentiam por seus seres queridos, enfrentando o exército que sir Hugh tinha levado até as portas de Caraidland. Até as crianças guardavam silêncio. Para Storm, aquela era uma cena dolorosamente familiar. O mesmo acontecia em Hagaleah antes de uma batalha. Parecia que, de ambos os lados da fronteira, às mulheres cabia esperar e confiar que seus homens, fossem amantes ou familiares, voltassem vivos.

Nesse caso, sabia que os temores tinham raízes mais profundas que as de costume. Aquela batalha aconteceria na soleira do lar daquelas pessoas. Punha em perigo as crianças, os inocentes e os fracos. Agora iriam observar com seus próprios olhos o horror da batalha, ouvir cada ruído enquanto os homens lutavam para matarem-se uns aos outros.



—Não posso suportar mais. Tenho que parar essa luta — sussurrou, e fez menção de levantar-se.

Maggie a segurou pelo braço e a obrigou a continuar sentada no banco que compartilhavam.

—Não pode detê-los. As espadas já foram erguidas. Já derramaram sangue.

—Não posso ficar aqui sentada e deixar que corra sangue por minha causa. Não mereço que ninguém morra por mim.

—Bem, suspeito que há quem não concorde, mas já não se trata só de ti, moça. Acredito que na realidade nunca se tratou só de você. É uma parte disso, claro. Não posso dizer o contrário. Mas também lutamos por Caraidland e contra um homem que merece morrer.

—Mas Caraidland poderá cair — murmurou. — Tudo isso poderia ser destruído.

—Sim. Sabemos. Só dispomos da metade de nossos homens e estão cansados. Enfrentamos outras vezes esse inimigo e Deus nos deixou viver. Pode ser que volte a mostrar-se generoso conosco. Devemos rezar para que assim seja.

—Estive rezando, mas não serviu para sossegar meus medos.

—Menina, esse homem não pensa deter-se mesmo que a deixemos partir. Você sabe tão bem como nós. Todas o ouvimos falar com nossos homens. Tendo tantas coisas contra, a entregariam se soubessem que assim nos salvaríamos, que desse modo nossas crianças e nossas mulheres não correriam perigo. Mas sabem que não seria assim. Matarão a todos, se puderem, e a você também, embora mais devagar.

Storm estremeceu e fechou os olhos. Sabia que o que Maggie havia dito estava certo. Entregar-se a sir Hugh não poria fim à guerra. Havia tentando encontrar uma solução fácil, um modo rápido de suspender o que sabia iria ocorrer, uma forma de impedir o sofrimento e a perda de vidas. Mas embora continuasse sendo a maçã da discórdia, já não era a única razão daquela batalha. Talvez nunca tivesse sido.

—Sir Hugh oferecerá uma última oportunidade de rendição — disse, desanimada, agarrando-se a uma última esperança.



—Sim, fará. É o costume.

—Mas sua oferta será recusada. — Suspirou, porque sabia que assim seria.

—Sim. Não há honra na rendição.

—Mas há vida.

—Sinceramente crê nisso?

Storm sustentou por um momento o olhar. Logo afastou os olhos. Não suportava ler a verdade nos olhos de Maggie, ver neles o que já sabia. Ansiava negar aquela certeza, mas não podia.

—Não — murmurou por fim. —Não, não acredito.

—Bem. Porque não serve de nada tentar enganar-se, menina. Agora não. Confrontar a verdade lhe dará forças para seguir adiante.

—Suponho que seja verdade e que me revira tanto as tripas que temo adoecer.

—Conheço bem essa sensação, menina. Sofro sempre que meu Angus vai lutar, e agora é pior ainda, porque também meus filhos enfrentam à morte. — Sacudiu a cabeça ao ver que Storm empalidecia. — Não, moça, não é sua culpa. Quero que saiba que não a culpo, que nunca a culparei, aconteça o que acontecer. É sir Hugh Sedgeway a quem amaldiçoarei eternamente se algum dos meus caírem sob a espada. A ele e só a ele.

—Menina, sabemos que esse homem quer mortos todos os MacLagan. Seja qual for o seu oferecimento, não cumprirá sua palavra, a menos que ofereça a morte. Só tentará que deponhamos nossas armas para poder nos matar como ovelhas. Não permitiremos que isso ocorra. Se Deus nos quiser mortos, cairemos todos lutando até a última criança. A sir Hugh a vitória sairá muito cara. Oxalá essa besta seja o primeiro a morrer.

—Isso seria um presente do céu. Sinto-me tão dividida, Maggie... Tenho amigos de ambos os lados dessas muralhas. Alguns dos antigos guardas de meu pai seguiram Hugh a contra gosto. São soldados e têm que ir onde ordenam, gostem ou não.

—Sei. Nosso senhor é um bom homem, mas poderia ter sido como sir Hugh. E meu Angus teria que lhe seguir. Está unido a Caraidland. Não conhece outra coisa.



Nem eu tampouco. Ah, moça! Quanto eu gostaria que seu pai estivesse aí fora! Jamais pensei que diria tal coisa.

Um débil sorriso curvou os lábios de Storm.

—Acredito que mais de um MacLagan disse o mesmo.

—Sim. Lorde Eldon era um homem em quem se podia confiar. Sua palavra era sagrada e jamais mataria um inocente, um homem desarmado. Mas esse homem só se importa com sua própria pele e não cumpre sua palavra. Mas, enfim, o que será, será. Não devemos temer o que é vontade de Deus.

—É mais fácil dizer que fazer.

—Pois continue tentando, moça. Assim encontrará um pouco de paz.

Storm contemplou as mulheres e as crianças reunidas ao seu redor. Sentia que Maggie falava por todos eles. Ninguém tinha lhe dirigido uma palavra ou um olhar de recriminação. Todos se preparavam para a batalha em silêncio. Sem dizer nada, mas com firmeza, contavam-na entre os seus, como se fosse uma mulher qualquer que fazia o que podia para ajudar aos homens que logo estariam lutando. Perguntava-se quantos deles saberiam que ela também temia perder um ente querido, que na realidade não rezava por nenhum dos ingleses que aguardavam além das muralhas de Caraidland, mas sim por um escocês alto e moreno que se erguia sobre suas muralhas e enfrentava com coragem o que a sorte lhe proporcionaria.

Storm fez uma careta para si mesma e tentou concentrar-se no ungüento que estava misturando. Não seria surpresa descobrir que todas as mulheres do castelo sabiam o que sentia por Tavis. O amor era uma emoção que a maioria das mulheres reconhecia facilmente no seu próprio sexo. Não se surpreenderia de descobrir que se deram conta do que sentia antes dela.

Perguntou-se fugazmente o que pensaria Tavis do que lhe havia dito. Acreditara? Sua confissão o tinha feito feliz ou o tinha afligido? Estaria se perguntando o que sentia por ela na realidade, ou se havia algum futuro para eles?

Uma maldição ressoou brandamente em sua cabeça. Pensou que não deveria ser tão idiota. Tavis estava nas muralhas de Caraidland, vigiando o exército inimigo, o dobro do seu. Não tinha tempo para pensar nas palavras que lhe tinha sussurrado. Vigia o acampamento. Talvez se aproximasse o fim dos MacLagan e de Caraidland.



Ele não podia parar para pensar no que dissera ou fizera uma mulher. Mesmo ela se dava conta que, naquele momento de suas vidas, o que ela sentisse por ele ou o que Tavis sentisse por ela não tinha importância.

Esforçou-se para não pensar nele, ao menos, não constantemente. Só conseguiria aumentar o seu medo. Nada poderia impedir que temesse pela sua vida, que se preocupasse com o que Tavis deveria enfrentar, mas sabia que era hora de concentrar-se em outras coisas. Muito em breve haveria trabalho para fazer, gente a quem atender. Tinha que deixar de distrair-se ou falharia; não conseguiria agüentar sua parte de carga.

—«Falaremos depois da batalha, — pensou. — Os MacLagan têm que ganhar. «Papai, se está olhando, sei que compreenderá por que desejo que vençam nossos inimigos. Engoli meu orgulho e lhe disse o que sinto, papai. Não podia permitir que seguisse sendo um segredo quando a morte nos olha de frente. Espero que entenda outra coisa, papai. Supliquei a Deus que deixe Tavis viver, embora não me queira de verdade. Preciso que viva muito mais do que preciso que me queira. Mas papai... Se as coisas saírem mal e Hugh fizer o que tememos, se tirar da face da terra o clã dos MacLagan, me ajude, por favor. Hugh vai me querer com vida e dentro de mim está crescendo um novo MacLagan, uma esperança para o futuro do clã e uma parte do homem que amo. Me ajude a manter vivo o bebê, papai. “Suplico».

Storm interrompeu bruscamente seu mudo diálogo com seu pai. Os ruídos que chegavam aos seus ouvidos a fizeram compreender que os homens de Caraidland já não permaneciam em silêncio e aguardavam. Agarrou a mão de Maggie.

—Começou.



Capítulo 21

—MacLagan, ouve-me?

Colin olhou do alto para sir Hugh, que, flanqueado por dois soldados, adiantou-se a cavalo, levando uma bandeira que indicava que desejava parlamentar.

—Sim. Vem se render?

Hugh balbuciou algo, indignado.

—Não é momento para brincadeiras, imbecil. Rendem-se?

—Não, cão inglês. Caraidland não se renderá jamais.

—Então cairá. Olhem ao seu redor. Acaso podem negar o que vêem seus olhos? Tenho muitos homens, muitos mais que você. Quase o dobro.

—Então estamos iguais.

—Idiota! — gritou sir Hugh. — Pensa sentenciar todo seu clã por uma moça? Acaso vale a pena perder Caraidland e ver destruído seu clã pela rameira de seu filho? Entreguem-na e respeitarei a vida de sua gente. Não me obriguem a derramar o sangue dos seus por culpa de uma inglesa.

—O único sangue que correrá hoje será o dos ingleses.

—Assolarei o castelo diante de seu nariz, maldito imbecil.

—Então deixe de ladrar, cão, e comece.

—Hoje morrerão todos os MacLagan. Você e esse seu clã e o resto dessa corja de ladrões. — Jogou no chão a bandeira branca e a pisoteou antes de retornar a galope para junto de seu exército.

—Esse homem não sabe dominar seu gênio, né? — Colin sorriu para seus filhos, que estavam ao seu lado, ao mesmo tempo em que sir Hugh retornava para seus soldados e começava a gritar ordens. — Não tem a astúcia do velho Eldon. Esse sim sabia como brandir a palavra.



Sholto riu e sacudiu a cabeça.

—Fala como se sentisse falta dele.

—E assim é. Nessa vida é estranho encontrar homens como Rodem Eldon. A gente sabia que podia confiar em sua palavra. Eldon jamais teria matado uma pessoa inocente, não como esse bastardo. Teria preferido renunciar à vitória antes de erguer a espada contra pessoas desarmadas, contra mulheres e crianças. Com Eldon, a gente sempre sabia o que esperar. Se pegava reféns, podia confiar que os trataria bem. Só tinha que se preocupar com o resgate e como reuni-lo. Sim, vou reconhecer. Podíamos confiar nesse inglês e respeitar muito mais do que confiava em alguns de meus parentes.

—Sim, era um bom inimigo — disse Iain. — Ah, esse canalha começa a mover-se.

—Mas será um ataque?

—Dessa vez acredito que sim, Tavis — respondeu Colin enquanto os ingleses entoavam seus gritos de guerra e começavam a mover-se em massa, ganhando velocidade à medida que avançavam.

Os ingleses atacaram sob uma mortífera chuva de flechas. O tempo se findou para os escoceses que se esforçavam para lhes cortar a passagem e impedir que abrissem brechas nos muros de Caraidland. Logo enviaram homens para defender as muralhas pois todos sabiam que, se seus inimigos escalassem, perderiam a batalha que se seguiria. Podiam refugiar-se na torre, mas isso equivaleria a admitir sua derrota, e nenhum deles queria fazê-lo. E também, essa retirada aproximaria do inimigo às mulheres e as crianças.

Tavis caminhava pelo parapeito, analisando a batalha por todos os ângulos possíveis. Não era necessário que incentivasse seus homens. Todos sabiam que lutavam não só por sua vida, mas também pelo futuro de seu clã. Ninguém duvidava de que sir Hugh cumpriria suas ameaças. Sabiam que qualquer oferta de clemência ou rendição seria falsa; que sir Hugh só pretendia lhes enganar para que depusessem as armas. Todos sabiam como era aquele homem; sabiam que não podiam confiar nele nem que jurasse por tudo o que era mais sagrado. Mentia como um exímio velhaco.



Tavis chegou a um ponto da muralha em que havia um homem morto e outro gravemente ferido. Não havia ali ninguém para empurrar a escada inimiga, apesar de que o ferido se esforçava valorosamente para levantar-se e afastá-la da muralha. Tavis agarrou a escada no instante em que o primeiro inglês alcançava seu ápice e tentava desesperadamente impedir que a empurrasse.

Ao começar a empurrá-la, Tavis olhou nos olhos daquele homem e desejou não tê-lo feito. Leu neles o medo que abrigavam quase todos eles: o medo de cair. O homem olhou à morte cara a cara e não pôde fazer nada, salvo esperar que seu corpo se estatelasse no chão. Tavis sentiu que algo em seu interior se retorcia de horror ao pensar no que estava a ponto de fazer.

—Tem dois segundos para se aproximarem do chão— grunhiu ao mesmo tempo em que se perguntava que loucura deu nele, por que dava a seus inimigos a chance de sobreviver.

O soldado piscou, ficou boquiaberto de espanto e imediatamente começou a descer precipitadamente pela escada. Gritou para todos os outros que descessem rapidamente. Obedeceram-no e Tavis começou a afastar a escada da muralha. Quando lhe pareceu que estavam a distancia ponderada do chão, empurrou-a e a viu cair, junto com os poucos homens que ainda se agarravam nela. Notou que não fizeram menção de levantá-la, nem de se aproximarem outra vez da parede.

—Por que fez isso?

Tavis olhou o jovem ferido e franziu o cenho.

—Não sei. Olhei no rosto desse homem e... — Sacudiu a cabeça. — Não sei. Vi seu medo e...

O jovem assentiu antes que Tavis concluísse sua explicação entrecortada.

—Não tem que olhá-los. Não é como empunhar uma espada com o anseio de sangue nas veias. Jamais deve olhar. Só empurrar. — Fechou os olhos e deixou escapar um suave gemido.

Tavis chamou alguns homens para que cobrissem aquele vazio na muralha. Agarrando o jovem ferido por baixo dos braços, levou-o ao salão. Ao entrar esteve a ponto de gritar de frustração. Havia muitos feridos. Sabia que logo haveria mais vácuos na muralha que homens capazes de preenchê-los.



Storm soube que tinha chegado outro ferido e correu a lhe fazer um leito na única manta que sobrara. Não se deu conta de que era Tavis quem sustentava o ferido até que, depois de estender a manta, levantou a vista para ver se ele podia ajudar a deitar aquele jovem. Devorou um instante com o olhar seu rosto manchado e sua alma se regozijou ao comprovar que estava são e salvo. Passou um instante mais antes que se desse conta de que o jovem ferido era o prometido de Jeanne.

—Como vão as coisas? — perguntou a Tavis enquanto chamava Jeanne e começava a cortar a túnica manchada de sangue do jovem Robbie.

—É difícil saber — respondeu ele com fatigada sinceridade. — Já temos muitos feridos, e as escadas continuam se chocando contra nossas muralhas.

—Mas sir Hugh não subiu por nenhuma.

—Não. Esse canalha conduz seus homens de longe, a cavalo. Não deixo de pensar que, se pudéssemos matar a esse filho de uma cadela, isso acabaria.

—Sim, eu também acredito, e pode ser que ele também saiba. Talvez por isso não se aproxima. — Fez uma careta. Detestava dizer algo que parecesse, embora fosse remotamente, um cumprimento para sir Hugh. — É escória, mas nunca me pareceu um covarde.

—Não, eu tampouco acredito que seja. Mas se importa muito pouco com a vida de seus homens. Continua lançando-os contra nossas muralhas. Mas, enfim, deveria agradecer por ele não ter armamento pesado para causar um número maior de baixas. — Sacudiu a cabeça quando chegou Jeanne e Storm deixou que fosse ela quem se ocupasse do Robbie. — Resistimos, mas nada mais.

—E isso basta? — Storm se colocou frente a ele. Estava tão preocupada como Tavis por sua possível derrota.

—Sim, se pudermos continuar resistindo, mas... — Olhou de novo aos muitos feridos, poucos dos quais poderiam voltar rapidamente para a batalha. — Receio que logo haverá mais lugares vulneráveis na muralha que homens para guarnecê-las.

—Se me entrego... — começou a dizer ela, confiando ainda que houvesse um modo de pôr fim naquilo.



—Não. — Tavis a segurou suavemente os ombros. — Não, pequena. Já não se trata de você e todos sabemos. Inclusive você. Sir Hugh quer acabar com o clã. Quando gritou que assolaria Caraidland diante dos olhos de meu pai, que mataria a todos, não estava brincando. Não, não era uma ameaça vã. Dizia a verdade, uma verdade que todos sabemos que cumprirá. Porque, talvez pela primeira vez em sua vida, sir Hugh falava sinceramente. Ainda que tivéssemos cometido a estupidez de aceitar suas condições, nos teria assassinado a todos. Você é a única que quer manter com vida. Lutamos por nossa vida, pela sobrevivência do clã.

—Sabe uma coisa? Durante um tempo me culpei por tudo isso. Se ele tivesse a deixado em paz, talvez nada disso teria ocorrido. Mas não, sei que não teria sido assim. Teríamos tornado a saquear Hagaleah e sir Hugh teria se apresentado diante de nossas portas. É melhor que tenha ocorrido por uma linda moça que por um punhado de vacas ou algumas éguas.

—Acredito que ele está louco.

—Pode ser que esteja, ou quase. Pode ser que estejam os dois, ele e lady Mary. Ela também é das que exigem uma vingança desse tipo. Devo voltar para as muralhas. — Abraçou-a sem se importar que os vissem, embora de todos os modos as pessoas que ocupava o salão estava tão ocupadas que não prestavam atenção. — Diga outra vez, Storm. — Beijou-a e sussurrou: — Diga outra vez. Dei-me conta de que desejava ouvir essas palavras.

Ela ficou muito rubra, mas foi incapaz de negar-se.

—Quero você — disse em voz baixa. — Vou querer você até que o sol deixe de sair pela manhã, e mais a frente ainda.

Tavis não disse nada. limitou-se a beijá-la com veemência e partiu. Storm só ficou olhando-o. Perguntava-se se aquilo significava simplesmente que gostava de ouvi-la falar de amor. Sacudindo a cabeça, voltou para a triste tarefa de atender a tantos feridos que continuavam chegando ao salão. No momento teria que conformar-se sabendo que sua confissão não o tinha afastado dela, como temia. Mais tarde e se negava a pensar que talvez nunca chegasse esse momento, averiguaria o que significava para ela o fato que ele tivesse gostado de sua declaração de amor.





O sol estava quase em seu zênite quando sir Hugh gritou para suas tropas que se retirassem. Os soldados de Caraidland tiveram tempo exato para descansar. Tavis se deixou cair no chão, onde estava. O ar cheirava a sangue e a morte. Notou que ele cheirava igual. Quando Phelan se deteve ao seu lado para lhe oferecer água, jogou um copo pela cabeça antes de beber um longo trago.

—Vão haver muitas viúvas e muitos órfãos em Hagaleah — disse Phelan em voz baixa quando, ao olhar por cima do parapeito, viu o campo cheio de mortos e agonizantes.

—Sim Phelan. Essa é uma maneira muito penosa de fazer guerra, um sangrento esbanjamento de bons soldados. Os sitiadores têm que sacrificar muitas vidas para conseguir que apenas um suba nas muralhas. Por isso Eldon sempre preferiu lutar em campo aberto. Não via seus homens como simples alvos para as flechas e as espadas dos escoceses. Ele jamais teria desperdiçado tantas vidas.

—Não. Preocupava-se até pelo bem-estar dos camponeses mais pobres. — Phelan sorriu com tristeza. — Apesar do modo como gritava e amaldiçoava, me causa pena não ter conhecido melhor o lorde.

—Sim. Era o melhor dos inimigos.

—E sir Hugh é o pior.

—Sim, moço. O pior. Sua palavra não é digna nem para cuspir em cima. Ele seria capaz de matar as crianças no colo de suas mães sem dar nenhuma importância. Pergunto-me quem foi o néscio que o consagrou cavalheiro.

—Sir Hugh salvou a vida de um lorde importante. Acredito que não houve alternativa. Precisou recompensá-lo de algum modo.

—Certo. Essas coisas não devem acontecer mais. É muito ruim consagrar cavalheiro um homem como sir Hugh.

—Sir Hugh pode nos vencer? — perguntou Phelan em voz baixa.



—Temo que sim. Preparemo-nos para procurar refúgio na torre, ao perdermos a muralha exterior e a esplanada. Algumas das crianças saíram pelo túnel, mas não nos atrevemos a tirar todas, ou teriam visto e as teríamos perdido. Não resistiremos mais a muitos ataques. Há muitos feridos, mas graças a Deus ainda são poucos os mortos. — Fez uma careta. — Talvez fosse preferível que eles morressem nas muralhas. Se Caraidland cair, acredito que sir Hugh matará a todos sem piedade.

—Sim — murmurou Phelan. — Sir Hugh gosta de torturar. Os homens de lorde Eldon se repugnam, mas não podem fazer grande coisa, porque são sir Hugh e a lady Mary quem mandam. Além disso, cada um deles tem sua própria guarda pessoal, que os ajudam a manter o poder e cumprem suas ordens. Não há notícias do resto de suas tropas?

—Não, nenhuma. Adiante, moço. Leva água aos homens. Agora tudo está nas mãos de Deus.



Sir Hugh bebeu um longo gole de vinho que lhe serviu lady Mary. Tinha calor e estava cansado. Não queria outra coisa além de tirar a roupa e a pesada armadura e tomar um banho. Fazia muito calor para liderar uma batalha; especialmente, uma tão longa. Os MacLagan tinham agüentado muito mais do que acreditava. E ele tinha perdido mais homens do que havia previsto. Cada vez lhe custava mais enviar o seu exército contra as muralhas de Caraidland. Os vivos vacilavam cada vez mais, à medida que se amontoavam os mortos. Resistiam a enfrentar o que lhes parecia uma morte certa, especialmente tendo em vista que não pareciam estar conseguindo nada. Nem mesmo diante do medo do castigo que sofreria quem desobedecesse suas ordens bastava para que os homens se arriscassem. Consciente de que o espírito da rebelião se estendia entre suas tropas, rodeou-se de sua guarda pessoal. Teria desejado poder dar uma olhada dentro das muralhas, para ver como estavam as coisas em Caraidland. No momento, só podia presumir onde fraquejavam as defesas e confiar em abrir brecha nas muralhas antes que seus homens se amotinasse.

—Está demorando muito para derrotar os MacLagan.



Ele olhou aborrecido para lady Mary.

—Quer tentar, minha senhora?

—Não acredito que fizesse pior.

—Não pode seduzir os escoceses das muralhas.

—Hugh, você está muito chato.

—Cuide do que sabe fazer, ouviu? O assassinato e as artes do quarto.—Não sabe nada sobre a guerra, nunca soube. Apenas sabe que a faz se incendiar de desejo. Mas esse imenso montão de pedras não é só um lugar para comer e dormir. Foi construído com arte e habilidade para resistir a um ataque como esse.

—Pois use outro tipo de ataque.

—Só há dois: esse ou um sítio. Quer passar meses inteiros aqui?

—Não levaria meses para alquebrá-los. — Olhou ao sua redor com evidente repugnância.

—Sim, minha senhora, levaríamos. Sofreríamos mais do que eles, porque estaríamos aqui fora em pleno inverno. Asseguro-lhe que eles têm comida e água de sobra dentro desses malditos muros. Não sei quanta, nem sei quanto poderiam agüentar. Mas quanto mais tempo passamos aqui, mais chances tem que apareça o resto de suas tropas. E isso teremos que evitar.

Lady Mary teve que admitir, muito a contra-gosto, que sir Hugh tinha razão. Tinha esquecido que os MacLagan só contavam com a metade de seus homens, que a outra metade estava em Athdara e podia retornar em qualquer momento. Era certo que sabia pouco da guerra e dos diversos modos de lutar, mas decidiu aprender o mais rápido possível. Nunca mais um homem voltaria a desprezá-la como acabara de fazer sir Hugh. Não o permitiria. Aquilo a privava de parte de seu poder.

—Tente que não morram todas nossas tropas no assalto às muralhas — disse com aspereza antes de retornar a sua carreta coberta.

Sir Hugh amaldiçoou ferozmente enquanto a via afastar-se. Estava consciente de que pusera em evidência uma fraqueza de lady Mary, e sabia muito bem o que ela



sentiria a respeito. Até que pudesse aplacá-la, teria que vigiá-la de perto e comer com o máximo cuidado. Lady Mary podia decidir livrar-se dele, só por despeito.

Sir Hugh olhou com raiva para Caraidland. O castelo e seus defensores estavam demonstrando ser muito mais fortes do que acreditara. Tinha perdido muitos homens e a vitória ainda estava longe. Se continuasse perdendo tropas no mesmo ritmo, logo perderia sua vantagem inicial. Esperaria um tempo e voltaria a tentar. Que os de Caraidland tomassem consciência de seu próprio esgotamento. Sem o efeito estimulante da batalha, logo se dariam conta de como estavam cansados; e sir Hugh não tinha nenhuma dúvida de que estavam. Logo, voltaria a atacar. Se tivesse sorte e escolhesse bem o momento, Caraidland cairia rapidamente, porque seus defensores não teriam forças para rechaçá-los.

Depois de analisar por um momento sua estratégia, ordenou que alguns homens fossem vigiar o caminho de Athdara. Tinha sido um erro dispensar o guarda daquela tarefa. Não podia se permitir ser apanhado entre duas forças. A última coisa que precisava era que o inimigo o atacasse do flanco.



—O que faz agora esse filho de mãe? — perguntou Colin ao reunir-se com Tavis nas muralhas.

—Espera.

—O que?

—Que nos vença o cansaço, creio.

—Sim, acredito que tem razão. Já está nos custando.

—É má sorte, mas acredito que esse homem tem certa habilidade. Parece saber o que fazer e quando fazê-lo. — Tavis olhou aos homens recostados na muralha. — Logo não poderão levantar a espada.

—E esse canalha se apresentará aqui e se encarregará de que não voltem a levantá-la. Fazia muito tempo que eu não enfrentava algo assim. Teria ido feliz para tumba se não precisasse fazê-lo.



Sir Hugh tentou de novo pouco depois. Os MacLagan rechaçaram valorosamente o primeiro ataque de todos ingleses que tentavam escalar as muralhas de Caraidland. Mas a um alto preço. Cada vez que morria um escocês, apesar de que arrastasse muitos ingleses consigo, Caraidland se aproximava mais e mais da sua destruição. Já não tinham nada para jogar dos muros, só podiam continuar empurrando as escadas, mas cada vez havia menos mãos para fazê-lo.

Quando sir Hugh voltou a atacar depois de outra breve pausa, Tavis sentiu o sabor amargo da derrota. Os ingleses traziam um aríete. A máquina estivera bem coberta. Tavis quase desejou que tivessem escolhido qualquer outra das muitas armas de guerra, apesar de serem mais mortíferas. As flechas dos escoceses não transpassavam o grosso revestimento da máquina. Por cima dos gritos dos homens e do estrondo constante do aço ao se chocar contra o aço, ouvia-se o lúgubre retumbar do aríete. Logo derrubariam as portas, se não conseguissem detê-los.

Tavis compreendeu com gélida certeza que não podiam impedir o seu avanço. Começou a ordenar aos seus homens que se retirassem enquanto ouvia o chiado horripilante da grossa madeira ao rachar, acompanhado pelos incentivos das forças atacantes. Os ingleses sabiam que a vitória estava ao alcance de sua mão.

Storm gritou, sobressaltada, quando Tavis e dois homens entraram de repente no aposento da torre. Sentiu o coração na garganta ao compreender o que significava aquilo. Sir Hugh tinha conseguido entrar no castelo. Seus homens tinham tomado ou estavam tomando a muralha interna. Os MacLagan somente tinham um lugar onde refugiar-se. Aquela gente, que tinha chegado a apreciar e inclusive a amar (olhou para Tavis), estava a um passo da morte. Lutou desesperadamente para não chorar. O que menos os homens esgotados precisavam era agüentar uma mulher histérica.

—Desce com as demais mulheres, pequena — ordenou Tavis, e sentiu que uma pontada de dor lhe atravessava ao perguntar-se se voltaria a vê-la algum dia.

—Meu Deus — gemeu um dos homens, em pé junto à janela. — Esse cão inglês tem tropas de apoio.

—Não, não pode ser — exclamou Tavis, correndo à janela. Negava-se a acreditar que o destino pudesse ser tão cruel. — Não serão os nossos homens, que voltam de Athdara?



—Pelo sul? Não, são mais ingleses. Sim, frescos e preparados para a batalha. Escute-os.

Storm, que resistia a obedecer as ordens de Tavis, aproximou-se da janela.

—Deixem que eu dê uma olhada. Pode ser que saiba quem são.

Tavis deixou que olhasse pela janela protegendo-a cuidadosamente com seu corpo e disse:

—Não acredito que os conheça, se eu não os reconhecer.

—Não. Suspeito que conhece todas os estandartes das famílias, mas sempre sobra essa possibilidade. Seja quem for, criou grande confusão entre as tropas de Hugh. Não lembro de ninguém que leve uma tarja azul no braço como se fosse a insígnia de uma dama. — de repente empalideceu e agarrou o braço de Tavis. — O homem da frente. Meu Deus, lady Mary mentiu. Olhe, Tavis. É meu pai.

—Santo Deus, é Eldon. Mas isso significa que estamos salvos?



Capítulo 22

—Temos que usar essas coisas? — grunhiu Andrew ao prender a tarja de tecido azul no braço. — Me sinto como um cavalheiro apaixonado desfilando pelo favor de minha dama. É absurdo.

—Mais absurdo seria que nos colocássemos aí sem levar nada que nos distinga dos homens de Hugh. — Eldon olhou a tarja de tecido azul claro que usava no braço e cravou logo o olhar em lorde Foster. — Por que escolheu esse tecido para lutar? Tão rica quer que seja sua mortalha?

—Não tive tempo de desfazer o carro das provisões e tinha o tecido à mão. Era para a pequena Matilda, para um vestido.

Eldon olhou todos os homens que luziam bandas azuis e disse com ironia:

—Para um vestido? Aqui há tecido suficiente para vinte.

—Bom, Matilda adora vestidos novos, e a cor azul é sua preferida. Lá vem Hadden. — Franziu o cenho. — Não vem sozinho, mas quem o acompanha não parecem ser prisioneiros.

—Olá, tio. Trouxe alguns soldados a mais. — Hadden sorriu, assinalando os doze homens que vieram com ele.

—Matthew, velho amigo! — Eldon deu uma palmada nas costas de seu antigo soldado — Uma ferida de guerra?

—Não. — Matthew tocou a bandagem que lhe rodeava a cabeça e explicou como fora feita a ferida. —Não é nada. Botei a atadura para que parecesse pior do que é.

—Ela resgatou o herdeiro?

—Sim, meu senhor. Pareceu-me certo ajudá-la. Esse homem não merecia o destino que sir Hugh tinha lhe reservado. Cuidou muito bem da senhorita Eldon — acrescentou em voz baixa. — Hugh pensou castrar o moço. Eu também sou homem e



a idéia me repugnava. Além disso, sabia que a garota estaria mais segura com os escoceses.

Eldon assentiu com a cabeça.

—Dói reconhecê-lo, mas assim é. Estou em dívida com eles, apesar do que tenha ocorrido. Minha filha está viva graças a eles. Como vai a batalha?

—Bem — respondeu Hadden, — se esperarem muito mais, sir Hugh o libertará dos MacLagan. Está a ponto de arrebentar as portas da muralha. Acredito que os MacLagan se refugiaram na torre.

—Isso nos facilitará as coisas. Com os MacLagan na torre, não teremos que nos preocupar que nos ataquem por engano ou por costume.

—Se esperarmos, não poderão fazer nem uma coisa, nem outra.

—O que quer dizer, Matthew?

—Sir Hugh está disposto a massacrá-los, meu senhor. Não haverá clemência. Nem sequer com as crianças. Pensa matar todos os homens, mulheres e crianças de Caraidland, saquear por completo o castelo e devastá-lo até os alicerces. Se seus homens conseguirem entrar na torre, haverá um banho de sangue. Sir Hugh quer que a única que saia viva dali seja a senhorita Storm. Tenho a sensação de que os MacLagan sabem.

—Não lhes deu oportunidade de render-se?

—Sim, mas só para matá-los mais facilmente, e acredito que eles sabiam.

—Amarre uma pedaço de tecido azul no braço — ordenou Eldon. — Não queremos que nos confundam com os de sir Hugh. E leva umas tantas tiras mais para quem quiser ficar de nosso lado. Haig, leve alguns homens e se assegure de que não escape nem um só guarda de sir Hugh ou de lady Mary. Empurrem-nos para o castelo dos MacLagan. Têm muito de que responder. Não devemos permitir que escapem.

—Então é verdade que vamos salvar os MacLagan — disse Andrew para sir Eldon enquanto Haig se afastava a cavalo acompanhado de dez homens, a caminho do acampamento de sir Hugh e lady Mary.



—Sim. Não consentirei que assassinem ninguém em nome dos Eldon ou de Hagaleah. Nunca consenti que assassinassem ou maltratassem inocentes. Esse canalha planeja um massacre e eu vou impedir que o empreenda, sejam ou não MacLagan. — Olhou ao seu redor e viu que todos os homens estavam preparados. — Para Caraidland, homens! E recordem que hoje lutamos contra sir Hugh e minha maldita esposa, não contra os escoceses. Não devem atacar os MacLagan, a não ser que tentem matá-los. Dessa vez, são nossos aliados. Agora, ao ataque!

Quando chegaram a Caraidland, sir Hugh e seus homens estavam dentro da muralha. Na chegada de Eldon e suas tropas, ele interrompeu por um instante a batalha. Um momento depois, os homens de sir Hugh compreenderam que aqueles ingleses não tinham ido ajudá-los. Para seu desalento, quase um terço de suas tropas mudou de lado e, luzindo bandanas azuis, voltaram-se contra sir Hugh, seu antigo senhor. Os poucos escoceses que restaram na muralha viram em seguida que, por uma vez, os ingleses tinham ido em seu socorro, e um débil grito de júbilo se elevou entre suas tropas dizimadas ao compreender que a maré virava contra sir Hugh.

Tavis contemplava a cena do alto. Pouco a pouco, o gosto amargo da derrota se dissipou do seu estômago. Sir Hugh era um bom soldado, mas lorde Eldon era ainda melhor. Já estavam há muitos anos combatendo entre si. Grande parte das tropas de sir Hugh correu para unir-se a lorde Eldon. Aquilo foi o golpe derradeiro. No momento em que Eldon entrou na muralha, sir Hugh estava vencido. A deserção de seus homens assegurou, simplesmente, que sua derrota fosse mais rápida.

Tavis e os dois homens que o acompanhavam saíram apressadamente do quarto, ansiosos para unirem-se a batalha. Tavis não se surpreendeu ao descobrir que entre os homens que tinham conseguido refugiar-se na torre reinava a confusão. Achavam que lorde Eldon estava morto, mas também custavam a compreender que tivesse ido em auxílio deles.

—Já não vejo com clareza — disse Colin quando Tavis chegou ao seu lado. — Realmente é Eldon?

—Sim, é ele. Não só ressuscitou, mas também veio em nossa ajuda. — Tavis riu, alegre. — Diga aos homens que não ataquem ninguém que use uma bandana azul amarrada ao braço.



Quando chegou na muralha, sorriu com grande prazer. Alguns dos homens de sir Hugh já se rendiam. Distinguiu sir Hugh e correu para ele. Embora se desse conta de que lorde Eldon lutava para alcançar o seu inimigo, não vacilou. O mais cortês teria sido deixar que fosse lorde Eldon quem tivesse o prazer de matar sir Hugh, mas Tavis tinha tal ânsia de vingança que não reparou em cortesias.

Sir Hugh adivinhou sua morte nos olhos de Tavis MacLagan. A certeza de que tinha perdido estando tão perto da vitória o pôs furioso. Com um grito de raiva, lançou-se contra Tavis.

A luta foi feroz, mas breve. A fria fúria do Tavis lhe permitia pensar com lucidez e agir com precisão. A raiva cega de sir Hugh entorpecia sua perícia com a espada. Para quem os observava, sir Hugh deu muito cedo a Tavis uma oportunidade de atacar. E num abrir e fechar de olhos, Tavis considerou a idéia de caçar um pouco com aquele homem suado e ofegante, e em seguida a descartou. Atacou e, atravessando limpamente seu coração com a espada, matou-o no ato.

Tavis ficou olhando um momento o cadáver do homem que tinha estado a ponto de destruir o seu clã. Sentiu-se quase decepcionado que tivesse sido tão fácil matá-lo. Notou então que havia alguém ao seu lado e ao voltar se encontrou cara a cara com lorde Eldon.

Um único olhar o convenceu de que o inglês sabia de tudo. Viu que lorde Eldon se retesava e que se preparava para outra batalha, uma batalha que não queria enfrentar e que acabou não acontecendo.

—Papai! Papai! — Storm cruzou o pátio, que de repente silenciou, e se lançou nos braços de seu pai. — Papai, disseram que estavam todos mortos! Todos! Pensei que meu pobre coração ficaria em pedacinhos.

Eldon apertou sua filha contra seu peito e disse:

—Apanhei os assassinos antes que fizessem o que minha esposa os pagou para fazer. Ficou um vivo e por ele nos inteiramos do que estava se passando.

Haig empurrou uma lady Mary, furiosa, para seu marido, mas se distraiu um momento para observar o reencontro entre Storm e lorde Eldon. Lady Mary olhou o corpo de sir Hugh e a seguir cravou o olhar em seu marido e em sua enteada. Sabia que teria sorte se Eldon se limitasse a bani-la para algum convento longínquo. A



consciência de que tinham fracassado seus planos a fez gemer de raiva. Tirou sua adaga e a levantou, e um frio sorriso curvou sua boca carnuda ao pensar em como a afundaria nas largas costas de seu marido. A morte de Eldon empanaria sem dúvida a alegria que sentiam todos eles.

Sholto viu o brilho do aço na mão de lady Mary e adivinhou o que esta se propunha. Não houve tempo de gritar uma advertência. Sholto se movimentou para aperfeiçoar sua pontaria, tirou sua adaga e a jogou no ar. Ao ver como se afundava a adaga no peito de lady Mary, sentiu certa angústia: afinal de contas, era uma mulher. Teve que fazer um esforço para recordar tudo o que tinha feito e tudo o que se propunha a fazer.

Lady Mary sentiu uma dor ardente. A adaga escorregou de seus dedos inertes. Olhou com assombro o punho da adaga que saía de seu peito. Enquanto caía no chão, não pôde acreditar que fosse morrer. Uma imprecação contra lorde Eldon se formou em sua boca, mas a vida lhe escapou antes que pudesse pronunciá-la.

Eldon, cujo braço seguia ainda rodeando os ombros de sua filha, olhou Mary e então para Sholto, que tinha se aproximado para recolher sua adaga.

—Pelos pregos de Cristo, estou me cansando de dever a vida aos MacLagan.

— Acalme-se, Eldon — disse Colin ao aproximar-se. — Nós lhes devemos a nossa.

—Sim, assim é. Onde estão todos seus homens? Tantos matou sir Hugh? Ou é certo que atacou quando contavam só com a metade de suas forças?

—Ao menos a metade de nossas tropas partiu Athdara. Agora, a respeito desse resgate... — respondeu Colin com ironia.

Enquanto o olhava, Eldon se perguntou como era possível que um escocês de tez escura e cheio de cicatrizes tivesse cara de peralta. Uma risada profunda ressoou dentro de seu peito e cresceu rapidamente até converter-se em uma estrondosa gargalhada a qual Colin se uniu. Logo as risadas se estenderam ao seu redor. Quem não riam eram os prisioneiros, porque tanta alegria diante da sua esmagadora derrota lhes parecia cruel. Quem tampouco estava rindo eram os homens que acabavam de retornar de Athdara e que, ao ver sinais inequívocos de que ocorrera uma batalha feroz, tinham se deslocado para Caraidland temendo o que



encontrariam ali. O pedido de Athdara tinha sido um falso alarme, e agora sabiam que fazia parte da armadilha que sir Hugh elaborara para Caraidland. Aqueles homens duvidaram da prudência de seu senhor ao vê-lo junto com seu mais antigo inimigo, rindo e dando-se mutuamente palmadas nas costas como se fossem amigos íntimos.

Tavis tampouco ria. A batalha tinha acabado. Eldon tinha salvado Caraidland e, portanto, não haveria resgate. Storm partiria com seu pai, simplesmente. Tavis tentou sufocar o impulso de apoderar-se dela e fugir para as colinas. De raptá-la uma vez mais.

Enquanto começavam a retirar os corpos, as mulheres serviram cerveja. Eldon teve que sorrir ao ver que os ingleses e os escoceses permaneciam mais ou menos separados e se olhavam com receio. Fixou então toda sua atenção em Storm. Sua filha continuava ao seu lado, junto ao resto de sua família. Tavis mantinha-se a distância, sem mover-se nem pensar. Eldon se perguntava se iriam resolver seus problemas dando simplesmente as costas um ao outro.

Storm olhou Tavis. Sentia-se agoniada por ele estar tão afastado. Sentiu que o seu sangue gelava ao dar-se conta de que ele parecia não vê-la. Pensou que não devia temer o pior, que devia esperar e lhe dar a oportunidade de falar, mas se preparou para receber o golpe.

—Vamos levar alguns de nossos mortos para casa, MacLagan — disse Eldon. —Os que deixarmos, podem fazer o que quiserem. Reconheço alguns homens. Hugh e minha esposa reuniram uma boa quantidade de escória. Um exército de traidores, ladrões e assassinos. Hagaleah transborda de imundícies.

—Bem, agradeço por nos ter salvado. Estávamos encurralados, admito.

—Já que estamos sendo tão abominavelmente sinceros, reconheço que até me passou pela cabeça esperar.

—Entendo. O melhor modo de enfraquecer o inimigo é sentar-se e deixar que outros o vençam. Por que mudaram de idéia? Por sua filha?

—Não. Meu sobrinho me informou que não pensavam entregá-la, e eu sabia que sir Hugh não a mataria até se casar com ela. Mudei de idéia porque me disseram que sir Hugh tinha uma matança planejada. E isso seria intolerável, não queria que a



morte de mulheres e crianças manchasse o bom nome de Hagaleah e dos Eldon. — Olhou Colin com curiosidade. — Por que não trocaram Storm por seu filho?

—Sabe que esse filho de uma cadela já a capturou uma vez? — Eldon assentiu com a cabeça. —Então já sabem a resposta. Não podia entregá-la a esse destino. E principalmente tendo em conta que lhe devo a minha vida. Minha esposa estava me envenenando. Sua filha percebeu e me salvou quando estava a beira da morte. Pelo visto nós dois temos muito mal gosto em questão de mulheres, Eldon.

—Fale por você, MacLagan. Eu encontrei uma maravilhosa e agora posso me casar com ela. Sim, e é melhor que vá vê-la. Porque se ela souber que voltei... — Fez uma careta.

—Não está em casa, papai. Faz algum tempo. Elaine sabia o que estava acontecendo, porque também tentaram matá-la. Mas as crianças e ela estão bem — se apressou a acrescentar Storm. — Estão na casa de sua irmã.

—Acredito que tenha muitas coisas que me contar, mas isso pode esperar. Há outras coisas das quais temos que falar antes de ir. — Observou-a atentamente, sem deixar de vigiar Colin, que parecia olhá-los com leve curiosidade e que entretanto se mantinha alerta, esperando uma confrontação. — Tem algo para me dizer?

Fazendo um esforço, Storm conseguiu reprimir o impulso de olhar para Tavis e se fingiu desconcertada.

—Como o que?

—Muito bem feito, minha filha, mas não tente jogar comigo. Sei por mais de uma pessoa o que estava se passando aqui, tudo o que aconteceu. O que estou lhe perguntando é o que vai fazer agora.

Storm olhou para Tavis. Ele devia falar. Ela sentiu que seu coração encolhia e se quebrava em pedaços enquanto Tavis guardava silêncio. Não precisava falar do que a sua declaração de amor tinha significado para ele. Seu silêncio era resposta mais do que suficiente. Como Storm sempre tinha temido, só a tinha usado.

Obrigou-se a afastar para o lado sua dor para responder a seu pai com calma.

—Vamos para casa, papai — disse apaticamente. De repente precisava afastar-se de Caraidland.



—Está segura, carinho? — Eldon franziu o cenho ao ver como ficou pálida.

—Sim, papai, estou segura. Quando vamos?

—Assim que os cavalos tenham bebido.

—Estarei preparada. Vou assegurar-me de que não esqueço nada.

Partiu apressadamente ao quarto da torre, parando só um tempo para despedir-se entre lágrimas dos bons amigos que tinha feito em Caraidland. Enquanto abraçava Maggie pensou que com certeza não voltaria a vê-los, e esteve a ponto de chorar como um bebê. Compreendeu também que, inclusive antes de receber a notícia da morte de seu pai, tinha tido esperanças de que seus novos amigos estivessem sempre por perto. Mas o certo era que, embora só lhes separassem umas poucas milhas, seria como se uma enorme distancia existisse entre eles.

Quando ela chegou no quarto da torre, compreendeu que tinha sido um engano voltar ali. Recolheu precipitadamente as poucas coisas que considerava suas, ansiosa para abandonar aquele lugar infestado de lembranças. Sentia o impulso quase insuportável de deitar-se na cama e chorar, mas sabia que não devia fazê-lo. Se seu pai se desse conta de que tinha chorado lhe perguntaria o motivo e, se respondesse com sinceridade, armaria uma boa confusão.

Ao agachar-se para recolher uma forquilha sentiu que seu amuleto se movia sob o vestido. Ergueu-se lentamente, tirou o pendente e o olhou. Imaginava se devia dá-lo ao homem a quem amava. Nunca voltaria a amar outro homem como amava Tavis. Tirou com cuidado o amuleto e o deixou sobre o travesseiro. Talvez, quando o visse, Tavis entenderia finalmente. Mas Storm não se atrevia a criar ilusões. Apenas importava que o amava e que certamente sempre o amaria, e que portanto o amuleto era dele.

—Que fique. De todos os modos, já tenho tudo o que me importa, salvo minha família — murmurou com amargura, e sacudiu a cabeça. — Ah, mamãe! Por que tinha que ser ele? — Esboçou um sorriso. — Suponho que você e quase toda sua família se perguntaram o mesmo. Tentei fazer com que me amasse, mamãe. Ninguém poderá dizer que não tentei. Mas não foi suficiente. Só espero que essa ferida sare algum dia.



Saiu do cômodo praticamente correndo. Só diminuiu seus passos quando achou que alguém poderia vê-la. Queria partir com dignidade. Ninguém nunca saberia quão profunda era sua dor, nem adivinharia que tinha cometido a estupidez de apaixonar-se por seu carcereiro.

Andrew ajudou a amarrar suas escassas posses em seu cavalo. Storm se alegrou de que seu irmão falasse pelos cotovelos e brincasse, porque assim foi mais fácil dominar-se. Andrew estava acostumado a ser muito intuitivo, mas era jovem e tinha mil coisas que contar sobre as aventuras que tinha vivido na França. Storm ficou tensa quando chegaram Iain e Sholto, pois temeu que falassem do assunto que desejava ignorar.

— Não sei o que passa — começou a dizer Sholto, mas Iain o fez calar-se dando uma cotovelada.

— Se cuide, moça. — Iain a abraçou e lhe deu um rápido beijo, e se pôs-se a rir ao ver que Sholto se apressava a lhe imitar. — Não foi muito difícil lhe suportar, tendo em conta que é inglesa.

Storm conseguiu esboçar um sorriso em resposta a sua brincadeira. Também pôde sorrir para Colin quando ele se despediu dela a contra gosto, e compreendeu por seu olhar que o senhor percebia mais coisas do que ela preferia. Mas Colin não fez nada para mudar as coisas e um momento depois ela se afastou a cavalo de Caraidland com sua família. Não olhou para trás. Procurou sufocar o desejo de fazê-lo e convencer-se de que era o melhor, de que sua união com Tavis era impossível.

Eldon observava a sua filha com o cenho franzido. Estava pálida e muito calada. Às vezes, quando fraquejava, distinguia em seus olhos um brilho de dor. Ela não dizia nada; não falava nem de Tavis MacLagan. Eldon começou a imaginar se tinham sido amantes realmente. Em seguida, sacudiu a cabeça. Muita gente lhe havia dito que eram. Talvez tivessem decidido tomar o caminho mais sensato, o menos difícil para as famílias de ambos. Era o melhor para todos, mas Eldon decidiu guardar seu julgamento no momento. Possivelmente sua filha ainda queria contar algo ou fazer algum pedido.

Colin viu os Eldon afastarem-se. Fossem quais fossem seus motivos, devia a Rodem Eldon a sobrevivência de todo seu clã. Tinha a sensação de que o melhor seria



enterrar de uma vez por todas seu antagonismo ancestral. Era uma questão a considerar. Voltou-se para olhar Tavis, que ainda não se movera.

—Tavis... — começou a dizer ao aproximar-se de seu filho, que estava muito pálido e parecia muito atarantado.

—Não — respondeu ele com voz rouca, movendo-se de repente. — Não diga nenhuma palavra. Não quero falar disso, pai.

Afastou-se antes que Colin insistisse em lhe pedir explicações. Foi ganhando velocidade com cada passada que dava, até que pôs-se a correr pelos salões de Caraidland. Ao retirar seu elmo no quarto da torre não se surpreendeu, mas se amaldiçoou violentamente porque aquele era o último lugar onde desejava estar. Aproximou-se rapidamente da janela e olhou para o sul, mas da passagem dos Eldon não restava nem o pó que levantavam seus cavalos. Tinham desaparecido, a caminho da Inglaterra e de Hagaleah, cada vez mais longe de seu alcance, entrando em território hostil.

Tavis grunhiu, desesperado, e apoiou a fronte contra a pedra fria. A chegada de Eldon tinha sido um dom do céu e uma maldição. Aquele homem tinha assegurado a sobrevivência dos MacLagan, mas tinha levado Storm.

—Mas o que podia fazer? — perguntou ao quarto vazio. — Ela é inglesa. É uma Eldon. Dois inimigos unidos por uma moça. Este não é seu lugar. Seu pai não a teria deixado ficar. E menos ainda para esquentar a cama de um escocês. Não podia dizer nada — gemeu enquanto lutava para dissipar a lembrança do rosto magoado de Storm ao voltar-se para ele esperando que falasse. Ele, no entanto, tinha ficado em silêncio.

Sentiu dor e teve a gélida sensação de que agora, quando era já muito tarde, entendia por fim. Sentia-se como se tivessem arrancado uma parte vital de seu ser. Era uma ferida profunda, e começou a temer que não se curasse nunca, que a cicatriz se abrisse e sangrasse de novo ao menor arranhão. Mas o pior de tudo era que estava seguro de que fora ele mesmo quem infligiu aquela ferida.

Pousou o olhar na cama e conteve o fôlego. aproximou-se lentamente dela e, com mão tremendo, recolheu o amuleto. Um soluço convulsionou seu corpo ao agarrá-lo. Storm tinha falado a sério. Incapaz de refrear-se, começou a chorar: de repente compreendia com dolorosa lucidez o que tinha deixado escapar.



Capítulo 23

Storm olhava fixamente seu reflexo. O espelho lhe dizia com exatidão o que preferia ignorar. Pousou a mão sobre seu ventre inchado e fechou o punho. Não podia continuar ocultando a verdade. A gravidez que tinha lutado para ocultar tinha ganhado a batalha. Seu ventre se arredondava cada dia mais, numa velocidade quase alarmante, ou assim parecia.

De repente se apoderou dela uma onda de desespero. Sentou-se na beira da cama e cobriu a cara com as mãos enquanto se esforçava para não chorar. O homem que tinha plantado a semente, o homem a quem amava, deveria estar ali. Ela não deveria ter sido obrigada a ocultar-lhe que iria ter um filho, não deveria ter medo de contar ao pai. Aquele devia ser um momento de alegria e de espera. Parecia-lhe fácil amaldiçoar Tavis por lhe ter roubado também isso.

Fazendo um esforço, conseguiu deixar de lado a pena que sentia de si mesma e que lhe parecia destrutiva. Havia muitas coisas para fazer e necessitava forças para enfrentá-las. Ao menos, seu pai compreenderia por fim por que tinha recusado duas atraentes propostas matrimoniais, por que lhe tinha rogado que não fizesse nenhum preparativo, por que se empenhava em desanimar os jovens que se interessavam por ela. Era afortunada por ter um pai que lhe permitisse tão escandalosa liberdade na hora de escolher marido.

Fez uma careta ao pensar naqueles jovens. Alguns a consideraram desonrada, mas no geral parecia que sua estadia com os MacLagan e a perda de sua virgindade, que ninguém duvidava, era aceito como um percalço inevitável da guerra. Suspeitava que a riqueza e o poder de sua família era responsável por aquela inusitada tolerância. E também o fato de que seu pai deixava que qualquer cavalheiro a cortejasse, sempre e quando ela não colocasse objeções e com a condição de que escolhesse um bom homem para casar-se. Vários nobres sem terras achavam que era uma rara chance, e era, na verdade. Ela, entretanto, nem sequer tentava simpatizar com seus pretendentes. Embora qualquer um deles poderia aceitar que tivesse perdido sua castidade, estava segura de que nenhum deles aceitaria um bastardo dos MacLagan. E ela não podia tomar um marido quando seu coração e suas paixões seguiam cativos em Caraidland.



Ergueu os ombros e pensou com firmeza que devia deixar de perder o tempo e contar a seu pai. Decidiu falar primeiro com Elaine. Seria bom ter uma aliada.

Um leve sorriso apareceu nos seus lábios quando encontrou Elaine com seus dois pequenos meio-irmãos. Elaine passava com eles todo o tempo que podia. Os dois filhos de lady Mary a tinham aceito como mãe e absorviam dela o amor que sua verdadeira mãe nunca lhes tinha dado.

Menos de uma semana depois de sua vinda de Caraidland, seu pai se casou com Elaine, ignorando as súplicas dela, que pediu que ele conservasse luto durante um período sensato. Apesar de ser amante de Eldon há anos, Elaine era uma mulher muito pudica e formal. O que tinha feito foi por amor, ajudada pela certeza de que o casamento de Eldon não era na verdade um sólido matrimônio. Afinal de contas, não estava roubando o homem de uma mulher que queria ou desejava o marido. Hagaleah a aceitou imediatamente, e ela deixou de queixar-se pelo seu matrimônio precipitado.

Depois de brincar um tempo com seus irmãos, Storm os fez sair suavemente do aposento. Olhou um pouco para Elaine enquanto procurava as palavras adequadas. Anunciar que levava em suas entranhas um bastardo dos MacLagan não era coisa fácil. Duvidava de que houvesse um modo sutil de dar aquela notícia.

—Estou esperando um filho.

Elaine olhou fixamente para filha mais velha de seu marido. Enquanto assimilava lentamente o significado do que Storm acabava de dizer, seus suaves olhos cinzentos começaram a se arregalar. Empalideceu um pouco: ouvia já o entrechocar das espadas dos Eldon e dos MacLagan.

—Está segura, menina?

—Sim, estou segura, Elaine. — Segurou sua mão e a pôs sobre o ventre, e sorriu um pouco quando o bebê, cada vez mais inquieto, começou a mover-se. Elaine sufocou um gemido de surpresa.

—Meu Deus, não pode ser.

—Isso me disse várias vezes, mas meu ventre continua crescendo. Tenho que contar para papai.



—Sim, mas como? Nem sequer fala do que aconteceu. Acredito que tenta ignorar. Mas estando assim é impossível. Não pode ser.

—Ficará furioso, disse não tenho dúvidas. Eu esperava que me ajudasse a acalmá-lo.

—Acha que será possível? Isto não é uma coisa sem importância, minha filha. Seu pai querará vingar essa desonra com sangue.

—Por favor, não fale de desonra. — Storm cobriu o ventre com as mãos, como se quisesse evitar que seu filho ouvisse aquelas palavras. — Meu bebê...

Elaine pôs suas mãos sobre as de Storm e disse com calma:

—Não falo do bebê. O bebê não tem culpa de nada, embora muitos acreditam que sim. Falo dos abusos que sofreu sendo uma refém inocente.

—Ninguém abusou de mim, Elaine.

Elaine ficou olhando-a um momento. Logo perguntou calmamente:

—Deitou-se com esse homem voluntariamente?

—Não, na realidade, não. Pedi que me deixasse em paz. Mas só pedi porque sabia que não tinha forças para rechaçá-lo, Elaine. Pedi que tivesse a força que me faltava, isso é tudo.

—Quer Tavis?

—Sim, mas ele não sente o mesmo. É um mulherengo. Olhei para ele quando papai foi me buscar, mas não disse uma palavra. Deixou-me partir. Me acompanhará quando falar com meu pai?

—A verdade é que esse lugar não me corresponde — murmurou Elaine. Ansiava ajudar à moça, mas não desejava extrapolar em seus direitos como terceira esposa de Rodem.

—Isso é uma tolice. Você é da família. Não peço que fale por mim, nem que se coloque ao meu favor, só que venha comigo para que os ânimos não se encrespem e não façamos disso uma tragédia.



Elaine fez uma careta para si mesma, pensando no confronto que se aproximava. Haveria vozes e impropérios provavelmente gritos. Sempre soubera que Rodem era um homem de fortes emoções, mas no curto tempo que estava em Hagaleah se deu conta do quanto. O amor, entretanto, temperava até os piores conflitos, e ela ia se acostumando pouco a pouco com a vida exuberante de Hagaleah e a aquelas emoções irrefreáveis. Ignorava se estava preparada para uma altercação como a que devia esperar, mas assentiu com a cabeça, disposta a ajudar pelo bem de Storm.

Sua enteada sorriu aliviada e disse suavemente, em tom de brincadeira:

—Qualquer um pensaria que tem medo, Elaine.

—Um pouco, sim. Não de você, nem de Rodem, mas ainda não estou acostumada aos seus hábitos.

—Refere aos nossos gritos e nossas broncas.

Elaine riu suavemente.

—Pode ser. Ainda não me acostumei a esses rompantes de emoções.

—Às vezes custa acostumar-se. Vamos? Vamos enfrentá-lo?

Foram a contra gosto falar com lorde Eldon. Nenhuma das duas duvidava de qual seria sua reação ao receber a notícia. Duvidavam, no entanto, se seriam capazes de impedir que corresse para Caraidland com a espada em riste e os olhos injetados de sangue, disposto a trespassar qualquer MacLagan que cruzasse em seu caminho.

Um milhão de palavras se amontoavam na cabeça de Storm quando se viu diante de seu pai, mas todas elas se negavam a adotar forma inteligível. Seu pai nunca lhe tinha falado de sua estadia em Caraidland, salvo para pedir que lhe assegurasse que não sentia necessidade de vingar-se, que não a tinham tratado com crueldade em nenhum sentido. Lorde Eldon parecia querer esquecer que tinha sido o amante de Tavis MacLagan, embora sem dúvida alguém devia ter lhe dito. Agora, ela teria que arrancar a venda dos olhos, contar que havia provas de sua desonra que nem sequer um cego poderia ignorar. Doía pensar quanto seu pai iria sofrer por isso.

Pensou um instante em Tavis e em seguida se amaldiçoou. Ele tinha deixado muito claro que tinha acabado com ela. Era hora de que ela fizesse o mesmo. Aquele



homem só havia lhe trazido problemas e desgraças que agora se estenderiam ao resto de sua família. Um bastardo era algo difícil de esconder.

Mas não tinha por que ser um bastardo, pensou de repente. Estava segura de que Colin MacLagan a apoiaria se exigisse que o bebê levasse o nome dos MacLagan. Talvez não estivesse tudo perdido. Custaria-lhe ser a esposa de Tavis só de nome, mas estava disposta a ser pelo bem de seu bebê. E embora esse seria o filho de um escocês vivendo entre ingleses, isso era preferível a ser o bastardo de um escocês. O fato de que seu avô fosse lorde Rodem Eldon seria de grande ajuda.

—Veio me dizer algo ou só me olhar? — perguntou lorde Eldon com ironia, sorrindo um pouco para filha e sua esposa, que tinham entrado no pequeno quarto que estava acostumado a usar para falar com seu mordomo — Imagino que há um motivo para essa visita.

—Sim, pai — disse Storm em voz baixa. — Receio que sim, e que não vai gostar.

Eldon ficou tenso. Ao olhar mais atentamente às duas mulheres, as suas rugas aumentaram. Só havia mais uma coisa de ruim que Storm poderia passar. Não havia esquecido de como sua filha passara sua estadia em Caraidland, e de repente estava seguro do que Storm iria lhe dizer: que não tinham deixado para trás aquela desgraça ao abandonar o castelo dos MacLagan.

Storm viu que o rosto de seu pai se endurecia.

—Estou esperando um filho, papai.

—Vou matar esse bastardo. Lentamente.

Elaine e Storm se colocaram diante da porta ao ver que fazia alusão de partir. Storm pensou que ali de pé, diante delas, parecia um touro enfurecido. Estava segura de que não lhes faria mal, mas era inquietante ficar cara a cara com tanta fúria. A ira de seu pai a fez temer que nada do que dissesse pudesse tranquilizá-lo.

—E o que conseguirá com isso, papai? — Perguntou pacificamente.

—Vingar essa desonra.

—Como? Não duvido de que desse modo se sentiria melhor, mas não me serviria de nada.



—Essa afronta não pode ficar impune — grunhiu seu pai enquanto começava a caminhar furiosamente pelo cômodo.

—Derramar sangue não me devolverá a virgindade, nem fará desaparecer o filho que levo em meu ventre. Só servirá para que morram homens, talvez você, ou Drew, ou algum outro de meus entes queridos.

—É costume vingar uma ofensa com sangue — bramou seu pai.

—Não me importa o costume — replicou ela elevando a voz.

—Maldita seja, filha, esse homem abusou de ti...

—Seduziu-me.

—E isso importa?

—E não custou muito fazê-lo — concluiu ela brandamente. — Não custou quase nada.

Lorde Eldon se voltou bruscamente e a olhou fixamente.

—O que disse? Acaso se deitou com ele voluntariamente?

—Foi ele quem me levou para cama. Minha resistência consistiu em lhe pedir que não o fizesse. Isso é tudo. Tentei impedir o que não podia ser impedido. Se tivesse me cortejado, o resultado teria sido o mesmo. Tavis só antecipou as coisas.

—Foi somente ele? — perguntou lorde Eldon, irado.

—Sim, papai. O filho que espero é de Tavis MacLagan. Não pode ser de outro. Ele foi o único que me tocou durante o tempo que passei em Caraidland. — Pensou fugazmente em como Sholto tinha tentado seduzi-la e decidiu que não estava mentindo, na realidade.

—Meu Deus, deveria tê-los feito em pedaços quando estive ali.

—Por quê? — Storm ruborizou ligeiramente, mas sabia que tinha chegado a hora de justificar-se por completo. — Por tomar o que eu lhe oferecia? Não pude resistir a ele, papai. Já sabia antes que me tocasse. Por isso pedi que não o fizesse, não porque não o desejasse, mas justamente pelo contrário. Sinceramente acredita que pode matar um homem por isso? Tavis esperou até a chegada do resgate.



—Sei — replicou Eldon, e a cólera que sentia para sua falecida esposa ressurgiu por um instante. — Está me dizendo toda a verdade, Storm, ou fala assim porque deseja evitar uma batalha?

—Estou dizendo toda a verdade, papai. Mas tampouco desejo que haja uma batalha, porque tenho amigos em Caraidland, bons amigos que me ajudaram, e embora talvez nunca volte a vê-los, temo por eles.

—E eu devo a eles sua vida. — Sua voz revelava o quanto desejava ver-se livre daquela dívida, porque lhe amarrava as mãos e tornava possível que Storm tentasse dissuadi-lo de buscar vingança.

—Bom, eles me devem a vida de Colin, e seu braço. Acredito que essas dívidas estão saldadas de ambas as partes. Para falar a verdade, são eles quem estão em dívida conosco, porque Hugh esteve a ponto de massacrar a todos.

—Então posso matar esse canalha sem sentir remorsos — disse lorde Eldon, e ao olhá-la atentamente viu que ela empalidecia e que seus olhos tinham um olhar angustiado. —Está apaixonada por ele.

—Sim — respondeu ela com serenidade. — Receio que sim. Foi uma bobagem da minha parte, porque ele nunca me correspondeu. As mulheres só lhe servem para uma coisa. Escolheu mal a primeira vez que entregou seu coração, e acredito que decidiu fechá-lo para sempre. Mas foi muito bom comigo, papai. Simplesmente, eu queria mais do que ele podia me dar. Tampouco pode matar um homem por isso.

—Assim, ele continuará vivendo e você ficará com um bastardo que nascerá muito em breve.

—Podemos cuidar do bebê, Rodem — disse Elaine, aliviada ao ver que não haveria um alvoroço tão grande como receiou. — Quem sabe, se planejarmos com cuidado, poderíamos ocultá-lo de algum modo.

—Não. Isso raramente funciona. Embora não seja o fim, esses segredos sempre acabam prejudicando as crianças.

—Papai, tenho uma idéia — se aventurou a dizer Storm com certo receio.

—Por que tenho a sensação de que não vou gostar?

—Poderia me casar com Tavis MacLagan.



Eldon soltou uma série de maldições enquanto continuava andando pelo quarto. Elaine ruborizou e Storm esboçou um sorriso divertido. Seu pai tinha talento para os impropérios.

Depois franziu o cenho e seu alvoroço foi dissipando enquanto via lorde Eldon ir de um lado ao outro, destilando sua ira e sua frustração. Aquilo não profetizava nada de bom. Seu pai parecia menos cordial a cada passo que dava. Não parecia disposto a conciliar de modo algum. Storm começou a temer ter se enganado e que a tolerância de seu pai se esgotasse bruscamente diante da idéia da sua filha se casar com um MacLagan. Duvidava que conviesse sugerir um casamento só no nome. Certamente, a possibilidade de que ela e seu primeiro neto levassem aquele sobrenome lhe parecia uma bofetada cuja ardência sentiria cada vez que os olhasse.

—Papai, se me escutar um momento... — começou a dizer com falso ímpeto.

—Escutar? — Olhou-a com irritação, mesmo que na realidade não estivesse zangado com ela. Só necessitava de algo onde descarregar sua ira. — Cada vez que fala me dá mais vontade de atravessar esse canalha com minha espada. Mas você não me deixa nem pensar nisso e se empenha em me dizer que não.

—Porque não servirá de nada. Não ganharíamos nada, só sairíamos perdendo. Morreriam amigos queridos e familiares, e eu continuaria aqui, solteira e grávida. Mas se me casar com Tavis...

—Nenhuma filha minha se casará com um MacLagan.

—Mas, papai, desse modo meu filho teria um sobrenome, não levaria o estigma dos bastardos.

—Melhor ser um bastardo que um MacLagan.

—Mas, papai, o menino sofrerá mais por ser um bastardo que eu por dar a luz. Sim, pode ser que sofra por levar o nome dos MacLagan, mas ao menos terá um sobrenome e brigará por seu nome e não por não ter nenhum. Só lhe peço é que dê um sobrenome.

—Está bem. Dê-lhe um, mas que não seja o desses malditos MacLagan.

Antes que Storm pudesse responder, seu pai as afastou brandamente mas com determinação e partiu. Storm custou a acreditar que seu pai fosse lhe negar a



possibilidade de dar um sobrenome legítimo a seu filho. Tentando recompor-se, correu atrás dele. Tinha que tentar fazer com que seu pai mudasse de idéia. Elaine a seguiu, muito preocupada.

Sua voz ressoou pelos salões. Logo todo Hagaleah soube por que discutiam Storm e seu pai. Elaine tentou algumas vezes impedir a discussão, vendo que escapava a oportunidade de manter o segredo, mas por fim teve que se dar por vencida. Logo compreendeu que nada podia resolver essa disputa, que tanto Storm como seu pai estavam empenhados em se enfrentar e não em contemporizar. Era duro acabar com aquele confronto. Cada um exigia que o outro se rendesse ou desse seu braço a torcer, e nenhum dos dois estava disposto a fazê-lo.

O cansaço e uma intensa dor de cabeça impeliram Storm a resolver a discussão. Acusou o seu pai de não ter coração, de estar em discórdia com sua filha, e seu primeiro neto, e depressa procurou refúgio em seus aposentos. Assim que cessasse sua dor de cabeça voltaria a tentar, arquitetaria outro modo de expor o assunto a seu pai e sairia vitoriosa. Estava claro que discutir e zangar não serviria de nada.

—Rodem... — disse Elaine brandamente quando alcançou seu marido na torre oeste.

—Não comece de onde ela parou, Elaine. Estou farto desse assunto. Deixe assim.

—Não quero tomar partido. Entendo como ambos se sentem. No entanto, aí está o problema. Creio que nenhum dos dois tenta se colocar no lugar do outro.

—Acha que não entendo o que pretende minha filha, Elaine? — perguntou ele em voz baixa, com o olhar fixo na muralha. — Luta por seu filho, como qualquer mãe. Acredito que, se estivesse livre da cadeia do matrimônio com essa bruxa de Sussex, você teria me pressionado há muito tempo para que desse meu nome aos filhos que temos em comum.

—E você teria dado. Não acha que provavelmente MacLagan também esteja disposto a fazê-lo?

—O que importa para ele a desonra de uma moça inglesa? Ou um menino meio inglês e meio Eldon?



—Não poderia propor um casamento? - perguntou ela brandamente.

—Para que neguem?

—Pode ser que não o façam.

—E pode ser que sim. E o que faria, então? Perguntar outra vez? Me apresentar diante das portas dessa maldita pilha de pedra escocesa e solicitar outra vez? Não, Elaine. Nenhum Eldon se arrastará diante de um MacLagan, nem sequer pelo bem de minha filha única e de meu primeiro neto. Vamos parar de falar nisso. O menino será um Eldon e, embora seja um bastardo, poderá orgulhar-se de seu sobrenome.

Elaine assumiu que aquela era sua última palavra e em seguida desejou que outros admitissem também. Mas Hagaleah se dividiu imediatamente em dois grupos que se dividiram entre criados e familiares. Alguns apoiaram com firmeza lorde Eldon em sua convicção de que era melhor não ter sobrenome do que levar o dos MacLagan, e outros deram a razão a Storm, convencidos de que, se havia alguma possibilidade de que o menino usasse o sobrenome de seu pai, embora este fosse um MacLagan, deveria ser permitido que ela tentasse. A linha de confronto se dividiu principalmente os homens e as mulheres: os homens ficaram do lado de Eldon; as mulheres, do lado de Storm. Elaine começou a sentir-se presa no meio de uma imensa questão doméstica.

Quando mais engordava Storm, mais se esforçavam ela e as suas aliadas para convencer Eldon de que devia concordar com o matrimônio. Mas, ao se fazer visível a gravidez e aproximar-se o parto, a longa disputa se tornou mais sutil. Até Eldon se mostrou mais cuidadoso: ninguém desejava que aquela criança por quem com tanta veemência discutiam, sofresse algum dano, ou que Storm se angustiasse em excesso. Dava a impressão de que iriam debater a questão até que o menino fosse batizado.

Storm estava a ponto de dar a luz quando Elaine, acuada dos dois lados, pôde desfrutar de uma breve pausa. Rodem devia ausentar-se por um tempo para ajudar um de seus vassallos a sufocar uma rebelião em seus domínios. Elaine rezou para que aquela trégua bastasse para resolver a disputa de uma vez por todas.



Capítulo 24

Storm subia pelas reforçadas muralhas de Hagaleah com uma lentidão que lhe parecia muito penosa. Tinha a impressão de levar muito bagagem e duvidava de sua própria prudência. A seriedade da gravidez a fazia sentir-se insegura. Temia cair, mas seguiu adiante. Queria ver seu pai e à comitiva dele sair de Hagaleah. Não a movia somente o desejo de despedir-se deles, embora também pensasse em fazê-lo, se chegasse na muralha a tempo. Queria estar segura de que seu pai partia.

Um débil sorriso apareceu em seu rosto quando alcançou sua meta. Os dois homens que montavam guarda ficaram boquiabertos ao vê-la aparecer ao seu lado. Olharam-na com desconfiança, como se esperassem que, por causa do esforço, fosse dar a luz ali mesmo. Um deles se recompôs da surpresa e, resmungando uma respeitosa desculpa, afastou-se depressa. Storm estava segura de que tinha ido procurar um de seus familiares para que a levasse das muralhas ou estivesse ali, caso tivesse o atrevimento de começar o parto. Storm sorriu e se aproximou da muralha para olhar para baixo.

Lorde Eldon e sua comitiva começaram a sair um instante depois. Storm sentiu uma pontada de orgulho ao ver seu pai, junto com Foster, como sempre. Cada vez que via lorde Eldon compreendia por que sua mãe tinha arriscado sua vida para estar com ele. Embora para muitos um homem de quarenta anos fosse quase um velho (especialmente porque muito poucas pessoas pareciam alcançar essa idade), Eldon continuava sendo alto, ereto, magro e musculoso. Ainda parecia jovem.

Storm ficou pensando em Tavis. Ele nunca se afastava muito de seus pensamentos, mas Storm tinha que liderar uma batalha constante para que ao menos não ocupasse um lugar constante neles. Enquanto olhava seu pai, pensou que nisso Tavis se parecia com lorde Eldon. Certamente manteria suas forças até o final. Seguiria atraindo às mulheres, mesmo quando fosse mais velho.

Saudou seu pai com a mão quando ele levantou a vista. Embora lorde Eldon lhe devolvesse a saudação, Storm viu que amaldiçoava se queixando de sua impulsividade, e esboçou um sorriso. Lorde Foster sorriu docemente e a



cumprimentou com a mão, aparentemente alheio ao aborrecimento de seu amigo. Levada por um impulso, lançou um beijo e o viu rir.

Storm seguiu olhando o seu pai até se perder de vista. Como sempre, preocuparia-se com ele até que voltasse são e salvo a Hagaleah. O problema que seu pai iria resolver tinha pouca importância, mas o perigo, mesmo em forma de acidente ou na de assassinato, espreitava a cada passo. Mas mesmo assim Storm se alegrava de que lorde Eldon se ausentasse um tempo. Virando, respondeu ao olhar zangado de seu irmão Andrew com um terno sorriso e lhe pediu recatadamente que a ajudasse a descer. Havia coisas para fazer e gente para convencer antes de colocar em marcha seu plano.



—Essa moça acabará por me matar — resmungou Eldon enquanto cavalgava.

—Muitas vezes acredito que é o que lhe dá vida, Rodem.

—Não seja manhoso comigo, Hastings. — Olhou carrancudo a lorde Foster. — Acaso já não tenho muitas coisas com que me preocupar?

—Sabe muito bem o que quero dizer. Filhos como os nossos, embora os meus sejam mais tranquilos, mantêm-nos alerta, obrigam-nos a afiar o raciocínio e fazem nosso sangue fluir. E poucos conseguem tão bem como a pequena Storm Pipere.

—Nessas últimas semanas se tornou quase indigesta. Não me deixa em paz nem de dia nem de noite.

—E por que não dá seu braço a torcer?

—Hastings, quer casar-se com um MacLagan.

—Quer casar-se com o pai de seu filho.

—Devia matá-lo. Maldita tolerância. Malditas dívidas. Esse homem a desonrou.

—Seduziu-a, e sua própria filha disse que não resistiu. Não fique tão colérico, meu amigo. Ao menos Storm disse a verdade. Acredito que, no fundo, alegra-se de que assim seja, de que não tenha permitido manchar sua espada com o sangue de



um homem inocente. Inocente, sim. Não finja que nenhum de nós não teria feito o que fez MacLagan. Você seduziu à mãe de Storm e a abandonou, embora soubesse que retornaria para procurá-la. Simplesmente, ela se adiantou.

—Porque está remexendo o passado agora?

—Já que Tavis MacLagan é inocente e tendo em visto tudo o que aconteceu, as dívidas contraídas por ambas as partes e a generosidade que mostraram ambos, por que teima em não pedir a Tavis MacLagan que se case com ela?

—Porque acredito que se verá forçado a fazê-lo e que isso fará sofrer minha filha — reconheceu Eldon a contragosto. — Dei a oportunidade para falar comigo, para que o jovem se aproximasse, e não fez nada. Mostrei-me controlado, inclusive estava disposto a passar por cima do fato de ser escocês e um MacLagan, mas ficou ali parado, como um maldito poste, sem dizer nada. Deixou que levasse Storm, que a arrancasse de sua cama sem uma palavra. Pode ser que ele, diferente de mim, não estivesse disposto a passar por cima do fato dela ser inglesa e uma Eldon. Ou talvez sua família ou seu clã não podiam aceitá-la. Ou pode ser — acrescentou em tom cortante, — que só se divertisse com uma moça bonita e que minha filha não lhe despertasse nada. Não penso prender Storm desse modo. Melhor que enfrente as penalidades de dar a luz a um filho bastardo do que sofrer por um marido que não a ama.

—Mas Storm prefere casar-se com ele, acredita que é mais importante dar um sobrenome ao seu filho. Acaso não é ela quem deve decidir? Já não é uma menina, é uma mulher feita e honesta. Logo será mãe.

Aguilhado por aquele argumento, Rodem respondeu a contragosto:

—Deixe, Hastings. Quero me esquecer desse assunto.

—Como quiser, Rodem, mas não se esqueça por muito tempo. Storm não vai esquecer



Andrew olhou sua irmã com o cenho franzido e começou a caminhar por seus aposentos. Estando ali os gêmeos Verner, Phelan e os Foster, havia pouco espaço para mover-se. Deveria ter adivinhado por que Storm tinha mandado chamá-lo, sobretudo ao insistir que não contassem para Elaine. Tinha sido uma estupidez pensar que a disputa desapareceria ao ausentar-se seu pai de Hagaleah. Andrew desejou de repente ter acompanhado lorde Eldon, mas em seguida se reprovou de sua covardia. Ia custar dissuadir Storm do seus planos, especialmente tendo em vista que se compadecia dela e que entendia seu desejo de dar um sobrenome a seu filho, embora tivesse apoiado parcialmente seu pai em sua oposição as bodas.

Fez uma careta si mesmo. Precisaria de muita astúcia para distrair Storm de seu propósito até que lorde Eldon voltasse. Andrew sabia que não lhe faltava astúcia e nem lábia, embora de repente parecia estar lhe falhando. Não lhe ocorria nenhum argumento inteligente, nenhum raciocínio capaz de persuadir a sua irmã. De repente lhe parecia muito fácil entender por que seu pai ficava feito um doido e começava a destrambelhar. Uma boa seqüência de maldições e impropérios, um arrebatamento de fúria sem objetivo aparente, podia limpar sua cabeça e lhe permitir pensar com clareza.

—Nosso pai deixou muito claro o quanto o desagrada esse assunto — se aventurou a dizer.

—Sim, muito claro. — Storm pensou que Andrew se parecia muito com seu pai nesse momento. — Não acredite que penso que ele está em errado ou que não o entendo. Entendo, e acredito que em muitos sentidos tem razão. Mas eu também tenho. É impossível chegar a um acordo nesse assunto, Andrew. Não conseguimos. As duas partes acertam e se enganam da mesma forma. Receio que minha única alternativa é desobedecê-lo.

—Se acha que tem razão, por que a oculta de Elaine?

—Já sabe por que. É a esposa de nosso pai. Melhor que não saiba. Creio que ela pensa que não foi prudente o suficiente, que se sente dividida entre papai e eu e teme ser obrigada a escolher um dos lados e ter que enfrentar o outro. De certo modo estou lhe fazendo um favor, porque acabarei de uma vez por todas com essa disputa que a tem dividido.

—Ela jamais se oporia a nosso pai.



—Existe a possibilidade de que sim, mas lhe doeria profundamente. É sua esposa, mas também é mulher e mãe. Seus filhos são bastardos, eles ainda enfrentam os problemas que esse estigma pode lhes causar, apesar de que papai os reconheceu diante dos olhos de Deus e da lei. Elaine entende muito bem meus temores.

Apoiou a mão sobre seu ventre, em cujo interior descansava seu filho.

—Desejo um nome para meu filho. Cada vez que se move dentro de mim, ouço os murmúrios desdenhosos que as pessoas lançam aos bastardos. Horroriza-me pensar que posso causar essa desgraça a meu filho. Não peço nada mais. Só o nome. Isso é tão terrível?

—Não — disse Hadden, e se sentou junto dela sobre a cama, rodeando-a com o braço. — Haig e eu estamos contigo, Storm. É errado que uma criança pague por coisas que não têm a ver com ela, mas assim é. Todos vimos. Não suporto pensar em quanto sofreria, porque sei que sentiria como uma punhalada cada palavra cruel que lançassem contra seu filho, talvez mais que ele.

—Realmente fala em seu nome, Haig? — perguntou Andrew.

—Sim. Não queria faltar a respeito com seu pai, nem me agrada a idéia de lhe desobedecer. Para falar a verdade, dói-me fazê-lo, porque foi muito bom conosco. Mas irei com Storm. O que importa qual seja o sobrenome do pai enquanto seu filho possa levá-lo com a bênção da Igreja?

—Mas será um matrimônio vazio. Não é assim, Storm?

—Sim, receio que sim, Andrew.

—Fala da tristeza, prima? — perguntou Phelan em voz baixa.

—Pode ser que em parte sim. Não nego que Tavis me partiu o coração aquele dia, quando ficou em silêncio. Mas nunca me falou de amor, nem do futuro. Fui parva ao criar ilusões, embora tentasse não me deixar levar por elas. Mesmo assim, se olho além de minha dor, além das absurdas esperanças que tão cruelmente jogou por terra, dou-me conta de que Tavis não deseja casar-se, nem deseja também suportar o matrimônio. Há muitos homens assim.

—Nesse caso, não teme que se negue a lhe dar o nome que tanto almeja?



—Não, Andrew. É um homem honrado, e não acredito que queira que seu filho sofra o estigma dos bastardos. Para falar a verdade, penso em lhe oferecer um acordo que o agradará enormemente. Terá uma esposa e um herdeiro, mas não terá que viver como marido e conservará todas as liberdades de um homem solteiro.

—E se não lhe der um filho, e sim uma filha?

—O filho que espero é um varão, estou segura disso. — Sorriu fracamente. — Mas escolhi também um nome de menina, apesar do que diz minha intuição. Preocupa-me confiar tanto num pressentimento. Não, Tavis MacLagan terá seu herdeiro. Só espero que não tente prender o menino em Caraidland.

—Derrubaríamos o castelo pedra por pedra para recuperá-la.

—Sei, Haig. Por isso espero que não tente. Não queria que chégássemos a isso. Na realidade, espero que os Eldon e os MacLagan não voltem a combater entre si. Há muitas coisas que estimo num e no outro lado da fronteira. E me refiro também ao Tavis, apesar de que às vezes o amaldiçoe com todas as minhas forças. — Suspirou, sacudiu a cabeça e olhou Andrew. — Se decidir que não pode me acompanhar, entenderei, mas lembre-se que jurou guardar o segredo.

—Sim — grunhiu ele, sentindo que sua irmã de certo modo o tinha enganado. — Você o que diz, Matilda?

—Eu vou com Storm.

—E você, Phelan?

—Com Storm.

—Imaginava. Não sei por que pergunto. — Suspirou e rezou para que seu pai o entendesse. Logo acrescentou: —Estou contigo, Storm, embora a amaldiçoe e me amaldiçoe também por ser tão néscio. Quando vamos?



—Sinto-me ridículo — resmungou Andrew na madrugada seguinte, quando entraram sigilosamente nos estábulos, quase à alvorada.



Storm olhou seu irmão e teve que conter a risada. Fora difícil conseguir os hábitos, e havia um jovem muito nervoso que rezava fervorosamente para que voltassem antes que os monges sentissem falta deles. Estavam todos um pouco ridículos, mas Andrew, que estava de muito mau humor, não se inteirava.

—Cale-se, Drew. Não quero que nos descubram agora que estamos tão perto de conseguir.

Foi relativamente fácil sair de Hagaleah com cavalos e tudo. O guarda vigiava a possível entrada de inimigos, não as saídas das pessoas do castelo. Conheciam, além disso, seu lar como poucas pessoas e podiam encontrar o melhor modo de passar sem ser vistos nem ouvidos. Se fosse necessário, poderiam voltar a entrar sem que ninguém reparasse neles.

Avançaram lentamente até que a luz do amanhecer permitiu cavalgar sem tropeços. Ao olhar o pequeno grupo, Storm teve que sorrir. Não seria Tavis o único surpreso.

Pensar em Tavis fez que o coração encolhesse. Ignorava o que aconteceria quando estivessem cara a cara. Quase temia vê-lo. Ele podia ter se casado. Sem dúvida não teria se mantido casto. Teria que se encontrar com sua nova amante ou sua esposa? Seria Katherine MacBroth (Deus não quisesse)? Negaria que o menino era dele? Negaria-se a casar com ela e teria que levá-lo ao altar na ponta da espada, se seu clã permitisse? Quanta dor ela estava disposta a suportar?

Andrew notou sua expressão de desconcerto e perguntou:

—Mudou de idéia, Storm?

—Não — respondeu em voz baixa. —Mas de repente me deu medo o preço que vai me custar para conseguir o que quero.

—Prima — disse Phelan, — e se aceitar que se casem, e também peça para que o matrimônio seja autêntico?

—Tentei não pensar nisso. Já sofri suficientes decepções.

—Nem sequer pensaria nisso?

—Sim. Mas não quero pensar nisso agora, quando não é mais que uma possibilidade remota.



Phelan não disse mais nada. Não entendia por que Tavis e sua prima viviam separados. Caraidland tinha aceitado Storm. Ninguém do clã protestaria se o futuro herdeiro a tomasse por esposa. Phelan estava seguro que muitos deles desejavam que Tavis se casasse com ela. E estava convencido de que o que Tavis sentia por Storm não era o simples desejo de um homem por uma moça bonita. Encolheu os ombros. Tudo aquilo era um mistério para ele, mas os adultos sempre estavam rodeados de mistérios. Pareciam complicar as coisas mais simples.

A viagem a Caraidland foi lenta. Tiveram que parar várias vezes para que Storm estirasse as pernas ou se aliviasse. Seu corpo parecia ter perdido a capacidade de reter água. Desagradava-a montar a cavalo naquele estado, pois o peso da gravidez fazia que fosse difícil e incômodo. Seus companheiros começaram a olhar com visível receio seu ventre inchado, que o hábito de monge não conseguia ocultar por inteiro. Storm tentava tranquilizá-los: ela mesma estava preocupada. Sabia de bebês que chegavam ao mundo antes do tempo, e seus cálculos podiam estar equivocados. Necessitava dos argumentos e das palavras tranquilizadoras que lhe ocorriam para acalmar seus próprios temores. Começava a sentir urgência em chegar a Caraidland, e não unicamente para dar um nome ao seu filho. Ao menos ali haveria uma cama macia e uma parteira, se precisasse.

—Ali está nosso destino — disse Andrew em voz baixa.

Ao divisar Caraidland, Storm assentiu com a cabeça. Experimentou uma espécie de nostalgia e teve que reprimir o súbito impulso de voltar para Hagaleah. Apesar de tudo o que lhe acontecera ali, naquele castelo guardava um amontoado de doces lembranças. Por um instante aquelas lembranças a embargaram, então ela lutou desesperadamente para não chorar. Caraidland e Tavis lhe tinham dado momentos doces e momentos amargos. Não devia esquecer.

Avançaram para as portas de Caraidland tentando dissipar sua tensão crescente e aparentar despreocupação. Storm sabia que não corriam perigo, mas sabia também que nada do que dissesse impediria que seu irmão, seus primos e Robin ficassem em alerta e aproximassem a mão das espadas, ocultas sob os hábitos. Tinham sido treinados para combater os escoceses, não para entrar em seus castelos como se fossem amigos de confiança.

Storm desanimou quando Sholto e Angus apareceram enquanto desmontavam no outro lado da muralha. Embora tentasse disfarçar sua voz, viu pelo brilho de seus



olhos que a reconheciam. Não se admirou quando Sholto se inclinou ligeiramente para olhar de perto sua cara oculta sob o capuz, e esboçou um sorriso ao ver que seus olhos se arregalavam.

—Pelos pregos de Cristo, é você de verdade, Storm.

—Sim, sou eu.

—O que a traz por aqui, moça?

—Vim fazer uma surpresa a Tavis — respondeu ela com um sorriso oblíquo.

—Estão armados? — perguntou Sholto, olhando aos outros com desconfiança.

—Claro que sim. Só um idiota viajaria desarmado entre Hagaleah e Caraidland. Está cheio de ladrões. Mas viemos em paz.

—Jura, moça?

—Sim, Sholto, juro, e eles também jurarão, se pedir.

—Não, aceito sua palavra, pequena.

—Obrigado. Tavis está aqui?

—Sim, moça — respondeu Angus, e se perguntou se devia dizer quem mais estava no castelo, mas decidiu que não queria ser o portador daquela notícia. — Quer que a leve até ele?

—Sim. Minha surpresa será breve e direta. Quero passar o menor tempo possível aqui. Devo retornar a Hagaleah antes que volte meu pai. — Ou antes que Elaine descubra o que tenho feito, acrescentou para si mesma, e logo ergueu os ombros, preparou-se para a batalha e pôs-se a andar em direção à torre.



Elaine olhava fixamente a jovem e nervosa criada que tinha diante de si. Sabia que tinha a boca aberta, mas não parecia capaz de fechá-la. A notícia que a moça tinha dado a tinha pegado totalmente de surpresa. Para completar, seu pajem tinha chegado um momento antes para anunciar que seu marido demoraria apenas



algumas horas para retornar. Poucas palavras tinham convertido em desalento sua alegria inicial.

—Está segura?

—Sim, minha senhora. O bando dos sete se foi.

—O bando dos sete?

—Sim. Chamam-se assim porque sempre, ou quase sempre, agem juntos. Antes os chamavam de bando dos seis, mas assim que chegou o menino irlandês...

—Claro, claro. E se foram?

—Sim, minha senhora. Acreditam que partiram antes do amanhecer. O velho Matthew não os seguiu, mas diz que se dirigiam para o norte, minha senhora.

—Para Caraidland — gemeu ela.

A cabeça dava voltas enquanto tentava decidir o que fazer. Durante um momento, só pôde pensar que Eldon ficaria furioso. Então decidiu tomar o caminho dos covardes: escreveu apressadamente uma carta a seu marido e mandou o seu pajem entregá-la a Eldon. Ele iria diretamente ao castelo dos MacLagan e ela ficaria fora do que acabara por chamar de «a grande batalha». Confiava que as coisas se resolveriam conforme a vontade de seu marido, mas outra parte de seu ser esperava que Storm saísse vitoriosa. Ambicionava, além disso, que «a grande batalha» acabasse de uma vez por todas.



Quando o pajem de Hagaleah chegou ao acampamento e entregou a lorde Eldon a mensagem de lady Elaine, os homens reagiram com preocupação. Um momento depois, Foster arregalou os olhos ao escutar os impropérios de lorde Eldon. Seu amigo tinha uma língua temível. O instinto lhe dizia que a nota de Elaine tinha que a com Storm. Morria de curiosidade, mas esperou pacientemente que Eldon lhe informasse do que acontecia. Talvez, pensou, a garota já se casou. Mas espantou essas idéias, pensando que elas provavelmente o impediam de analisar



com acerto os dados que logo conheceria. Estava claro pela atitude de Eldon que não se tratava de uma notícia trágica, e isso lhe bastava no momento.

Com a carta ainda na mão, Eldon cravou seus olhos chamejantes em lorde Foster.

—Não podemos voltar para casa ainda.

—Ah. E para onde vamos?

—Para Caraidland.

—Pelos pregos de Cristo, não me diga que esse jovem tornou a raptar Storm.

—Não. foi ela quem foi para lá em busca de um sobrenome para seu filho.

—Talvez convenha que não se meta nisso. É um assunto particular.

—Não tão particular. Foi o bando dos sete. Seus dois filhos mais velhos. Suponho que deveria agradecer por que não levaram também os pequenos.

Lorde Foster suspirou, preparando-se para a longa, dura e sem dúvida veloz cavalgada que os esperava.



Capítulo 25

O grande salão de Caraidland não estava ganhando do todo sua batalha contra a umidade sufocante do inverno. Mas o homem sentado à mesa com uma jarra que levava constantemente aos lábios mal reparava nisso. De fato, aquele tempo cinzento harmonizava-se perfeitamente com o estado de ânimo de Tavis. O fato de ficar meio bêbado se tornou também uma rotina.

Sentada ao seu lado, Katherine tentava dissimular sua irritação. Fazia duas longas semanas que se esforçava para ser a acompanhante perfeita. Ainda que ao chegar tivesse a impressão de que já passara tempo suficiente para que Tavis esquecesse suas diferenças e ansiasse estar com uma mulher, ainda não tinha conseguido abrir caminho até sua cama. Decidiu que tinha chegado o momento de agir com mais audácia.

Desde a partida de Storm, Tavis oscilava entre o amor, que o fazia desejar que ela voltasse, e o ódio, que o impulsionava a pensar que tinha feito bem livrando-se dela. Nenhuma das duas atitudes contribuía para aliviar a dor e o vazio que pareciam haver se instalado dentro dele. Mesmo quando a odiava, sentia falta dela.

Sem dar-se conta tocou o amuleto que levava constantemente sob a túnica. Assim que o sentiu, recordou com toda lucidez a expressão de Storm quando a deixou partir com seu pai sem dizer uma palavra. Com aquele único instante de silêncio, tinha degradado todo que aconteceu entre eles. O agravo que tinha feito se refletiu claramente no rosto de Storm, apesar dela se apressar a ocultá-lo.

Aquela idéia o fez zangar-se de novo. Se ela estava magoada, se o amava, como sugeria o fato de que tivesse deixado seu amuleto, como ela mesma explicara o significado, onde estava? Deveria perceber que um homem tinha que pensar em seu orgulho, de que não poderia ir correndo atrás dela. Não era pedir muito que ela entendesse que aquele era um momento pouco oportuno para que pensassem em seu futuro juntos. Acabavam de enfrentar uma batalha, seu pai salvara Caraidland, embora somente porque Storm estava dentro de seus muros, e eram velhos inimigos. Dificilmente podia dizer ao velho que esteve se deitando com sua filha e



que o entristecia a idéia de vê-la partir. Ela deveria ter explicado as coisas ao seu pai e ter retornado depois.

Uma parte mais ajuizada de seu ser dizia que aquilo era ridículo, mas Tavis não estava com humor para pensar com clareza. Precisava reconhecer que tinha cometido um engano, que tinha sido estúpido o bastante para afastar algo que não podia substituir. Nenhum homem podia reconhecer de bom grado qualidades tão ingratas. Era mais simples culpar Storm de sua dor, daquela dor infinita, da sensação de achar-se à deriva e de suas longas noites vazias.

Era hora de começar a fazer algo a respeito. O celibato não era saudável para um homem, pensou quando Katherine se apertou contra ele e começou a lhe acariciar o pescoço. Saltava à vista que estava ansiosa para agradá-lo, e podia aliviar em parte sua tortura.

—Parece preocupado, Tavis — ronronou ela, reconhecendo a luz embaçada de seus olhos.

—Sim, e acredito que você tem a solução — murmurou ele, e deslizou um braço ao redor de seus ombros.

Katherine sorriu. Via o êxito cada vez mais perto.

—Sim, uma solução que funcionou muitas vezes no passado.

Tavis esperou que os seus sentidos se agitassem quando a hábil mão de Katherine deslizou sobre sua coxa. Chegou à conclusão de que a cerveja tinha embotado suas paixões. Katherine teria que esforçar-se mais. Ajeitando-se no assento, atraiu-a para si e a beijou. Afugentou com decisão a imagem que assaltou sua mente e obrigou a sua boca a aceitar o sabor de Katherine, em lugar de outro que ansiava sentir novamente. Quando por fim se afastou para respirar, começava a perceber o êxito. Mas sua esperança foi bruscamente interrompida quando uma faca se cravou na cadeira, entre seus rostos. Katherine gritou, assustou-se e caiu pesadamente no chão.

—Acredito que está na hora de que encontre outra amante, Tavis MacLagan. Essa é um pouco covarde.



Aquela voz lhe parecia dolorosamente familiar. Olhou confuso ao pequeno grupo de monges parado junto à porta do salão e pensou que sua mente empapada em álcool estava lhe pregando uma peça.

—Storm? — sussurrou.

—Que escândalo, comportar-se assim diante de homens de Igreja — disse com ironia um dos monges mais altos enquanto o grupo se aproximava da mesa, seguido pelos homens de Tavis, que quase dobravam em número.

—Ninguém vai juntar à dama? — perguntou uma voz aguda e feminina.

—Que dama? — perguntou o monge que Tavis acreditava ser Storm. — Eu não vejo nenhuma.

Justo quando Tavis decidiu perguntar sucintamente quem eram seus visitantes, eles tiraram os capuzes. Não havia forma de confundir Storm e Phelan. Mas Tavis compreendeu que a cerveja tinha nublado sua mente ao dar-se conta de que não tinha reparado que eram vários monges.

—O que ocorre? Não nos avistou? Está bêbado, não? — Storm cedeu a seu impulso e deu um pontapé na Katherine, que estava inconsciente.

Estava furiosa. Não esperava, na realidade, que Tavis permanecesse celibatário, mas essa não era uma teoria que queria ver diante dos seus olhos. Estendeu o braço e extraiu sua faca da cadeira. Seu olhar e sua forma de sustentar a faca convenceram Tavis que ela sentia uma grande tentação de cravá-la nele.

—Acredito que já conhece meus companheiros, embora talvez tenham mudado um pouco com o passar dos anos. Além disso, não se fixou muito neles no dia que ajudaram a derrotar sir Hugh.

Sem esquecer da faca que ela sustentava com falso ar de despreocupação, Tavis olhou os outros. Demorou um momento para reconhecer os meninos que há sete anos tinham caído em suas mãos. Os rapazes se converteram em jovens atraentes, fortes, altos e bonitos. A pequena Matilda só tinha onze anos, mas prometia ser uma mulher muito atraente. Era evidente que Storm continuava sendo a voz naquele grupo de amigos e parentes.

Entrou Colin, mas seu filho caçula o deteve.



—Que demônios está acontecendo aqui?

—É um assunto particular entre Storm e Tavis. Não se preocupe, não vai matá-lo.

—Como pode estar tão seguro, Iain? Não me parece que tenha boas intenções — disse com ironia. — Esses são seus parentes?

—Sim — respondeu Sholto. — Não sei por que se arriscou a voltar. Só nos disse, quando Angus e eu a reconhecemos, que vinha em missão de paz e queria fazer uma surpresa para Tavis.

—Bem, vigiem-na de perto. Não é uma assassina, mas com uma moça ferida e abandonada, nunca se sabe. — Assinalou com a cabeça Katherine, que começava a recuperar-se lentamente. — Suspeito que Tavis estava fazendo das suas.

Sholto riu baixinho.

—Sim, e Storm cravou a faca entre os dois. Precisa e certa.

—De maneira que voltamos a nos encontrar, né? — perguntou Tavis suavemente, tentando distrair Storm. Ela segurava a faca com muita veemência e ele via com irritação que sua família não iria ajudá-lo.

—Pode dizer assim. — Storm curtia perversamente o seu evidente mal-estar.

Katherine se sentou com muita dificuldade. Ao ver quem sustentava a faca, temeu por sua vida. Seus olhos se arregalaram quando viu que a família de Tavis e alguns homens importantes de Caraidland se mantinham à margem. Saltava à vista que não pensavam fazer nada para ajudar. Por um momento considerou a possibilidade de fugir, mas logo decidiu que corria menos perigo ficando quieta.

Storm sabia que Katherine estava acordada, mas continuava olhando Tavis. A presença de Katherine a recordou claramente que os tinha visto beijar-se e acariciar-se. Naquele momento odiou Tavis; odiou-o por lhe mostrar o paraíso e por jogá-la depois no inferno. Tinha lhe dado seu bem mais precioso, seu amor e sua virtude, e ele os tinha desprezado. Às vezes a assustava que a lembrança daquela ferida não iria nunca abandoná-la. Com frequência doía tanto que temia que fosse mortal.



—Passaram meses, Storm — disse Tavis delicadamente enquanto tentava achar uma maneira de apagar velhos remorsos e mal-entendidos. Mas os olhos frios e zangados de Storm não o animavam a fazê-lo.

—Sim, e vejo que me esqueceu muito rápido — bufou ela, e afundou a faca na cadeira, entre as fortes pernas de Tavis, muito perto de seu membro viril, que tanto odiava e desejava ao mesmo tempo.

Tavis se moveu mais rapidamente que pode. Levantou-se quase voando e colocou a cadeira entre ele e sua antiga amante. O gesto de Storm fez com que lhe brotasse na pele um suor frio. Viu-a tirar a faca e aproximar-se lentamente dele. Diferente de sua família, não estava seguro de que Storm não fosse feri-lo.

—Deveria ter mais cuidado com essa faca, Storm — disse suavemente.

—Sim. Deveria afiar minha pontaria — ronronou ela sem deixar de segui-lo. — Me dá vontade de cortar essa parte sua que reparte com tanta liberalidade. Assim deixaria de beber e de andar com mulheres.

—Ninguém vai fazer nada? — perguntou Katherine, incapaz de ficar calada.

—Se essa vadia disser uma palavra mais, crave-a na cadeira, primo Hadden.

—Será um prazer — replicou o jovem, e, desembainhando sua espada, colocou-se junto a Katherine.

—Não tem direito de fazer isso, Storm. Kate é inocente.

—Kate nunca foi inocente. Nasceu numa cama e decidiu passar o resto de seus dias nela. Faria um favor às mulheres de Caraidland se a matasse aqui mesmo.

Tavis amaldiçoou ao tropeçar ligeiramente enquanto se separava de Storm caminhando para trás. Estava ainda muito zozinho pela bebida para lhe tirar a adaga. Via, quase sentia, sua dor, misturado em partes iguais com raiva. Mas mesmo assim não podia deixar de pensar em como esquivar-se de sua faca e ponderar num modo de aplacá-la. Tinha sonhado muitas vezes com sua volta, mas nunca tinha imaginado que fosse assim. Ansiava por tomá-la em seus braços, mas não duvidava de que, estando naquele humor, cravaria a faca entre suas costelas.

—Não acha que deveríamos pôr fim a isto? — perguntou Sholto brandamente.



—Não — disse Colin. Tinha observado atentamente Storm e tinha reparado em algo que outros ainda não tinham notado, assim acrescentou: — Não veio matá-lo. Deixa que se alivie. Devemos ao menos isso.

—Por que veio, Storm? Está claro que não quer nada de mim — disse Tavis em voz baixa.

—Não, não quero nada de você — mentiu ela, — mas não são meus desejos que me trazem aqui, maldito bêbado. Se tivesse opção, teria ficado em Hagaleah e teria me ocupado de que todas as nossas espadas tivessem gravado seu nome. É a necessidade que me traz para Caraidland.

De costas contra a parede, Tavis desejou fervorosamente que a sua cabeça se desanuviasse o quanto antes.

—A necessidade?

—Sim, há uma coisa que tem e que me faz falta, Tavis MacLagan.

—E o que é? — Doía-lhe ver tanta frieza nela.

—Seu nome. — Storm resistia ao ver a tristeza em seus olhos feiticeiros.

Os vapores do álcool se dissiparam um pouco, mas Tavis continuava confuso.

—O que?

—Vamos casar hoje mesmo. Se não tiverem nenhum sacerdote, mandem procurar um. Não vou me conformar com um simples compromisso. Quero uma união santificada pela Igreja.

—Mas por quê? Odeia-me. Vejo em seus olhos.

A nota desconsolada de sua voz comoveu Storm, que procurou endurecer para que não se afetasse.

—Acaso não sou uma mulher de linhagem? Não era virgem quando se deitou comigo? Sim, não resisti, mas tampouco o convidei. As leis dos cavalheiros ditam que se case comigo, que me devolva a honra que me roubou.



—Já falamos disso, Storm. É bonita, jovem e rica. Haverá muitos homens que se interessarão por você, que não darão importância ao fato de não ser virgem. Sim, e haverá muitos que entenderão.

—Sei, MacLagan. Tive provas disso nesses últimos meses. — meditou com que direito parecia ciumento. — Sim. E houve muitos dispostos a me ensinar que os escoceses só servem para bramar como javalis no cio, que são os ingleses quem na verdade conhecem a refinada arte do amor. — Sustentou seu olhar irado com fria calma, deixando que se perguntasse se tinha posto a prova a veracidade dessas afirmações.

—Então não precisa de mim. Procure um inglês para casar — replicou ele com um bufar.

—Sabe como irritá-lo — disse Colin com um sorriso na voz, um sorriso que se refletiu nos olhos dos homens que lhe rodeavam.

—Mas Tavis tem razão, assim por que quer casar-se com ele?

—Logo verá, Malcolm — respondeu Colin brandamente. Lamentava que a sorte se empenhasse em manter separados Tavis e Storm, mas desfrutava da confrontação porque estavam igualados.

—Bem, parece que a paciência deles tem um limite — disse ela, assinalando Robin e Andrew, que, junto com Haig, aproximaram-se apontando para Tavis suas espadas. — Entenderam que me roubasse a inocência e que eu não resistisse muito, mas... — Começou a tirar o hábito de monge — há algo que não passarão por cima. E não querem ter nada a ver com isso. — Deixou que o hábito caísse no chão.

Os escoceses contiveram o fôlego. Katherine amaldiçoou violentamente, em voz baixa. Tavis empalideceu por completo, com os olhos fixos em sua silhueta deformada. O inchaço que se via sob sua roupa não deixava lugar a dúvidas. Colin foi o único que não se surpreendeu: tinha adivinhado já o que escondia o hábito de monge. Estava claro que a semente de Tavis tinha criado raízes ao iniciar seu idílio e que seu fruto estava prestes a cair.

Tavis não entendia como era possível que não tivesse notado. Storm tinha que estar grávida de vários meses ao partir de Caraidland. Durante o tempo que tinham ficado juntos, não tinha negado seus favores nenhuma só vez pela chegada de sua



menstruação. Apesar de sua experiência, Tavis não tinha reparado nisso. Se ela tinha sofrido os enjôos próprios das mulheres grávidas, tinha dissimulado bem. Ao dar-se conta de que sua semente crescia dentro dela quando sir Hugh esteve a ponto de matá-la numa surra, e provavelmente quando Janet tentou pôr fim a sua vida, estremeceu e ao mesmo tempo sentiu uma onda de assombro e de orgulho pela fortaleza de sua semente e da mulher que a carregava.

—Uma criança? — disse estupidamente, e tocou seu ventre inchado com mão tremendo.

—Obviamente — respondeu ela com ironia. — Não deveria se surpreender tanto. Trabalhou duro para conseguir.

Katherine esqueceu da espada que estava apontada para ela. Só via que Storm tinha obtido o que ela não conseguira; que seus planos para se tornar a esposa de Tavis estavam condenados ao fracasso. A raiva e o ciúmes ferviam dentro dela. Levantou-se de um salto, sobressaltando Hadden, e correu até Tavis, cuja mão continuava pousada sobre o ventre de Storm enquanto as espadas apontavam para ela. Katherine ficou fora do círculo que formavam.

—Pretende lhe enganar, Tavis. Quer que dê seu nome ao bastardo de outro homem. Não vê o que está fazendo? — gemeu, consciente de que suas acusações eram falsas. —Não é mais que uma rameira inglesa.

Uma forte bofetada jogou-a no chão. Andrew só tinha quatorze anos, mas era um garoto alto e musculoso, e já golpeava tão forte como um homem feito. Seu rosto imberbe refletia a fúria e a rigidez de um adulto quando olhou à mulher que soluçava no chão.

—Sugiro que parta, senhora, antes que diga outra coisa e me esqueça que é uma mulher — disse com frieza, e viu que Katherine se retirava apressadamente, temendo por sua vida.

—Dúvida que seja seu? — perguntou Storm a Tavis em voz baixa. Desejava lhe afastar a mão, mas temia o que ele pensaria se fizesse.

Tavis sentiu como o bebê se mexia dentro de seu ventre e a emoção tornou difícil articular qualquer palavra.



—Não, moça. Não sei o que tem feito desde que se foi daqui, mas a semente de outro homem não poderia ter crescido tanto em tão pouco tempo. Eu fui o único que a tocou enquanto esteve em Caraidland e antes não havia se deitado com ninguém. Não, o menino é meu e lhe darei meu nome, se for isso o que quer.

—Sim. Não permitirei que ninguém chame o meu filho de bastardo e a sua mãe de meretriz.

—Nunca foi, pequena, — disse ele delicadamente, e suspirou quando ela se afastou. — Se for um varão, gozará de tudo que lhe dá direito a sua ascendência. Jamais negarei que seja meu filho.

—E se for uma menina?

—Encarregarei-me de que nunca lhe falte nada e lhe darei um bom dote.

Storm assentiu com a cabeça. Tinha tudo que tinha ido procurar, e entretanto sentia vontade de chorar.

—Há algum sacerdote?

Colin se aproximou.

—Sholto irá procurar um, moça. Malcolm os levará aos seus quartos para que todos possam se assear e descansar, se desejarem. Não deveria ter vindo a cavalo— a repreendeu brandamente.

—Meu filho não será um bastardo — repetiu ela em voz baixa.

—Entendo, menina. — Colin tocou seu cabelo trançado antes de lhe indicar que acompanhasse Malcolm.

—Mas tenho que falar com ela — protestou Tavis.

Viu Storm e a família saírem enquanto seu pai o segurava com firmeza pelo braço.

—A hora de falar já passou faz tempo — disse Colin, com afeição. — Deve agir com extremo cuidado. Eu irei falar com a moça. Agora mesmo. Ela só quer que dê o seu nome à criança. — Sacudiu a cabeça com tristeza ao ver a dor refletida nos olhos de seu herdeiro. — Vá se lavar e se arrumar. Pode ser que ainda consiga ajeitar as coisas.



Várias horas depois, ao despertar de sua sesta, Storm encontrou Colin sentado junto a sua cama.

—E o sacerdote, meu senhor?

—Acaba de chegar, menina. Como se encontra?

—Bem, mas poderia me dar uma mão? Ultimamente custo muito a me levantar.

Colin riu levemente e a ajudou a sentar-se.

—O que pensa fazer depois de se casar com meu filho?

—Voltar para Hagaleah. Só vim lhe pedir que dê seu nome à criança. Aqui não há mais nada para mim.

—Como sabe? — perguntou. — Não lhe deu oportunidade de falar.

—Teve a oportunidade quando parti. Agora não quero ouvir nada do que tenha para me dizer. — olhou-se no espelho. — Para falar a verdade, nem sequer quero falar dele.

Colin suspirou.

—Então seu matrimônio não será grande coisa, moça. — Viu que ela fechava a mão sobre o cabo da escova com tanta força que seus dedos ficaram rígidos. — Não será nem esposa, nem viúva, nem donzela.

—Melhor isso que ficar aqui e ver como ele se deita com umas e com outras — replicou ela ao abrir a porta. — Vamos? Não posso perder mais tempo ou meu pai voltará para casa e adivinhará onde fui.

Colin sacudiu a cabeça, resmungou algo a respeito de quão difícil era ser pai e a seguiu, pegando-a pelo braço.

—Tanta pressa tem? Não pode lhe dar uma oportunidade?

—Não — respondeu ela em voz baixa. —Acabo de superar sua última rejeição. Não me peça que corra outra vez esse risco.

Colin lhe apertou ligeiramente o braço em sinal de compreensão e não disse nada mais. Storm havia dito o que desejava saber. Uma mulher não temia que lhe



fizessem mal se não sentisse nada. Se Tavis a queria, tinha uma oportunidade, mas teria que lutar por ela. Quando os dois entraram no salão, bastou Colin olhar Tavis para compreender que seu filho lutaria. O problema era o imenso orgulho de ambos.

Tavis tentou falar com Storm, mas ainda não era o momento de tentar ultrapassar o gélido escudo que ela tinha levantado ao seu redor. Havia muita gente circulando ao redor e dirigindo-se a eles. Inclusive o sacerdote o atrapalhava, ansioso por acabar de uma vez com as bodas. Sholto tinha arrastado o padre de um assunto importante, sem permitir uma negativa.

A situação não pareceu melhorar depois de pronunciarem os votos nupciais. De repente, ouviu-se um tumulto na porta. Um grupo numeroso de homens armados irrompeu no salão. As pessoas de Caraidland estavam tão concentradas naquele casamento precipitado que não foi necessário mais que um par de empurrões para entrar no castelo. O grito de surpresa de Storm mal se ouviu, sufocado pelo estrépito das espadas que os escoceses reunidos no salão se apressaram a desembainhar.



Capítulo 26

—Droga! Voltou cedo!

—Sim, mas não o bastante — grunhiu lorde Eldon ao aproximar-se de sua filha.

—Tem razão — respondeu ela com calma, embora por dentro tremia. — Já estamos casados.

—Mesmo assim acho que deveria retalhar o cangote desse canalha. Sim, e uma ou duas coisas mais. — Os olhos marrons de lorde Eldon brilharam com fúria gelada quando Tavis e ele se olharam cara a cara por cima de suas espadas.

Storm levantou os olhos para o céu aborrecida, farta dessa atitude. Agarrou o primeiro objeto que encontrou, que era um castiçal com várias hastes e golpeou com ele as espadas. Viu com tranquilidade que ambos as deixavam cair, espantados pelo golpe, e começavam a soltar imprecações. Olharam-na ambos, zangados por ela mostrar tão pouco respeito nos assuntos próprios de homens, mas ela não deu importância.

—Não pode matá-lo, embora reconheça que há uma ou outra parte de seu corpo que não me importaria se cortasse.

Tavis se indagou, um pouco aturdido, se em Hagaleah todo mundo saía por aí ameaçando cortando as partes pudendas dos outros.

Lorde Eldon distendeu os lábios, mas disse com frieza:

—Disse que não fizesse. — Olhou os amigos de Storm. — E vocês, correndo atrás dela como sempre. Oh, raça!

Ao ouvir isso, lorde Foster saiu em defesa do grupo.

—Foi um bom disfarce, Rodem. Funcionou muito bem.

—Sim — disse lorde Eldon, mais aplacado. — serviu para que Storm chegasse até aqui e se casasse com esse descarado. — Segurou sua espada, que lorde Foster



tinha recolhido do chão, e a apontou para Tavis. — Continuo desejando matar o bastardo.

—Não pode, papai. Agora ele faz parte da família. É seu genro. — Quase riu ao ver a expressão de seu pai.

—Santo Deus! — bramou Eldon, brandindo a espada perigosamente. — Os Eldon e os MacLagan guerrearam desde a primeira vez que se viram. Estamos a gerações derramando nosso sangue reciprocamente.

—Então está na hora de deixar de fazer — disse Storm com firmeza, tentando fazer-se ouvir por cima do murmúrio repentino. — Estou certa que as duas famílias poderão encontrar outros inimigos com quem cruzar suas espadas, — disse quando de repente se fez o silêncio.

—Você é uma jovem impertinente. Deveria ter lhe dado mais disciplina — disse Eldon, mas Storm não prestou atenção.

Storm olhou ao seu redor, observou os sentimentos encontrados. Estava claro que o homem era um animal de hábitos. Custava-lhes assumir que teriam que deixar de praticar o que estavam fazendo há várias gerações. Alguns pareciam confusos, outros beligerantes e para vários parecia não importar. Todos pareciam extremamente interessados na discussão. Entre suas famílias não havia nenhuma disputa concreta, além da diferente nacionalidade. Storm chegou à conclusão que nenhuma das duas estirpes perderia nada ao deixarem de guerrear.

—Pensem uma coisa — disse, olhando seu pai mas falando para todos. — Se eu tiver um filho varão, seu neto será o herdeiro de Caraidland, um futuro MacLagan. — Outra vez esteve a ponto de voltar a rir, porque a expressão em alguns rostos deixava claro que muitos não tinha pensado naquela idéia. — E, se os seus filhos não tiverem descendentes masculino, meu filho poderá herdar tanto Caraidland como Hagaleah. Pensem. — Olhou um momento ao seu redor para ouvir risadas, e viu que procediam de Colin e Iain.

—Já basta — resmungou Eldon.

—Era simples hipótese — murmurou Storm. — Mas deve pensar nessas coisas.



—Sim, e falando de coisas que terá que pensar, não deveria ter montado a cavalo.

—Não aconteceu nada, papai. Viemos devagar.

—Devia esperar que a criança nascesse, em vez de arriscar seu pescoço.

—Queria um sobrenome para meu filho. Agora ninguém o chamará de bastardo — replicou ela.

—É igual a sua mãe. Veio da Irlanda em pleno inverno pelo mesmo motivo. E, sua filha tinha que galopar pelo campo quando só restam poucas semanas para que dê a luz.

Storm tinha pouco que alegar em sua defesa, exceto o que já havia dito, assim adotou outra tática com a esperança de aplacar a ira de seu pai.

—Não deveria gritar com uma mulher em meu estado — disse fragilmente, levando uma mão ao ventre e outra a frente.

—Não conseguirá nada com esse truque — replicou Eldon, e deteve Tavis, que fez menção de se aproximar-se dela, preocupado. — É forte como uma égua. Tive três esposas e sete filhos, assim não tente me enganar.

Storm se recuperou imediatamente.

—Típico de um homem: fanfarronear sobre suas façanhas no meio de qualquer discussão. — Cravou um dedo em Tavis. — Deveria se comparar com o seu genro. Pode ser que o supere.

—Vamos, Storm — protestou Tavis — Eu não tenho filhos. Esse é o primeiro.

—Ah! Levando em conta que vai de cama em cama, certamente tem dúzias.

—Não. Não tenho nenhum. Sempre tive muito cuidado. — Em seguida desejou ter mordido sua língua. Storm e seu pai lhe lançaram um olhar fulminante.

—Fiu! — assobiou Sholto. — Me parece que Tavis continua um pouco aturdido pela cerveja. Não pensa com clareza.

—Não — disse Colin com voz sufocada pela risada. — Ele está cavando a sua própria tumba.



—Suponho que deveria me sentir adulada — zombou Storm, pensando em todas as mulheres com quem Tavis tinha tomado cuidado. — Se puder reservar o resto de seu aborrecimento por um momento, eu gostaria de ir para casa, papai.

—Storm... — Tavis a segurou pelo braço quando ela começou a se afastar um pouco. —Deveríamos falar.

—Deveriam ter falado mais e se dedicado menos a outras coisas — resmungou Eldon, mas observava Tavis com atenção e notou algumas coisas que o fizeram ver a situação de outra perspectiva.

Storm se soltou bruscamente, furiosa por seu contato ainda a afetar tanto.

—Não temos nada que falar, MacLagan — lhe alfinetou.

Dirigiu-se à porta o mais rápido que pôde sem perder a elegância, rodeada por seus primos e amigos. Queria partir o quanto antes. Só de ver Tavis, sentiu aflorar todos os sentimentos que acreditava enterrados sob a dor. Cada vez que seu bebê se agitava, recordava como tinha sido concebido. E quando isso acontecia estando junto de Tavis, o doloroso vazio que sentia dentro de si aumentava. Já tinha o suficiente.

Tavis pôs-se a andar atrás dela e voltou a segurá-la pelo braço.

—Uns minutos. É apenas que lhe peço.

Ela se virou bruscamente para olhá-lo, mas a réplica que preparara sumiu ao ver o que estava pendurado em seu pescoço.

—Meu amuleto.

—Quer que devolva? — levou a mão ao pingente como se quisesse impedir que o tirasse.

—Não — murmurou ela, e olhou-o nos olhos. — Não. Já não o quero. Jogue fora Tavis MacLagan. Destrua-o, como destruiu o que significava. — Voltou a soltar-se e se afastou.

Lorde Eldon se deteve diante de Tavis e com um único olhar para seu rosto lívido e desolado, viu confirmadas suas suspeitas. Não era como se tivesse abusado de uma donzela ao seu bel prazer e em seguida tivesse dispensado-a cruelmente. Ignorava por que tinha deixado Storm partir, além das razões óbvias, mas estava



claro que a queria. Os acontecimentos desse dia não poriam fim em sua relação. Lorde Eldon tocou um momento o amuleto, consciente do que ele revelava em relação aos sentimentos de sua filha por Tavis MacLagan, e por um momento recordou onde e como o vira pela primeira vez. Afugentando um fugaz sentimento de melancolia, olhou fixamente Tavis e viu com clareza o olhar atormentado do jovem.

—Deveria matá-lo. A última coisa que preciso é de outro idiota na família. — Olhou seu filho Andrew, que continuava vestido de monge e esperava junto a porta. — Tire esse infeliz hábito. Está ridículo e é quase um sacrilégio que o use, um pecador como você. —Então saiu do salão.

Andrew se apressou em seguir seu pai enquanto lutava para tirar o hábito.

—É injusto que me diga isso.

—Basta! — respondeu lorde Eldon. — Desde a escaramuça francesa, passa a vida recostado olhando o céu sem pensar em trabalhar. Vá gastar o traseiro, moço.

Lorde Foster se aproximou de Tavis, o único que não estava rindo, embora um sorriso aparecesse em seus lábios. Foster sabia que não era tão impulsivo nem tão preparado como seu velho amigo Eldon, mas ele também notou o olhar de Tavis. Como sabia que uma mulher era capaz de apoderar-se por completo da alma de um homem, tentou dar alguma esperança ao moço.

—Os Eldon sentem emoções fortes. Pode ser que seja pela cor do cabelo. Mas também sabem perdoar.

Ao seu lado, a pequena Matilda olhava seu pai com os olhos arregalados.

—Papai, Storm se zangaria se soubesse que disse isso. Diz que é um bêbado que abaixa as calças mesmo quando vê uma empregada.

Entre risadas, lorde Foster segurou sua filha pela mão e saiu do salão dizendo:

—Acredito que vai me dar muitas dores de cabeça. — deteve-se junto a Colin. — Não sentirei falta de guerrear com você.

—Vão com os Eldon? — perguntou Colin, saindo para o pátio com os Foster.

—Sim. Foi sempre assim. — Lorde Foster conduziu sua filha até seu cavalo.



Eldon se aproximou de Colin. Olhando Tavis, que estava a pouca distância dali, com os olhos fixos em Storm, disse:

—Acredito que esse não é o final, que ainda acontecerão muitas coisas antes que tudo se esclareça.

Colin assentiu com a cabeça.

—Sim. A surpresa, a cerveja e o remorso pelo prejuízo que causou nublaram a mente de meu filho, mas Tavis é um homem de ação. Pode ser que o orgulho ponha um ou outro obstáculo em seu caminho, mas logo estará disposto a lutar por ela. E eu o animarei a fazê-lo. Nenhuma outra moça me faria sentir tanto orgulho de ter um neto.

Lorde Eldon inclinou a cabeça, agradecido pelo elogio.

—Espere até que a criança nasça. Não convém que minha filha se aborreça. Já foi muito néscia, não deveria ter escapado de casa.

Tavis, que tinha se aproximado com a esperança de falar com lorde Eldon sem uma espada diante do rosto, tremeu ao ouvi-lo. As palavras de Eldon intensificaram a preocupação que sentia pela mulher que amava.

—Aconteceu algo ruim?

—Não, ainda que minha filha seja miúda e o bebê muito grande. Não convém contrariar uma mulher grávida. Mas não acontecerá nada. Storm é muito forte, e é uma Eldon — acrescentou.

—E uma Ou'Conner — disse Phelan, que fora se despedir de Colin e dos outros.

Lorde Eldon levantou os olhos ao céu e replicou com ironia:

—Coisa que você nunca me deixa esquecer. — depois que Phelan se despediu e partiu, lorde Eldon acrescentou pensativamente: —Terei que procurar um lar para o menino quando Storm der a luz.

—Está sendo difícil encontrar quem se responsabilize por ele? — perguntou Colin, sinceramente interessado.



—Sim. É irlandês, e as pessoas não o querem por isso. — Lorde Eldon sacudiu a cabeça ao pensar.

—É um jovem sadio e muito inteligente. Sim, e tem caráter. Com um pouco de treinamento será um excelente soldado. Dizem que os irlandeses e os escoceses são da mesma casta — disse Colin, levantando ligeiramente uma sobrancelha.

—Agora sim — murmurou Eldon, cujos olhos mostravam que entendia muito bem Colin.

—Sim. Talvez possamos voltar a falar disso quando nascer o menino. Suspeito que será ruivo.

Lorde Eldon sorriu.

—Para seu clã não fará mal um pouco de cor. Está para vir uma tempestade. Melhor partirmos logo. — Olhou para Tavis. — Mandarei um recado quando nascer o bebê. — Aproximou-se dos cavalos, montou atrás de Storm e ordenou que um de seus soldados segurasse as rédeas do cavalo dele.

—Posso montar perfeitamente sozinha — protestou sua filha, indignada. — Não preciso que me leve como se fosse uma garotinha.

—Às vezes é tão insensata como uma criança — disse lorde Eldon extenuado enquanto se colocavam a caminho, e notou que Storm se esforçava para não olhar o homem que agora era seu marido. — Não deveria ter se casado com esse bandido, mas o fez, e agora foge dele. Não vai lhe dar uma oportunidade?

—Não. Não serviria para nada — respondeu ela em voz baixa, obrigando-se a crer em suas próprias palavras. — Se alegrará de que o deixe livre. Só atrapalharia suas libertinagens, e não penso ficar para vê-las.

—Suas libertinagens? Não é próprio de você acusar um homem sem ter provas.

—Tenho provas. Não estou acusando em falso. Katherine estava ali. Foi sua amante durante dois anos, me entregou para sir Hugh para me tirar da cama de Tavis. Agora está empenhada em recuperar seu lugar.

—Moça, você ficou muito tempo fora daqui e não pensava voltar. A castidade não é boa para um homem.



—Sei. Não falamos nada ao nos separar, assim não esperava que me fosse fiel. Os homens precisam de alguma coisa mais do que uma lembrança. Creio que, quando voltei a entrar em Caraidland, esperava que conversássemos, que meu filho fechasse o abismo que nos separa, o abismo do passado e das nossas origens. Mas é diferente vê-lo com outra. — Não viu que seu pai fazia uma careta. — Mesmo assim, parva de mim, creio que poderia ter passado por cima se não tivesse sido com essa harpia da Katherine. Por que está rugindo, pai?

—Porque a entendo. Lembra da vez em que o pai de Elaine a chamou para ficar com ele?

—Sim. Ah — exclamou Storm. — Nove meses depois lady Mary teve o meu irmão Tristan.

—Estive a ponto de perder Elaine por isso, e não entendia porque. Refletia como um homem, e não achava ter sido infiel por ter me servido de minha esposa. Elaine concordou, finalmente, em me escutar e explicou como ela via a situação. Uma mundana do povo não é mais que um objeto, uma vasilha desconhecida onde se aliviar, mas Elaine conhecia minha esposa, e lady Mary se encarregou de que ela não esquecesse nunca que tinha voltado a me deitar com ela. — riu baixo. — Isso não quer dizer que Elaine aceite que me sirva de uma rameira, às vezes. Se não agüentar nem um dia mais, procuro Elaine onde estiver. No final, economizo um monte de problemas.

Storm riu suavemente.

—Percebo pelo seu tom que na realidade não entende. Sim, entende o que pode significar com uma mulher, mas não com a outra. Uma não tem importância, porque não entrega o coração, a alma nem a mente, só o corpo. É só uma forma de aliviar uma necessidade. Mas você gostaria que Elaine fizesse o mesmo, que aliviasse essa necessidade com outros?

—Pelos pregos de Cristo, com as mulheres é diferente — grunhiu ele. — Elaine é minha mulher. Ninguém mais deve possuí-la.

—Então é estranho que não possa entender que ela sinta o mesmo, que a magoe pensar que está nos braços de outra, embora seja apenas por um momento e não coloque o coração nisso. Para ela não é algo sem sentido, porque não sente assim. Elaine só vê o prazer que lhe dá e não suporta pensar que dá a outra enquanto



ela dorme sozinha. Quando volta para seus braços, deve se perguntar que outros seios seus lábios acariciaram, que curvas suas mãos afagaram e se encontrou mais satisfação nelas. Da mesma maneira que você se perguntaria caso ela se deitasse com outro. Se perguntaria quando esse outro tentaria fazê-la sua de novo, porque sem dúvida lhe dera o prazer que considera apenas seu, e se ela não gostaria de partir por ter encontrado mais prazer em outros braços. Talvez até mesmo comparasse os dois, quando fizesse amor contigo.

Lorde Eldon franziu o cenho e olhou sua filha.

—As mulheres não têm as mesmas necessidades que os homens.

—Isso é uma tolice, papai. Se gosta de fazer amor, por que não aproveitar? Acha que a paixão de uma mulher se dissipa conforme sua vontade? Oxalá fosse assim. Acha que as mulheres não têm memória, que não recordamos quando nos deitamos sozinhas na cama, que não sentimos ferver de novo nosso sangue, que não sofremos quando não há ninguém que alivie nosso ardor? Acha que, depois de passar muitas noites sentindo essa ânsia insatisfeita, uma mulher não pode se procurar outro e desejar servir-se dele para encher esse vazio, sem que seu coração e sua cabeça questionem o que é certo ou errado? Querem que ardamos de desejo quando estão perto e que sejamos de gelo quando não estão. Esperam que sofram como vocês sofrem, mas que não nos queixemos quando procuram o alívio que para as mulheres é proibido.

—É isso que sente, princesa? — perguntou ele brandamente.

Storm demorou um momento em responder. Logo disse em voz baixa:

—Sim, e poderia matá-lo por isso. — Exalou um suspiro profundo e trêmulo.

— Diga uma coisa, papai, essa dor acaba por dissipar-se?

—Sim, embora algumas vezes, talvez sinta uma tristeza ao pensar no que podia ser e não foi.”

Storm pensou que uma simples espetadela seria o paraíso comparado com toda angústia que sentia nesse momento. Apoiando-se contra seu pai, fechou os olhos. Estava muito cansada e se sentia rasgada por dentro. O fluxo de suas lembranças, que tinha começado a enfraquecer, voltava a cortar como um facão. Não queria sentir o sabor do sangue que faria brotar.





Mais tarde, quando estava deitado com Elaine enroscada em seus braços, lorde Eldon sentiu ressoar de novo as palavras de Storm em sua cabeça. Sentia curiosidade de saber até que ponto eram verdadeiras.

— Elaine...

— Mmmm.? — Levantou a cabeça de seu peito para olhar para ele. — Achei que estava dormido.

— Não. — Afastou-lhe o cabelo do rosto. — Diga a verdade, Elaine. E não receie que eu a julgue. Quando estávamos voltando de Caraidland, Storm disse algo que me atormenta. Preciso saber se é verdade.

— Pois pergunte, Rodem. De mim não obterá mais que a verdade.

— Quando não estou contigo, deseja-me pelas noites? Sente a necessidade de que a ame e sofre porque não estou aqui? Sente essa ânsia, até o ponto de que poderia se deitar com outro homem, com qualquer um, só para aliviar seu desejo, se lhe permitisse isso seu coração e sua cabeça? Pensa em fazer amor?

— Sim — respondeu ela tranquilamente. — Acredita que deixo de desejá-lo só porque não está comigo? Sim, Rodem, sinto desejo, ardo e estremeço de paixão até temer ficar louca. — Sorriu um pouco quando ele a estreitou em seus braços, apertando-a com força. — Sei quando estou necessitada, dependendo de onde pousam meus olhos cada vez que vejo um homem. —riu com ele, aliviada ao ver que aceitava seu comentário com humor.

Eldon voltou a ficar sério.

— Quando volto, se pergunta quem saboreou meus lábios ou onde estiveram as minhas mãos? Pensa que talvez tenha gozado mais com outra mulher? Embora não seja mais que uma rameira e só me sirva dela, lhe dói pensar que outra me abraçou, embora seja apenas por um momento? Acredita que estou aliviando meus instintos, mas ao mesmo tempo pensa que estou dando prazer a outra, o prazer que você anseia e que não pode ter porque está sozinha na cama?



—Sim, e às vezes me dá vontade de me matar — respondeu ela em voz baixa. — Depois, quando volta, temo lhe mostrar até que ponto o desejo porque penso que talvez lhe repugne, e ao mesmo tempo receio que não possa me satisfazer por ter satisfeito suas ânsias com outra enquanto estava fora. — Acariciou seu largo peito enquanto falava.

—Desde que estive a ponto de perdê-la, não houve outras mulheres, nenhuma, nem sequer quando estivemos um tempo separados. Receava que minha paixão a assustasse, por isso me contive — disse ele com sereno assombro, e a deitou de costas. — Quanto me deseja? Esta é a primeira noite que passo em casa há dias e antes estava indisposta.

—Bom, se quiser que o comparemos com uma refeição, eu diria que agora acabei o primeiro prato. — riu quando ele a beijou com um grunhido, e a última coisa que pôde pensar com lucidez foi: «Que Deus a abençoe, Storm. “Espero que Tavis MacLagan esteja bem preparado para saber que contigo terá um tesouro».



Tavis MacLagan bebia e amaldiçoava Storm Eldon de todas as formas que sua mente encharcada de cerveja era capaz de raciocinar. Tinha tendência a amaldiçoar também a muitas outras pessoas, incluindo seus familiares sentados à mesa, que se indagavam se teriam que levá-lo para cama. Sua cólera escondia, entretanto, uma dor insidiosa e uma profunda preocupação pela mulher que logo daria a luz ao seu filho. Para falar a verdade, sentia medo por ela.

—Pelas barbas de Cristo — resmungou, olhando fixamente sua cerveja. — A primeira vez não falei e a segunda não me deixaram. Parece que estou condenado a vê-la partir com esse maldito lorde Eldon.

Colin conteve a risada.

—Diria que Eldon está em todas partes. Claro que, se eu tivesse uma filha como Storm, também estaria sempre alerta. Essa moça parece ter um dom para meter-se em confusões.



—As coisas teriam ido muito melhor se não tivesse estado se esfregando nessa mundana de Katerine.

Tavis deixou bruscamente sua jarra sobre a mesa e bufou:

—Queria que me convertesse num monge, Sholto? Não havia motivos para crer que Storm voltaria. Nem sequer tínhamos notícias delas. O que você iria fazer, ficar sentado pensando nela como um pirralho? — Se largou na cadeira. Parecia um menino carrancudo. — Ela não ficou pensando em mim.

—Não tenho muito boa opinião dos cavalheiros ingleses, tenho que reconhecê-lo, mas não os imagino circulando ao redor de uma mulher grávida de outro — disse Iain com deboche, e riu ao ver as expressões que desfilavam pelo rosto de seu irmão. — E de um escocês, além disso.

A confusão deu lugar à lucidez e logo à raiva no interior de Tavis.

—Raios e trovões, tornou a me enganar.

—Não, enganou-se sozinho, moço — disse Colin. — Está claro que a garota não é nenhuma libertina, que seria incapaz de saltar de cama em cama. Mas você sempre pensa o pior. Storm só se aproveita disso. Se quer recuperá-la, terá que refrear seu mau gênio e não se deixar irritar dessa maneira.

Tavis apurou sua bebida e se levantou.

—Tem razão. Se não tiver um ataque de nervos, no fim terá que me escutar e se dará conta de que seu lugar é aqui. — Saiu do salão com passo surpreendentemente firme para o muito que tinha bebido, e ao chegar à porta acrescentou: — Se isso não funcionar, agarrarei-a pelo cabelo e a trarei arrastada até aqui.



Capítulo 27

Passaram três semanas e o inverno se instalou com violência intermitente. Uma manhã tormentosa, ao despertar, Storm soube intuitivamente que ia seguir os passos de sua mãe. Há muitos dias que se sentia incômoda, mas nessa manhã seu mal-estar parecia diferente. Levantou-se e com ajuda de sua aia, se vestiu e desceu ao salão. Tinha presenciado suficientes partos, e inclusive ajudado neles, para saber que podiam passar muitas horas antes que começasse de verdade o parto.

Quando se serviu o jantar, compreendeu que não podia continuar ocultando que começara o parto. Elaine e algumas das mulheres que serviam no castelo estavam observando-a com tanta atenção que Storm tinha certeza que não se espantariam. E havia certa graça que, devido à celebração do aniversário de Andrew, a tormenta tivesse retido os Foster em Hagaleah. Parecia que, quando algo especial ocorria em alguma das duas famílias, os Foster e os Eldon sempre estavam juntos.

Não era unicamente seu orgulho de mãe o que a fazia pensar no nascimento de seu filho como um fato especial. Ao fim de algumas horas, o sangue de duas facções combatentes ficariam unidos em uma única criatura. O futuro herdeiro do castelo dos MacLagan chamaria avô (ou tio, em um futuro mais longínquo) de senhor de Hagaleah. Storm se deu conta de que continuava pensando que seu filho iria ser um varão, e sorriu de soslaio. Não era de se admirar, tendo Colin três filhos varões e seu pai seis. As filhas eram uma raridade em ambas as famílias.

—Papai... — disse, e teve que apertar os dentes ao sentir uma forte contração. Ao que parecia, seu filho estava impaciente para vir ao mundo.

Fez-se silêncio e todos os olhos se fixaram nela. Rodem Eldon não necessitou mais que um olhar para compreender que o menino estava a caminho. Um instante depois pôs a trabalhar seus servos com a precisão de um exército. Enquanto Storm tentava sustentar-se de pé com ajuda de Elaine, ele se aproximou e a levantou em braços.

—Engordei um pouco ultimamente, papai — protestou ela quando seu pai se pôs a andar.



—Demorou um pouco em nos avisar que tinha chegado o momento — grunhiu ele, e começou a subir as escadas para os aposentos de Storm.

Ela ofegou um pouco ao sentir outra contração e disse:

—Acreditava que ainda restavam horas.

—Também sua mãe e, se não tivesse subido os degraus de dois em dois com ela nos braços, teria nascido na mesma mesa em que estávamos sentados há alguns momentos.

Assim que lorde Eldon depositou Storm na cama, Elaine pediu que ele saísse dizendo:

—Aqui não pode fazer nada, Rodem. Isto é coisa de mulheres.

Lorde Eldon olhou desdenhosamente as jovens que rondavam por ali, atarefadas.

—Ora! Já trouxe mais crianças ao mundo com essas duas mãos que todas elas juntas. Fora todas! Não quero ninguém aqui dentro. Ficaremos só lady Elaine, Hilda e eu. — Sorriu divertido ao ver que as donzelas fugiam do quarto.

Embora lhe parecesse difícil falar enquanto Hilda lhe tirava rapidamente a roupa e suas contrações aumentavam, Storm disse:

—Algum dia se darão conta de que ladra muito, mas não morde, papai.

—Se o descobrirem, porei-as na rua — respondeu ele ao sentar-se na cama, a seu lado.

Quando chegou a seguinte contração, Storm se alegrou de que as grandes mãos de seu pai a contivessem, e se agarrou a sua força. Por um momento desejou que lorde Eldon fosse Tavis, mas se obrigou a afugentar aquela idéia. Não era momento para tristeza ou desejos, que só podiam debilitá-la. Trazer ao mundo seu filho são e salvo iria requerer todas suas forças e sua concentração. Não podia perdê-las pensando num homem que não estava ali, nem queria estar.

Eldon começou a lhe contar anedotas do tempo que tinha passado na França, com a intenção de mantê-la alerta e fazê-la esquecer da dor. Algumas delas não eram muito adequadas para os ouvidos de uma dama de elevado berço, mas até Hilda se



absteve de protestar ao ver que conseguiam que Storm não ficasse presa a dor. Eldon sabia que não era só das dores do parto que tinha que distrair sua filha: agora ele não podia permitir que a lembrança de Tavis MacLagan atormentasse Storm, o que não era fácil, já que na verdade ele estava na mente de todos.

—Dar a luz é um pouco indigno — disse Storm quando Hilda e Elaine voltaram a olhar entre suas pernas.

Rodem pôs-se a rir.

—Sim, certamente. Mas já não falta muito, Storm. Libere a dor, carinho. Não lute contra ela, porque isso só a faz mais insuportável. — Refrescou meigamente seu rosto com um pano úmido.

—Dói muitíssimo as costas — grunhiu ela. — Tenho que ficar deitada? Não pode ser de outro modo?

—Bom, as éguas parem de pé, mas o bebê poderia escorregar e morrer. — Lorde Rodem sorriu ao ver que Storm soltava uma fraca risada. — Talvez lhe doa menos as costas se a pusermos de joelhos.

Hilda e Elaine protestaram, mas os dois não ligaram. Storm ficou de joelhos com esforço e seu pai se sentou diante dela para animá-la e servir de apoio. Elaine se queixou de que assim não era fácil ver o que acontecia, mas reconheceu que podiam da um jeito. Storm se alegrou tanto de que deixasse de lhe doer as costas que não se importou se incomodava os outros.

—Papai, se algo sair mal... — disse com voz débil quando os dores começaram a piorar.

—Não diga isso, filha — a repreendeu Rodem brandamente, dissimulando sua preocupação, porque Storm era muito miúda e o parto estava demorando. — Traz má sorte, estou certo.

—Não, tenho que dizê-lo. Assim ficarei mais tranqüila. Tem que levar o menino para Tavis. Pode ser que seja um bêbado e que levante todas as saias que vê, mas será um pai excelente. Até para uma menina. Promete?

—Sim, carinho, embora não será preciso. Só está cansada. — Sentiu o ruído do vento golpeando as muralhas e esboçou um sorriso. — Será igual a sua mãe.



Também havia tormenta quando veio a esse mundo. Hilda e eu que a ouvimos chorar pela primeira vez. Está bem que vamos ouvir também o primeiro pranto de seu filho. Um neto. Começo a me sentir velho.

—Isso não, papai. Você sempre será jovem. Estará ainda vivinho e abanando o rabo quando seus filhos forem avós.

—Deus não queira. Empurra agora, Storm — a animou ele, e sentiu que o corpo de Storm reagia.

Storm compreendeu vagamente que já não tinha controle sobre seu corpo. A natureza e o instinto controlavam as rédeas. A dor estava aí, mas já não estava mais consciente dela. Apenas sabia que precisava empurrar, empurrar com todas suas forças. Cada palmo de seu corpo se concentrou em dar a luz ao bebê. Foi consciente do instante em que o bebê saía de seu corpo e conteve o fôlego, como todos outros, até que um pranto agudo encheu a habitação.

—Um belo menino, Storm — anunciou Eldon com voz ligeiramente trêmula.

Muito cansada para falar, Storm assentiu com a cabeça e sorriu, mas um instante depois compreendeu que algo corria mau. As contrações deveriam ter cessado, e no entanto estavam mais fortes do que nunca. Seu ventre se contraía como se quisesse ainda expulsar o bebê. Desconcertada, olhou o rosto fatigado de seu pai.

—Algo vai mal — ofegou, e viu que seu pai empalidecia. — Creio que não acabei.

Eldon tocou seu ventre e descobriu que continuava tenso e inchado e que ainda se contraía. Ficou mudo de assombro um momento. Elaine e Hilda ficaram em pé com um salto, e ele soltou uma risada.

—Não acabou. Ainda falta outro para nascer. Deveria ter me dado conta, estando tão gorda... Agüente, pequena, com certeza esse é o último. Logo poderá descansar e desfrutar de sua façanha.

Depois do nascimento de sua filha, Storm teve a sensação de que, em lugar de descansar, iria desmaiar. Estava fragilizada, com o olhar fixo em seus bebês, enquanto a limpavam, trocavam os lençóis de sua cama e lhe colocavam uma camisola limpa. Quando aproximaram os bebês de seu peito, seus olhos se encheram



de lágrimas. Seu coração se encheu de amor e de assombro, apesar dele estar esmigalhado pela dor que tinha causado amar o pai das crianças.

O menino tinha o cabelo vermelho, e Storm compreendeu que não descansaria até poder ver de que cor seriam os olhos. Sua filha tinha o cabelo negro, e Storm sentiu de novo o desejo de ver de que cor seriam seus olhos. Embora menor que seu irmão, parecia igualmente sadia.

—São como Tavis e eu, mas ao contrário — disse em voz baixa quando os gêmeos foram depositados no berço. Logo deparou com o olhar preocupado de seu pai. — Não tema. Irei esquecê-lo. — Fechou os olhos com um suspiro e sentiu que o sono se apoderava dela como uma maré incontrolável. — Meu Deus, poderia amá-lo tanto...

Lorde Eldon afastou o cabelo do rosto de sua filha adormecida.

—E ele também, carinho. Ele também.

—Realmente acredita nisso, Rodem? — perguntou Elaine em voz baixa, ao seu lado.

—Sim, e se não se deixasse cegar pela dor, ela também acreditaria. — Sacudiu a cabeça. —Tavis não conseguiu apaziguá-la no dia que se casaram, porque Storm o surpreendeu nos braços de outra mulher que já tinha compartilhado sua cama antes dela. — Rodeou os ombros de Elaine com o braço.

Os olhos de Elaine se encheram de lágrimas de compaixão.

—Pobrezinha, sofrer esse golpe sendo tão jovem.

—Me deu vontade de matá-lo. Que roubou sua inocência já era motivo suficiente, mas eu sabia que Storm não mentia quando disse que ele podia tê-la subjugado a qualquer momento, que com paciência poderia tê-la seduzido sem uma só queixa de sua parte. E quem sou eu para julgar um homem por possuir uma mulher que deseja e que não o recusa? Não, mas eu quis matá-lo por fazê-la sofrer, pela aflição que a atormentava dia e noite. Entretanto não me dei conta do muito que sofria até que voltamos para casa no dia das bodas.

—Os filhos têm que crescer, têm que sofrer. Assim deve ser. Os pais não podem protegê-los de todas feridas que a vida inflige— disse ela com serenidade,



tentando aliviar sua dor. — Por que já não deseja matá-lo, Rodem? O que fez mudar de idéia?

—Ele também estava sofrendo, parecia torturar-se tanto quanto ela, a tal ponto que não podia ocultá-lo. Saltava à vista. Dava-se conta do que tinha perdido, e que talvez não pudesse recuperar. Não podia matá-lo por não conhecer o seu próprio coração. Ele já fez bastante mal a si mesmo .

Quando se viraram para sair do quarto, Elaine perguntou:

—O que vai acontecer agora?

—Com esse tempo, MacLagan terá que ficar em Caraidland até que Storm se recupere por completo, mas não me resta dúvidas de que baterá a nossa porta. Agora tem que pensar em seu filho.

—Parece acreditar que é importante que Storm esteja recuperada.

—Sim. Não seria bom para nenhum dos dois que MacLagan conseguisse o que quer com excessiva facilidade. Devem renovar seus sentimentos e esclarecer mal-entendidos. — Sorriu. — Storm não se deixará abrandar facilmente.

—Vá, Rodem, acredito que está desejando que se enfrentem.

Rodem riu brandamente.

—É certo. Storm fica magnífica em plena batalha. Bem — disse quando entraram no salão, — onde se colocou esse maldito escocês que está quase duas semanas rondando por aqui?

Angus tinha usufruído bastante de sua estadia em Hagaleah. Depois de deixar alguns homens da guarda de lorde Eldon machucados, Rodem o tratou como um igual. Embora certamente jamais lutariam lado a lado, alegrava-se de que nunca mais voltassem a se enfrentar na ponta de espada.

Finalmente quando Rodem conseguiu se afastar de seus familiares, amigos e soldados, Angus ainda estava perplexo e divertido com a notícia. Um filho de Tavis teria concretizado suas esperanças, mas que tivessem nascido dois parecia quase um milagre. Pediu que repetissem duas vezes a notícia, e se limitou a sacudir a cabeça.

—A moça já decidiu como vão se chamar? — perguntou por fim.



— Imagino que sim, mas ainda não me disse. — Eldon contemplou a tormenta.
— Saberá antes que possa partir para Caraidland. Escreverei uma carta para MacLagan para que a entregue.

— Estará aqui assim que for possível viajar.

— Sim, virá em seguida, mas terá que esperar até que minha filha se recupere por completo.

— Quer que a moça esteja bem recobrada para a batalha, né?

Rodem sorriu.

— Sim. Não quero que comecem seu casamento com tantas coisas para esclarecer.

— Sim. Terão que se entender, sem dúvida. Enfim, partirei assim que melhore o tempo. O menino está louco de impaciência, sem saber o que sucede com a moça.

Dizer que Tavis estava «louco de impaciência» quando Angus enfim chegou a Caraidland mais de uma semana depois, depois de uma árdua viagem, teria sido muito pouco. Há um mês estava ansioso por notícias de Storm, fossem quais fossem, mas quando viu Angus não quis ouvir nada.

Agarrou-se aos braços da cadeira em que estava sentado e esperou angustiado que Angus entrasse no salão. Embora os homens não participassem dos partos, sabiam como se desenvolviam e quais eram seus riscos. Frequentemente, os gritos das mulheres se ouviam de longe. Com muita frequência a mãe morria, porque ninguém conseguia deter a hemorragia, ou por causa da febre que costumava acontecer depois do parto. Às vezes seu sacrifício não servia para nada, pois o bebê nascia morto ou doente e não sobrevivia a sua mãe.

Todas aquelas desgraças atormentavam Tavis. Não recordava o quanto Storm era forte e sadia, mas como era pequena. A idéia de que as dores do parto sacudissem seu corpo o torturava em sonhos. Às vezes se alegrava de não estar ali para ver, mas com mais frequência desejava estar ao seu lado, como se sua presença e sua força pudessem aliviá-la e manter afastadas as trevas que circundavam, ameaçadoras, o leito de uma parturiente.



Quando Angus entrou por fim seguido de muita gente, sua tensão se dissipou em parte. Não era possível que sorrissem assim, se algo tivesse saído errado. Angus tinha se afeiçoado a Storm: ele não estaria tão contente, se tivesse acontecido algo. Angus não teria voltado para Caraidland se o menino não tivesse nascido ainda, Tavis sentiu que a euforia se agitava dentro dele.

—E Storm? — perguntou com voz abafada quando Angus se deteve na frente de sua cadeira.

—A garota está bem, embora um pouco mal-humorada por que a alimentam e tratam como uma inválida. Antes que partisse, expulsou o seu irmão Andrew do quarto atirando um urinol em sua cabeça.

—Angus — grunhiu Tavis, — nasceu o menino?

—Sim. Por que, então, iria estar aqui? — Julgou pela expressão cada vez mais sombria de Tavis que já tinha abusado bastante de sua paciência. — Sim, tem um filho. — Esperou até deixar de ouvir os gritos de contentamento. — Acredito que vai ser um jovem grande e forte. Tem o cabelo vermelho e parece que terá os seus olhos. Storm o chamou de Taran, que significa trovão em gaules. — Sorriu. — A mãe de lorde Eldon nasceu em Gales. Era o nome do avô de Storm, ou seria do seu bisavô? Tanto faz. Acredito que sirva como uma luva. Chora a plenos pulmões. A verdade é que tem uma fileira de nomes: Taran Rodem Colin MacLagan. A garota diz que assim ela economizaria discussões.

Tavis aceitou às cegas uma jarra de cerveja e agüentou algumas palmadas nas costas.

—Meu Deus, um filho...

—Ainda não acabei — exclamou Angus, e o ruído cessou de repente.

—Mas disse que Storm estava bem, — Sholto exclamou, dando voz a confusão que Tavis sentia.

—Sim, está bem. Parece pequena, mas é forte como um touro.

—Então, o que mais terá para dizer, cabeça de noz? — bramou Colin, perdendo a paciência.

—Tavis tem uma filha.



—Maldito seja, Angus, acabou de dizer que era um menino.

—Sim, mas também tem uma filha. Tome, moço, beba um bom gole. Parece um pouco pálido.

Tavis sentia-se enjoado.

—Tenho um filho e uma filha. — Bebeu um longo trago. —Gêmeos?

Angus assentiu com a cabeça.

—Sim, gêmeos. A menina tem o cabelo negro e os olhos parecem com os da mãe. É um pouco pequena, mas está bem. Puseram nome de Aingeal, pela mãe de Storm. Aingeal Vanora Ou'Conner MacLagan. Também colocaram o nome de sua mãe. É um pouco mais tranqüila que o menino, mas não é nada dócil.

—Tendo os pais que tem, não se atreveria a ser — murmurou Colin. —Storm é tão pequena... Custa acreditar que tenha tido gêmeos. Gêmeos vivos e sadios. Está seguro, Angus?

—Os vi com meus próprios olhos. Sim, e menina Storm também está inteiramente recuperada — repetiu, adiantando-se à pergunta de Tavis. — O Lorde Eldon enviou uma carta.

Tavis ficou olhando o pacote e quase se pôs a rir.

—Uma carta? Parece um livro.

Com um suspiro, começou a ler a longa carta de seu sogro. Outros celebraram alegremente o nascimento de seus filhos sem a participação do risonho pai. Se algum deles tinha receado daquelas bodas, suas dúvidas se dissiparam. A origem de Storm não era nada comparada com o fato de que tivesse dado a luz ao herdeiro de Tavis. Havia, de fato, trazido ao mundo duas crianças sadias em seu primeiro parto. Aquela assombrosa façanha atribuíram a sua herança irlandesa e ao fato de que seu amante fosse escocês.

Tavis sentiu ao mesmo tempo raiva e regozijo ao ler a carta de lorde Eldon. Aquele lorde estava se tornando rapidamente um homem que Tavis lamentava já ter levantado sua espada. Suas palavras continham uma nota de recriminação, mas Tavis o entendia. Eldon fora forçado a aceitar em sua família um inimigo que, por direito, deveria ter atravessado com sua espada.



A carta relatava com detalhes o nascimento dos gêmeos, coisa que Tavis lhe agradeceu sinceramente. Era quase como ter estado ali. Sentia-se ao mesmo tempo agradecido e zangado com Eldon. Reconhecia que estava com ciúmes por que Eldon estivera presente no parto, mas não podia evitar de estar também agradecido por ele ter estado ali para apoiar Storm. Sentia, além disso, ciúmes pelo afeto evidente que unia pai e filha.

Aqueles sentimentos empalideceram, entretanto, quando seguiu lendo a carta. Eldon queria que esperasse mais um pouco antes de procurar Storm e seus filhos. Quase um mês inteiro. Continuando, como se quisesse jogar sal na ferida, dava-lhe conselhos sobre como tratar Storm quando se vissem.

—Esse diabo de homem me diz como tenho que tratar Storm — grunhiu, jogando a carta para Colin.

—Bom — disse Sholto com ironia, — deve reconhecer que até agora não se deu muito bem. — Esquivou-se do soco de Tavis.

—Vamos, vamos, Tavis — disse Colin entre as risadas dos outros. — Lorde Eldon tem razão.

—Sim, droga. Também diz que não poderei vê-la daqui há um mês ou mais. Ainda devo esperar.

—Dá uma razão muito convincente, uma razão que demonstra que pensa no que mais lhe convém. É correto que as mulheres estão muito sensíveis depois de ter um filho. É melhor que não a veja antes dela estar com disposição para conversar. Quer que o escute. Agora, é pouco provável que o faça. Assim deve esperar.

—Storm sempre foi temperamental — grunhiu Tavis, recordando sua risada, sua compaixão, sua raiva e sua paixão, que ela demonstrava tão abertamente.

—Sim, mas as mulheres ficam diferentes quando esperam um filho e também durante um tempo depois de tê-lo — disse Malcolm, que tinha seis filhos, e alguns homens que estavam casados e tinham família assentiram com a cabeça. — Uma mulher que nunca chora pode converter-se em uma cascata e outra que nunca se zanga virar uma autêntica fera. Além disso, não há maneira de conversar com elas. Só podemos tranquilizá-las, tentar não perder a calma e esperar que passe. Não é



momento para resolver problemas. Eldon tem razão nisso. Só pioraria as coisas. Espere até que ele acha oportuno.

Colin olhou Tavis.

—Por isso diz aqui, que tem muito a ganhar, se esperar.

Tavis suspirou e massageou suas têmporas. Eldon lhe contava na carta a conversa que tivera com Storm no caminho de volta, depois das núpcias. Saber o que sentia Storm o excitava a ponto de fazê-lo sentir extremamente desconfortável. Custava entender que uma mulher sentisse essas coisas, no entanto não se sentia enojado, nem a considerava impudica ou libertina. Só desejava estreitá-la entre seus braços. Essa era, naturalmente, uma razão excelente para esperar um pouco mais. Storm não poderia deitar-se com ele ainda, e Tavis duvidava que pudesse aproximar-se dela sem desejar meter-se na cama com ela vários dias seguidos.

—Deus — grunhiu, — parece que não faço outra coisa a não ser esperar uma oportunidade para consertar as coisas.

—Espera para conseguir o que alguns de nós não encontramos nunca — disse Iain em voz baixa. — Vale a pena.

Tavis só pôde assentir sinceramente com uma inclinação de cabeça.



Capítulo 28

Storm caminhava para o salão com seu filho nos braços e Phelan ao lado. Elaine a acompanhava com sua filha, Aingeal, que fazia alegres gorjeios. Os gêmeos já tinham três meses e estavam fortes e cheios de energia.

A diferença de outros senhores feudais, Eldon não impunha normas férreas a respeito do uso do grande salão do castelo. Acreditava que ele deveria ser um lugar onde todos se misturassem livremente, de modo que as mulheres se sentavam com os homens e freqüentemente havia crianças correndo por toda parte. Se precisava discutir algum assunto sério com seus soldados ou com alguma outra pessoa, simplesmente evacuava o salão. Algumas pessoas viam com maus olhos aquele costume, mas nenhuma delas era de Hagaleah.

O inverno tinha sido duro, mas fazia um tempo surpreendentemente bom para meados de março. A primavera estava batendo nas portas. Storm se negava a recordar uma morna noite de março, fazia um ano. As lembranças só conseguiam entristecê-la, e estava farta de sofrer. Apesar de tudo, as lembranças a assaltaram quando se aproximou do salão, e teve que parar um momento. Ouvia o murmúrio das vozes dos homens e tirou o chapéu aguçando o ouvido para distinguir uma em particular. O rosto de Elaine não deixava entrever nada.

—O que acontece, Storm? — perguntou Phelan ao ver que sua prima parava.

—Não estou certa. Tenho a impressão de que não vou gostar do que encontrarei hoje no salão. — Lutou para afugentar seus temores e continuou andando, mas se deteve na porta e olhou com raiva aos presentes. — Tinha razão.

Ficou olhando Tavis um tempo, tentando separar sua cólera da onda de emoções que sentia envolvê-la. Não foi fácil, porque sabia que ainda o queria, que ainda sofria por ele. Sabedora de quem tinha deixado Tavis entrar em Hagaleah, voltou-se para seu pai, mas somente viu nele um sorriso inocente que não a enganou nem por um segundo e que só conseguiu aumentar sua raiva. As tentativas de Elaine para tranquilizá-la tampouco surtiram efeito.



Tavis prestou pouca atenção ao seu evidente aborrecimento. Extasiava-se na contemplação de seu esbelto corpo como um homem sedento que aplacasse, subitamente, sua sede. Tentando controlar o desejo que se agitava dentro dele, voltou o olhar para seus filhos. A emoção o comoveu ao olhar sucessivamente, uma e outra vez, a ruiva cabeça de seu filho e o cabelo negro de sua filha. Já tinha assumido que era pai, mas de repente aquele sentimento o inundava por completo.

—O que faz aqui? — perguntou Storm asperamente, aproximando-se da mesa. — Ficou sem nenhuma meretriz em Caraidland e veio procurar aqui? Chegou tarde. Elaine limpou a casa há meses.

—Bastou como boas-vindas, Storm — disse Rodem com ironia, mas havia uma nota de regozijo em sua voz.

Tavis lançou um olhar de irritação ao seus parentes, que riam baixo como todos outros; logo voltou a olhar Storm e lutou por refrear seu aborrecimento.

—Vim ver meus filhos e falar contigo.

Storm se sentou junto ao seu irmão Andrew e o olhou gelidamente.

—Aqui os tem. Olhe-os o quanto quiser. — Tentou não sentir nada quando ele se aproximou. — Quando acabar, pode partir.

Andrew cedeu sua cadeira e Tavis estendeu os braços para seu filho.

—Posso segurá-lo?

Storm lhe deu o menino sem dizer uma palavra. Via o brilho de aborrecimento de seus olhos, e no entanto sua voz soava tranqüila. Aquele indício de que Tavis estava se dominando a inquietava mais que qualquer outra coisa, porque demonstrava que estava decidido a sair-se bem contra ela naquele assunto. E quando se empenhava em sair-se bem era um inimigo formidável, tão formidável que Storm começou a assustar-se e procurou que ele não se desse conta.

Apenas o fato de estar sentada ao seu lado já a fazia se derreter toda. Custava manter sua atitude gélida. Desejava jogar-se em seus braços e ficar ali até que ele sufocasse o fogo que ardia nela há meses. Respirar seu aroma limpo e viril a transtornava.



Tavis, ao menos, viu-se livre daquele tortura durante um tempo. Abraçar seu filho e logo sua filha tinha esvaziado sua mente de todo o resto. Assombrado, tocou-os de cima abaixo, dos cachos sedosos aos diminutos dedos dos pés. Naquela época, ter um filho são era uma bênção. E ele tinha dois.

Os homens, em geral, relacionavam-se pouco com as crianças, apesar disso Storm notou que a sua família e a de Tavis se pareciam também nisso: os MacLagan não se envergonhavam de abraçar uma criança e alegrar-se em sua companhia. As crianças foram passando de mão em mão entre sua família escocesa. Como acontecia com seu pai, Storm viu como aquelas mãos calosas, que podiam empunhar uma espada com mortífera precisão, seguravam os bebês com terna e amorosa firmeza. Os MacLagan, como os Eldon, compreendiam que aqueles bebês eram o futuro; que não perdiam nem um pouco de sua virilidade em alegrarem-se com a existência de umas crianças que, conforme à promessa de Deus, assegurariam a sobrevivência do ser humano.

Quando se encontrou com os braços vazios, Tavis voltou a sentir imediatamente a necessidade de estreitar Storm neles. Sentada ao seu lado, ela bebia uma caneca de cerveja e não dava sinal algum de querer que a abraçasse. Era difícil de acreditar que um dia ela havia passado as noites em claro, desejando-o.

—Já abracei meus filhos. Agora quero falar contigo.

—Tem certeza que tem tempo? É tarde. Haverá alguma empregada esperando-o?

—Pelos pregos de Cristo, Storm, não estive com nenhuma mulher — respondeu ele, fechando os punhos.

Olhou-o fixamente.

—Seriamente? — disse com ironia. — Imagino que estava contando os dentes de Katherine com a língua para não molhar os dedos. — Em seguida percebeu que o seu comentário provocava risadas mal dissimuladas.

—Então já começou — murmurou Colin ao sentar-se junto de Eldon, e havia uma nota de risada em sua voz.

—Eu adoro ver Storm enfurecida — disse Eldon. — Tem uma língua terrível.



—Saiu ao seu pai — disse Colin tranquilamente, e sorriu quando Eldon o olhou com fingida indignação.

—Não — disse Tavis, — mas não vou lhe explicar isso diante de toda essa gente. Quero privacidade.

Storm engoliu sua cerveja, deixou bruscamente a caneca sobre a mesa e se levantou de um salto.

—Pode ter toda a privacidade que quiser, mas não comigo. Conheço muito bem seus truques, Tavis MacLagan.

—É claro que sim — bufou ele, ficando em pé diante dela. — Implorou que eu os utilizasse várias vezes.

—Até as coisas mais vulgares são desejadas quando estamos aborrecidas — ronronou ela enquanto fazia força para não ruborizar.

Elaine sufocou um gemido.

—Rodem, não estão revelando muitas intimidades? Não deveria fazê-los sair?

—Não. As discussões íntimas são as melhores — respondeu Eldon alegremente, e sorriu quando Colin concordou vigorosamente com a cabeça. — Não se preocupe, Elaine.

Compreendendo que começava a encolerizar-se, Tavis tentou refrear sua ira.

—Não quero discutir contigo.

Para Storm aquilo não pareceu bom.

—E eu não quero falar contigo. Definitivamente.

—Pois vai fazê-lo e vai me escutar, danação. — Tavis já não tentava refrear seu aborrecimento.

—Ah, sim? Bem você deve saber, já que sem dúvida vem dos braços da maior vadia de toda a Escócia. Estou certa que Kate ficará encantada ao escutar as lindas mentiras que lhe contar.

—Pelas chagas de Cristo, mulher, não vejo Kate desde que o seu irmão e você ameaçaram fazer picadinho dela.



—Chamou Storm de rameira— murmurou Colin quando Rodem lançou a seu filho um olhar de recriminação.

—Ah, bom. — Rodem sorriu para Andrew. — Tavis estava se deitando com essa tal Katherine?

—Oh. Não — respondeu Colin enquanto Storm expressava com veemência sua preocupação pela boa saúde de Katherine MacBroth. — Acredito que Storm o pegou quando tentava aproximar-se dela pela primeira vez. A garota já estava há duas semanas em Caraidland. Tavis não esteve com nenhuma outra mulher desde que conheceu Storm. Posso jurar.

—Se tivesse me escutado em vez de me jogar uma faca... — começou a dizer Tavis, seguindo-a até a janela.

—Não queria escutá-lo. Não quero escutá-lo. Já escutei muitas vezes. Não são mais que palavras vazias e promessas sem sentido. — Olhou pela janela e acrescentou em voz baixa: —Quando desejei que falasse, manteve-se em silêncio. Na segunda vez estava disposta a escutar, inclusive esperava ouvir suas palavras, mas já tinha a boca ocupada em outra coisa.

Tavis empalideceu ligeiramente. Rodem não tinha falado nada daquilo em sua carta. Parecia muita crueldade, que ele tivesse perdido outra chance. Tampouco Rodem havia contado que o pior não era que se deitara com outras, e sim com a escolhida para fazê-lo, mas de qualquer maneira Tavis tinha começado a suspeitar por sua própria conta. Deixava-o doente saber que, por culpa de apenas um beijo que se forçara a desfrutar, fosse obrigado a passar quatro meses de inferno e não tivesse podido estar junto de Storm durante sua gravidez e o nascimento de seus filhos. Duvidava que algum outro homem tivesse que pagar um preço tão alto por algo tão ínfimo. Aquela convicção não contribuía para manter o tênue domínio que exercia sobre suas emoções.

Qualquer coisa que fosse responder, ficou abafado pelo pranto de seu filho. Para bebê pouco importava que estivessem discutindo assuntos importantes. Tinha fome. Ao ouvi-lo chorar, sua irmã contraiu o rostinho como se, de repente, recordasse que fazia tempo que não comia também.

Suspirando, Storm foi recolher Taran do braços de seu tio Sholto, que parecia sobressaltado pelo pranto do menino. Elaine segurou Aingeal e saiu do salão atrás de



Storm, indagando-se o que iria acontecer. Storm se alegrou por aquela interrupção que lhe permitiu escapar de Tavis.

—Vai ficar aí parado como uma pilha de esterco?

Tavis olhou mal-humorado ao seu sogro e replicou:

—Tem que dar de mamar aos meninos.

—Estou certo de que não vai fazer nada que já não tenha visto— respondeu Rodem com ironia. — A não ser que seja um completo imbecil, coisa que começo a suspeitar, perceberá que foi para seu quarto, um lugar perfeito onde esconder-se se não quiser escutá-lo.

Por um momento, Tavis não soube se deveria se defender do insulto que Rodem tinha lançado com tanta suavidade ou se seguia seu conselho.

—Vou sair. — Grunhiu, e saiu do salão.

—Que possibilidades acha que tem? — perguntou Sholto quando Tavis partiu.

—Storm não pode se esquivar enquanto dá de mamar as crianças, e além disso tentará não perder a tranquilidade tendo os bebês em seus braços. Isso dá a Tavis uma vantagem importante.— Eldon sorriu. —Claro que, assim que ela deixar de ter as crianças nos braços, Tavis poderá ter vantagem sobre ela. Em questão de esposa, se todo o resto falhar, o melhor é seduzi-las. — Ergueu sua caneca junto com outros homens, que não paravam de rir. —Passará um bom tempo antes que voltemos a vê-los.

Quando Tavis viu Storm com Taran no peito, não desejou precisamente seduzi-la. Fechou a porta após a saída de Elaine e tentou não atirar-se sobre sua mulher. Por um momento sentiu um ciúme feroz de seu filho, cujas mãozinhas tocavam aqueles seios grandes e cor de marfim, cuja boca se movia avidamente sobre o mamilo e cujo corpo roliço, amparado amorosamente pelos braços esbeltos de sua mãe, era tudo o que ele ansiava. Dizendo-se que aquilo era absurdo, obrigou-se a olhá-la nos olhos e a pensar em outras coisas.

Mas o fogo continuava ardendo em seus olhos e Storm, o reconheceu, sentiu que seu corpo se incendiava, o que não a agradou absolutamente.

—Não sabe quando uma batalha está perdida, MacLagan?



—Está perdida? Prefiro acreditar que não. Me escute primeiro, pequena. Não perde nada.

Ela olhou a cabeça de seu filho e não voltou a levantar os olhos. Não desejava escutá-lo, mas sabia que fora pega. Tavis vacilou um instante, sem saber como começar. Em seguida respirou fundo e simplesmente começou a falar.

—Quando partiu, depois da batalha, soube em seguida que tinha cometido um grande erro. Mas tenha em conta, Storm, que seu pai acabava de nos ajudar a salvar nosso castelo, fossem quais fossem seus motivos. Iria contar tudo o que tinha acontecido entre nós quando a sede de sangue da batalha ainda corria pelas veias de todos? O sangue de nossas famílias teria manchado o chão.

—Pretende me fazer acreditar que agiu por motivos nobres? — perguntou ela com suave sarcasmo.

—Não, mas em parte foi isso o que me motivou a permanecer em silêncio. Serei sincero contigo, Storm. Desejava-a em minha cama, não queria que partisse, mas acreditava que era somente isso. E não podia dizer isso a Eldon. Não pode pedir que um homem deixe usar sua filha como amante, a sua única filha e sua primogênita. Não soube o que queria de verdade até que partiu, e ainda assim, demorei um tempo para compreender.

—No entanto não me enviou nenhuma palavra. — Colocou Taran adormecido no berço e começou a amamentar Aingeal.

—Conforme eu via, erradamente, o que eu desejasse não alterava as coisas. Você continuava sendo uma Eldon, uma inglesa. Ainda que soubesse que tínhamos sido amantes, seu pai não aceitaria de bom grado que eu a cortejasse. Um senhor da elite da Inglaterra não casa sua única filha com um escocês, com um inimigo da fronteira, mesmo sendo um nobre. Não pode me reprovar por chegar a essa conclusão.

Ela olhava Aingeal fixamente enquanto avaliava suas palavras. Parecia tudo muito lógico. Tavis não disse nada. Queria deixá-la pensar um momento porque conhecia a força de seus argumentos. Explicar o que tinha feito depois seria muito mais difícil.

—Mas não lamentou muito tempo, não é verdade, Tavis?



—Sim, pequena. Desde que se foi com sua família até que apareceu para me dizer que em breve seria pai, estive zangado e bêbado quase todo o tempo. Amaldiçoava-a por partir e logo me amaldiçoava por lhe deixar partir. Às vezes pensava que devia ser você quem fosse para mim, e outras me dava vontade de sitiar Hagaleah para te recuperar. Às vezes a odiava e um instante depois a desejava como um louco, apesar de saber que tudo tinha acabado entre nós.

Storm se levantou, depositou Aingeal no berço e, de costas para Tavis, lavou com cuidado os seios.

—Assim decidi procurar consolo na mulher que esteve a ponto de causar minha morte nas mãos de sir Hugh. Sim, e a de seus filhos também.

—Não, Storm. — colocou-se diante dela quando Storm se sentou na cama para prender a camisa. — Kate chegou em Caraidland apenas duas semanas antes que você voltasse. Mostrou-se doce e acolhedora.

—Não tenho a menor duvida — replicou Storm. — Disponível como estava, mais que disposta a aliviar sua alma atormentada.

—Sim, mas eu mal a percebi até esse dia, maldita seja minha sorte. — Storm tinha deixado bruscamente de mexer na roupa para olhá-lo, e Tavis tentou não cobiçar a deliciosa rigidez de seus seios. — Passei muitas noites sonhando com a lembrança de algo muito doce que acreditava ter perdido para sempre. Mas outras vezes a odiava e a amaldiçoava por me fazer passar por esse inferno. Meu Deus, Storm, sofria por você, passava as noites insone me contorcendo de desejo. Assim passei três meses. E os sonhos não bastavam para aliviar minha dor.

O tom de sua voz, e o fato de que ele estivesse descrevendo um inferno que ela mesma, conhecia intimamente, mantinha Storm enfeitiçada. Mas mesmo assim uma fria pontada de medo se agitava em suas entranhas: medo que lhe confessasse que se serviu da condescendente Kate. Podia compreender, mas isso não tornaria mais suportável o golpe.

Tavis viu refletido o temor em seus grandes olhos e estendeu a mão para tocar sua face. Sentiu uma tênue esperança quando, em lugar de afastar-se, Storm ficou muito quieta, com os olhos ambarinos fixos nos seus. Justificar-se com ela estava sendo muito mais simples do que imaginava. E era mais fácil quanto mais perto parecia estar da ansiada recompensa.



—Não negarei que pensava me deitar com ela. — Sentiu que ela dava um salto. — Sim, tentava me convencer que podia aliviar essas noites insuportáveis, me consumir com Kate e dormir enfim, sem que você torturasse meus sonhos. Iria ser uma batalha, pequena. Sabia antes de beijá-la. Tive que me esforçar para acender uma minúscula faísca, mas não queria acabar meus dias como um monge, como um imbecil vivendo num sonho. Ah, Storm! Juro que não me deitei com nenhuma mulher depois que a conheci. Juro pela minha honra.

Acreditou. Vagarosamente, com dedos tão trêmulos como os que acariciavam sua face, começou a desamarrar seu vestido. Tavis não disse nada quando se levantou e tirou a roupa.

—Parece faminto, Tavis MacLagan — disse ela delicadamente ao começar a desabotoar o espartilho.

—Estou quase morto de fome — respondeu com voz rouca enquanto começava a deslizar as mãos por sua esbelta figura e tirava os sapatos dos pés. — Essa visão é que mantém faminto.

Os lábios de Storm se moveram sobre seu peito. Tavis deixou escapar um gemido de prazer. Tirou as meias, deixou-as cair e ouviu que ele as afastava com um chute. Sentando-se na cama, seguiu beijando seu ventre tenso ao mesmo tempo que desabotoava seus calções. Quando eles caíram no chão e Tavis se afastou, não fez nenhuma tentativa de ocultar sua admiração. A realidade era muito melhor que um sonho.

—Essa visão, Tavis? — murmurou, e deslizou a língua por seu umbigo enquanto movia as mãos brandamente por seu musculoso traseiro — Ou essa? — sussurrou ao levar seus beijos mais para baixo.

Tavis deixou escapar um grito estrangulado quando sua talentosa língua rendeu homenagem a sua paixão. Quando sentiu que ela colocava seu membro na boca úmida e quente, quase caiu de joelhos. Afundando as mãos em seu cabelo, afastou-a e se inclinou para beijá-la brandamente. Logo se agachou diante dela. Ansiava possuí-la, mas necessitava algo mais.

Storm estremeceu quando ele lambeu ansiosamente seus seios, chupando seus mamilos endurecidos com avidez mal dissimulada. Suas mãos a tocavam em todas as partes onde alcançavam. Quando lhe beijou a barriga e em seguida mais



abaixo, esticou-se, pouco acostumada ainda com aquela intimidade, mas ele resistiu as suas tentativas de afastá-lo.

—Não — disse enquanto esfregava o nariz contra seu púbis sedoso e acobreado. —Preciso provar de novo seu sabor.

Acariciou as esbeltas coxas de Storm e, ajoelhando-se junto à cama, separou-lhe as coxas. Storm ruborizou sob seu olhar. Enquanto ele a acariciava com as mãos, sentiu-se bela e ousada, ao mesmo tempo em que uma onda de vergonha se apoderava dela. Quando seus lábios a tocaram, deixou escapar um grito e caiu de costas sobre a cama, fechando os olhos, consumida num prazer que a inundava em ondas e a fazia pronunciar seu nome entre gemidos de desejo.

Tavis a continha com energia, enquanto ela se retorcia e se convulsionava. Estava insaciável. Storm sentiu que o ápice de sua paixão se aproximava dela e tentou afastar-se, mas ele a reteve.

—Tavis — gemeu enquanto lutava para controlar sua desvairada paixão— Eu... meu Deus, já chega. Tem que parar.

—Não, dê-me tudo. Tenho tanta sede... Deixe vir. Ah, sim! É o mais doce dos néctares.

Bebeu longamente de seu amor enquanto ela gritava seu nome e se entregava ao êxtase. Logo se levantou com um salto. Agarrando-a pelos quadris, penetrou seu corpo lânguido, despertando-o de novo. Apoiou as mãos na cama, e baixou o rosto para seus seios. Lambeu-os no mesmo ritmo de suas penetrações. Aquele novo assalto tornou a levar Storm as alturas. Ao sentir o tremor apaixonado de seu corpo, afundou-se nela profundamente, procurando o prazer que durante tanto tempo lhe fora proibido.

Quando por fim caíram um nos braços do outro sob as mantas, Tavis disse:

—Conheci muitas mulheres. Não, não fique tensa, moça. Escute-me. Nunca foi tão prazeroso. Não as amava, só desejava me satisfazer. Uma vez conseguido, jamais desejava ficar em seus braços. Já não podiam me dar nada.

—Nem Katherine?— perguntou docemente enquanto deslizava meigamente a mão sobre seu tórax rígido, tocando o amuleto que ele usava com orgulho.



—Nem sequer Katerine. No fundo sabia que você era muito mais, ainda que ao mesmo tempo, tentasse negá-lo. A primeira vez que a vi, lutando com sir Hugh, desejei-a. Não apenas por ser uma mulher bonita, mas também você, Storm Eldon MacLagan. Demorei algum tempo para entender a diferença. Não desejava só uma mulher; desejava você.

—Naquele dia, quando se manteve em silêncio, recebi uma ferida quase mortal— murmurou ela.

—Sei. Também foi para mim. Dei-me conta mais tarde. —Sua voz enrouqueceu quando os dedos de Storm passearam delicadamente pelo caminho de pêlos que se estendia desde seu peito até ao local de sua paixão. — Continuava sentindo paixão, mas só sua lembrança a reanimava.

—O mesmo me acontecia. Mas não admiti que nenhum outro homem me tocasse, Tavis, embora alguns se oferecessem. — Ouviu seu suspiro de alívio. — Quando pensei que havia resolvido voltar para os braços de Katerine MacBroth, menti para que sofresse como eu sofria.

—Esperava que assim fosse, mas sabia que não merecia que fosse fiel. Não tinha pedido fidelidade, nem tinha prometido.

—Ela é sua, apesar de tudo. Não posso evitar de amá-lo, bem que tentei. — Sentiu que ele a abraçava com mais força.

—Am detrás meu thu? — perguntou ele com voz densa, sentindo-se quase vencido por seu amor por ela.

— O que significa isso, Tavis?

— Quer ser minha esposa?

— Já sou.

— Não, só leva meu nome. Aceita também meu coração?

— Oh, Tavis! É um presente precioso e cuidarei dele como merece — murmurou ela com voz aveludada, e começou a demonstrar com todas as suas forças ao longo da noite. Tavis, por sua vez, esforçou-se para corresponder na mesma medida.



Nenhum dos ocupantes do salão estranhou não voltar a ver nem rastro deles quando o dia se transformou em noite e a noite em dia.



HIGHLAND BRIDES - Hannah Howell

1. A noiva rebelde (1988) - His Bonnie Bride (2010)
2. Matrimônio à força (1988) - Promised Passion (2010)
3. Imprudente (1993) – Reckles (2010)



A NOIVA REBELDE - Dicionário

- 1 – Páramo – planície elevada pedregosa, árida onde faz muito frio.
- 2 – Pardiez – interjeição que se usa em espanhol para expressar surpresa.
- 3 – Consuetudinários – Conjunto de normas não escritas, porém conforme à boa razão, consagradas pelos usos e costumes tradicionais do povo e de longa data, praticado e sem ofensa à lei e à ordem pública.
- 4 – Acushla – termo carinhoso irlandês que significa querido, amado.
- 5 – Cushlamochree – também uma expressão irish (irlandês) que significa meu coração.
- 6 – M'eudail – expressão de origem gaélica que significa meu tesouro
- 7 – Sibarita – O adjetivos "sibarita", provém de Síbaris, uma cidade do sul de Itália próxima de Crotona, que foi fundada por colonos gregos no ano de 721 a.C. , pessoa dada aos prazeres físicos, à voluptuosidade.
- 8 – Shillelaghs – porrete de madeira (feito de carvalho e untada de manteiga colocado em cima de uma chaminé para curar), com uma tira usado pelos irlandeses.

"Que a estrada se abra à sua frente,
Que o vento sopra levemente em suas costas,
Que o sol brilhe morno e suave em sua face,
Que a chuva caia de mansinho em seus campos,
E, até que nos encontremos, de novo...
Que Deus lhe guarde nas palmas de suas
mãos!"

Prece Irlandesa

